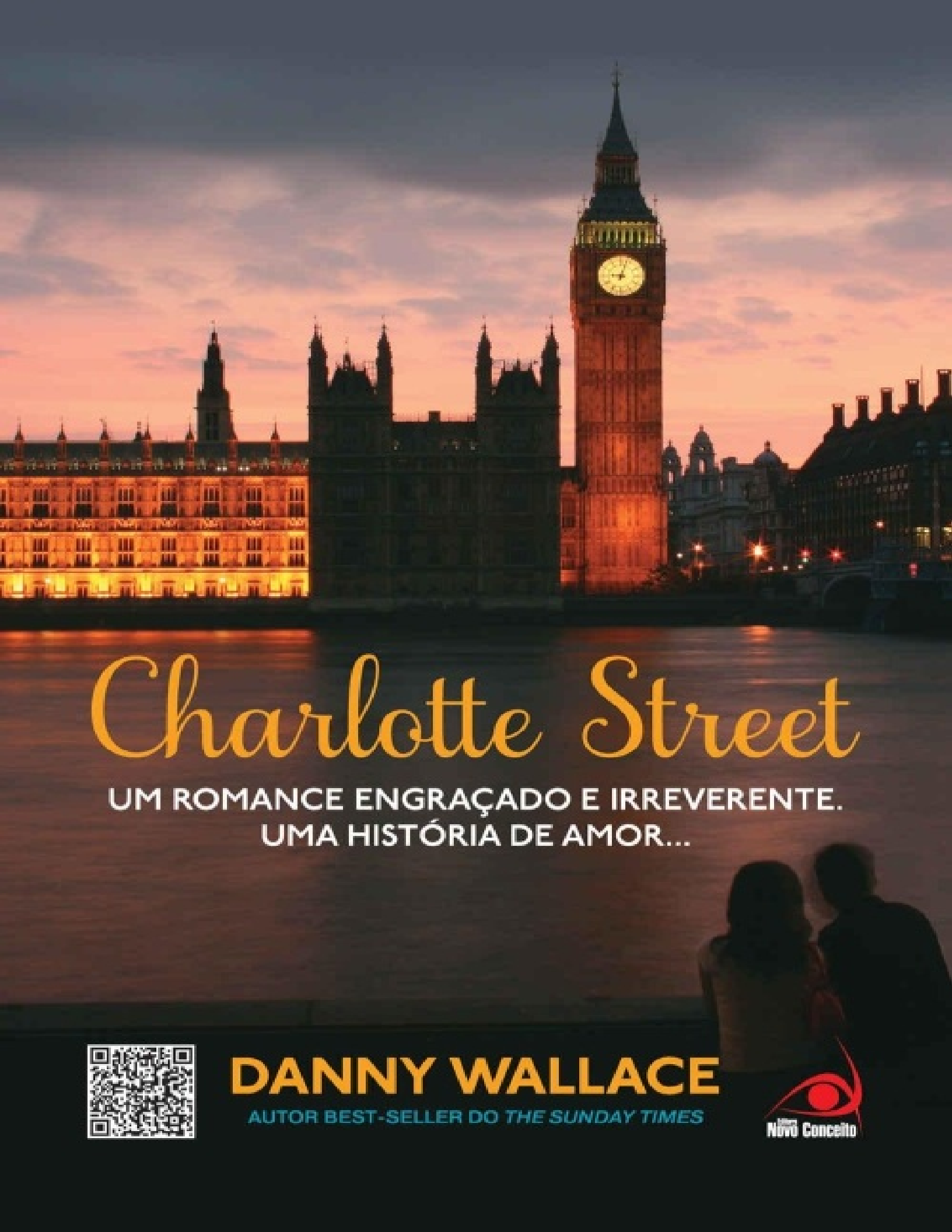
Charlotte Street
UM ROMANCE ENGRAÇADO E IRREVERENTE.
UMA HISTÓRIA DE AMOR...
DANNY WALLACE
AUTOR BEST-SELLER DO THE SUNDAY TIMES
Novo Conceito

SUMÁRIO

Folha de Rosto
Créditos
Música
Dedicatória
Antes
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Notas
Agradecimentos

Danny Wallace

Charlotte Street



Primeira publicação em 2012 por Ebury Press, um selo da Ebury Publishing
A Random House Group Company
Copyright © 2012 Danny Wallace
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.
Edição Digital — 2012
Produção Editorial
Equipe Novo Conceito
Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Lívia Fernandes, Tamires Cianci
Tradução: Bruna Cruz
Preparação de Texto: Lilian Aquino
Revisão de Texto: Helô Beraldo (coletivo pomar), Alline Salles
Diagramação: Crayon Editorial, Vanúcia Santos
Diagramação E-pub: Brendon Wiermann
Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wallace, Danny
Charlotte Street / Danny Wallace ; tradução Bruna Castelhano da Cruz. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Charlotte Street
ISBN 978-85-8163-003-8
E-ISBN 978-85-8163-133-2
1. Ficção escocesa I. Título.
12-02285 CDD-823.92

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura escocesa 823.92



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

“There’s nothing like the humdrum
Of life and love in London
Chasin’ girls out of the sticks
*Changing worlds with twelve quick clicks”**
“Girl in a Photo”, The Kicks

“Assim como todas as coisas boas se vão… ela se foi.”
Hovis Presley

** “Não há nada como a monotonia/ Da vida e do amor em Londres/ Perseguindo garotas diferentes/ Mudando mundos com doze rápidos cliques.”*

Para Elliot

ANTES

ACONTECEU NUMA TERÇA-FEIRA.

Acredito que o barulho que se escutaria em um filme seria *bum*, mas não houve nenhum *bum*.

Nem *bum*, nem *bang*, nem batida, estrondo ou estalo.

Apenas um brilho, um momento passageiro, a poeira de um cometa durante uma aula de ciências, e com toda a frieza disso.

Coisas desse tipo não devem acontecer numa terça-feira. É história, ou então arte; não é *isso.*

Tremi no momento em que o vi, mas o estranho é que eu também notei como estava o tempo; uma fraca nuvem cinza de chuva, além de velhos trilhos lascados e de árvores finas e machucadas.

Foi como aquele momento num sonho em que você vê alguma coisa acontecendo, alguma coisa ruim, alguma coisa que nunca deveria acontecer, e seu corpo fica pesado e os pés difíceis de levantar, como se qualquer aviso que você tentasse dar se tornasse indefinido e obscuro demais para ser útil.

Teria sido melhor se fosse um sonho.

Como você o chamaria? Um assassino? Parece dramático, especialmente para um início de história, mas ele era um assassino. Lá, do outro lado da rua, talvez nove andares acima, satisfeito com seu primeiro tiro, agora armando o rifle e recarregando-o, encaixando-o de volta, buscando seu alvo.

Muito bem. Será assassino.

— Certo. *Para cima*. Vamos.

Calma. Palavras curtas. Depressa.

— *Agora*, por favor.

De repente, estou no meio de uma sala. É como se eu pudesse dar o meu melhor aqui, mas, na verdade, o que eu *posso* fazer? Eu me viro e examino o lugar, eu o encontro.

Ele está *sorrindo*. Seu colega também.

— O quê? Pra onde? — alguém disse, talvez Jaideep, ou talvez aquele do cabelo, cujo nome nunca lembro. Você sabe quem é aquele que os professores chamam de Superfly. Instintivamente fiquei em pé na frente dele, seu guarda-costas, como se ele tivesse feito de si mesmo um alvo por fazer ao senhor uma pergunta.

— Hall — foi o melhor que consegui, a minha nuca estava esperando por um ataque, minha calma disfarçada combatendo minha luta ou fuga. — Pra cima.

— Ei… — outra pessoa disse. — Ei… — e olhei para eles, e por trás do rosto deles pude sentir o terror, enquanto se esforçavam para entender o que estavam vendo, o que aquilo significava.

— OK, *agora*, por favor, Anna. Por favor.

— Senhor…

O tremor na voz, o medo; isso se espalharia, e rápido.

— Mantenha-se longe da PORTA.

Eles se moveram, chocados e depressa, tão rápido quanto as notícias espalhadas pela escola. Tão rápido quanto a chegada da polícia, com armas, carros e cães, com capacetes e escudos. As crianças recuperaram a confiança, e então se apertaram contra a janela para espionar através da persiana, enquanto oito ou dez policiais armados marcharam escada acima da Alma Rose House, ao mesmo tempo em que outros policiais, tensos e carrancudos, checavam todo o lugar, esperando que nosso atirador tentasse alguma coisa.

As crianças aplaudiram quando eles o arrastaram. O aplauso era o primeiro sinal de que tudo tinha terminado. Eles aplaudiram os camburões, fizeram piadas com os policiais e fizeram barulhos para o helicóptero… Mas as crianças não tinham visto o que vi.

Eu fui o último do 3Gc, contarei para a Sarah, mais tarde. Ela tinha parado para comprar uma caixa com oito Stellas e uma garrafa de Rioja — o único remédio que ela tinha licença para dar —, mas ela teria corrido para casa para ficar comigo, seus braços nos meus, sua cabeça encostada no meu ombro. As crianças estavam seguras, eu disse a ela que tinha ficado com elas enquanto a Anna Lincoln e Ben Powell corriam para o escritório da Sra. Abercrombie para pedir ajuda, embora Ranjit já tivesse ligado para a emergência e provavelmente postado no Twitter também.

Mas fiquei naquela sala um ou dois segundos a mais, só para ter certeza de que aquilo era real, de que ele realmente estava fazendo o que estava fazendo, de que eu estava cometendo um erro ao acionar o alarme.

E foi aí que ele riu de novo. E escolheu seu alvo, mais uma vez.

Nunca me senti tão sozinho. Nunca tão consciente de mim mesmo. O que eu era, o que não fui e o que eu queria.

E outra poeira de cometa passou rapidamente a centímetros do meu rosto, até bater contra uma parede de trás e mover-se rapidamente, sumir e cair no chão.

E aí, doutor, o estrago estava feito.

CAPÍTULO I
OU “(ELA) ME FEZ MAL”

EU ME PERGUNTO SE NÓS deveríamos começar com as apresentações.

Eu sei quem você é. Você é a pessoa que está lendo isso. Por qualquer razão, e em qualquer lugar, esse é você, e logo nós seremos amigos, e você nunca me convencerá do contrário.

E eu?

Eu sou Jason Priestley.

E sei o que você está pensando. Você está pensando: Meu Deus! Você é o mesmo Jason Priestley, nascido no Canadá em 1969, famoso pelo papel de Brandon Walsh, personagem central da popular série americana *Barrados no Baile*?

E a resposta surpreendente para essa sua pergunta bastante sensata é não. Não, não sou eu. Eu sou o outro. Sou o Jason Priestley de 32 anos que mora na Caledonian Road, em cima de uma loja de *video game* entre uma agência de notícias polonesa e aquele lugar que todo mundo pensa ser um bordel, mas não é. O Jason Priestley que desistiu do seu trabalho de representante-chefe de departamento em uma escola ruim, no norte de Londres, para perseguir um sonho de ser jornalista depois que sua namorada o deixou, mas que terminou solteiro e frequentador de restaurantes baratos, e espectador de filmes horríveis e, portanto, pode escrever sobre esse tipo de filme naquele jornal gratuito que te entregam no metrô e que você pega, mas nunca lê.

É. *Aquele* Jason Priestley.

Também sou o Jason Priestley com um problema.

Veja você, bem na minha frente — exatamente aqui, nesta mesa — está uma caixa de plástico pequena. Uma caixa de plástico pequena que considero uma caixa de plástico pequena que poderia *mudar* as coisas. Ou, pelo menos, fazê-las *diferente*.

Agora, eu faria diferente.

Não sei o que há nesta caixa de plástico pequena, nem sei se algum dia saberei. *Este é* o problema. Eu *poderia* saber; eu poderia abri-la, analisar seu conteúdo e saber de uma vez por todas se há alguma… *Esperança* nela.

Mas se eu fizer isso e descobrir que *há* esperança nela, o que vai acontecer? Só um pouco de esperança? E se essa esperança não for nada?

Porque uma coisa que odeio com relação à esperança — o que desprezo nela, aquilo que ninguém parece *admitir* sobre ela — é que, de repente, ter esperança é a rota mais fácil para escapar da desesperança.

E aquela esperança já está dentro de mim. De alguma forma, sem o meu convite para que ela entrasse ou sem a minha espera por ela, ela está lá, e baseada em quê? Em nada. Nada além da olhada que ela me deu e a visão de relance que eu tive de… *Alguma coisa.*

Eu estava parado na esquina da Charlotte Street quando tudo aconteceu.

Acho que eram seis horas, e uma garota — é, porque você e eu sabemos que tem uma garota; tinha que ter uma garota; sempre tem uma garota — estava brigando com a porta do táxi preto e segurando uns pacotes. Ela usava um casaco azul e sapatos bonitos, e as sacolas brancas tinham coisas escritas que eu nunca tinha lido antes, além de caixas e um cacto quase caindo de uma sacola da Heal.

Eu estava prestes a passar reto por ela, porque é o que se faz em Londres, e, para ser honesto, quase passei. Mas ela quase deixou o cacto cair… Com os pacotes todos tortos, ela teve de se curvar para mantê-los nos braços, e foi nesse momento que percebi que havia alguma coisa doce, pequena e frágil com ela.

E então ela pronunciou umas palavras que nem contarei aqui, pois sua avó pode passar e pegar esta página para ler.

Segurei um sorriso e olhei para o motorista, mas ele não reagiu, apenas ouvia o programa de esportes no rádio e fumava; e então — não sei por que, pois, como eu já disse, isso é *Londres* — perguntei se poderia ajudá-la.

E ela sorriu para mim. Um sorriso inacreditável. De repente sinto toda masculinidade e confiança, como um faz-tudo que sabe exatamente qual prego comprar, e seguro seus pacotes e algumas de suas sacolas, e ela está pegando outras sacolas que parecem ter brotado de dentro do táxi, e está dizendo "*Obrigada*, é *muito* gentil da sua parte", e então acontece aquele momento. O olhar de relance, rápido, para aquela *alguma coisa* que mencionei. E me pareceu um começo. Mas o motorista estava impaciente, o ar da noite gelado, e acho que nós éramos muito britânicos para dizer qualquer coisa a não ser aquele "*Obrigado*" e dar um sorriso novamente.

Ela fechou a porta e vi o táxi partir, as luzes desaparecendo pela cidade e, no chão, atrás delas, a esperança se arrastando para longe.

Então, quando o momento parecia ter acabado, olhei para baixo.

Eu tinha algo em minhas mãos.

Uma caixa de plástico pequena.

Eu li as palavras impressas na frente.

Câmera Descartável 35 mm.

Eu queria gritar para o táxi, sacudir a câmera no alto e ter certeza de que ela sabia que tinha deixado alguma coisa para trás. Por um segundo eu estava cheio de ideias — talvez, quando ela voltasse correndo, eu oferecesse um café e então

concordaria quando ela dissesse que *realmente* precisava de uma boa taça de vinho, e pegaríamos uma garrafa, pois financeiramente faz mais sentido pegar uma garrafa, e perceberíamos que não deveríamos estar bebendo de estômago vazio, e, então, abandonaríamos nossos trabalhos e compraríamos um barco e começaríamos a fazer queijo no campo.

Mas nada aconteceu.

Nenhuma freada de pneu, nenhuma parada para mudança brusca da marcha, nada da luz de ré acender, nenhuma corrida ou garota sorridente com seus sapatos bonitos e um casaco azul.

Apenas outro táxi que parou e um homem gordo que desceu no caixa eletrônico.

Você entende o que quero dizer sobre esperança?

— AGORA, ANTES de continuarmos — Dev disse, segurando o rolo de filme e batendo nele gentilmente com seu dedo. — Vamos falar do nome. "Altered Beast."

Eu estava olhando fixamente para Dev, daquele jeito que imagino ser bastante inexpressivo. Não importava. Em todos esses anos, desde que o conheço, duvido que ele tenha visto diferentes expressões minhas, a não ser a minha inexpressividade. Provavelmente ele acha que sou o mesmo desde a universidade.

— Agora, evoca-se não apenas misticismo, é claro, mas também *intriga*, engrenando tanto a cultura romana quanto a mitologia grega.

Eu me virei e olhei para Pawel, que parecia meio traumatizado.

— Agora, o interessante sobre os efeitos sonoros — Dev disse e apertou um botão no seu chaveiro. Um som fino e distorcido soou como se *estivesse* tentando dizer "*Levante-se do seu túúmulo!*".

Levantei minha mão.

— Sim, Jase, você tem uma pergunta?

— Por que você tem esse som no seu chaveiro?

Dev suspirou e fez uma cena.

— Ah, me desculpe, Jason, mas estou *tentando* explicar para Pawel sobre a evolução dos jogos do Sega Mega Drive no final da década de 1980 e início da de 1990. Desculpe-me por não estarmos atendendo à sua paixão pessoal em relação ao trabalho da dupla de músicos americanos Hall & Oates, mas não é por isso que Pawel está aqui, é?

Pawel apenas sorriu.

Pawel sorri bastante quando visita a loja. Ele geralmente vem buscar o dinheiro dos almoços que Dev deve para ele. Às vezes, observo seu rosto enquanto ele caminha por todas as partes, rendendo-se às antiguidades, pôsteres

desbotados do *Sonic 2* ou *Out Run*, pegando cartuchos lascados e cópias gastas de revistas velhas, folheando críticas de plataformas que não existem mais ou *shoot-em-ups*[1], que parecem ter sido desenhados por crianças. Dev deixou que ele pegasse emprestado um Master System e uma cópia de *Shinobi* outro dia. O que acontece é que não se conseguiam muitos Master Systems no meio dos anos 1980 no Leste Europeu, e muito menos ninjas. Nós não o deixaremos pegar emprestado o Xbox, pois Dev disse que seus olhos poderiam explodir.

— De qualquer forma — Dev disse —, o nome desta loja, Power Up!, deve sua existência a isso.

E começo a perceber o que Dev está fazendo. Ele está tentando *afastar* Pawel dali. Dominar a conversa. Intimidá-lo até sair, do jeito que os homens com conhecimento fútil geralmente fazem. Jogar frases do tipo "Ah, você não *sabia* disso?" ou "Claro, você *já* vai ficar sabendo…", para tratá-lo com condescendência, frustrar e vencer.

Ele não deve ter dinheiro suficiente para o almoço.

— Quanto ele te deve, Pawel? — perguntei, procurando uma nota de cinco no meu bolso.

Dev sorriu para mim.

EU AMO Londres.

Amo tudo aqui. Amo os lugares, os museus e as galerias. Mas também amo a sujeira, a umidade e o mau cheiro. OK, bem, eu não quero dizer *amor* exatamente. Mas não me importo. Não mais. Não agora que estou acostumado com isso. Você não se importa mais com nada quando já está acostumado. Nem com o grafite que você encontra na sua porta na semana seguinte à que você a pintou, nem com os ossos de galinha e garrafas de cidra que tem de jogar fora antes de sentar para um piquenique úmido e enlameado. Nem com as constantes mudanças dos restaurantes *fast-food*, AbraKebabra para Pizza the Action para Really Fried Chicken, e tudo na rua principal que nunca parece diferente apesar destes três novos nomes. Seu falso brilho pode ser reconfortante, sua obstinação, inspiradora. Essa é a Londres que vejo todos os dias. Quero dizer, os turistas veem a Dorchester. Eles veem a Harrods, e veem homens em pele de urso e a Carnaby Street. Raramente veem a Happy Shopper na Mile End Road, ou uma casa noturna sem graça em Peckham. Eles vão diretamente para o palácio de Buckingham, e veem a bandeira vermelha, branca e azul se agitando, enquanto nós, o resto, pedimos *dansak* do palácio Tandoori, assistimos ao Simply Red, White Lightning e Ducan da banda Blue.

Mas também deveríamos nos orgulhar disso.

Ou, pelo menos, nos acostumarmos com isso.

Você pode encontrar um pedaço da Polônia ao final da Caledonian Road,

assim como Portugal na Stockwell, ou a Turquia por toda a Haringey. Com a chegada das lojas, Dev tem usado sua hora de almoço para explorar toda essa nova cultura. Ele também era assim na universidade, quando encontrou uma garota boliviana na Boomboom, a melhor casa noturna de Leicester. Eu estudava inglês há mais ou menos um mês; Dev estudava espanhol das Américas. Toda noite ele entrava na internet e esperava dez minutos até que a página carregasse, e depois a imprimia e memorizava um estoque de frases em espanhol, com a esperança de reencontrá-la, mas ele nunca mais a viu.

— Destino! — ele diria. — Ah, destino!

Agora tudo era sobre a Polônia. Ele devora o queijo *Z szynka* dizendo ser o melhor queijo que já experimentou, ignorando o fato de que o queijo era processado, vinha em pequenos pacotes de plástico e tinha o *mesmo* sabor do Dairylea. Ele compra *Krokiety* e *Krupnik* e mais queijo, e uma fatia grossa deformada e sem gosto de um presunto cor-de-rosa sintético e brilhante. Uma vez ele comprou uma raiz de beterraba, mas não comeu. Além disso, no fim do dia ele fará com que algum cliente o veja com alguns *Paczki* e uma taça de *Jezynowka*. E quando ele conseguir deixar tudo à vista e eles perguntarem o que ele tem em suas mãos, ele irá dizer: “Ah, é maravilhoso. Vocês nunca comeram um *Paczki?*”, e então ele se sentirá todo internacional e cheio de si, pelo menos um pouco.

Mas ele não faz isso para se exibir. Não mesmo. Ele tem um bom coração, e acredito que ele ache que está sendo receptivo e instrutivo. Entretanto, essa é a maneira mais preguiçosa de turismo que há. Não conheço mais ninguém que simplesmente se senta, joga *video game* e espera que o mundo venha até ele, trazendo uma nova onda que ele gosta de chamar de “novidades”. Ele quer ver o mundo, é o que ele dirá para você, mas ele prefere ver tudo da janela de sua loja.

Vêm pessoas de todo lugar para comprar aqui. Homens tentando recuperar a juventude ou completar uma coleção, ou encontrar aquele jogo que eles zeravam. Há produtos novos, claro, mas são apenas para a sobrevivência. Não é por causa deles que as pessoas aparecem. Mas quando vêm por isso, logo Dev menciona Makoto Uchida, o que é, normalmente, o suficiente para estabelecer sua superioridade e assustá-las, e talvez elas comprem uma cópia de *Decap Attack* ou *Mr. Nutz* por 6 reais, mas, provavelmente, não.

Dev não vende quase nada, mas “quase nada” parece ser o suficiente. O pai dele é dono de alguns restaurantes na Brick Lane e mantém as contas em dia, e o que vem de extra Dev gasta com *Szazinska*. Para ser sincero, ele tem sido bom para mim, então eu não deveria julgá-lo. Perdi minha namorada e um apartamento, mas ganhei um colega de quarto e praticamente nenhum aluguel em troca de alguns turnos à tarde e um fornecimento semanal de *Krokiety*.

Falando nisso…

— Certo, nós temos *Zubr* ou *Zywiec*, pode escolher! — Dev disse, segurando as garrafas. Eu não sabia se conseguiria pronunciar os nomes, então apontei para um com o menor número de letras.

— Ou eu acho que tenho um pouco de *Lech* em algum lugar — ele disse, pronunciando "Letch" e dando uma risadinha. Dev sabe que se pronuncia "Leck", pois ele perguntou a Pawel, mas ele prefere dizer "Letch" para dar risadas depois.

— *Zubr* está bom — eu disse, coisa que eu nunca tinha dito antes, e ele arrancou a tampa e passou a garrafa.

Eu me peguei olhando no espelho atrás dele.

Eu parecia cansado.

Às vezes, eu me olho e penso "É isso?", e então penso "Sim, é isso". Essa é literalmente a sua melhor aparência. Amanhã, você estará um pouco pior, e é assim que vai ser, para sempre. Você definitivamente deveria comprar um pouco de Berocca.

Tenho o corte de cabelo de um homem aos 30 anos. Até recentemente, eu usava camisetas descoladas e irônicas, mas percebi que a verdadeira ironia era que elas me faziam parecer menos descolado.

Estou muito velho para fazer experimentos com meu cabelo, mas muito jovem para ter encontrado o estilo que levarei para o túmulo. Sabe, aquele estilo, aquele que todos nós procuramos, se tivermos sorte o suficiente para ainda ter algum cabelo sobrando. Cabelo simples e sem cor, é esse o estilo que vemos em todo homem vestido com uma camiseta enorme durante suas férias no café da manhã de um *resort*, com tudo incluso, rodeado de crianças desagradáveis e uma esposa agressiva que se esforçou exclusivamente para arruinar as ambições dele, da mesma maneira que seu corte de cabelo fora arruinado.

Digo isso com ar de superioridade, como se minhas ambições fossem heroicas e valiosas. Sou um homem entre estilos, isso é tudo, e há milhões como eu. Estou naquele estágio estranho entre o homem nos seus 20 anos e o homem nos seus 40. Um estágio que chamo de "o homem aos seus 30".

Às vezes, me pergunto o que a legenda na parte de baixo da minha foto na revista *Vanity Fair* dirá quando eu escrever a história da capa e eles decidirem ter muita consideração comigo:

Cabelo por Angela, no Toni & Guy, perto da estação de metrô Angel, embora os dedos dela tenham cheiro de nicotina e ela diga "preguntar" em vez de "perguntar".

Perfume: Lynx Africa (para homens). Nove reais, nas lojas Tesco Metrona Charing Cross.

Relógio: Swatch ("Foi uma compra impulsiva no aeroporto de Gênova", ele confessa, sorrindo e pegando sua salada niçoise. "Nosso avião estava três horas atrasado e eu já tinha comprado um Toblerone!").

Roupas: do próprio modelo (agradecimentos a Topman Vip cartão com 10% de desconto, disponível gratuitamente para qualquer pessoa no mundo).

MAS EU NÃO SOU tão ruim assim. Uma modelo espanhola, que encontrei num bar espanhol na Hanway Street e com quem tive um relacionamento passageiro, me disse que eu era "bastante inglês", o que interpretei como se eu fosse Errol Flynn, embora eu tivesse descoberto depois que ele era australiano.

— Que dia… — Dev disse, suspirando um pouco demais para um homem que não pode ter tido um dia tão difícil assim. — E você? E o seu?

— É — eu disse. — Sabe, não tão ruim — mas eu quis dizer o oposto.

Tem sido ruim desde que me levantei. O leite estava azedo, mas isso não é tão fora do normal, o carteiro bateu com força na nossa caixa de correio, mas o ápice foi quando, com um aperto grave do meu estômago, liguei meu *laptop* e fui direto ao Facebook, mesmo *sabendo* que uma coisa desse tipo fosse acontecer e vi aquelas palavras, as palavras que eu *sabia* que iria ver: … *ela está no melhor momento de sua vida.*

Oito palavras.

Um *status* atualizado.

E ao lado, o nome de Sarah, tão fácil de clicar.

Então, cliquei. E lá estava ela. Tendo o melhor momento de sua vida.

Para, eu pensei. Chega. Levanta e toma banho.

Então, cliquei nas suas fotos.

Ela estava em Andorra. Com Gary. Vivendo o melhor momento da sua droga de vida.

Eu fechei o *laptop* com força.

Ela não se importou com a possibilidade de eu ver isso? Ela não percebeu que isso viria diretamente na minha tela, diretamente no meu estômago? Essas fotos… Tiradas do lugar e do ângulo que *eu* costumava vê-la. Mas agora não sou *eu* por trás da câmera. Não sou *eu* capturando o momento. Essas lembranças não são *minhas*. Então, não as quero. *Não quero* vê-la bronzeada, feliz e de vestido. *Não quero* vê-la do outro lado da mesa com um drinque e um sorriso no rosto. *Não quero* procurar e engolir os detalhes minúsculos, inúteis e dolorosos, eles dividindo uma marguerita, os cachos do cabelo dela iluminados pelo sol, e sem o colar que eu tinha dado para ela, eu não queria ver *nada* daquilo. Mas abri o *laptop* novamente e olhei de novo; mesmo assim, analisei os dois, prestei atenção em *tudo*. Não pude evitar. Sarah estava tendo o melhor momento de sua vida e eu estava… Bem… O quê?

Olhei para ver qual tinha sido *minha* última atualização.

Jason Priestley está… *Tomando sopa.*

Jesus! Que bom partido! Ei, Sarah, sei que você está tendo o melhor

momento de sua vida e tudo mais, mas não se esqueça de que na quarta-feira passada eu estava tomando sopa.

Por que não a deletei? Arranquei-a daqui? Assim tornaria a internet um lugar seguro novamente… É pelo mesmo motivo que ainda mantenho uma foto dela em minha carteira. Aquela do dia em que ela apareceu no seu primeiro dia de trabalho, olhos azuis grandes e uma Louis Vuitton. Eu não fui forte o bastante para tirá-la ou jogá-la fora. Pareceria o… Fim. Como se eu estivesse desistindo ou algo do tipo. Mas a realidade é: no fundo, eu sabia que um dia *ela* iria *me* deletar. E assim seria, e não seria minha decisão, e então eu estaria ferrado. Uma parte de mim tinha esperança de que ela não faria isso — de que em algum lugar, em sua bolsa cheia de maquiagem, com uma revista *Grazia* e lenço de papel, em algum lugar daquela bolsa teria uma foto *minha…*

E aí vem a esperança novamente.

Mas, então, um dia a esperança será cruel e desaparecerá, e serei esquecido, provavelmente antes de ela decidir ir morar com Gary.

Provavelmente estarei sentado, sozinho, quando ela me deletar. Numa sala cinzenta com um edredom da Paddington, em cima de uma loja de *video game* perto daquele lugar que todos pensavam ser um bordel, mas não era. Uma meditação momentânea, pode-se dizer. Olhando fixamente para uma tela que informa que não posso mais fuçar na vida dela. Que não sou mais considerado ilustre para ver suas fotos, para ver quem são seus amigos, para descobrir quando ela está de ressaca, ou com sono, ou atrasada para o trabalho. Que *ela* não está mais interessada em saber quando *eu* estou tomando sopa.

Minha vida.

Deletada.

Miséria.

Bem… Poderia ser pior.

Poderíamos estar sem *Zubr.*

UMA HORA DEPOIS, nós estávamos sem *Zubr*.

Dev tinha sugerido o Den, um minúsculo pub irlandês próximo à loja que aluga ferramentas, na metade do caminho descendo para o King’s Cross, e eu disse “por que não?”. Nunca se sabe. Posso ter o melhor momento da minha vida.

— Ah! — Dev disse, sacudindo a mão no ar. — Quem quer ir para Andorra? O que tem de bom em Andorra?

Os The Pogues estavam tocando e estávamos um pouco embriagados.

— O cenário. Compras isentas de impostos. O fato de existir dois comandantes de Estado, sendo eles o rei da França e um bispo espanhol.

Uma pausa.

— Você estava na Wikipédia, não estava?

Eu assenti com a cabeça.

— *Existe* um rei na França? — Dev perguntou.

— Então, é presidente, eu não me lembrava. Tudo o que sei é que é um lugar que você vai e tem o melhor momento da sua vida. Com um homem chamado Gary, pouco antes de você ter alguns Garyzinhos, todos eles irão parecer bebezinhos desalmados e, então, você comprará um barco e produzirá queijo no campo.

— Do que você está *falando*? — Dev perguntou.

— Sarah.

— Ela está tendo bebezinhos desalmados?

— Provavelmente — eu disse. — Provavelmente agora mesmo ela esteja colocando mais um para fora. Eles vão dominar o mundo, seus bebês desalmados. Eles se espalharão e se multiplicarão, como no filme *Aracnofobia.* Eles grudarão no rosto das pessoas e baterão nelas com suas mãozinhas.

Dev considerou minhas palavras sábias.

— Você não era assim — ele disse. — Pra onde você foi? Quem é esse cara irritante parado do meu lado?

— Sou eu — eu disse. — Sou o Senhor Irritante. Liguei para casa semana passada e minha mãe disse: “Você nunca vem para Durham, por que você nunca vem para casa em Durham?”.

— E, então, por que você nunca vai para Durham?

— Por que trará muitas lembranças, não é? Como dar um passo para trás. Preciso me acertar em Londres antes de voltar. De qualquer maneira, Sarah não tem esse problema. Ela terá bebezinhos desalmados.

— Eu não acho que ela terá bebês desalmados. Pensei que o Gary trabalhasse com investimento bancário.

— Isso não significa que ele não vá ter bebês desalmados — eu disse, apontando o dedo para o ar para mostrar que não aceitaria nenhuma forma de oposição àquilo. — Ele é *exatamente* o tipo de homem que terá um bebê desalmado. Um pequeno *skinhead*. Que fica sempre gritando.

— Mas é só um *bebê* — Dev disse.

— Tanto faz — eu disse. — Só não vá alimentar um deles depois da meia-noite.

Houve um breve silêncio. Uma música do AC/DC começou. Minha favorita. “Back In Black”, a melhor música de rock do seu tempo. Fiquei momentaneamente alegre.

— Vamos tomar outra dose — eu disse. — *Zubr*! Ou Zyborg!

Mas Dev estava me olhando, e de maneira muito séria.

— Você deveria deletá-la — ele disse, calmamente. — Apenas delete ela. Acabe com isso. Deixe o Sr. Irritante para trás, porque Sr. Irritante está perigando virar Sr. Detetive. Não sou nenhum *expert*, mas tenho certeza de que é o que diriam a você no *This Morning*, se você telefonasse e perguntasse a uma daquelas senhoras que resolvem problemas.

Concordei.

— Eu sei — eu disse, triste.

— ISSO TEM 2000 calorias! — disse Dev. — Duas mil! Eu li no papel!

— Você leu isso no *meu* papel — eu disse. Após várias doses no Den, nós tivemos "aquilo para o qual viemos" e paramos no Oz's para um *kebab* no caminho para casa. — Fui eu que mostrei isso a você e disse "Leia isso! Está dizendo que o *kebab* tem 2000 calorias!".

— Onde quer que eu tenha lido, só estou dizendo que 2000 calorias é muito para um *kebab*. Mas eles fazem bem para a saúde também.

— Como eles fazem *bem* para a saúde?

— Eles enchem seu estômago de gordura para que, quando o apocalipse chegar, você esteja preparado. Nós iremos viver por mais tempo. O povo Tubby herdará a terra!

Dev fez um som do tipo "u-hu!", mas começou a tossir por causa do molho de pimenta. Ele é um pouco obcecado com o apocalipse, ficou anos perambulando por cenários pós-apocalípticos, buscando objetos e lutando contra besouros gigantes no *video game*, o qual ele genuinamente considera seu "treinamento".

Agora, ele estava com dificuldade de encontrar a chave da porta. Você perderia pontos por causa disso num apocalipse. Você também perderia pontos por usar óculos, mas eles são parte importante do Dev. Ele tem um QI de aproximadamente 146, de acordo não somente com o psiquiatra que o visitou quando tinha 4 anos, mas também com alguns questionários interativos que ele fez na televisão, o que me deixa orgulhoso dele quando estou bêbado; entretanto, você nunca acharia que ele tivesse *perto* dos 146 ao conversar com ele. Ele se inscreveu em quatro das muitas temporadas da série *O Aprendiz*, mas por qualquer razão eles ainda não responderam satisfatoriamente para esse sócio de uma loja de *video game* sem muita importância da Caledonian Road.

Seria fácil afirmar que Dev tinha uns 14 anos. Seus interesses, seu modo de agir com as garotas e até sua aparência. Olha só, quando Dev tinha 14 anos, seu avô morreu, e isso causou um enorme impacto em sua vida. Não por ter sido um trauma emocional, embora também o fosse, mas porque o pai do Dev não gostava de ver dinheiro sendo desperdiçado. E no ano anterior, Dev tinha começado a notar que ele não era como as outras crianças. Apenas coisas

pequenas — não era capaz de ler uma placa, dizer as horas e, persistentemente e com grande talento, caía da cama. Ele era míope.

O pai dele é um homem de negócios. Seu pai pensava: por que pagar por armações, quando as armações estavam claramente prontas e disponíveis de graça?

E, então, Dev ganhou as armações de seu avô. De seu *avô.* Literalmente três dias após o funeral. Tinha lentes novas, é claro, mas feitas pelo amigo de seu pai, na Whitechapel Road, com um plástico barato e desgastado. Dev passou os quatro anos seguintes sendo ridicularizado por todos por ter um rosto de menino e usar óculos de um velho. Ele tentou deixar o bigode crescer para compensar, mas isso fez com que parecesse um ditador em miniatura.

E ele nunca comprou óculos novos. Por que deveria? Ele encontrou seu estilo. E nesses dias os óculos estavam funcionando a seu favor. Na universidade, a princípio, eles eram considerados estranhos, a armação preta e grossa no rosto de um menino esquisito, mas eles foram tidos como excêntricos no primeiro ano, descolados no segundo ano e, ele esperava, um ímã de mulheres no terceiro.

(Mas eles não eram.)

Mais tarde, quando adicionou a eles o cabelo, que ele não aceitava que sequer falássemos que devia cortar, e as camisetas que ele ganhava ou comprava pelo eBay por R$ 1,99, esses óculos berravam confiança. Esses óculos, bem, eles berravam “Dev”.

As garotas estrangeiras que não conseguiam entendê-lo, mas apreciavam jaquetas brilhantes, gostavam de seu estilo.

— Vamos! — ele disse diante da porta, batendo com força no corrimão, com a mão fechada enquanto subíamos cambaleando as escadas. — Eu sei o que te deixará animado.

No apartamento, Dev jogou seu *kebab* na mesa e foi para a cozinha, onde começou a mexer nos armários mudando as coisas de lugar.

Caminhei para o meu quarto, peguei o *laptop* e fiz cara de determinado.

Talvez eu *devesse* fazer isso, pensei. Apenas delete-a. Vamos! Esqueça as coisas. Seja homem. Seria fácil! E, então, liguei o computador sem aquela dor maçante. Aquela antecipação de talvez encontrar alguma coisa ruim. Eu poderia prosseguir a minha vida.

Ouvi Dev gritar “A-ha!” enquanto eu acessava a internet.

— Encontrei, Jase! A melhor garrafa de *Jezynowka!* Conhaque de framboesa! Que tal a gente conectar o N64, beber *Jezynowka* e jogar *007 contra GoldenEye* até de madrugada?

Mas eu não estava ouvindo. Não mesmo. Eu estava apenas adivinhando o

que ele estava dizendo. Ele poderia estar dando pancadas nos vasos e compondo músicas racistas para tudo, porque eu estava paralisado, chocado e não sei mais o quê, pelo que vi na tela.

Uma palavra desta vez.

Uma palavra que foi como um chute nos dentes, um soco na minha esperança e uma ridicularização da minha família.

— Jase? — Dev disse, de repente ele estava lá, na minha frente. — Você quer ser James Bond ou Natalia?

Mas não dei bola.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas e pude sentir cada pelo do meu corpo, porque tudo que conseguia ver eram as palavras “Sarah Bennet está…”; e então a última palavra, aquela assassina, aquela palavra completamente e absolutamente *terrível*.

CAPÍTULO 2
OU “ALGUMAS COISAS SÃO MELHORES QUANDO NÃO SÃO DITAS”

NOIVA.

Essa foi a palavra, já que você perguntou.

Noiva.

Ela estava noiva do Gary. Gary estava noivo da Sarah. Sarah e Gary estavam noivos.

Não fiquei acordado até de madrugada jogando *007 contra GoldenEye* com Dev depois daquilo. Só fiquei sentado lá, paralisado pelo choque e pela *Jezynowka*, em uma sala fria que agora cheirava à framboesa, e cliquei atualizar e atualizar e atualizar, conforme os parabéns chegavam.

Aleluia!, Steve escreveu, o que é *típico* do Steve, e *U-hu*!, Jess escreveu, o que é *bem* dela, e *Já não era sem tempo*!, Anna escreveu.

É mesmo, Anna? Já não era sem tempo, é isso? Eles estão juntos há *seis meses*, Anna. Fiquei com a Sarah por *quatro anos.* Mas você nunca pensou que *nós* fôssemos casar, pensou? O que você não gostava em mim? Minhas roupas? Meu emprego? Foi aquela vez que derramei vinho tinto na mesa e caiu um pouco nos seus sapatos e você me chamou de desagradável e fiquei doente?

É, provavelmente foi por isso.

Isso só poderia acontecer com um casal muito legal!, escreveu Ben, e essa realmente doeu, porque o Ben era meu amigo e não da Sarah. Você ficou com a custódia, é claro, você acabou ficando com todos eles, mas só porque eu estava envergonhado e assustado demais para olhar novamente nos olhos de cada um deles.

Dei um gole na garrafa de conhaque e continuei lendo, cada movimento de animação e cada pronunciamento de parabéns e cada MEU DEUS e pontos de exclamação extra, desnecessários, um espinho no coração e um soco no olho.

E eu? Eu queria gritar. Ninguém está pensando em mim? Por que quando a Sarah escreve que está noiva, todo mundo fica louco, mas quando tomo sopa, ninguém tem nada para dizer?

Percebi, então, que teria que deletá-la. Fazer um comentário. Fazer com que ela soubesse que isso não era bom, *não* estava certo.

Mas, se eu fizesse isso, eu pareceria grosso, infantil, imaturo.

Além do mais, se fizesse isso não poderia mais olhar suas fotos.

Ah, meu Deus! Aqui está. O anel.

Ele deve ter pedido a mão dela bem aqui, na mesa, depois de alguns coquetéis em uma noite em Andorra com uma pizza de marguerita horrível.

Marguerita! Não foi nem um banquete de carne! Certo, acho que vocês estão fazendo uma refeição saudável agora, não estão? Indo à aula de Pilates e bebendo *smoothie* fortificado? É, aposto que sim.

Eu não teria pedido a mão dela desse jeito, Gary. Eu teria feito desse momento uma coisa *especial*. Teria escondido o anel numa taça de champagne ou, quem sabe, soltaria as cordas de um balão e desceria em um estádio de futebol, e faria o pedido exatamente lá, e então eu ajoelharia e isso passaria no telão para todos verem. Porque tenho classe, Gary. Eu *ia* pedi-la em casamento, na verdade. Não pedi, mas ia. Um dia. Eu tinha tudo planejado. Bem, não exatamente planejado, mas tinha planejado fazer planos. Planejar fazia parte dos meus planos. E embora eu nunca tivesse feito, e embora agora eu não possa mais fazer, deixe-me contar isso sem nenhuma vergonha, ou o que quer que seja, Gary: meus planos *não* envolviam uma pizza comum e um coquetel verde fosforescente.

Ah, meu Deus! Ela parece estar tão feliz.

Tomei o meu conhaque e fiz um sinal de “V” na tela.

E então me levantei, corri para a cozinha e encontrei outra garrafa.

ESTAVA CEDO DEMAIS e eu tinha gosto de framboesa na boca.

Mas algo estava buzinando perto do meu rosto, e não ia parar.

Forcei meus olhos para mantê-los abertos e encontrei o telefone, olhei para ele.

Levei um tempo para registrar o nome. Ou não exatamente o nome. Mas *por que o nome*.

SARAH.

Que horas eram? Sete? Oito?

Eu não podia. Não agora. Não estava preparado. Eu precisava de café, e talvez uma série de anotações e coisas para dizer que me fariam parecer tímido e insensível. Apertei redirecionar e olhei fixamente para o teto. Aquilo enviaria uma mensagem para ela, eu achava. Para que ela soubesse que não pode confiar em mim para simplesmente atender a qualquer momento que ela…

Estava buzinando de novo. Eu o segurei.

Talvez algo tivesse acontecido. Talvez Gary tivesse terminado com ela. Talvez eu tivesse que estar lá com ela nesse momento de necessidade. Mostre a ela quão sensível e brilhante você consegue ser.

ACEITAR.

— Alô?

Uau, minha voz estava baixa.

— Jase?

— Ei.

E *rouca*. Baixa e rouca.

— Como você está?

— Bem.

Ela não parecia chateada. Ela parecia fria. Ríspida. Ela parecia a Sarah.

Imaginei que provavelmente ela não sabia que eu sabia.

Tá bom, eu me encorajei. Apenas me diga que você está noiva.

— Noite difícil? — ela disse.

É, como sempre acontece, Sarah, de fato uma noite muito difícil. Agora, que tal você me contar que está noiva para que eu possa agir com surpresa e de forma madura.

— É que acabei de tomar alguns drinks com o Dev e…

— Por que você é tão idiota, Jase?

Franzi a testa. Isso não estava no roteiro. E, de qualquer forma, sou Sr. Idiota para você.

Um segundo se passou.

— Eu estou… O que você…

— Você poderia pelo menos estar feliz por mim, Jason. Você não pode me culpar por nada disso. Nós dois fizemos escolhas e…

Não isso. Não essa conversa de novo.

— Feliz com o quê? — eu disse, inocentemente.

— Você *sabe* com o quê.

Como ela sabia que eu sabia? O quê?

— Sarah…

— Eu estou noiva, Jason. Está feliz agora que eu te disse desse jeito?

— Eu… Bem, que notícia boa! — eu disse. — Que *bom* pra você.

— Não foi o que você disse a noite passada.

Pisquei algumas vezes. Eu tinha ligado para ela? Ela tinha me ligado? Dei uma olhada sobre a mesa no canto. Um pouco do conhaque caiu sobre uma perna, e lá, perto disso, o mensageiro: meu *laptop*, meu traidor, ainda ligado, ainda orgulhosamente exibindo uma foto brilhante e colorida de uma Sarah bastante feliz.

— A noite passada — ela disse —, você parecia achar que seria um passo ruim.

— Não, eu nunca faria isso.

— Você disse que era um passo ruim e que todos os meus amigos eram amigos ruins por não terem me impedido de cometer o maior erro que uma mulher já cometeu, acabando com qualquer chance de voltar para você por

escolher uma vida de pizza de marguerita e dias estúpidos.

— Dias *estúpidos*?

— O Gary está muito chateado. Ele é muito sensível. Ele acha que você o humilhou. Você disse que ele era o Homem Marguerita. Você disse que você era como um Rodízio de Carnes e ele era como uma pizza marguerita.

— Provavelmente eu quis dizer que ele é popular, não é todo mundo que me saboreia, especialmente pessoas que têm consciência ambiental e…

— Não foi isso que você quis dizer, não é mesmo?

Não havia mais nada por trás da frieza. Raiva? Não. O que era? Era renúncia. Era como se ela não pudesse mais ser incomodada.

— Cresça, Jason — ela disse. — Encontre alguém. Qualquer pessoa. Saia desse apartamento rançoso, é do lado de um bordel, pelo amor de Deus, e siga em frente.

— Não é…

— Não me ligue.

Tum-tum.

Ouvi o silêncio por um momento, e então me sentei.

— Não é um bordel — eu disse.

Minha cabeça tinha começado a martelar e chequei os números discados no meu telefone. Eu não tinha feito nenhuma ligação. Eu não tinha ligado para ela. Eu sabia disso.

Ei, talvez ela estivesse louca. Talvez o Gary a tivesse deixado louca. Seria ótimo se Gary a tivesse deixado louca. Então, quem estaria correto? Eu ou os amigos dela? Aqueles mesmos amigos que escreveram com certa inconsequência sobre quão felizes eles estão pelo casal, sobre que sujeito ótimo é o Gary, sobre como ele se veste bem e como são perfeitos um para o outro, sobre…

Eu parei.

O vislumbre bem fraco de um rumor de uma lembrança.

Não.

Por favor, não.

Eu saí da cama e topei com o *laptop*. E aí eu vi…

Ops.

— "Ops" não parece ser o esperado — Dev disse, sabiamente.

Ele estava usando sua camiseta do *Earthworm Jim,* no estilo mais britânico, segurando uma coca-cola em um café de estrada.

— Não — ele disse, balançando a cabeça e sorrindo. — "Ops" não é de jeito nenhum a palavra apropriada para o que você fez.

Ele estava certo. Pensei no que tinha feito.

Eu tinha comentado cuidadosa e apaixonadamente cerca de catorze fotografias do noivado, cada uma, no meu estado de embriaguez, era presumidamente de um esplendor digno de Oscar Wilde e de uma destreza tipo Fry[2]. Eu tinha pensado que poderia soar sarcástico, incisivo e inteligente. Então percebi, na luz fria do dia, que tinha soado como um vagabundo batendo na janela do Curry's.

— Ah, veja bem — disse Dev. — Quantas pessoas viram isso? De verdade?

— Todo mundo. Todos que olharam as fotos. Os amigos dela, meus amigos, *nossos* amigos.

Dev concordou com a cabeça, pensativo, e encolheu os ombros.

— A família dela. Seus muitos e variados colegas.

Ele pareceu um pouco mais preocupado agora.

— Os amigos do *Gary.* A família do *Gary*. Os muitos e variados colegas do *Gary*.

— Certo…

— Parentes distantes. Pessoas que eles não veem há vinte e cinco anos, mas que se sentaram perto deles nas aulas de exatas. Michael Fish.

— Michael Fish? O homem do tempo?

— É, Michael Fish, o homem do tempo. Ele joga golfe com o pai do Gary.

— Bem, não vamos nos preocupar com Michael Fish, o homem do tempo. Eu tenho certeza de que Michael Fish, o homem do tempo, não pensaria duas vezes sobre isso.

Eu tive um *flashback* repentino e senti meu ego se encolher até ficar do tamanho de um amendoim.

O rosto do Gary. O rosto radiante do Gary, tão cheio de alegria, tão encantado com o fato de a mulher dos seus sonhos ter dito sim, a foto mais feliz que ele já tirou, e, embaixo dela, meu nome e uma foto minha com os dois polegares apontados para cima, com as seguintes palavras: OI! EU sou GARY, HOMEM COM UMA CARA DE IDIOTA QUE GOSTA DE PIZZA RUIM E SEM GRAÇA… VOCÊ ACEITARIA SE CASAR E NÓS COMERÍAMOS PIZZA, MAS PIZZA RUIM!!????

Meu Deus.

Homem com cara de idiota?

Estremeci e tomei um gole de chá. Os olhos do Dev acenderam. Não porque eu estava tomando chá, ele já me viu fazendo isso antes e nunca nem comentou, mas porque a garçonete estava aqui. A mesma garçonete que ele tenta impressionar *toda* vez que vimos aqui. Porque é assim, como já dissemos, há *sempre* uma garota.

— *Dobranoc!* — ele gritou, de repente. — *Jak si masz?*

A garçonete deu um sorrisinho e disse alguma coisa de volta, calmamente, e esperou por uma resposta, mas Dev não tinha uma resposta, então ele apenas a encarou.

Parece improvável, mas ela esquivou-se novamente.

— Isso é bom — eu disse. — Finalmente, você irá estabelecer uma troca real.

— Não devia ter vestido esta camiseta — Dev disse, queixando-se de si mesmo. — Eu deveria estar com a do *Street Fighter.*

Ele a observou sair.

— Ops — eu disse.

— É O SEGUINTE.

Não tenho absolutamente nada contra o Gary. Ele é um homem perfeitamente legal, perfeitamente comum. E posso dizer isso, tendo já o encontrado. Um encontro estranho e inesperado no aniversário de um amigo em comum, durante o qual me comportei impecavelmente, até fiz uma ou duas piadas, mas pudemos ver um nos olhos do outro que não devíamos estar conversando; isso não era natural.

Se eu ainda fosse professor, acredito que o caracterizaria desta forma:

Aparência: mediana

Conversa: mediana

No geral: Gary é um aluno agradável que não se oprime pela ambição ou pelo pensamento. Você sempre saberá exatamente onde está quando está com ele. E isso é Stevenage.

Você vê? Um sujeito legal. Perfeitamente legal, perfeitamente bom.

Mas é isso o que me irrita, eu acho. Esta ideia de que “ele está bem, ele é bom o suficiente, ele irá fazer”. Não havia faísca, nem brilho. Nenhum traço que se destacasse. E enquanto eu estava lá na festa, e olhava para ele, e por cima de seus ombros, para Sarah, que fingia não ter notado que conversávamos e que isso era perfeitamente normal para os dois adultos do século 21 encararem, pensei: onde está a magia?

A magia estava lá quando nos encontramos, Sarah.

O bar em que nenhum de nós esteve antes. A caminhada descendo South Bank sob uma Lua quase cheia. A senhora no ônibus noturno que perguntou há quanto tempo estávamos casados. O número que você me deu no degrau da sua porta, a ligação cinco minutos depois da cabine telefônica ao final de sua rua, o queijo na torrada e o vinho na sua cozinha, o beijo, o outro beijo, a promessa que fizemos de que um dia iríamos rastrear aquela senhora louca e convidá-la para nosso casamento.

OK. Talvez não uma magia sincera. Talvez a Lua pudesse estar mais cheia e poderíamos ter encontrado alguma coisa melhor que queijo e torrada, e talvez nossos dentes não deveriam ter se chocado na segunda vez que nos beijamos,

mas era magia o suficiente para mim, Sarah. E eu achava que fosse magia suficiente para você. Esse é o verdadeiro começo para um relacionamento. Uma história. O que você e o Gary têm?

Vocês se conheceram num *workshop* de uma empresa. Vocês estavam no mesmo grupo no exercício de construção. Vocês ficaram bêbados em um Hilton perto de uma via expressa. Dois meses depois, devido à reestruturação, Gary foi transferido de Stevenage. Vocês se encontraram às sete, ambos chegaram na hora, e vocês foram ao All Bar One, e depois à Pizza Express. No dia seguinte, Gary te ajudou a fazer um bom negócio com um Golf de segunda mão. Agora vocês estão noivos.

Bem, meu bom Deus, Sarah, espero que você tenha vendido os direitos autorais, uma vez que isso daria um bom livro.

Mas não. Tá tudo bem. E eu sei. Estou sendo um idiota.

Mas eu queria que o começo fosse forte o suficiente para nos levar até o fim, Sarah, e você teria desejado isso também. Nenhum de nós deveria ter escolhido uma marguerita.

E então, para o trabalho.

London Now é o jornal sobre o qual comentei antes — um tipo de *Metro* ou *London Paper*, mas lotado de coisas que você pode fazer AGORA, ou HOJE À NOITE, ou AMANHÃ. Tem o foco em pessoas que não sabem o que fazer, ou que querem impressionar outras pessoas no metrô virando a página na seção Live In London e assinalando as modernas sessões de jazz mexicano a que eles nunca assistirão e que irão pronunciar errado de qualquer forma.

Há uma mistura de outras coisas: notícias diretamente da nossa caixa de entrada, horóscopos sorteados por algum louco com uma máquina de *fax* do interior do país, fotos de artistas e histórias em quadrinhos tiradas do Groucho ou Century, há Nesses Últimos Dias, Você Sabia e Eu Vi Você, e outras formas de começar uma frase que ninguém nunca irá querer ouvir você terminar.

Também está condenado. Todos nós sabemos disso, mas existem muitas coisas que somente um projeto presunçoso pode fazer em um mercado como esse. Eles tiveram um lançamento de sucesso em Manchester e pensaram, simplesmente, que poderiam lançar um pouco de conteúdo em Londres e começar um jornal novo na capital. Foi um pouco demais em meio a uma recessão profunda, um passo corajoso com um pouco de dinheiro russo por trás, mas era o Zoe e sua equipe que agora tinham de lidar com isso dia após dia.

E, meu Deus, acabei de me ouvir. Soei ingrato. E posso estar passando a você uma imagem minha com a qual eu não estou inteiramente confortável. Gosto de trabalhar quando há o que fazer, tenho minhas economias, e ser freelancer significa que tenho que agarrar o que aparecer, mas isso é também um

problema. Não tenho uma especialidade. Eu não sou estagiário de *nada* do *London Now.* Sou apenas um crítico, que dá opinião geral ao público em geral sobre coisas no geral.

Bem, eu digo "opinião geral". Isso não é bem verdade. Essas opiniões não são minhas opiniões gerais. Elas são versões extremas. Pois você tem que ter uma opinião. Semana passada, fui a um restaurante persa em Bayswater chamado Sinbad. Acredito que, se ainda fosse professor, eu teria descrito o lugar desta forma:

Entrada: sim, boa, muito boa, nada especial, mas boa.

Principal: nada mal, eu comi tudo, então é isso.

No geral: o lugar é legal, então, se você estiver por perto, e estiver com fome, e gostar de comida persa, dê uma passada, ou não. Eu não estou confuso.

Mas agora eu não posso fazer isso. Agora eu tenho que dizer coisas do tipo:

Entrada: agradável, túrgida, mas ironicamente não é uma entrada.

Principal: insulto para uma possível injúria interna.

No geral: irritantemente fácil de esquecer. Se eu fosse alguém importante me referindo à sua comida, Sinbad não poderia ser formado por duas sílabas mais apropriadas.

Viu? Ha-ha. Eu sou inteligente.

Mais afiado, mais cínico, mais bem-informado. E tudo isso num homem que uma vez quase se envenenou com batatas cozidas.

Zoe adorou isso. Ela gosta de qualquer coisa. Acredito que eu faça essas coisas para impressioná-la um pouco. Em parte, porque significa que ela me dará mais trabalho, mas em parte, também, porque é legal impressionar uma garota.

Acredito que se ainda fosse professor, eu a teria caracterizado desta forma:

Aparência: Zoe Alice Harper é asseada, arrumada, com os olhos voltados para a moda, o que pode ser visto pelas muitas bolsas ASOS jogadas ao redor de sua escrivaninha. Seu cabelo, que já foi castanho e comprido, é agora curto, que é o tipo de coisa que pode acontecer quando se tem um "horário de almoço longo" e está se sentindo extraordinariamente sociável na cadeira do cabeleireiro. Zoe se lembrará bem disso no futuro.

Atitude: Zoe é uma garota com ambição e empenho, cujo trabalho é consistente e acima da média, embora seu maior sonho, eu acho, se eu puder ultrapassar os caracteres só por um momento, é trabalhar em uma daquelas colunas "Eu odeio tudo". Você sabe quais são. Aquelas que dizem que tudo é pavoroso. Todo programa de TV novo ou história no noticiário tem aspectos negativos que são uma total afronta para a pessoa que está escrevendo, furiosa por não ter gastado o tempo fazendo outras coisas, como cozinhando no micro-ondas um pouco de massa ou olhando fixamente para o nada. Pensou que poderiam ter feito um melhor trabalho, mesmo que nunca tenham conseguido passar na primeira leva de entrevistas. Que tudo seria melhor se eles estivessem no comando. O problema é que não acho que ela seja realmente assim. É apenas uma tendência. Uma maneira de ser notada. Um atalho para humor, como aquelas pessoas em um jantar que confundem cinismo com sagacidade, ou mau humor com opinião interessante.

Ainda assim. É o tempo dela que ela está perdendo.

(© Livro de sacadas úteis do professor Jason)

Geral: aplaudo a confiança dela, gosto do seu novo cabelo e profetizo ótimos acontecimentos.

Eu sou tão cínico quanto qualquer um, falando nisso. Embora eu tivesse esperança de que fosse por uma série de razões perdoáveis. Quando Sarah e eu estávamos nos separando, descrevi quase todos os discos que resenhei como

sendo ou inúteis, ou desalinhados, ou sintéticos (não sei nada de música, só de Hall & Oates). Comecei a escrever “que” em vez de “quem”. Quando ela me deixou, desabafei crucificando filmes e diretores (não entendo nada sobre cinema, a não ser *Um sonho de liberdade*, que eu *amo*, e até gosto de Almodóvar também, mas não digo a ninguém porque isso me faz parecer pretensioso). A verdade sincera é que eu não ligava. A vida ditava aquelas resenhas, não eu.

E hoje, um dia de ressaca após uma noite horrível, acredito que alguém esteja a meu favor.

Mas quem?

— Abrizzi’s — disse Zoe.

Ela estava vestindo uma camisa de gola rolê preta e aqueles óculos, dos quais, na verdade, ela não precisa, mas que a fazem parecer um tipo de editora-chefe de um jornal metropolitano. Fato que ela gosta de me lembrar que, de certo modo, ela é. Acho que secretamente ela não gosta do fato de eu a conhecer desde a universidade, quando ela só usava camisetas Longpigs e tinha uma visão 20/20, olho arregalado tipo Winona Ryder.

Nós éramos próximos na universidade. Conversávamos seriamente sobre o futuro e os nossos lugares dentro dele. Mas então ela tomou seu rumo, o que garantiu a ela uma mesa e aqueles óculos, e eu tomei o meu, o que me garantiu algumas bolsas abaixo dos olhos.

— Um restaurante italiano novo, na seção “Novidades na Cidade”. Deve ser legal para você. Você costumava dizer que palitinhos de pão eram como linguiças vegetarianas. Lembra daquele tempo? Quando você costumava ficar indignado na Pizza Hut ou no Haymarket, porque achava que colocavam os palitinhos de pão como uma forma de encher a pança e fazê-lo parar de devorar o resto do buffet livre?

Estou pasmo por nunca ter me tornado um chefe de cozinha famoso.

— Você está péssimo. E o que é esse cheiro?

— Deve ser framboesa — eu disse. — Ou nerd. Acabei de tomar café da manhã com um nerd.

— Não é framboesa — ela disse. — Deve ser nerd. Como *está* o Dev?

— Mais Dev do que nunca — eu disse, olhando para o papel que ela tinha me dado. — Um restaurante, então. Um outro restaurante.

Ela apenas sorriu. Ela foi muito boa para mim, me dando alguns trabalhos, e fui grato a ela. Uma noite, quando as coisas estavam dando errado com a Sarah, abri meu coração para minha velha amiga, contando a ela os erros que cometi na vida, sendo extremamente honesto e bêbado e perdido. Eu dizia a ela que se pelo menos eu pudesse começar novamente; se tivesse alguma coisa em mim para ser moldado, trocado e construído. Apesar de tudo o que tinha

acontecido até então, apesar da distância que agora havia entre nós, eu queria ser correto com ela, como ela sempre foi comigo.

Ela amou a última crítica, deu para notar, pois alguma coisa tinha atraído a mulher enfadada que essa menina quis ser. Então, pensei na situação. O chefe de cozinha do Sinbad, esperando ansiosamente o retorno de um dos seus garçons, pois ele tinha ouvido falar que o restaurante finalmente receberia uma crítica e ele mal podia esperar para saber o que acharam. “Uma crítica gastronômica!”, ele pensará. “Finalmente! Um conhecedor bem viajado e bem informado! Quais deleites me esperam? Como as minhas maravilhas serão traduzidas em palavras?” Então, assim que o garçom sair correndo do metrô segurando sobre a cabeça uma cópia respingada de chuva do *London Now*, seu estômago irá doer e seus olhos arder, uma vez que as palavras “irritantemente fáceis de esquecer” serão registradas em seu coração. E enquanto seus ventrículos ardem em chamas e seus olhos embaçam, não ocorrerá a ele que, na verdade, aquela frase não faz nenhum sentido, pois por que você se irritaria com algo que você nem mesmo se incomodaria em lembrar? E ainda assim tudo ficará bem. Amanhã à noite, haverá tantas pessoas no Sinbad quanto hoje à noite. Ninguém nunca se importa. Eu mesmo só me preocupei por meia hora, e depois assisti *The Weakest Link*[3]. Mas e o Sr. Sinbad? O Sr. Sinbad carregará aquelas palavras com ele até o túmulo, sentindo-se um pouco menos chefe no caminho. E tudo graças a um homem que não consegue nem se lembrar do que pediu.

Eu mandei esse pensamento ir embora.

— Onde é? — perguntei.

Em algum lugar central, por favor. Nada de Harrow, ou Uxbridge, ou Mudchute. A última coisa que quero é uma viagem de uma hora para Mudchute para comer sozinho em restaurante chinês ruim.

— Charlotte Street — ela disse, vivamente.

Charlotte Street. Eu estava lá. Ontem mesmo.

Casaco azul. Sapatos bonitos. Aquele sorriso.

E se eu tivesse falado com ela ontem à noite? Falado adequadamente com ela?

— É uma reserva para as seis horas.

— Seis? Você deve conhecer algumas pessoas em alguns lugares elegantes.

Ela sorriu. Voltei a pensar nos nossos dias na universidade. Quando nós mudamos? Nós ainda estávamos fingindo ser adultos, mais exaustos e pessimistas do que éramos? Não sei a quem estávamos tentando impressionar: o mundo ou um ao outro.

— Quando você quiser me enviar o relatório está bom — ela disse. — Pergunte o que eles recomendam, peça o que quiser, guarde o recibo, não fique

nervoso e pague sua bebida. Deixe, também, sua quinta-feira livre.

— Por quê?

— Abertura de uma galeria.

— Mas não entendo nada de arte.

— Estou te dando um trabalho — ela disse. — Achei que era isso que você queria.

Passei todo o caminho para casa olhando os discos e DVDs que ela me deu para resenhar, mas eu só pensava em quais piadas faria com seus títulos.

Quando voltei para o apartamento, sabia que haveria e-mails na minha caixa de entrada. Alguns deles eu realmente não gostaria de ler. Alguns me dizendo que me transformei em um idiota, e como eu deveria crescer, e outros cheios de preocupação a respeito da minha saúde mental e dizendo coisas do tipo *Ei, meu amigo, se algum dia quiser conversar.*

Então eu os chequei de qualquer jeito.

Jase, Ben escreveu. *Vamos nos encontrar para um café? Vai ser bom conversar.*

Delete.

Jason, é a Anna, escreveu a melhor amiga da Sarah, que estava apenas esperando o noivado ser anunciado para sair correndo e organizar despedidas de solteiro horríveis e comprar perucas rosa para todas usarem enquanto elas se jogam e gritam e fazem bagunça no caminho para cada Pitcher & Piano em Islington e outros mais. *Eu só acho que você precisa se analisar bem e talvez deixar de beber, porque todas essas bebedeiras não são saudáveis, Jason. Uma dose não resolve nada e você também precisa deixar a Sarah e o Gareth viverem a vida deles, pois você teve sua chance e precisa ser mais adulto com relação a isso.*

Havia outros nove parágrafos depois deste.

Deletar.

E então… UAU!

Gary.

Jason. Presta atenção, meu amigo…

Fiquei lisonjeado. Ele estava usando “meu amigo”. Ele estava sendo amigável. Pior, ele estava sendo *compreensivo*.

A Sarah não sabe que estou escrevendo isso, então é melhor manter assim.

É claro que ela sabe, Gary. Porque você contou a ela e ela disse que não parecia uma boa ideia, mas você decidiu ser maduro quanto a isso, e provavelmente disse “Meu Deus, é por isso que eu te amo. É tão bom estar com alguém realmente adulto”, e então ela ficou lá lendo sobre os seus ombros enquanto você digitava.

Mas vi suas mensagens e só quero dizer que eu sei como você está se sentindo. Eu não ia querer perder a Sarah também. E, da maneira como aconteceu, parece que há assuntos mal resolvidos. Se você quiser conversar…

E foi aí que tive que parar de ler.

Eu escrevi de volta um rápido *Obrigado, Gary, é muito legal da sua parte,* e desci para pegar o Dev para fechar a loja e sair para beber.

Porque na verdade, Anna, às vezes uma dose resolve tudo.

NÃO HÁ NADA PIOR do que sentar sozinho em um restaurante, as pessoas que normalmente não fazem isso que o digam. Mas não me importo. Eu aproveito para pensar.

Minha tarde com Dev Ranjit Sandananda Patel terminou no Postman's Park. Parece que temos terminado muitos desses últimos dias no Postman's Park. Localizado entre Little Britain e Angel Street, tem os azulejos que amamos.

Eu vou explicar.

Em 1887, George Frederic Watts, o filho de um humilde fabricante de pianos, escreveu para a *Times* sugerindo uma ideia nova e corajosa. Uma ideia para comemorar o heroísmo mostrado por pessoas normais, comuns. O que marcaria o jubileu de ouro da rainha Vitória e seria como um testamento para as vidas comuns anunciadas por um bem extraordinário. Era uma ideia linda.

Dev e eu fazíamos questão de visitar sempre que estávamos por perto — e já que os escritórios do *London Now* ficavam a apenas alguns minutos de distância, isso era comum — e hoje, nossa maratona de bares nos levou cada vez mais perto. Não precisávamos dizer onde estávamos indo. Deixávamos ser levados.

De qualquer maneira, a carta do Watt para a *Times* não virou. Ninguém respondeu. Ninguém acreditou nele. Então, ele fez de qualquer jeito. E agora, em uma parede inteira do jardim de uma igreja velha no meio da cidade de Londres, áreas que eram do General Post Office, há dezenas e dezenas de azulejos Royal Doulton, cada um comemorando um ato de altruísmo, coragem única.

Nós paramos em frente a um, e Dev pegou um cigarro.

GEORGE STEPHEN FUNNELL, policial condestável, 22 de dezembro de 1899.

Em um incêndio no Elephant e Castle, Wick Road, Hackney Wick, após salvar duas vidas, voltou às chamas, salvando uma garçonete e arriscando sua própria vida.

Era do silêncio depois da leitura de que eu mais gostava.

— Talvez — Dev disse certo momento — seja porque não somos heróis. Talvez não nos sintamos valorizados porque nunca fizemos nada heroico.

— Eu não disse que eu não me sentia valorizado.

— Mas você se sente, não? — ele disse. — Porque eu me sinto.

Eu me virei e li outro.

ALICE AYERS, filha de um pedreiro, que por uma conduta valente salvou três crianças de uma casa em chamas na Union Street, Borough, e perdeu a própria vida.

— Quero dizer, nós vivemos uma rotina diária — Dev disse. — Você escreve suas críticas e eu vendo meus jogos, e às vezes você vende meus jogos e escrevo suas críticas.

Eu sorri, mas Dev não.

— Parece que estamos fazendo sempre as mesmas coisas — ele disse. — Mas o que estamos realmente fazendo? O que seremos capazes de dizer que fizemos?

Eu pensei.

— Eu tomei sopa quarta-feira passada.

Dev acendeu o cigarro e balançou a cabeça.

— Estou falando sério, Jase. E se a vida for feita de momentos? E se nós não agarrarmos *o* momento? E se outro momento nunca vier? Você poderia ser lembrado como um herói ou poderia ser apenas uma pessoa que viveu anonimamente até o dia em que anonimamente morreu.

Ele apontou para outro azulejo.

— George Lee — ele disse. — Em um incêndio em Clerkenwell, carregou uma garota inconsciente até a saída, caiu seis vezes e morreu por causa dos ferimentos: 26 de julho de 1876.

Ele parou.

— Ele agarrou seu momento — ele disse.

— Então, o que você sugere? — perguntei ao garçom.

O Abrizzi's era bom. Tinha uma decoração legal, funcional (que terei de chamar de sem graça), uma equipe eficiente (fria? Não, robótica. Robótica é melhor) e, bem, eu não sei mais o quê. O que mais os críticos de restaurantes procuram? Havia os talheres. Talheres o bastante para mim, certamente, embora eu não soubesse como fazer disso um ponto negativo. E pão, havia uma pequena cesta de pão. Acredito que poderia ser um pouquinho maior.

— O pene é excelente, temos uma carne de vitela muito boa — disse o garçom, que, momentos antes, tinha dado umas gargalhadas quando percebeu que a reserva não era para *aquele* Jason Priestley. Eu ri junto, também, embora aos 32 anos, a piada estivesse começando a cansar.

— Nós também temos pizzas, é claro, as melhores da cidade.

— Minha favorita é a com massa fina, tomate fresco, um pouco de manjericão e mozarela.

— Marguerita?

— Bem… Uma Abrizzi's.

Uma marguerita parecia conveniente.

— Eu vou querer uma Abrizzi's.

O garçom, que se chamava Herman, por isso acho que ele não tem o direito de rir dos outros, desviou-me do cardápio e tomei um gole da minha bebida. Eu estava em uma mesa para dois, de frente para a janela, observando a multidão saindo do trabalho, chamando um táxi, indo em direção a um pub. Encontrando amigos, companheiros, divertindo-se.

Parti um palitinho de pão em dois.

Mas, para minha surpresa, não era tão ruim. Talvez eu fosse um mistério para as pessoas ao meu redor: esse homem, sozinho, perigoso, encarando tudo e todos na Charlotte Street. Talvez eu parecesse um matador profissional, e todo mundo estivesse estendendo o pescoço para ver o que um matador profissional pediria, e então ficariam desapontados ao verem uma marguerita e uma cidra.

E então algo memorável aconteceu.

Algo que me fez baixar o palitinho de pão e me sentar corretamente. E então deixar a minha marguerita para trás, antes mesmo de ter chegado.

Eu a vi.

CAPÍTULO 3
OU “A MULHER VEM E VAI”

— Então o que aconteceu? — Dev perguntou, animado. — Com a pizza, eu quero dizer.

Ele tomou um gole da sua *Polo-Cockta* e arrotou.

— Você está falando sério?

— Você simplesmente deixou a pizza lá? Você pagou?

— Eu não sei o que aconteceu com a pizza. Acredito que eles a tenham trazido e depois a levado embora. Talvez eles a tenham jogado fora. Esse realmente não é o ápice da história.

— Eu me pergunto: e se alguém pegou a pizza? Seria ótimo se toda vez que você fosse a um restaurante pudesse surrupiar as pizzas dos outros. Imagina só, acho que você a conseguiria de graça, então…

— Dev, a garota. A garota, Dev.

— Ah! Desculpa. Continua. A garota.

Porque este é o ponto. A garota.

Ela apareceu do nada.

Em um momento, eu estava encarando meu próprio reflexo na janela, me perguntando se eu poderia passar por um assassino profissional, e no outro, houve um pequeno movimento em algum lugar no escuro. Tão pequeno quanto um recuo de um quilômetro de distância, mas o suficiente para mudar meu foco para o que estava lá fora.

Ela estava saindo da Snappy Snaps, o mesmo casaco azul, sapatos diferentes, eu acho — e ela estava procurando algo.

Procurando o quê? Me procurando?

Claro que não. Mas alguma coisa.

Eu me levantei, quase involuntariamente, esperando que nossos olhares se encontrassem, estava tudo iluminado no restaurante italiano, e talvez trocar acenos, mas ela não podia me ver, e mesmo que me visse, ela não se lembraria de mim. Que estranho seria se ela se lembrasse.

— Oi, fui eu que…

— Você segurou algumas sacolas para mim uma vez.

— É!

— Então tá bom, tchau!

E, com uma sacudida, me lembrei.

— Minha jaqueta, você pode pegar minha jaqueta? — perguntei à

garçonete.

— Você acabou?

— Não, eu só preciso de uma coisa, da minha jaqueta.

Ela me apontou em direção à mesa da recepcionista, mas a senhora estava ocupada com outra pessoa, e tentei fazer com que ela me visse, mas ela não olhava. Eu segurei alguém, um homem com uma bandeja.

— Oi, você poderia pegar minha jaqueta?

Mas ele apenas sorriu, disse "olá" e continuou caminhando.

Eu olhei para fora da janela. Ela ainda estava lá, ainda olhando.

Eu deveria sair correndo? Eu deveria dizer "Oi, você não me conhece, na verdade você me conhece um pouco, mas espere aqui um segundo que eu vou te trazer uma coisa".

— Sim, senhor, posso ajudar?

Finalmente. Foi apenas uma questão de segundos, mas finalmente.

— Eu preciso da minha jaqueta, por favor! Eu estou na mesa… Não sei que mesa, aquela lá com os palitinhos de pão e a cidra.

Ela deu uma olhada e por um segundo eu perdi a garota, mas lá estava ela, um pouco mais acima, subindo a rua, ainda olhando. Eu ia conseguir.

— Mesa 9. Sr. Priestley?

— Sim.

— Jason Priestley! — ela riu. — Uma celebridade!

— É, eu sei. *Por favor,* você pode pegar minha jaqueta?

Eu a tinha perdido de vista, mas ela não podia estar longe, deveria estar na esquina da Goodge Street, na pior das hipóteses, mas agora Herman estava levando um tempão para pegar minha jaqueta na chapeleira, e comecei a estalar meus dedos e dizer "Vamos", o que na verdade não me valoriza com ninguém. Finalmente, me trouxeram a jaqueta.

Ainda estava lá? Ainda dentro do meu bolso? Fui checar.

Sim.

Agora eu estava quase correndo pela Charlotte Street, procurando por ela, checando ambas as calçadas…

Lá!

Ela estava olhando na minha direção. Sorrindo. *Aquele* sorriso. O braço no alto, acenando.

Parei no meio do caminho. Ela estava adorável.

Então, o táxi que ela estava procurando passou por mim e parou lentamente.

Essa era minha chance. Era ela.

— E VOCÊ? — perguntou Dev, com os olhos arregalados. — Você agarrou seu momento?

Eu fiz uma pausa.

— Não.

Eu não tinha agarrado mesmo. Congelei, por sei lá qual motivo. A câmera estava no meu bolso, bem no meu bolso. Eu poderia tê-la pegado e gritado "Pare!", e poderia sair correndo e entregar para ela. E talvez, então, nós pudéssemos ter conversado, e ela iria sugerir aquele vinho e eu um jantar, e então, quem sabe? Talvez eu a tivesse ajudado a fazer um bom negócio com um Golf usado.

Porque, pela segunda vez, em dois dias, isso parecia um começo. E pela segunda vez, em dois dias, não começou.

— Por quê? — disse Dev. — Por que, por que, por quê?

Ele tinha bebido um gole do seu *Polo-Cockta* e cuspido no lixo. Ele abriu outra garrafa.

— O que é isso, afinal de contas? — eu disse.

— Você nunca tomou *Polo-Cockta?* Ah, é ótimo! Parece um pouco com Coca-Cola, mas tem sabor um pouco mais metálico.

Ele deu um trago e estremeceu. Eu considerei sua questão.

Por quê?

Por que eu não tinha feito nada nem falado nada? Porque aqui está o ponto crucial. Enquanto ela entrava no táxi, sem ajuda dessa vez, ela me viu. Eu sabia. Foi sutil, mas viu. A mais breve das reações, uma coisa de nada, mas foi alguma coisa. Uma olhada estranha, franziu a testa, alguma coisa que me dissesse que ela talvez achasse que me conhecesse. Uma pausa de milissegundos, nada mais, e dentro do táxi, porta fechada, ela se foi.

— Ou talvez — disse Dev — ela estivesse olhando para você porque você era um homem completamente imobilizado, olhando diretamente para ela, com a mão dentro do bolso da jaqueta, à noite.

Talvez.

Parado. Pelo menos eu enfim estava parecendo um assassino.

— E esta coisa, esta…

— Câmera Descartável 35 mm — eu disse, girando-a na minha mão.

— É. O que você vai fazer com isso? Ficar andando à toa pela Charlotte Street, esperando que ela apareça novamente para você devolver para ela?

— Duas vezes em dois dias a vi na Charlotte Street. Ambas as vezes perto da Snappy Snaps, uma vez dentro dela. Ela realmente entende de fotografia.

— Ou talvez alguém estivesse roubando suas câmeras. E quem usa câmeras descartáveis? Ela é uma pessoa excêntrica. Então, o que você vai fazer?

Eu dei de ombros.

— Nada.

— *Nada?* Ora essa!

— O que posso fazer? E, de qualquer jeito, o que você quis dizer com “O que você vai fazer?”. Com relação a quê?

Dev deu outro gole e olhou para mim.

— Há alguns pubs legais nos arredores de Charlotte Street — ele disse.

Eu escrevi às pressas minha crítica sobre o Abrizzi’s naquela tarde.

Uma fatia mágica de pizza do paraíso, e outros elogios, por exemplo, como tinha pão o suficiente e como a equipe que servia era realmente *excelente*. Bem, eles sabiam meu nome agora. Esse é o problema de dividir o seu nome com um ícone do início da década de 1990. As pessoas se lembram de você. É algo para se falar em um dia entediante. Imagine se você trabalhasse em uma loja de sapatos e vendesse uns Birkenstocks para um Shaquille O’Neal. Você contaria para todo mundo. Enviaria mensagens para seus amigos dizendo: “*Eu acabei de atender um cara chamado Shaquille O’Neal!”.* E eles escreveriam de volta histórias de pessoas com as quais eles estudaram: Rip Van Winkle e Toby Anstis e aquele menino no 4B que foi para a faculdade de medicina e se tornou Dr. Dre.

Além disso, Herman se lembraria que saí correndo sem pagar meu refrigerante, e que eu nem tinha chegado perto de uma de suas pizzas. Fiquei muito sem graça de voltar lá, muito perturbado para sentar e comer. Eles fariam questão de ligar para o escritório e contariam tudo, a não ser que a crítica fosse boa.

Zoe tinha mandado de volta um e-mail curto.

Ei, obrigado. Deve ter sido incrivelmente difícil conseguir aquele tipo de elogio vindo de você. Estranho, me disseram que era horrível. Está tudo bem?

Que triste, eu pensei. As pessoas perguntando se você está bem quando você é legal com alguma coisa. Silêncio. Imagina a cara de felicidade do Herman ao ler isso.

Eu gosto de pizza, é isso, respondi e fechei meu *laptop*.

Era um pouco antes das seis e nós estávamos parados do lado de fora do número 16 na Charlotte Street. Fitzroy Tavern. Esquina com a Windmill Street.

— O que estamos fazendo aqui? — eu disse.

— Dylan Thomas costumava beber aqui! — Dev disse. — Eu gostaria de saber por que ele parou.

— Ai, meus deuses — eu disse. — Vamos para outro lugar.

— Você não me ouviu? Dylan Thomas costumava beber aqui! Para onde você quer ir? Wetherspoons? Ótimo, talvez vejamos Natalie Pinkham do *The Wright Stuff*[4].

— Você não vai ver o Dylan Thomas! E desde quando isso se tornou “ver” alguém?

— Você sabe quem nós queremos ver aqui — Dev disse.

Nas duas vezes em que vi a garota foi por volta das seis horas. Talvez ela trabalhasse perto da Fitzrovia, eu pensei. Fitzrovia, cujo nome vem do pub, que por sua vez recebeu esse nome por causa de um homem chamado Fitzroy. Eu admiro qualquer área que receba seu nome por causa de um pub. Há outros em Londres, é claro. Angel. Manor House. Royal Oak. Swiss Cottage.

E Dev estava certo sobre Dylan Thomas. Na primeira vez que viemos aqui, um homem dentuço, usando um casaco de *tweed* e de algum lugar afastado de Bristol, havia nos dito que aqui fora um centro importante para artistas, intelectuais e boêmios nos anos de 1920, 1930 e 1940. Eles se juntavam em cada esquina, ele disse, para trocar ideias, debater embriagadamente, brigar e amar, até que o pub veio para limitar a área. George Orwell bebia aqui. Augustus John. Agora bebem aqui pessoas como o Dev e eu. Você não poderia deixar de pensar que se um pub pudesse parecer falido, ele seria exatamente como esse onde estamos.

Mas que importância tinha tudo isso se era a garota que importava? Jornalista? Ou garçonete? Designer? Charlotte Street tinha mudado nesse tempo que estou em Londres. No passado, era só fotografia e moda. Ou publicidade. Por um tempo, TV e um pouco de rádio. Agora, restaurantes e bares. Apenas a Fitzroy Tavern parecia ter sobrevivido a mudanças, assim como o senhor lutando contra o progresso, resistentemente recusando-se a desistir do seu lugar no bar, mesmo quando trouxeram uma máquina de karaokê.

Eu até queria conversar sobre ela com o Dev, mas achei boba a ideia; outra desculpa para tomar uma dose. Tenho tentado acreditar que isso tudo é ideia do Dev e que eu o perdoaria dessa vez. Eu estava levando numa boa, mudando a conversa toda vez que ele voltava ao assunto, mas me assustando por, na verdade, eu mesmo querer falar sobre isso.

— Talvez o nome dela seja Charlotte — ele disse, e fingi que, de repente, comecei a achar meus sapatos fascinantes. — Talvez seu nome fosse Charlotte Street. “Senhorita Charlotte Street.” Parece recomendação para um turista.

— Os turistas amam Charlotte Street — eu disse, evitando seus olhos.

Eles amam. Não os turistas exatamente. Executivos. Executivos americanos. Lá vão alguns, exatamente agora, pegando o sol da tardezinha, enquanto saltam as escadas do Charlotte Street Hotel em seus Farrow & Ball verdes, todos em ternos elegantes e barba feita, as Mercedes chegando para buscá-los para o jantar, não sei… No The Ivy, provavelmente.

— Deve ser legal ser americano — Dev disse.

— Nem todos eles são assim — eu disse. — Alguns são como o Hulk Hogan.

Os olhos do Dev se moviam para cima e para baixo da Charlotte Street, observando os londrinos cuspirem para fora dos bares e rirem fora dos restaurantes. Há uma vibração de férias em Charlotte Street. Uma coisa diferente. Uma coisa feliz. Era óbvio que Dev estava procurando a garota. Não pude evitar e fiz o mesmo.

Então, parei. Eu me senti estranho. Estranho por estar lá, estranho por estar a um passo de ser um perseguidor, mas estranho também porque, e se? E se ela aparecesse? E se ela passasse? Meu estômago se revirou levemente, igual àquela noite em que esperei Sarah naquele lugar tailandês na Piccadilly, no nosso segundo encontro.

Eu fiquei triste comigo mesmo. Isso não é um encontro. Isso é perseguição.

E então os olhos do Dev se arregalaram. Ele estava olhando para alguma coisa. Alguma coisa, ou alguém, por cima dos meus ombros.

— Ela! — ele sussurrou, com o rosto paralisado. — É ela?

Eu gelei.

— Não sei — eu disse com os olhos arregalados.

— Casaco azul?

Eu acenei com a cabeça.

— Sapatos?

— É claro que ela usava sapatos!

Eu me virei, lentamente.

— Não — eu disse, olhando para a figura andando rapidamente vestindo um casaco azul e sapatos. — É um homem negro e alto.

Dev começou a rir. Às vezes ele é um idiota.

— Bem, eu não sei, né? Eu nunca vi a Garota. Qual a cor dos cabelos?

— É meio loiro.

— Meio?

— Bem, um pouco loiro.

— Olhos?

— Definitivamente.

— Qual a *cor*?

— Isso você vai ter que perguntar a ela.

— Você precisa avançar no jogo, perseguir inteligentemente. Minha rodada!

Dev foi para dentro, eu sorri, balancei a cabeça e ri. Porque, na verdade, a situação era tão idiota. Idiota, mas divertida. Se eu tivesse vindo sozinho, isso sim teria sido estranho. E, também, isso nunca teria acontecido. Mas com o Dev, tinha, bem, um pouco de aventura, de algum modo. E eu não estava levando nada a sério. Não mesmo. Quero dizer, essa garota poderia ser qualquer pessoa. Ela poderia ser uma nazista. E ter um namorado. Também nazista. Talvez eles

tenham comprado um cachorro nazista, e em suas horas livres eles dancem músicas nazistas. Há mais de um bilhão de razões para essa completa e perfeita estranha ser totalmente inapropriada para…

Bem, para o quê? O que realmente eu esperava que acontecesse? Quero dizer, suponha que eu a visse. E aí? O que diria para não parecer estranho, ou horripilante, ou louco? Agiria casualmente? Diria a ela que também a vi na noite passada e que estava com a câmera dela, mas que não a tinha devolvido da outra vez? Eu poderia, mas decidi não devolver?

Olhei para o relógio. Seis e cinco. Agora era a hora. Eu dei uma olhada para a rua, em direção à Snappy Snaps na esquina. Algumas pessoas estavam se movendo de maneira confusa. Um bando de arruaceiros estava indo para o Zilli's. Mas nenhum sinal da Garota. Ainda não.

— Aqui está — Dev disse, me entregando uma dose. — Já a viu? Ela deve trabalhar aqui por perto. Você sempre a vê saindo, não vê? Nunca chegando?

Eu balancei a cabeça.

— É, ela deve trabalhar por aqui. Há muitas acompanhantes de luxo nessa área. E policiais de trânsito também. Ela é provavelmente uma coisa ou outra. Qual caminho ela pega?

— Bem, e de novo, eu só a vi duas vezes, a tendência é ela passar por esse caminho. Ambas as vezes ela pegou um táxi.

— Interessante. Provavelmente um trajeto por perto. O metrô só vai até lá. Então, podemos dizer que ela trabalha por perto e não mora muito longe. A menos que ela vá se encontrar com um cliente.

— Ela não é uma acompanhante de luxo — eu disse. — Ou uma policial de trânsito.

— Se ela fosse uma policial de trânsito explicaria a existência da câmera. Eles tiram fotos hoje em dia.

— Não com uma descartável. Se fosse policial, ela deveria estar usando um chapéu.

Ficamos olhando para a rua.

Mas ela não passava. Eram seis e dez, e ela ainda não tinha passado. Dev olhou para mim, fez um bico e balançou os calcanhares.

Eu me senti mal novamente. A desculpa não parecia mais ser à prova de tudo. É, então havia um fino véu de "diversão" ligado a isso, mas estava cada vez mais fino. Dev estalou a língua algumas vezes e fungou.

Ah, o que estávamos fazendo?

— Escuta, vamos embora — eu disse.

— Você só pode estar brincando! — disse Dev. — Quero ouvir o que você vai dizer a ela!

De repente, não teve mais graça.

— Não, eu estou me sentindo estranho — eu disse. — Vamos para casa. Jogar *GoldenEye.* Ou FIFA.

Isso geralmente funcionava.

— Vamos esperar — disse Dev, e nós permanecemos em silêncio e voltamos nossos olhos para a Charlotte Street.

NÓS NÃO A VIMOS.

É claro que não.

Fomos para lá dois dias seguidos. Mas não fazemos isso sempre.

Nós ficamos do lado de fora do pub, Dev enrolando seus cigarros, o sol da tarde baixando no céu, a rua refletindo um âmbar ardente.

Às sete e meia, talvez sete e trinta e cinco, acabou o assunto.

— Vamos fazer o que viemos fazer? — disse Dev, encolhendo os ombros. E eu disse:

— Aqui não.

Então, caminhamos Charlotte Street acima, em direção ao metrô, e, bem na esquina, exatamente em frente à Snappy Snaps, Dev me parou.

— Esse negócio com a Sarah — ele disse, tocando no meu braço. — Deve ser difícil.

Eu fiz uma careta e pensei “Não, não, meu Deus, não”, mas ele continuava olhando para mim. — Quero dizer, é meio difícil quando acontece do nada e tudo mais, mas você se lembra de como as coisas eram e… O que você está fazendo?

Ele fez um movimento brusco em direção à minha jaqueta.

— O que foi isso? — perguntei, mas, então eu percebi: ele tinha agarrado alguma coisa do meu bolso.

Ele a segurou.

A câmera.

— Se você pudesse parar de falar na Sarah por dois segundos — ele disse. — Vamos! Eles fecham em meia hora!

Ele saiu andando, abriu a porta e entrou na Snappy Snaps.

CAPÍTULO 4
OU “LONDRES, SORTE E AMOR”

Dev optou por uma revelação Super-Express 24 horas, o que parece profundamente impressionante, até você se lembrar de que voar para a Lua em 24 horas poderia realmente ser considerado Super-Express nos dias de hoje.

Ele disse que voltaríamos aqui, do lado de fora da Snappy Snaps, na tarde seguinte. Parecia um pronunciamento desnecessário, visto que provavelmente iríamos juntos.

E eu sei o que você está pensando: você está pensando que nós não deveríamos ter feito isso. É uma invasão grosseira da privacidade de alguém. Dois homens adultos revelando as fotografias particulares de uma mulher que não conhecíamos. Quem sabe o que pode ter lá? Ou quem? E quem sabe o que esse alguém poderia estar fazendo lá?

E você está certo.

Dev, no entanto, estava confiante. Ele disse que ela nunca descobriria. E, caso descobrisse, só seria porque aquelas fotos teriam nos levado a ela. Teriam me levado a ela.

Não sei como o Dev achava que elas poderiam me levar a ela. Ele não tem uma câmera. Talvez ele ache que as pessoas frequentemente tiram fotos de si mesmas segurando um pedaço de papel com os detalhes de seu contato. Talvez ele ache que todos nós posamos em frente a placas de trânsito, e apontamos para qual casa nós moramos, só para o caso de algum estranho encontrar nossa câmera e quiser aparecer de repente. E vamos dizer que, por qualquer razão, seu sonho mais selvagem se realizasse, e tivesse uma foto desse tipo, e aí?

Eu dou um jeito, certo? Bato na porta e digo “Oi! Meu amigo e eu revelamos suas fotos particulares e então as examinamos cuidadosamente para que assim pudéssemos vir à sua casa e ver você!”. Ela nunca mais deixaria que alguém tirasse fotos dela.

— Que tipo de santo é você? — ele disse.

— Eu não sou santo — eu disse. — É que…

— O quê? Você não está curioso? Preferiria nunca saber o que tinha na câmera?

— É que… Isso pode ser considerado algo horrível.

Dev apertou seu chaveiro. *Levante-se do seu túúúmulo!*

— Como isso pode ser relevante? — eu disse.

— Eu só quero dizer “vá em frente”. Desculpe, achei que fosse ser mais

poderoso do que foi. De qualquer forma, quem vai saber? Você não tem que escrever sobre isso no jornal. Nós podemos olhar descaradamente e então jogar as fotos no lixo, se for preciso. Além do mais, é descartável, e é bem provável que estarão todas embaçadas e uma porcaria. Ela deve ser uma daquelas estudantes antenadas que tiram fotos de pombas e de luvas perdidas sobre uma cerca e, então, escreve legendas pretensiosas, tipo “Verossimilhança” ou “A mente é sua própria bússola”.

Eu concordei. Dev estava certo. Havia sempre a chance remota de ela ser uma idiota.

Mas eu sabia que ela não era. E desde já gostaria de fazer tudo certo com ela. Parece estranho, esquisito, mas eu sentia que devia alguma coisa a ela. Ela não era exatamente uma estranha; ela sorriu para mim.

E então, e então e então… Eu também sabia que tinha feito isso antes. Eu já tinha me sentido assim. Na escola, com certeza. Na faculdade, também, talvez. Algumas vezes na minha vida, de qualquer forma, quando eu colocava uma ideia na cabeça sobre alguém, eu permitia que ela corresse livremente e se desenvolvesse.

Havia Emily Pye na escola. Um ano a menos que eu, e linda; ela sorriu para mim uma vez enquanto passava com suas amigas perto dos portões. Pelo menos, foi o que pareceu. Eu percebo agora que ela sorriu simplesmente porque passou por mim. Não havia “para mim” nessa história. Nossos olhos encontraram um meio sorriso e ela desviou o olhar rapidamente.

Mas aquele sorriso me deixou obcecado a tarde toda, a semana toda, e todo o último semestre da escola. Emily Pye tinha sorrido para mim! Isso significava que… Ela *gostava* de mim. De repente, por ser uma garota linda e um ano mais nova, ela se tornou tudo e qualquer coisa que eu queria ou desejava ter como companheira. Ela era perfeita e gostava de mim! Ah, Emily Pye, que momentos nós teríamos! Viajaríamos, e então iríamos nos estabelecer e ter uma sala de estar com janelas grandes que acolhem o sol, e prateleiras cheias de livros, e iríamos manter um pequeno apartamento em Nova York, ou talvez em Paris, caso tivéssemos um filho e não tivéssemos milhagem o suficiente para subir para a classe executiva. Eu me sobressairia no trabalho, e você também trabalharia, pois sou moderno e encorajo esse tipo de coisa, e talvez, quando estivéssemos mais velhos, começaríamos a usar óculos um pouco retangulares e longos casacos de lã, e ainda assim iríamos nos dar as mãos e passear no parque, e buscar comida pronta também, pois não é porque estamos velhos que não podemos ser descolados.

Emily era exatamente um ano mais nova do que eu, e todos sabem que essa é a idade exata que uma namorada deve ter. Eu estava distorcendo qualquer fato

para fazê-lo caber na minha realidade, para torná-lo meu destino. Tudo que eu queria era encontrá-la de algum jeito, e então eu sairia das aulas pensando que ela pudesse querer o mesmo, e aí nos encontraríamos nos corredores. Eu andaria com minha bicicleta perto da casa dela, usando meus óculos espelhados Aviators, e me imaginaria evitando um roubo ou salvando a vida de uma criancinha só para chamar a atenção. Emily Pye passou de um alguém em que eu nunca havia pensado para um alguém em que eu não conseguia parar de pensar, só porque agora ela me parecia atingível. Ela tinha me notado. Havia alguma coisa lá! Eu estava na jogada!

E então escrevi uma carta de amor para ela. Bem, não uma carta de amor exatamente. Uma mensagem curta, dizendo *Acho que deveríamos nos encontrar!,* de certa forma me acovardando de conversar com ela apropriadamente e passando a bola para ela, mas sob um manto de mistério e uma pose de adulto. E uma noite, após discutir isso por muito tempo com meu amigo entediante, Ed, pensei, sim, vou fazer isso, pois eu genuinamente acreditava, na minha cabeça adolescente estúpida, que ela estava esperando por isso. Esperando pelo meu passo. Esperando por esse momento.

Então, coloquei o bilhete embaixo da porta e dei meia-volta, muito rápido. E, um ou dois dias depois…

Zzzzzz.

Espera.

Eu fui sacudido de todos os pensamentos sobre Emily Pye por causa de uma mensagem de texto. Eu parei de andar, e Dev também.

— O que foi? — ele perguntou.

Desculpe por ter sido dura com você ontem. Eu ainda te valorizo, Jase. Talvez devêssemos conversar. Eu tenho muito para dizer.

— Você sabe quem — eu disse, e Dev fez uma cara de “Ah!”.

Reli o texto várias vezes. Ah, apenas me deixe envergonhado, e permita que eu vá para casa e sente no meu quarto. E a frase “Tenho muito para dizer” nunca foi tão pouco atraente. “Tenho muito para dizer” significa “Tenho muito para te dizer” e “Tenho muito para te dizer” significa “Eu gostaria que você se sentasse e ficasse paradinho enquanto digo exatamente o que acho de você”. E eu não podia encarar isso. Ainda não. É, eu teria de vê-la em algum momento, pois acima de tudo nós ainda éramos amigos, por assim dizer. Amigos: o que nós sempre fomos. Acho que por isso nunca seríamos nada além disso.

Coloquei o celular de volta no meu bolso e dei um meio sorriso para o Dev.

De qualquer forma, fiquei sabendo da Emily Pye um ou dois dias depois, por uma de suas amigas. Assim como todos da escola, a maioria delas também viu minha carta. Acontece que ela não fazia ideia de quem eu era. Nem uma

vaga ideia, nem um “ah, o que, *aquele* cara?”.

E mais uma vez eu apresento a você: esperança. *Tchã-ram!*

Eu decidi,então, que não olharia mais as fotos.

Minha mãe e meu pai estavam na cidade naquela noite, vieram de Durham.

Eles assistiriam ao *Billy Elliot* pela quarta vez com Jan e Erik e ficariam no hotel de sempre, em Bayswater. Eles não perceberiam que os 40 reais que economizam por noite ficando por lá estão gastando para pegar o táxi até o teatro e voltar.

— Parece que nós estamos sempre vindo até você! — ela disse, irônica, assim que me viu. Nós estávamos no restaurante húngaro de sempre, o Gay Hussar no topo da Greek Street. Sempre comemos lá porque meu pai gosta de olhar as caricaturas na parede, aquelas do Michael Howard e John Cole, então ele pode fingir que passou sua vida no centro do governo, quando, de fato, passou a maior parte no Bryant & Hawesworth Cladding & Ceiling Services Ltd. Minha mãe gosta de sopa fria de cereja silvestre, embora eu ache que ela gosta mais de dizer que gosta do que realmente gosta. Na verdade, ela nunca havia preparado uma para o nosso chá da tarde.

Desde que Sarah e eu nos separamos, sempre tenho a impressão de que eles não ficam mais tão felizes em me ver. Paranoia, é claro, mas eu sabia que eu não era o mesmo. Eu era apenas o Jason novamente; apenas o Jason que sempre fui. Sinto que eu era uma torre que finalmente o mundo estava feliz em ver. Demorei anos para ser construída e ninguém esperava que fosse ser terminada. E agora, quando os últimos tijolos estavam à vista, o grandioso projeto de todo mundo tombou e se desintegrou, e havia pedaços empoeirados jogados pelo chão, e todos *sabiam* que teriam de me reconstruir, mas não estavam preparados para começar imediatamente.

— Por quê? — eles queriam se lamentar. — Por que você nos afastou da nossa Sarah?

Mas eles eram fiéis. Eles sempre me amaram. Eu sempre senti uma acusação distante, ainda que, de certa forma, eu os tivesse feito perder tempo. Isso me fez retroceder à adolescência.

— É, bem, vocês só vêm aqui para ver *Billy Elliot* — eu disse, finalmente.

— Nós viemos até aqui para ver você — disse meu pai. — *Billy Elliot* é apenas um bônus.

— Então, como estão as coisas? — mamãe perguntou, mudando de assunto, da maneira que sempre fazia. — Como estão os “textos”?

Ignorei as aspas manuais.

— Indo bem — eu disse. — Recebi algumas comissões de trabalhos que tenho de terminar hoje à noite, então eu terei de…

Pude ver seu rosto desmoronar rapidamente.

— Caso contrário, você sabe. É um mercado difícil. Há recessão.

— Bem, você está bem sem dar aulas — ela disse, acenado a cabeça para si mesma. — Então, é claro, me parece uma opção, não é? Mas você está bem mesmo. Não está?

— Estou — eu disse, analisando uma salsicha.

Acho que deveríamos falar do Stephen. Mas deixei essa atenção invejosa em mim para apenas mais um segundo triunfante antes de eu dizer:

— E como está o Stephen?

— Ele está bem! — disseram, quase em uníssono.

Meu irmão, Stephen, estava bem. Mas esse não é um daqueles contos de rivalidade entre irmãos. Eu não tinha inveja da vida dele. Não vamos dizer que não era boa; era magnífica, caso goste desse tipo de coisa. Ele era chefe de operações da MalayTel agora, seus filhos eram corados e saudáveis, sua esposa engraçada, batalhadora e estava mergulhada em planos para sua novíssima piscina azul-celeste. Eles viriam para o Natal, mamãe disse, e de repente percebi que eu receberia algumas palavras de incentivo este ano em vez de apenas presentes.

Mas não, eu invejava o Stephen não pela sua vida, mas pela sua disciplina e foco. Ele foi sempre pelo mesmo caminho. Da universidade ao seu primeiro emprego em Cingapura, do encontro com a Amy na sua primeira semana de trabalho na empresa à formação de sua família, e crescendo na empresa com uma previsibilidade solene. Era como se ele tivesse recebido todos os seus planos de cinco anos de uma única vez e os tivesse colocado na mesma planilha no Excel, pronto para gradualmente aumentar um por um. Eu estava feliz por ele, mas frustrado também: ele estava feliz, e eu tinha minha própria marca da desilusão da classe média.

— E… Você tem visto a Sarah ultimamente? — mamãe perguntou, audaciosamente, com a mais leve das esperanças em seus olhos.

Tenho! Eu queria dizer. Tenho, eu me esqueci de contar! Nós resolvemos tudo! Nos encontramos, tomamos um *milk-shake*, percebemos que tudo não tinha passado de um mal-entendido e agora estamos bem!

Eu gostaria de dizer isso a ela. Gostaria de dizer isso para mim.

— Ela está noiva — eu disse e balancei a cabeça, e por baixo da mesa meu pai apertava a mão da minha mãe, com força.

EU TINHA TRABALHO para fazer.

Estas críticas. As Melhores dos Anos 1980… (fácil, dê o nome de algumas músicas, finja que somos muito mais legais agora, faça uma ou duas referências à década de 1980). Uma importação americana iniciada por uma banda de

amigos barbados (encontre algumas citações que mostrem que eles sabem o que estão fazendo e reescreva-as). E um documentário elogiado no festival de Sundance sobre animais que pintam (e ao qual eu tive, realmente, que assistir).

Mas isso, é claro, foi o motivo de eu ter parado de dar aulas. Ou, pelo menos, foi no que o ensinar tinha se tornado; escrevendo artigo às pressas e sendo bem recepcionado e celebrado pelos literatos de Londres, eu era o novo menino de ouro com potencial e opiniões para se aproveitar.

Eu tinha dito meu adeus e feito meu discurso na festa de despedida que eles prepararam para mim na Chiquita's, que fica na rua principal. Eles me deram um troféu em miniatura com o meu nome gravado e "Grande Probabilidade de Sucesso", e bebi tequila e brindei aos sete anos felizes. E, então, a Sra. Haman, chefe das Letras Clássicas e História, teve uma tontura por um momento e derrubou um vaso, o que me pareceu uma boa hora para ir embora. Ao sair nós fomos pegos por Michael Shearing e sua gangue, encapuzados, alguns deles de bicicleta, reunidos ao redor de uma lata de cerveja que alguém tinha deixado perto do lixo.

— Ei! Senhor! — ele gritou. — Tá nervoso?

— Não é mais "senhor" — gritei de volta.

— O que é então?

Eu me esforcei para achar uma resposta.

— Lorde! — eu tentei. Ele não entendeu a piada. Se não estivesse no YouTube, e não tivesse um homem caindo, Michael Shearing nunca entenderia a piada.

— Lorde? — ele disse, e então um de seus colegas, Dave Harford (talvez?), murmurou "*Gay*lorde", e então eles riram. Eu deixei que eles rissem de mim e os xinguei. Porque eu estava finalmente livre de todos eles.

Livre. Livre para sentar aqui, nesta sala, aproveitar meu sonho: tomar café com leite em uma caneca da CodeMasters sentado em uma mesa instável, em uma sala em cima de uma loja de *video game*, ao lado do lugar que todos pensavam ser um bordel, mas não era, assistindo a um filme em um MacBook desgastado sobre animais que sabem pintar.

Quem está rindo agora, Michael Shearing?

Eu sei o que você está pensando. O dinheiro, certo? O dinheiro deixa tudo melhor? Bem, não. O dinheiro é atraente. Eu talvez possa assumir a entrega de jornal em domicílio feita por Dave Harford. Isso com certeza seria um passo mais firme para entrar na mídia. Certamente mais provável do que ser bem recepcionado e celebrado pelos literatos de Londres. Mas isso era um começo. Sarah e eu sempre tivemos grandes planos, e tínhamos economizado adequadamente e bem. Conforme as coisas começaram a desmoronar, e embora

negássemos isso um para o outro, acho que cada um de nós estava secretamente de olho na sua metade. Outra coisa boa de viver na prática: a esperança some, mas pelo menos as economias rendem juros.

Eu tinha, então, uma conta bancária decente, não pagava aluguel e estava sempre de olho em algo maior. Reportagens de destaque, talvez, ou viagem. Algum tipo de especialidade. *London Now*, *Vanity Fair,* ou *Conde Naste Traveller,* ou *GQ* depois. Os dias em que eu dava opiniões que eu não tinha para pessoas que não se importavam estavam contados.

Só os assessores de imprensa realmente se importavam. E os artistas, é claro. Eles eram os que mais se importavam. Mas havia os assessores de imprensa entre mim e eles, e editores entre mim e os assessores, então, não deixei isso afetar minha integridade jornalística, porque às vezes parecia que eu tinha pouco. Apenas o suficiente para assistir a *Pegadas: o lado selvagem da arte.*

Eu apertei o *play.*

— COMO FOI O FILME? — Dev perguntou.

Era a manhã seguinte e Dev tinha pasta de dente ao redor da boca.

— Brilhante — eu disse, me apoiando no balcão. — Você sabia que leões-marinhos às vezes pintam de laranja quando estão tendo um dia difícil?

— Sério? — ele disse.

— Aparentemente.

Eu assisti ao filme do começo ao fim: tinha um gato sentado em um cavalete esparramando tinta por todos os lados com suas patas. Havia também um elefante impressionista, esparramando descuidadosamente tinta azul sobre uma tela gigante com sua tromba gorda, enquanto uma mulher de chapéu fazia barulhos que davam medo.

Eu poderia fazer melhor do que isso, pensei, mas então percebi que sim, claro que podia, porque eu não sou um elefante.

— O que tem de bom para hoje? — perguntei.

— Um sujeito vai trazer uma edição limitada da trilha sonora do Sega. Os temas do *Golden Axe, Out Run,* os clássicos.

— Você não tem toca-discos.

— Ter o vinil é o que importa. E você? O que está planejando?

— Vou dar uma passada no escritório. Ver se tem alguma coisa acontecendo.

— Por que você não manda um e-mail?

Ele tinha razão. A maioria do nosso trabalho era obviamente feito por e-mail. Mas eu gostava da ideia de um escritório. Eu gostava da interação. Da tradição. Era o mais próximo de uma sala de professores que cheguei nesses dias, e é legal conversar com meus colegas jornalistas. Além disso, eu ficaria

longe da Power Up! e da Caledonian Road.

— E hoje à noite? — Dev perguntou, sorrindo. — Eu te encontro lá ou nós vamos juntos?

— Lá onde? — perguntei.

— Snappy Snaps — ele disse, com os olhos arregalados e aparentemente ofendido. — Charlotte Street!

— Ah, é, é… Eu tenho de ir a esse negócio na galeria. Para o jornal. É na Whitechapel, eu não sei se vou terminar a tempo, então…

— A linda da Zoe vai estar lá?

— Não, ela não vai estar lá.

— Com que frequência você diria que a Zoe fala sobre mim?

— Eu diria que seria um número com um dígito.

— Ah, mas você não sabe com que frequência ela *pensa* em mim.

— Provavelmente menos do que ela fala de você, se isso for possível. De qualquer maneira, tenho esse compromisso e preciso me sentar e imaginar algumas ideias de destaque para eu enviar a uma outra revista, e…

Dev olhou para mim.

— Cara, você não está curioso? Eu estou curioso, e nunca vi essa garota. Até onde eu sei, ela não existe e você comprou uma câmera descartável. Fala sério!

— Ela existe. Mas eu estou ocupado. E essa história tá um pouco… Estranha. Além disso, onde você quer chegar? Será que temos o direito de fuçar nas fotos de uma garota?

— Claro! — ele disse. — Temos!

— Não. Não, claro que não. Teria sido melhor se tivéssemos revelado as fotos em uma hora, para não ter crise de consciência.

— O lugar estava fechando!

— Eu só estou dizendo que, como parte da noitada, nós poderíamos sair impunes. Ânimos elevados! Brincadeiras maliciosas! Mas certamente havia alguma coisa meio ilegal em voltar lá no dia seguinte…

— Droga! — Dev disse, quando a campainha tocou.

— Desagradável mesmo!

— Pawel! — Dev disse. — Entra aí!

Pawel entrou tropeçando, parou um momento para olhar para trás e ver o que o tinha feito tropeçar. Era uma peça de Lego. Não sei por que contei isso.

— Olá, Jason. Dev, você me deve uns 14 reais de ontem, e 21 reais pela *Jezynowka*.

— Pawel, dê sua opinião. O Jase aqui — ele apontou para mim — recebeu umas fotos de uma garota gostosa e agora ele não quer revelá-las.

— O quê? — Pawel disse. — Revela!
— Elas não foram “dadas” para mim.
— Ela as deixou nas suas mãos.
— Isso não é exatamente verdade também.
— Você roubou as fotos de uma mulher? — Pawel perguntou.
— Não!
— Ela sabe que você está com elas?
— Não exatamente.
— Ela vai descobrir?
— Não…
— Revela! — ele disse.

Dev fez uma cara de satisfeito.

Eu almocei no Postman’s Park. O que deu a impressão de que eu tinha um emprego apropriado. Ao meu redor, havia garotas urbanas e homens urbanos, inteligentes e vestidos em camisas brancas feitas sob medida e ternos risca de giz e saias evasê. O coleguismo no trabalho é a primeira coisa que você nota que não existe quando seu escritório é seu quarto. Não me entenda mal, eu gostava de me levantar tarde e ficar por dentro das notícias com o *The Wright Stuff,* minha primeira parada cada vez que eu precisava copiar uma opinião em eventos globais do Anton Du Beke e passá-la como minha. Eu gostava de preparar meu próprio almoço, com *Loose Women* ao fundo, e então me sentar e pensar em ideias que poderiam me levar mais longe no *London Now*. Mas eram em momentos como esse, momentos gastos vendo colegas de outras pessoas sentados juntos, pegando uma colherada das suas saladas do M&S e saladas de repolho, fazendo piadas internas, trocando fofocas maliciosas e coisas sobre quem-ela-pensa-que-é e meias promessas de encontro na sexta-feira no Bar 18. Eu gostava dos fumantes amontoados do lado de fora dos prédios, rindo e ofegando no ar abafado da amizade. Eu gostava quando as pessoas chegavam dizendo “olá” para o segurança, mas o ignoravam às 18 horas e corriam para a liberdade.

Não sinto falta de dar aula. Nunca tive a ambição de ser um educador. Não é tão fácil quanto parece. E não é que eu seja do tipo intelectual. Acho que, se eu fosse, diria assim:

Atitude: Sim.
Aptidão: Não.
No geral: Talvez.

Eram as crianças, principalmente. O trabalho era legal, mas as crianças não. E embora eu tivesse tentado de início, não demorou muito para parar de tentar.

Aí vai uma conversa franca e real que ouvi semana passada. Eu estava parado na plataforma na Essex Road, e de algum lugar à minha esquerda ouvi

uma voz familiar. Era Matthew Fowler, um garoto para quem dei aula no meu primeiro ano no St. John's. Ele se foi em um piscar de olhos, deixou sua marca no mundo, mas não antes de quase cegar, com um compasso, um garoto um ano mais novo. E agora aqui estava ele, no seu celular, com um capuz, moletom puxado bem para cima, hematoma horrível no braço. Eu instintivamente me desviei dele e coloquei o jornal no meu rosto, uma cópia do dia anterior do *Metro,* já que você perguntou, mas não conta para a Zoe; seria uma grande ofensa. Não sei por que me escondi. Ele nunca me reconheceria. Como professor, eu o impressionei menos do que ele me impressionou.

Então, de repente, outra voz, essa desconhecida. Algum tipo de amigo da família.

— Maffew! — ela gritou. — Não te vejo há anos! Como está sua mãe?

— Tudo bem — ele disse.

— Você tá casado, então?

— Não — ele encolheu os ombros.

— Não tá casado? Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

— Vinte e um? — ela disse, desacreditando. — Você já deve ter um *bebê*, então?

— Tenho — ele disse. — Dez meses.

— Caramba! — ela disse, aliviada. — Eu ia *dizer…*!

Por qualquer razão era difícil fazer com que Matthew Fowler se interessasse por erosão do solo. Mas isso parece cruel, complacente e vazio. Havia claramente circunstâncias atenuantes, você diria. Um lar destruído, talvez. Abuso. Não. Matthew Fowler não dava a mínima. Simples assim.

E quando falamos em dar aulas, nunca fui considerado como Michelle Pfeiffer, que transformava geografia em rap, inspirando e unindo através da confiança em mim mesmo, confiança nas *crianças.* Não. Eu queria criticar bandas ruins e ficar acordado até tarde e assistir a filmes sobre arte animal. Na verdade, talvez fosse eu que não dava a mínima.

Terminei meu sanduíche de presunto com mostrada e esmaguei o plástico, de pé para ler a placa do lado oposto.

JOHN CRANMER, CAMBRIDGE, 23 ANOS. Um vendedor do The London County Concil afogou-se perto do Ostend enquanto salvava a vida de um estranho e um estrangeiro. 8 de agosto de 1901.

Olhei para pessoas em seus bancos, com suas saladas e *smoothies*. Eles leram isso? Isso os faz continuar iguais? Assim… Inúteis?

Engoli o resto da minha *Polo-Cockta* e a arremessei no lixo.

— VOCÊ SABE que pode nos enviar isso por e-mail, né?

Eu já tinha conectado o cartão de memória e murmurei minha desculpa.

— Eu estava passando por aqui.

— Você sempre está passando por aqui. Para onde você sempre está indo?

— Pra lá e pra cá — eu disse. — Eu sou um homem muito misterioso.

— Nada a seu respeito é misterioso, Jason — ela disse. — Você é um livro aberto. Eu já o li algumas vezes, sei de cor. E então, pronto para ir à galeria hoje à noite?

— Sim, Zoe. Eu sei, às sete.

— Dizem que o sujeito é um gênio. Não que eu queira comprometer suas opiniões.

— Você o conhece?

— Ele é noivo da minha prima.

— Ah, serei gentil…

Transferi os arquivos para o computador da Zoe, o que significava que eu teria de me inclinar perto dela, o que significava que ela teria de mover sua cadeira um pouco para trás, mas ela só podia movê-la até a parede e por um ou três segundos nós ficaríamos muito próximos. Não dissemos nada. Teria sido estranho, então apenas ouvimos as pancadas e zunidos do seu computador. Mas ela cheirava bem. Cheiro de café e menta. Por um segundo me questionei sobre nosso futuro.

— Vou entregar para o Rob — ela disse, enquanto eu me levantava.

Rob é o editor das críticas. Eu não sei o que isso significa. É a Zoe que distribui tudo.

— Ótimo. Certo.

Fiquei em pé lá e pisquei algumas vezes, de nervoso.

— Então…? — Zoe disse.

— Então, eu vou indo, a menos que…

— A menos que..?

Suspiro.

— Que você tenha mais trabalho?

Zoe sorriu, de uma forma estranha. Não exatamente frustrada, mas como se ela pensasse que eu não fosse, você sabe, pedir mais trabalho. Uma coisa estranha acontece em uma amizade antiga quando de repente há dinheiro em jogo. Mas daí, coisas o suficiente ocorreram ao longo dos anos a fim de estragar essa amizade. Era extraordinário ainda sermos amigos, de certa forma. Jason e Zo.

— Falando em trabalho, que é o que essencialmente temos feito esses dias — ela disse, agora um pouco mais rigorosa —, sua crítica do Abrizzi’s saiu essa manhã.

Ai, que droga.

— Saiu?

— É.

Droga, droga, droga. Por que ela estava falando nisso?

— Eles telefonaram. Queriam falar com você.

— Queriam?

Droga.

— É. Mas falaram comigo mesmo.

Fui pego. *Majestosamente* pego.

— Eles querem usar sua citação.

— O quê? Qual delas?

— "Uma fatia feliz de uma pizza sem graça", ou alguma coisa do tipo.

— Ah, tá! Só isso que eles disseram?

— Foi sim. Bem, a editora está interessada em espalhar nosso nome por aí. Foi o que disseram semana passada. Querem que sejamos um "Recomendador de Londres". E agora que nós os introduzimos formalmente como o salvador da comida italiana, o Abrizzi's irá publicar um anúncio. Todo mundo saiu ganhando.

Ufa!

— Bem, diga a eles que tudo bem, então.

— Sortudo, visto que a decisão não é sua. Nem nossa, na verdade, nem de um nem do outro. De qualquer forma, eles farão circular um *voucher*, e darão para você também. Como agradecimento. Eu disse que geralmente não era permitido, mas então me lembrei de que não somos da maldita BBC, então é refeição gratuita para você e… Quem quer que você queira levar.

— O Dev, provavelmente.

Zoe olhou para mim, e eu esperava ser um olhar de admiração e respeito por levar alguém como o Dev em quase todo lugar, mas era, na verdade, pena.

— Eu vou ter que ir lá para checar também, algum dia — ela disse. — Checar essa pizza mágica.

— É. Então. Mais algum trabalho?

Ela segurava um ingresso.

— O Rob ligou que está doente. De novo. Estou começando a acreditar nele. Tem uma sessão de cinema às quatro. Topa?

Em uma pequena sala de exibição, em algum lugar ao redor de Chinatown, o filme começou.

Estavam eu, alguém do *Time Out* e um sujeito de barba da Rádio 1, que riu como um bobo o filme todo. No fundo, o crítico que trabalhou no *The News of The World* estava sentado, imóvel e em silêncio, não levantou a caneta nenhuma vez, seus olhos melancólicos e entediados. Eu já estive em outras exibições com ele.

Ele parece não gostar de nada que vê. E ainda assim é o nome dele que você verá brilhar nos ônibus, embaixo de palavras como “HILÁRIO!!!” (com três exclamações) ou “UMA PROFUSÃO DE RISADA!!” (com duas) ou “O FILME MAIS IMPORTANTE DA DÉCADA!” (com uma exclamação séria e importante).

Estaria tudo bem se alguma dessas exclamações, ou todas, se aplicassem ao *SuperTroopers.*

A exibição de hoje era uma comédia adolescente, na qual muitas pessoas lotam os shoppings. Havia garotas gostosas e meninos nerds, e uma cena de briga de comida na cantina, e no meio eles cortaram para um menino gordo embaixo de uma mesa engolindo hambúrgueres que tinham sido jogados fora. Foi o único momento que o homem do *Mirror* riu, o que acordou o cara do *Mail*.

Eu parei de prestar atenção mais ou menos na metade. Comecei a pensar na noite que estava por vir. Sutilmente, tirei do bolso o panfleto da galeria. Pude sentir um assessor de imprensa em algum canto no meio da escuridão, me olhando para se certificar de que minha atenção ainda estava voltada para a tela. Eu o dobrei novamente, como se, de alguma forma, fazer isso tivesse sido um erro, mas quando eles se viraram de costas, disfarçaram.

Enigma: Uma Jornada do Ego ao Id através de Você, de Mim e Deles.

Jesus, acende a luz!

A imagem principal era horrível. Jesus na cruz segurando um Cup Noodles em uma mão e uma cópia do *Heat* na outra. Eu sabia como seria a noite. Vinho branco quente em copos de plástico e canapés trazidos da Lidl. Silêncios consideráveis iam pairar diante das telas confusas. E eu estaria sozinho. Haveria uma lista, é claro, e se soubessem que eu era da imprensa, eu ficaria preso a um bate-papo extremamente cordial, do qual nunca me lembraria, com alguém que jamais veria de novo. E então eu pegaria o metrô e iria para casa escrever, ou talvez assistir ao noticiário das dez e ir para a cama.

Que noite!

— Eu gosto do seu nome — a assessora de imprensa disse, uma hora e meia mais tarde, enquanto me dirigia para a porta. — É como o daquele outro homem, né? Do seriado.

— Jason Priestley.

— É.

— É.

— E aí, o que você achou? — ela perguntou, sendo com certeza esse o motivo por ter me parado.

— Ah, meu Deus, você sabe — eu disse. — Eles devem ter se divertido fazendo o filme!

— É muito divertido, não é?

— Deve ter sido — eu disse. Você precisa ser ágil com essas pessoas. — Meus filhos amariam!

Essa era uma técnica excelente.

— Amariam? — ela disse. — Quantos anos eles têm?

— Ah, eles são, você sabe, novos. Bem novos.

— Quantos anos?

— Eles têm… Quatro.

— Os dois?

— É…

— Gêmeos?

Tentei me sair bem.

— Sim.

— Bem, é para maiores de 18!

— É, eu sei, mas, você sabe, eles provavelmente gostariam das… Cores.

— Que graça, eu amo crianças! Quais são seus nomes?

Ah, deixe-me ir embora, tenho uma galeria horrível para visitar.

— Alex — eu tentei, escolhendo nomes do nada. — Alex é um… E Bob.

— Alex e Bob? — ela disse. — O quê? Igual do filme?

É?

Eu vi o pôster por cima dos ombros dela e peguei os nomes do filme. *Alex & Bob se F**em.*

— Tchau — eu disse.

QUANDO EU FINALMENTE SAÍ de lá, havia uma mensagem no celular.

Pronto?

Era do Dev. Eu li.

Estarei no Fitzroy. É melhor você ir para lá.

Olhei para o meu relógio. Ele já estava lá. E se tivesse buscado as fotos? Eu ainda estava com o recibo, mas ele poderia ser persuasivo. E se eu apenas desse uma passada lá, só para ter certeza de que ele não estaria fazendo nenhuma mutreta?

Não. Está fora de cogitação. Sou profissional. Estou trabalhando.

Olhei novamente para o panfleto de abertura da galeria.

Enigma: Uma Jornada do Ego ao Id através de Você, de Mim e Deles.

Jesus e um pote de Cup Noodles de frango e cogumelo.

Eu bati levemente nos meus lábios.

— DROGA! — disse Dev. — Ela é casada.

Olhei para a foto na minha frente.

Havia outras, é claro, mas essa era a única que eu realmente precisava ver.

— Ela é casada! — ele disse.

Eu não sei o que eu estava esperando. Nem sei que tipo de esperança tinha.

Nós cometemos o crime, é claro. Pegamos as fotos. Fizemos exatamente o que tínhamos de fazer, e estávamos na Snappy Snaps em um instante.

E agora, aqui estava ela. A Garota. Havia um brilho em seu rosto, e aquele sorriso…

Fiquei chateado. É claro que ela era casada.

— Pensando bem — Dev disse, apontando para A Garota. — Não parece um vestido de casamento. Quem se casa com uma coisa dessas?

— É, então o que é *isso*?

O que quer que fosse, era horrível. Era a única palavra aplicável, embora nenhuma delas eu usaria na presença dela, obviamente. Era um vestido verde esquisito, parecia ter sido desenhado por alguém que nunca viu uma garota. Ou um vestido.

— Mas com certeza esse é o namorado dela. Olha a linguagem corporal.

O homem, bonito, urbano, provavelmente sabe esquiar, tem várias motos potentes, pode, sem dúvida, dizer a diferença entre vinho tinto e branco, estava com o braço em volta dela, e ela estava contente. Realmente contente. Ele estava contente também, e por que não estaria? Ela é formidável. Apesar do vestido. Eu me peguei maldizendo o relógio grande e o bronzeado dele.

— Ele é bonitão, não é? — disse Dev. — Provavelmente é culto, também. Provavelmente ele fala “seios”. Ainda. É melhor assim. Você não ia gostar de vê-la aparecer em um pub com esse vestido.

— Você está vestindo uma camiseta do *Street Fighter.*

— Eu apenas me vesti. Planejo ver a Pamela logo.

— Quem é Pamela?

— A garçonete. Pam-*eh*-la. É assim que se fala na Polônia.

Eu dei uma olhada nas fotos, levando um ou dois segundos em cada, mas para quê? A Garota tinha um homem com um relógio grande e motos potentes e braço bronzeado e grande ao seu redor.

— Ah, essa é boa — Dev disse.

Ela tinha tirado uma foto dos seus sapatos por acaso. E uma da calçada. Mas as outras… As outras pareciam contar uma história. Um casamento, um carro velho, um cinema.

— Nós deveríamos devolver as fotos à Snappy Snaps — ele disse. — Diga que houve um erro. Ela provavelmente comprou a câmera lá, ou talvez ela pretendesse revelá-las. Ela poderia voltar lá para procurar.

É. Ele estava certo. Ele estava certíssimo.

Dei uma olhada nas últimas fotos, quase como um adeus.

— Nunca se sabe, se você deixar seu número, ela pode entrar em contato

e…

Mas de repente…

…De repente, eu não estava escutando.

Eu estava ouvindo, mas não escutando.

Pois alguma coisa nessa foto, nessa última foto, me chamou atenção.

— Para onde, agora? — Dev perguntou, deixando escorrer sua bebida. — O que devemos fazer?

Mas eu ainda estava encarando, me esforçando para entender.

Essa foto… Era uma foto tirada em um bar. Havia uma mesa na frente de quem a tivesse tirado, com um café inacabado e o resto de uma fatia de alguma coisa, e uma colher do lado. O bar parecia agradável e bem receptivo, e, pela janela, a luz amarela brilhante de um táxi preto estava quase visível. Um garçom estava limpando, e havia toalhas de mesa xadrez e fotos monocromáticas na parede de celebridades menos importantes, como Andy Crane e Suggs, e do outro lado, cortado ao meio pelo enquadramento e lendo uma cópia de *London Now,* havia um homem.

Na verdade, quem estava do outro lado, cortado pelo enquadramento e lendo uma cópia do *London Now* era *eu.*

“Aquele que recusou um conselho,
mais tarde foi visto sangrando.”

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Olá?

Espero que tenha alguém aí. Há um botão que eu possa apertar para saber?

Olá?

Eu escutarei os meus amigos no futuro. Se você é meu amigo, talvez possa me ajudar com isso. Escutarei seu conselho. Então, se você tem alguma coisa para me dizer, vá em frente e me diga, pois escutarei, e parece que não sangrarei, o que é bom, não é? Especialmente se eu estiver na sua casa, você não vai querer que eu sangre em todo lugar.

Mas sei que escutar é importante.

Porque o problema é, ou pelo menos tem sido, que às vezes você fica surdo quando o que você pode ver é tão irresistível.

Então tá. Vou escutar.

Desde já, obrigado.

Obrigado!

CAPÍTULO 5
OU “PARA ONDE QUER QUE EU OLHE”

— ISSO É LOUCURA — Dev disse, enquanto caminhávamos para o metrô.

— Eu sei — eu disse, e só pude dizer isso. Minha mente estava acelerada.

Chequei meu bolso. As fotos ainda estavam lá. Elas inesperadamente tornaram-se preciosas, e por alguma razão eu não conseguia deixar de olhá-las.

— Não, quero dizer, isso é uma loucura. Absolutamente uma *loucura*. Você tem ideia de quão insano isso é?

— Eu sei exatamente quão insano é. É uma loucura.

— Não, colega, é completamente louco. É você. Você, na foto. Na foto que ela tirou pouco antes de você acabar com aquela máquina na sua mão. E se você nunca tivesse revelado o filme? Você nunca saberia que…

— O quê?

— Bem, é o destino, não é? Deve ser. É o destino!

Tentei ignorar o que o Dev estava dizendo, mas era difícil. Era eu na foto. Uma parte de mim, e não particularmente a melhor parte, mas era eu mesmo assim. Sentado lá, jornal aberto na mesa, empurrando uma salsicha para dentro da boca. E este não era um lugar regularmente frequentado por mim, o Café Roma. E é pouco provável que alguém tirasse uma foto lá antes das 18 horas durante a semana e ainda me pegasse devorando uma salsicha romana. Eu tinha ido lá talvez duas vezes antes, ambas as vezes após uma ida solitária ao cinema na Tottenham Court Road, e nessa vez eu tinha ido lá porque era meio familiar, eu estava por perto e estava com fome.

— Vocês têm uma ligação agora — Dev disse, olhos brilhantes. — Se ela for *hippie*, você pode persuadi-la a pensar que é o universo juntando vocês. Se ela não for, você pode se interessar pelo seu lado anedótico. Seria uma ótima história “como nos conhecemos” para ser contada em jantares. Ela tem cara de que vai a jantares. Eu gostaria de saber como é ir a jantares.

— Você ainda está falando? — eu disse, mas nós dois sabemos que eu estava tentando parecer neutro. A verdade é que eu estava meio animado. Eu não tinha razão para estar, racionalmente falando. Eu provavelmente estou em muitas fotos de estranhos. Bem, agora mesmo existe a possibilidade de uma família em Osaka estar passando *slides* de sua viagem para Londres e eu estar em uma delas, comendo um picolé Calippo e piscando no plano de fundo perto do semáforo na Trafalgar Square. Eu provavelmente estou no plano de fundo de centenas de outras fotos, atrasado para o trabalho, de ressaca ou exausto, bebendo uma lata

de Coca-Cola perto da Westminster ou olhando para as garotas no Heath, capturado e imortalizado para sempre nas lembranças de alguém.

A única coisa estranha foi ver uma dessas fotos.

Eu me perguntei se A Garota tinha me notado lá. Eu não tinha visto ela. Eu estava muito preocupado lendo minhas últimas produções no *London Now*, perturbado enquanto eu me perguntava por que os subordinados tinham insistido em mudar quase tudo que fiz e então não era mais tão incisivo ou perfeito quanto eu queria. Eu comia salsicha com molho, tomava uma xícara de chá doce e estava analisando a programação para ver o que passaria na televisão naquela noite. Mas em nenhum momento notei A Garota, e em nenhum momento ouvi um clique ou vi um *flash.* Se ela tivesse me notado, se eu tivesse sido promovido de mais um para a bola da vez na sua vida, ela não teria fingido quando eu a ajudei com suas sacolas. Talvez aquilo fosse um mau sinal. Eu nem tinha entrado no radar dela. Mas, então, ela arrumou um namorado. Um com relógio grande. Por que eu teria de entrar no seu radar? Eu uso um Swatch.

Mas e se…? E se houvesse uma ligação?

NA MANHÃ SEGUINTE, tentei me convencer de que por mais estranho que parecesse, essas coisas acontecem. E daí? Ela estava terminando o filme antes de levá-lo para revelar, e aconteceu de eu estar por perto quando isso ocorreu. Afinal de contas, foi só porque eu estava por perto da primeira vez que a vi naquela noite. O que parecia ser uma enorme coincidência era apenas o início de uma conversa. Apenas para quebrar o gelo, na melhor das hipóteses. Um “ei-aqui-está-a-coisa-mais-engraçada”.

Mas o Dev não se deixava enganar. E ainda estava muito impressionado com o que tinha visto, assim como com as ramificações espantosas dessa história toda.

— Meu irmão, as pessoas têm filhos por muito menos.

— Quando você começou a dizer “meu irmão”? E é isso que você acha que eu devo dizer a ela caso a veja novamente? “Oi, você não me conhece, mas apareci no fundo de uma foto que você tirou. Que tal fazer um filho?”

— Jase, você está se esquecendo de todo o resto. O fato de ter achado a câmera dela.

— Isso está muito além da minha competência.

— Você a viu novamente no mesmo lugar!

— Sim, provavelmente ela estava procurando sua câmera.

— Cara! Presta atenção! Esse é o momento! Certo? Agarre-o!

A verdade é que eu queria agarrá-lo. Eu tinha ficado acordado a noite inteira, olhando as fotos, procurando não sei o quê. Você e eu sabemos que eu não sabia nada sobre essa garota, e, mesmo assim, cada vez mais, de alguma

forma eu sentia que sabia alguma coisa sobre ela.

Aqui está o que eu achava que sabia.

Sua estação favorita era a primavera, pois amarelo era sua cor favorita, e narcisos são amarelos. E ela gostava de narcisos, pois talvez tenha crescido em alguma fazenda, e por mais que eu saiba pouco sobre fazendas, imagino que, por vezes, elas têm narcisos plantados. Ela gostava de animais, é claro, por causa desse negócio de fazenda, e também é difícil gostar de uma garota que odeia animais; isso bagunça a ordem das coisas. Mas seu pequeno apartamento em Londres tem mobílias chiques e surradas compradas em um mercado de pulgas no fim de semana e meticulosamente pintadas e reformadas por ela mesma quando se mudou para Londres de... onde? Wales, talvez, onde ela também deixou sua doce infância, o único menino que havia beijado. Bem, o apartamento era muito pequeno para um cachorro ou um gato, então ela apenas os acariciava quando passava na rua e detinha seus donos em uma longa e agradável conversa. Gatos! Era de gatos que ela mais gostava! E ela andava de bicicleta, com certeza, embora as duas vezes que eu a tenha visto ela estivesse em um táxi, e o casaco azul que ela vestia era o seu favorito, e ela o vestia sempre, independentemente do clima.

Eu sabia que era tudo bobagem. Sabia que a figura que estava pintando dela era apenas a de uma garota que eu queria conhecer, não interessa o quanto é clichê falar do amor pelos animais, ou da velha e enferrujada bicicleta, ou do casaco azul que ela levava para todo lugar, ou do frescor dos narcisos do florista que ela cumprimentava todos os dias no seu caminho para o trabalho.

E então, o trabalho. O que ela fazia? Novamente, as ideias poderiam ser melhores do que a realidade. Na minha cabeça, ela era talvez uma redatora publicitária, trabalhando com textos secretos mas importantes, e garantindo que professores pegassem seus sanduíches antes que a mulher do *New Scientist* chegasse, ou o colega do Serviço Mundial aparecesse para gravar uma entrevista sobre um Marantz antigo e desgastado. Ou talvez fosse aluna de artes, com a mente livre e cheia de ideias, e um arco-íris pintado nos dedos dos pés e um coelho chamado Renoir.

Ou francesa. Eu honestamente não me importaria se ela fosse francesa.

A verdade, é claro, é que ela provavelmente estivesse procurando emprego. Através de uma agência de empregos que quebrou várias diretrizes de segurança ambiental da União Europeia no final de 1990 e estava no *Watchdog*[5]. Aquele casaco azul era tudo o que ela conseguiu encontrar naquele dia. Ela não ligava para animais. Ela não conseguia soletrar “narciso”. Fumava Marlboro vermelho, não suportava crianças e nunca esteve em Waterstones. E se ela tivesse uma bicicleta, não seria uma velha e enferrujada com cestinha na frente e folhas de

plástico na roda, seria uma lustrosa de titânio, que ela tinha ganhado de seu irmão vagabundo, mas nunca a tinha usado de fato, e entulhou o seu apartamento porque a bicicleta ficava encostada na parede do corredor do quarto, ignorada.

Porque não importa como alguém saia em uma foto; é o que está na parte de fora que conta.

E foi isso o que impediu que minha cabeça voasse pela janela e manteve meu coração e minha esperança exatamente onde estavam, e meus pés em uma loja de *video game* na Caledonian Road.

Coloquei a chaleira no fogo, e Dev mudou o sinal de FECHADO para ABERTO. E, um instante depois, a porta se abriu.

— Olá, Dev. Olá, Jason.

— Ei, Pawel.

— Dev, você me deve 14 reais. E também 21 pelo *Jezynowka.*

— É claro! — Dev disse. — Mas, primeiro, eu preciso do seu conselho.

— Por quê?

— Eu quero paquerar uma garota do seu tipo.

Pawel ficou um pouco pálido.

— Uma garota chamada Pamela. Pam-*eh*-la. Eu preciso de um diálogo. Coisas interessantes para dizer. Sugestões.

Pawel balançou a cabeça.

— Do bar?

— É ela! — Dev disse. — Bonita. Cabelo castanho com mechas loiras.

— É. Você vai precisar de muita ajuda. Ela é talvez a mulher mais chata do mundo.

Dev ficou confuso.

— Ela me parece enigmática.

— Não, não. Muito chata. Uma mulher muito chata.

Decidi deixar o Pawel e o Dev, este atordoado com a informação, e fui para cima.

Trabalho. Não, café. Primeiro café, depois trabalho. Café de verdade. Nada dos instantâneos do Dev. Não que não goste de café instantâneo. Eu só não gosto do instantâneo do Dev. Foi a Sarah que me apresentou um café de verdade. Acho que foi principalmente para se exibir. Olhe para mim com minha cafeteira, minhas xícaras de café apropriadas e meus grãos de café vindos de uma loja boa. Tive a imagem mental dela e do Gary, de repente, tomando leite, sentados de pernas cruzadas e descalços em um chão encerado, vestindo calças brancas de linho numa sala com flores naturais, partindo *croissants* ao meio, ouvindo Coldplay e presunçosamente citando um para o outro a coluna do Charlie Brooker, rindo das tolices.

Tirei as fotos do meu bolso e as joguei na mesa, o pacote verde e amarelo da Snappy Snaps agora amassado e enrugado. Pensei em abri-lo novamente, só para dar mais uma olhada na vida alheia, mas, em vez disso, as joguei na gaveta.

Encontrei o lado manchado de uma folha A5 que tinha apertado bem no fundo do meu bolso e peguei.

Filme, dizia. *Dois rapazes. Alex e???*

Eu não tinha certeza da utilidade que isso teria.

Diretor: Peter Donaldson. Meio engraçado como uma coruja.

Eu pensei. Aquilo era engraçado.

De algum modo, eu tinha de escrever as 250 palavras restantes.

*Alex & Bob se F**em*, escrevi.

Número de palavras: 5.

Eu me sentei na cadeira e reli o que tinha escrito até agora. Gostei. Dei um gole no café e me inclinei para frente novamente.

… *é um filme dirigido por Peter Donaldson.*

Número de palavras: 12.

Tamborilei meus dedos na mesa.

Não se distraia, pensei. Concentre-se.

Liguei o rádio e logo em seguida o desliguei.

Pegue dois sujeitos, escrevi. *Um chamado Alex, outro chamado Bob.*

Número de palavras: 21.

Eu adicionei *e* após Alex. 22.

Tamborilei meus dedos novamente e olhei para fora da janela. Um caminhão estava entregando legumes para a mercearia na esquina. O homem que cuida do restaurante etíope estava colocando as garrafas para fora.

Olhei para a gaveta. Abri. Vi as fotos lá, no pacote.

— Jason! — Dev gritou de baixo. Preciso de um favor!

— O quê? — gritei.

— Você pode cuidar da loja um pouquinho? Pawel vai me ensinar uma música de amor em polonês!

Fechei a gaveta e olhei de novo para o número de palavras.

22.

Nada mal.

DEV TINHA SAÍDO há uns quinze minutos, talvez vinte. A música tema de *Golden Axe* estava tocando na loja, e eu a tirei no momento em que a porta se fechou e coloquei na Magic FM.

Não sei quase nada sobre jogos. Há fatos que eu posso regurgitar e há coisas que eu posso falar, mas conhecer os jogos é diferente. O que faz da interação com aquelas poucas almas corajosas que entram na Power Up! um

acontecimento traiçoeiro. Às vezes eu blefo, se aparenta ser o tipo de pessoa com quem eu possa blefar, mas frequentemente tenho que admitir que eu só tomo conta da loja. Às vezes, eles parecem aliviados. Isso significa que ouviram falar do Dev. A revista *Retro Gamer* publicou uma entrevista com ele recentemente e o chamou de "a última fortaleza de retro games de qualidade no Reino Unido". Ele tinha imprimido a frase nos cartões de visita e emoldurado o artigo atrás do balcão, próximo a uma foto autografada do Dave "o animal incontrolável dos jogos" Perry, um controle que tinha pertencido a Big Boy Barry, e uma foto de Danny Curley, Campeão Europeu dos Jogos de 1992, que ele achou que tivesse vindo à loja, mas era muito tímido para conversar.

O DJ da Magic tinha acabado de fazer uma piada sobre o tempo quando a campainha tocou. Olhei e congelei levemente.

Era Matthew Fowler, um garoto para quem eu dava aula. Bem, não dava aula, exatamente. O garoto que se sentava lá enquanto eu estava lá. Aquele que quase cegou outra pessoa. O pai de um bebê de dez meses, que não poderia estar mais do que dez meses longe de gritar com alguém no programa do *Jeremy Kyle* ou da *Trisha.*

Ele estava com o capuz abaixado e saía um som metálico *tic-tic-tic* de seu MP3 player em algum lugar na sua calça de moletom.

Seus olhos se voltaram para minha direção e depois se desviaram, e ele começou a passar por uma caixa de encartes e CDs de segunda mão.

Ele não tinha me reconhecido.

Relaxei um pouco e comecei a fingir que estava limpando o balcão, mas não consegui parar de olhar para ele, um olhar de fascinação, devo acrescentar, não de desconfiança. O que ele tem feito desde que saiu de St. John's? Por que ele estava aqui? Era um pouco como reconhecer uma celebridade, mas confesso que estava com um pouco de medo de apanhar dele.

O *tic-tic-tic* parou, e ele lançou outro olhar na minha direção. Eu me senti culpado por estar observando o cara, e então me virei e comecei a empilhar coisas que não precisavam ser colocadas em pequenas pilhas.

E, então, ele estava no balcão.

— Olá, senhor.

Ah…

— Olá… Matthew. Matt.

— Você trabalha aqui, né?

Seria estranho se dissesse que não.

Espera aí, eu não.

— Não. Só estou tomando conta. Para um amigo.

Ele acenou com a cabeça e deu uma olhada pela loja.

— É, qual é o nome dele? Eu já estive aqui algumas vezes. Meio nervoso aquele cara, não é?

Isso seria o gancho.

— Você ainda está no St. John's? — ele perguntou.

Ele estava falando comigo, mas olhando para outro lugar.

— Não, eu sou jornalista agora. Mais ou menos. Um tipo de jornalista.

— É, eu vi seu nome no jornal. Não sabia se era você ou o outro.

— O sujeito do *Barrados no Baile?*

— Pela lógica provavelmente não era.

Eu sorri.

— Tá tudo bem com o senhor?

Agora ele estava olhando para mim, timidamente.

— Você não precisa me chamar de "senhor".

— Do quê então?

— Não sei. Sr. Priestley?

De repente me senti ridículo. Eu era um homem parado de frente para um pôster do *Sonic the Hedgehog,* exigindo que um cliente se dirigisse para mim como Sr. Priestley.

— Ou Jason. Me chame de Jason.

Matthew fungou e coçou o rosto.

— Eu te chamarei de Sr. Priestley. Tá tudo bem então, né?

Houve um momento esquisito. Eu não sabia mais o que dizer. Tentei pensar no que o Dev diria.

— Tá. Você encontrou tudo que precisava?

— Só estou olhando.

— Como está seu bebê?

Foi o instinto. Mas agora ele estaria se perguntando como eu sabia. Ele sorriu.

— Eu te vi naquele dia também. Na estação. Achei que não tivesse me reconhecido.

— Qual o nome dele? Ou dela?

— Elgar.

Elgar? Um bebê chamado Elgar?

— Elgar é um ótimo nome para um… Bebê.

— Eu não tenho um filho — ele disse, sorrindo. — Aquela mulher que você viu, ela está sempre falando com todo mundo sobre bebês. É melhor ela achar que tenho um, e que tivesse feito alguma coisa proveitosa com os meus dias.

Eu ri. Elgar parecia uma referência estranha para ele, mas eu gostava.

— Como tem passado?

Ele deu de ombros.

— Escola não era para mim. Não sei o que é.

— Onde você está trabalhando?

— Na garagem do Chapel Market.

E, então, de algum lugar de suas calças, Akon começou a cantar. Ou era o toque do celular do Matt, ou o Akon realmente precisa começar a procurar outros músicos.

Ele olhou o nome no visor.

— Tenho que ir. Satisfação, senhor. Bom te ver. Que bom que está tudo bem.

— Até mais — comecei a dizer, mas ele saiu correndo da loja.

Eu o observei caminhar pela Caledonian Road em direção a uma bicicleta toda enferrujada, que estava amarrada a um poste de iluminação.

Escola não era para ele. Eu sabia como ele se sentia.

Então, a campainha soou novamente e outro cliente entrou. Esbocei um meio sorriso para ele e me virei, não para atendê-lo, eu não estava nem tentando fazer isso. Eu não conseguia parar de pensar no Matt. Mas havia alguma coisa familiar com relação àquele homem, seu bronzeado e seu cabelo arrumado, eu me virei, e lá estava ele, parado na porta, dando um sorrisinho e levantando as duas sobrancelhas finas.

— Olá, amigo — ele disse, com certo tom de tristeza na voz, como se eu fosse um gatinho saindo de uma anestesia e ele o veterinário com um machado no bolso.

CAPÍTULO 6
OU “O CÉU ESTÁ CAINDO”

— Eu sei que você ainda a ama, irmão.

Ah, por favor, não, “irmão” não. Quem, além dos americanos ou de pessoas da década de 1950, diz “irmão”? Gary tem 34 anos e é de Hertfordshire.

Eu tinha fechado a loja, Dev entenderia, e relutantemente concordei em sair para um “café rápido, só uma conversinha, só um bate-papo”.

Eu já tinha gastado uns dez minutos encarando a boca do Gary enquanto as palavras saltavam de lá de dentro. Grandes, palavras redondas, sem sentido e obscuras. E então, como surgindo de um longo túnel e percebendo que você ainda está sintonizado na rádio, ele estava lá.

— … Como deve ser difícil para você, agora que ela está com outra pessoa — ele disse e eu me mexi para prestar atenção. — Mas em certo momento você terá de assumir a responsabilidade pelas suas ações. Levante suas mãos. Diga “eu estraguei tudo”, e siga em frente. Caso contrário, perderá boa parte de sua vida.

Vinda de qualquer outra pessoa, essa última fala poderia parecer intimidadora. Uma advertência. Vinda do Gary, é como se eu estivesse assistindo um episódio bobo do *Dr.Phil.*

Eu tentei impedi-lo.

— Não é que eu ainda a ame — eu disse, encarando meu café, mas ele me ignorou e continuou.

— Nós estávamos lá — ele disse, e notei seu moletom. *Dubai Desert Classic 2004* e um pequeno logotipo dos Emirados. Nada de bolinhas, nada de penugem. Era um moletom bem-cuidado. — Quero dizer, você tem alguém, você perde alguém. Mas o mundo é assim. A vida é curta demais.

De repente percebi quem era o Gary. O Gary era alguém que dizia coisas do tipo “A vida é curta demais” como se ele mesmo tivesse inventado isso. Ele provavelmente se achava um gênio, inventando coisas tão profundas quanto “A vida é curta demais”. Aposto que um dia ele verá essa frase em um adesivo de carro e dirá que alguém roubou sua ideia.

— Você precisa viver cada dia como se fosso o último — ele disse, ao menos fingindo achar isso novo e fixando seus olhos em uma mancha na toalha de mesa. — E se você está obcecado por alguém…

— Honestamente, não estou obcecado pela Sarah — eu disse. — Eu estava bêbado, em frente ao computador, e tudo bem, concordo que cometi erros,

cometi um erro *enorme*, e você pode se gabar um pouco, pois nunca cometeu um erro como esse, mas as pessoas cometem erros, Gary.

Ah, meu Deus. Acabei de dizer “Pessoas cometem erros”. Sou pior do que o Gary.

— Não vale a pena viver do passado — ele disse.

Então, novamente… Ponto!

Essa situação era constrangedora como levar uma bronca de um adulto. Um homem de verdade. Alguém que é perfeitamente capaz de criar um relacionamento sem dificuldades. E esse, eu acho, é o motivo de ele estar se divertindo tanto. Ele não estava conversando comigo por pena ou preocupação. Ele estava fazendo isso para dizer “Olha para mim. Olha o que posso fazer. Eu não consigo fazer isso acontecer apenas com a Sarah, sou bom o suficiente para te dizer onde errou, porque você é um perdedor, e ainda parecer que estou do seu lado. E, definitivamente, ele deveria ter vestido uma cartola”.

— Gary, olha só, é melhor eu ir — eu disse, tentando sair da situação e dando meu melhor para engolir meia xícara de café de uma vez. Arrastei minha cadeira para trás para mostrar que eu estava falando sério.

— Dev pode estar se perguntando por que eu fechei a loja. Ele está aprendendo uma música em polonês. E, às terças-feiras, das 15 às 16 horas, é o nosso horário mais cheio. Horário mais cheio da loja dele. Eu não trabalho lá.

Gary entrou em pânico.

— Antes de você ir, colega — ele disse. — Olha, não é meu papel dizer isso, mas…

Mas o quê?

Ele parou, e estava adorando o suspense. Geralmente, eu também amo pausas dramáticas, é verdade. Posso pausar por até um minuto; é como um dom. Sarah costumava dizer que a vida acontece nas pausas; que algumas pausas são grandes pausas; pausas reconfortantes. A pausa que o taxista te dá no segundo depois que você fala o nome da rua, o segundo depois do aceno que confirma que ele sabe o caminho. A pausa entre as propagandas no cinema, quando a música e as imagens e o barulho desaparecem todos de uma vez, e tudo o que resta é a luz de um celular sendo desligado ou o lento barulho constrangido de um pacote. Mas essa pausa do Gary… Não era uma boa pausa. Não havia nenhum conforto a ser retirado dessa pausa.

— Esqueça.

— O quê?

— Não, não é meu papel.

— O quê, Gary?

Uma pausa final e decisiva. Rápida, dessa vez, mas não mais legal.

— Não.

E, com isso, ele jogou uma nota de cinco na mesa, sorriu e empurrou a cadeira para trás também.

— TUDO BEM.

Gary insistiu em me acompanhar de volta à loja. Tentei mostrar para ele o quanto eu estava ocupado dividindo em duas uma pilha pequena e desnecessária que tinha empilhado, mas, para ser honesto, isso ainda não me fez parecer ocupado. Só me fez parecer um homem com pilhas.

Você sabe o que quero dizer.

Gary pegou alguns jogos e leu suas descrições em voz alta para mim. Gary é dessas pessoas que leem as coisas em voz alta.

— Dois por um! — ele disse, com uma voz animada, enquanto passávamos pela Esso. “Pãezinhos frescos!” Há muito pouco para se dizer em resposta a “Pãezinhos frescos!”, quanto mais “Caledonian Food & Wine!”.

Que ótimo: agora ele tinha encontrado as fotos. Não tive tempo de guardá-las.

— São suas? — ele disse, e eu tive que parar de me contorcer.

— É. Não. De um amigo.

Estiquei a mão, tentei fazer com que ele as devolvesse, mas ele estava fascinado.

— Quem é ela?

— Ela é… Uma colega. Uma amiga.

Uma *amiga*?

Ele se permitiu estudá-la por um momento. Seus olhos pararam na primeira. Eu sabia o que ele estava fazendo. Ele estava comparando-a com a Sarah, medindo para ver quem seria a vencedora.

— Isso é bom, Jason — ele disse e espalhou as fotos na sua frente. — É bom ter amigos.

Balancei a cabeça. Bem, qual era o mal? Se Gary achasse que eu estava saindo com garotas loiras, bonitas e com olhos lindos, talvez ele contasse para a Sarah. Mas, é claro, que ele não contaria. Isso me faria parecer muito atraente. Não, o Gary contaria para a Sarah que eu estava trabalhando em uma loja de *video game* e estava vestindo uma jaqueta de capuz com um marinheiro desenhado.

— Whitby — ele disse, melancolicamente.

— Ahn?

— É Whitby, não é? Reconheci o mosteiro.

Ele apontou para uma das fotos. Ela, quem quer que seja, estava usando um cachecol vermelho e rindo de alguma coisa que alguém por trás da câmera estava dizendo. Era uma das minhas favoritas. Você não podia ver o vento, mas

podia quase senti-lo. Refrescante e gelado, arejado, fresco e limpo. Ao fundo, em cima de um despenhadeiro, estava o prédio que Gary agora apontava com o dedo.

Dei o meu melhor para sutilmente pegá-las. Eram minhas. Você não pode tê-las, Gary.

— Eu costumava ir lá quando criança. Não sozinho, é claro. Meu pai tinha um desses *trailers* e gostava de ir até lá. Quando você esteve em Whitby?

Consegui acenar e balançar a cabeça ao mesmo tempo. Gary entendeu isso como ele quis.

— Bem, boa sorte, Jason.

E eu teria observado ele ir embora, mas eu estava com a foto nas mãos e não queria desviar o olhar.

DEV VOLTOU UMA HORA mais tarde cantarolando um som diferente.

— É *"Bo jestés Ty"* de Krzysztof Krawczyk — ele disse, antes de acrescentar —, e não tenho ideia do que acabei de falar.

— É sobre o quê?

— Amor. Amor eterno, ardente, dolorido. O tipo de amor que só um homem em uma loja de *video game* pode ter por uma garçonete polonesa chamada Pamela. O que você ficou fazendo?

— O Gary veio aqui.

O rosto do Dev se transformou. Mas, secretamente, ele ama coisas desse tipo.

— O que ele queria?

— Me atacar verbalmente. Ter certeza de que não havia mágoa. Me chamar de irmão.

— Ele é brilhante, esse é o Gary! Enigmático.

— Mas também, acho, para me desanimar.

— Como?

— Ele fez uma pausa.

— Ele fez uma pausa?

— Ele fez uma pausa. De propósito. Começou a me dizer uma coisa.
E então pausou. E não me disse o que queria dizer.

— Às vezes as pessoas fazem pausas. Às vezes eu faço pausas.

— Você *aperta* pausa. E não foi apenas uma pausa. Foi uma pausa notável.

— Às vezes eu pauso notavelmente. Pausei notavelmente ontem à noite. As pessoas percebem quando eu pauso. E eu não me preocuparia com isso.

— Eu só acho…

— Não ache nada. Se pensar, você nunca irá superá-la verdadeiramente. Pensar só prolonga as coisas.

Então, decidi não pensar.

NO ANDAR SUPERIOR, terminei minha crítica do Bob & Alex (3 de 5) e encarei a tela.

Enigma: Uma Jornada do Ego ao Id através de Você, de Mim e Deles.

O cursor piscava para mim, tão surpreso com a sentença quanto eu.

Que diabos eu vou escrever?

Examinei o panfleto. Várias palavras inapropriadas estavam em negrito e havia muitos pontos de exclamação.

"Kaiko Kakamara é um dos novos artistas britânicos mais surpreendentes!! Sua visão e tenacidade incendiaram a cena, e seus fãs incluem…"

De repente, perdi a vontade de viver e suspirei, fortemente. A arte é subjetiva, não é? Então, minha opinião é válida de qualquer jeito. Mas é válida mesmo se eu não tivesse visto a exposição?

Acho que sim. Comecei a digitar.

Com fãs incluindo…

E dez minutos mais tarde, a enviei por e-mail.

Eu me reclinei na cadeira e pensei no Gary. Por que ele tinha pausado? E o que ele teria dito se soubesse que eu tinha fotos de uma estranha?

E, então, meu telefone tocou. Era a Zoe.

— Alô, canalha. Como as palavras estão progredindo?

— Eu as enviei minutos atrás.

— O que você achou?

— Você vai descobrir!

— Da exposição, eu estou falando.

Eu peguei o panfleto.

— Ah, você sabe. Surpreendente. Cheia de visão e… Tenacidade.

— Meu Deus, parece maravilhoso. E eu nunca o escolhi para um trabalho relacionado à arte.

— Bem, acontece que eu fui.

— Você se lembra, na universidade, quando estávamos naquela casa na Narborough Road com aquela garota francesa entendida de arte, e Dev e ela pediram para você fazer aquela coisa de posar como modelo e você quase saiu correndo porque achou que ela quis dizer pelado?

Eu ri.

— Ela só queria que você se sentasse no banco e segurasse uma maçã!

Agora ela estava rindo, aquele riso familiar, fumegante. Uma vez na universidade, depois de uma daquelas festas modernas da escola. Sua prima estava na cidade e estava no quarto dela extremamente doente, então Zoe teve de fugir para o meu e nós assistimos *Os Goonies* até de madrugada. E eu sabia que ela

tinha gostado de mim uma vez. Talvez ela ainda gostasse. Talvez isso fosse conveniente para mim, depois de tudo.

— Bem, voltando ao assunto, eu não te vi lá.

— Humm?

— Eu não te vi na galeria.

Eu congelei. Ela estava brincando?

— O que você quer dizer?

— Na exposição. Eu dei uma passada no final.

Isso era um blefe? Ou eu tinha sido descoberto?

— Você estava lá, né? — eu disse, com o que eu esperava ser um tom suave e engraçado, mas o que pode muito bem ter soado como medo.

— Estava. Eu quis dar uma passada. Por onde você andava?

— Eu devia estar… Na outra parte.

— Que outra parte?

— A parte fora da parte principal.

— Não havia outra parte. Mal havia uma parte principal.

— Bem, só dei um pulo, estava muito cheio, então eu só…

— Não estava cheio. Você não apareceu lá.

Ao fundo, eu pude ouvir o computador dela fazer um barulho. Droga. Meu e-mail. Meu e-mail tinha chegado.

— Eu apareci lá! Eu dei um pulinho!

Por favor, acredite em mim. Por favor, acredite em mim.

— Jason — ela disse, e agora eu tinha começado a suar, porque pude ouvi-la usando o mouse, clicando em alguma coisa, abrindo um anexo. — Você enviou uma crítica de alguma coisa sem tê-la visto?

Aquele era seu truque esperto? Lembrando-me dos velhos tempos, me pegando de calça curta?

— Não… Eu… Eu fui, mas talvez você não tenha me visto…

— "Com fãs que incluem Evan Dando e Carl Barat" — ela disse, e meu estômago torceu. Pois era assim que minha crítica começava. — "Kaiko Kakamara é um artista com uma visão surpreendente"… Bem, devo dizer, Jason, que estou surpresa com *sua* visão.

— Zoe, desculpe-me, eu posso explicar.

— Você viu o filme? Ou inventou tudo também?

— Eu vi. Eu posso descrever cada detalhe doloroso, mas a exposição… Eu estava atrasado, e os trens estavam…

— E o restaurante? Você pelo menos foi lá?

— Fui! Eu pedi uma marguerita!

Efetivamente correto.

— Sabendo o que você fez, torna essa ligação ainda mais difícil.

Ah, meu Deus. Ah, Jesus Cristo. Por favor, não.

— Vou precisar que você venha até o escritório.

O quê? Por quê? Se você vai me demitir, faça isso agora.

— O Rob ainda está doente e acabou de telefonar dizendo que vai precisar de algumas semanas. Algum tipo de cirurgia. Então preciso de alguém para substituí-lo.

— Rob, o…?

— Rob, o editor de críticas.

— Então… Você quer que eu seja o editor de críticas?

— Não, quero que você ocupe o lugar do editor de críticas.

— Então, eu…

— Você não precisaria ir a lugar nenhum. Apenas pediria a outras pessoas. Isso significaria trabalho de escritório.

— Eu não me importo! Quero dizer, eu amaria!

Houve uma pausa.

— Zoe, você não está fazendo isso porque…

— O quê?

— Eu quero que você saiba que você não me deve nada.

— Eu estou fazendo isso porque preciso de alguém para substituí-lo e a Jennifer marcou as férias dela, Sam está fora na segunda-feira e a Lauren disse não. Segunda, tá bom? Nós chegamos às 10 horas, mas recomendo que você pegue uns *croissants* e um café e esteja aqui às 9 horas.

E foi assim.

JASON PRIESTLEY. Editor de críticas. *London Now.*

Escrevi em um guardanapo, mas se eu apertasse um pouco os olhos pareceria quase um cartão de visita.

Dev tinha comprado para mim uma dose comemorativa e colocado em cima da mesa.

— Notei que a imprensa atual tende a deixar os *video game*s de lado — ele disse. — Mas no “Game On”, *London Now* teria uma janela neste bravo novo mundo. Eu criticaria sem medo, combinando…

— Vou ver com a Zoe — eu disse. — Não tenho certeza de quantas decisões eu posso tomar.

Ele parecia satisfeito com a ideia.

— Seria estranho, no entanto, trabalhar com a Zoe.

Eu dei de ombros. E ele também. Acredito que nenhum de nós sabia.

Deixei o silêncio pairar no ar. Tentei transformar em uma pausa que fosse notável. E, então…

— O que você sabe sobre Whitby, Dev?

— Whitby?

— Whitby.

— Não sei quase nada sobre Whitby, a não ser seu nome. Por quê?

— A Garota. As fotos. Uma delas foi tirada em Whitby.

— A-há! — ele disse, estalando os dedos e apontando um para mim. — Eu sabia!

— Sabia o quê?

— Eu sabia! Você! Você a ama!

— Eu não a amo! Só sei que ela esteve em Whitby uma vez. Eu sei que você esteve em Asda, e isso não significa que eu te amo.

— Como você sabe que uma delas foi tirada em Whitby?

— Gary.

— O Gary sabe?

— Ele conhece Whitby, não a garota. Ele costumava ir lá nas férias.

— Ei, olha só — ele disse, e apontou para a rua. — Pamela.

Ele começou a cantarolar aquela música esquisita de novo.

— Quando você vai?

— Procurá-la? Não sei. Talvez amanhã.

Nós observamos em silêncio enquanto Pamela andava até o ponto de ônibus, e continuamos a observar enquanto ela continuava a caminhar em direção ao carro que estava estacionando ao lado. Era um Viva azul, batido e lascado, mas esse detalhe não parecia importar, pois ela estava encantada em vê-lo. Havia um homem dirigindo, e ele estava encantado também, e, como eu já estava muito à frente do Dev nesse tipo de situação, me certifiquei de que estava no meio de um gole grande de cerveja enquanto Pamela entrou, se encostou e beijou o homem, segurando a parte de trás da cabeça dele.

— Ah, não acredito! — Dev disse e me retraí, balançando a cabeça. — Ah, não acredito!

E, então, recebi uma ligação. E me perguntaram como eu estava, e saí de perto do Dev, e contei a ela, mencionei que o Gary tinha passado na loja, e ela disse que sabia, e se desculpou por isso, e eu disse que tudo bem, sem problemas. E então ela disse que precisávamos conversar e que poderíamos nos encontrar, pois seria melhor que fosse cara a cara. Só para mostrar como eu estava ocupado por aqueles dias, grosseiramente eu disse que não, que deveríamos conversar naquela hora, e então conversamos, e eu ouvi, e ela me disse por que tinha me ligado.

E as nuvens devem ter escurecido e a chuva começado a cair, pois o céu desmoronou.

CAPÍTULO 7
OU “MUITAS MUDANÇAS ESTÃO A CAMINHO”

OLHA SÓ, era boa a notícia.

Tecnicamente, era uma boa notícia.

— Estou grávida — ela disse.

Ela não sabia como me contar, aparentemente, sobretudo depois do que tinha acontecido, mas era verdade, ela estava grávida.

Ela tinha feito o ultrassom da décima segunda semana. Eles tinham saído para comemorar. Ele tinha pedido ela em casamento. Eles tinham contado para todos os amigos. Era uma situação terrivelmente adulta.

— Eu preferiria ter te contado cara a cara — ela disse, e eu disse algo de volta, que era positivo e encorajador, mas que não consigo me lembrar por nada, porque tudo o que eu pude pensar era: “O que eu faço agora?”.

E agora eu sabia o que a pausa do Gary significava.

— Acredito que você possa dizer que foi uma pausa *grávida*! — Dev disse, e então olhei fixamente para ele, e ele parou de rir e tomou sua dose.

Pois não era apenas uma pausa sobre a Sarah. Era uma pausa que somava ele e eu. Uma pausa na qual ele tinha conseguido transmitir o fato de ele ter conhecimento especial, conhecimento de que ele poderia escolher me atacar se quisesse, mas que não faria isso, ele é decente demais, confiável demais, honesto demais, mesmo assim ele ainda venceria.

Nós voltamos ao Den, próximos à locadora de vans, melancólicos.

Então, é assim. Significa que aquela parte da minha vida estava acabada. Propriamente acabada. Sarah seria mãe. E eu seria apenas o ex-namorado. E um dia apenas “um” ex-namorado. E um dia, antes do que você pensa, eu não seria nada.

E sim, sei que parece que estou obcecado por ela, e sim, sei que você acumulou evidências suficientes para provar isso; pelo amor de Deus, eu já até escrevi isso para você, mas agora tem um algo a mais. Porque quando uma pessoa segue em frente rapidamente, e tudo o que a outra pessoa tem é o que vivera, pensar no que está por vir é difícil.

Talvez eu devesse me sentir aliviado. Estou fora da prisão. Estou em algum lugar longe do quem-sabe-onde. A decisão tinha sido tomada por mim: “Jason & Sarah” nunca mais estarão juntos; eles, absolutamente, inegavelmente, dividirão um cabeçalho de um papel timbrado, e agora não tenho mais que me preocupar.

Mas é só isso, não é? O fato de minha felicidade ser tão dependente dos

caprichos e extravagâncias de outras pessoas.

Preciso parar de deixar que outras pessoas tomem decisões por mim. Preciso começar a decidir.

— Precisamos fazer alguma coisa — Dev disse, batendo seu dedo no bar para mostrar que ele estava sério. — Vamos embora. Nós somos homens perturbados por mulheres. Você, com sua noiva-e-grávida ex-namorada, que você já superou, e eu, com minha possível-esposa beijando um homem no último Vauxhall Viva existente em Londres.

Ele me olhou nos olhos, seriamente.

— O que você acha da EuroDisney?

— Eu não vou à EuroDisney com você.

— Ah, vamos lá! Nós poderíamos ir à EuroDisney. Você e eu.

— Eu *não* vou à EuroDisney com você.

— Poderíamos ver isso como um tipo de fim de semana perverso.

— Você está me pedindo para ter um fim de semana perverso na EuroDisney com você?

— Só quero dizer que poderíamos ver isso como uma aventura de machos. Mostrar às mulheres do mundo que não precisamos delas. Poderíamos beber cerveja e arrotar em público.

— Na EuroDisney?

— Tudo bem. Bruges, então. Amsterdã.

— Eu tenho um trabalho para começar na segunda-feira.

— Dublin.

— Preciso me revigorar.

— OK, vamos sentar no sofá e assistir ao Phillip Schofield e seu cubo mágico. Poderíamos assistir *Come Dine with Me* o domingo inteirinho e nem ao menos conversar.

Eu amo *Come Dine with Me* pra caramba.

— Vamos comer comida ruim e vaguear sem destino e atirar latas de cerveja ruim! — ele disse, mais apaixonado a cada palavra. — Ou vamos aproveitar o momento. Transformar algo ruim em algo bom! Uma viagem! Uma experiência! Você e eu!

Depois de cada dose, tudo pareceu um pouco melhor.

ERA CEDO, cedo demais, e eu estava me esforçando para ficar acordado. Havia um rangido lá fora. Um barulho alto, ressoante, como um homem estrangulando um militar.

Cambaleei para fora da cama e estremeci enquanto erguia a persiana. Reconheci o barulho. Era o Nissan Sunny do Dev. Era o barulho que o carro fazia toda vez que ele tentava usá-lo, e ele inevitavelmente desistiu no momento

em que viu um ônibus vindo, e bateu rapidamente o capô para correr para o outro lado da rua. Eram 8 horas. Por que diabos o Dev estava atacando seu carro às 8 horas da manhã de sábado?

Talvez ele tivesse visto a Pamela na rua e quisesse parecer mais masculino. Ele provavelmente se certificou de que estava carregando uma chave inglesa e tinha se esforçado para ter uma boa quantidade de óleo para lambuzar seu rosto. Isso é o melhor de ser másculo: é fácil fingir. Lambuzar um pouco o rosto de óleo ou balançar a cabeça e dizer “Aaah” perto de uma mecânica.

Eu estava quase fechando a persiana novamente, mas então… Então notei algo. O homem embaixo do capô estava usando calças jeans largas. Dev não usa calças jeans largas. Ele usa calças jeans um pouco apertadas e bem curtas, ou calças folgadas com elástico na cintura que ele consegue por uns 30 reais em um catálogo. E aquilo era um moletom com capuz? O carro fez barulho novamente e de repente percebi… Eu estava testemunhando um roubo! Havia um roubo acontecendo! Alguém estava tentando levar o carro do Dev! Bem, estavam o consertando antes…

— Dev! — gritei, caindo para trás na minha cama, a adrenalina a mil. — Dev!

Mas não houve resposta. Eu precisava de uma arma urgentemente. O esquisito é que eu tinha um pequeno arsenal. Eu não tenho nenhum *nunchaku*, todas as nossas facas estão sem corte, e a raquete de *badmington* não ameaça tanto. Então, peguei uma escova de cabelo da mesinha no hall e fiquei surpreso por um momento, pois não sabia que tínhamos uma escova de cabelo, e dei uma pancada na porta do Dev ao passar correndo por ela.

— Alguém está roubando seu carro! — gritei, pulando escada abaixo, agarrado à escova de cabelo, minha mente movendo-se rapidamente enquanto eu tentava decidir qual final pareceria o mais ameaçador.

Ouvi o rangido novamente enquanto eu chegava até a porta e entrei em pânico. Onde estava o Dev? Eu precisava de reforço! O Nissan estava gritando por ajuda, e ele precisava de ajuda depressa! O ladrão estava, com certeza, a algumas poucas horas de fazê-lo funcionar!

— Dev! — eu gritei. — Traga mais armas!

Abri a porta e, de repente, estava lá, bem na frente do Sunny, reluzindo ao sol da manhã, um homem com suas calças e com uma escova de cabelo que ele obviamente não havia usado ainda.

E lá, lá estava ele. O ladrão. Meu inimigo. Ainda embaixo do capô, ainda mexendo no carro, ainda completamente inconsciente do terrível perigo em que ele estava metido. Eu não conseguia me decidir se batia nele com a escova de cabelo ou gritava algum tipo de advertência. Mas qual seria uma boa

advertência? E o que eu deveria dizer depois? “Por que você está consertando esse carro horrível?” Era a única coisa que parecia fazer sentido, então, em vez disso, levantei minha escova de cabelo e disse “Ei!”.

O rangido parou. Eu apertei com força a escova.

— Bom dia, senhor — disse o homem.

Ah…

Era Matthew Fowler.

Por que Matthew Fowler estava consertando o carro do Dev?

— Matt? — eu disse. E então percebi que ainda estava com minhas calças, exibindo uma escova de cabelo. Um ônibus passou, dando tempo suficiente para eu inventar uma desculpa brilhante.

— Eu só estava escovando meu cabelo.

Bem, foi uma desculpa.

— Oi, oi! — disse uma voz à minha esquerda. Era o Dev se aproximando de nós, carregando cafés e pequenas sacolas marrons. Ele jogou uma para mim e a espremi contra o meu peito. Estava morna, oleosa e molhada.

— Oz fez uns sanduíches de bacon — ele disse. — Você queria uma Fanta, né, Matt?

Matt disse que sim e então, apontou para o carro.

— Engrenagem — ele disse.

Dev e eu acenamos e dissemos:

— Aaah.

— Eu posso consertar.

— Como assim o Matt está consertando o carro? — perguntei, vestindo meus jeans.

— Bem, nós não podíamos ir em um carro quebrado.

— Não, eu quero dizer, por que o Matt? E o que você quer dizer com “ir”? Ir aonde?

— Vamos viajar! Nossa viagem para enviar uma mensagem para as mulheres do mundo! Nós planejamos a noite passada!

Eu estava quase certo de que não tínhamos combinado nada. Mas e se tivéssemos?

— Eu tentei arrumar as coisas e Matt estava passando, e ele perguntou se eu conhecia você, e primeiramente eu disse que não, no caso de ser algum tipo de morte encomendada, e então ele mencionou que trabalhava em uma oficina, e foi assim.

Andei em direção à janela. Bem, bem. Matt Fowler estava sendo útil.

Dei outra mordida no sanduíche de bacon enquanto o rangido lá fora se tornava um rugido baixo.

— O carro estará rodando em pouco tempo — Dev disse, contente.

— Mas para onde estamos indo?

— Nós já discutimos isso! — ele disse, batendo palmas e caminhando escada abaixo.

COLOQUEI UMA CAMISETA reserva dentro da sacola e peguei minha carteira. Bem, por que não? Uma viagem pode ser divertido.

Desci a escada, e vi algo estranho.

— Ah, você vai também, Matt?

Ele estava no banco de trás, tomando sua Fanta. Achei que o deixaríamos em algum lugar.

— Eu convidei o Matt para nos acompanhar na viagem — disse Dev, terminando seu sanduíche. — Ele consertou o carro.

Fiquei levemente frustrado. Era esquisito. Não podemos fazer isso. Dificilmente passa-se um dia sem uma história no *Daily Mail* sobre algum professor que foi passear com seu ex-aluno. Eles geralmente são loiros, no entanto, e quase nunca, com uma aparência de homem assassino com acesso a uma chave de grifo.

— E o Matt sabe para onde estamos indo?

— Sei — Matt disse. — Whitby.

— *Whitby?* — eu disse, surpreso. Dev sorriu. É claro que ele sorriu. Nós não tínhamos falado sobre ir à Whitby na noite passada. Eu tinha mencionado Whitby, e falávamos de uma viagem, mas em nenhum momento alguém disse "Vamos nos levantar bem cedo e ir à Whitby". Esse plano era do Dev, não nosso.

— Então, Whitby é em Yorkshire ou algo do tipo? — Matt disse. — Nunca estive lá.

— Mas você está contente em ir? Quero dizer, você não tem nada melhor para fazer?

— Na verdade, eu nunca saí de Londres — ele disse. — Mas tenho uma tia que se mudou para Swindon. E Bosworth.

— Bosworth?

— É. Com o senhor.

Meu Deus, é mesmo! Nós estivemos em Bosworth. Uma viagem escolar que tinha tentado esquecer. Matt roubou doze borrachas da loja de presentes, e Neil Collins tinha mijado em uma lata de lixo. Essa viagem, no entanto, era diferente. Era recreativa. E era em Whitby. Eu não queria ir à Whitby.

— O negócio é que hoje é um dia ruim para isso — tentei. — Acabei de receber um e-mail dizendo…

— Seu computador estava desligado. Eu vi.

— Mais cedo, quero dizer.

— Você estava dormindo.

— Olha só — suspirei. — Temos certeza de que queremos ir a Whitby? Que tal Alton Towers? Ou… Snaresbrook? Há uma colina enorme em Snaresbrook.

— Uma colina gigante! — Dev disse. — Você gostaria de ver uma colina gigante, Matt?

Matt deu de ombros.

Eu encarei o Dev. Eu não poderia ir adiante com aquela maluquice, ir para esse negócio de Whitby, não na frente do Matt. Eu não conseguiria explicar para ele. Além disso, demoraria cerca de quinze minutos para que qualquer criança que eu já tivesse ensinado e qualquer outra criança que eles tivessem encontrado soubessem disso. Tentei de outra maneira.

— É um pouco longe até Whitby.

Ele encolheu os ombros e concordou. Isso era tudo meio estranho.

O carro estava em movimento e Dev apertou sua sacola de papel marrom.

— Certo! — ele disse. — É uma viagem de cinco horas! Vamos ver o que essa criança consegue fazer!

Olhei para o carro. Eu não tinha que entrar. Eu poderia voltar para dentro, esperar Phillip Schofield e seu cubo falante, talvez pegar um *kebab* do Oz's ou ir até o Den.

Eu pensei nisso.

Nós passamos rugindo pela Caledonian Road a aproximadamente dez quilômetros por hora.

"Não importa o quanto um corvo é lavado, ele permanece sempre preto."

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Eu amo a internet quase o mesmo tanto que amo Londres.

Não tenho certeza de que Londres me ama da mesma forma, mas é uma relação com a qual estamos trabalhando.

Há seis pessoas seguindo esse blogue agora, mesmo que até agora eu tenha escrito três posts embaraçosamente chorosos, incluindo um terrivelmente autocompassivo sobre ouvir meus amigos no futuro, o que é claro eu não farei, porque não sou esse tipo de garota. Também tentarei não beber e escrever no futuro. Desculpe por isso.

Então, acredito que seja melhor dar as boas-vindas a vocês seis, já que vocês me encontraram, o que quer que isso queira dizer.

Olá, Martin na Malásia.

Olá, Captain Stinkjet.

Olá, Maureen.
Olá, FrrrrrrrrrrrBeep.
Olá, ArruinadoDePowseLuton.
E olá para a sexta pessoa, quem quer que você seja, pois, por alguma razão, você conseguiu se manter anônimo.
Podemos começar, a não ser que Captain Stinkjet queira inventar um nome para seu rival?
Vocês provavelmente devem estar se perguntando sobre o último post. Eu escrevi isso em um dia ruim. Foi um dia em que perdi algo. Duas coisas, na verdade, nenhuma das quais recuperei. Uma foi o amor, e provavelmente o mais importante, eu acredito, porque poucos poetas escrevem poemas maravilhosos sobre a perda de uma câmera descartável, que foi a outra coisa que perdi. Nem as grandes pinturas ou óperas retratam uma Kodak amarela brilhante com a qual eu estou preocupada. Mas não sei muito sobre arte. Fui a uma galeria uma vez, mas tudo parecia como aquelas pinturas em que você vê tinta respingada nas telas, então, fui ao Café Roma.
Estranhamente, não tenho certeza do que sinto mais falta: do relacionamento ou da câmera.
Veja bem, você consegue lidar com um relacionamento. Machuca, e por um tempo machuca demais, é como se seu pulmão entrasse em colapso e seu coração se contraísse toda vez que você se dá conta de que acabou. Mas a longo prazo, para mim pelo menos, é o que foi deixado empilhado no chão que ajuda você a superar isso. Aquela pequena pilha de evidências ajuda a te curar, é o que acho.
Para mim, eram as fotos que eu havia levado comigo dentro da bolsa para o Fitzrovia. Eu não tinha certeza se faria ou não, mas tive de sentar naquele café novamente e passar por aquele lugar da foto amarela brilhante aproximadamente trezentas vezes até me decidir.
Se eu fosse forte o bastante, eu as teria revelado.
Se eu fosse ainda mais forte, não teria.
Mas agora eu nunca poderei, e foi roubada minha chance de seguir em frente. De ver aqueles momentos mais uma vez, para eu contar a mim mesma a história de novo, para me decidir como e quando deveria seguir em frente. Pois é…
Deve haver uns mil blogues como esse por aí e peço desculpas. Tantas garotas e garotos achando que o mundo está interessado na sua história. Eu contaria aos meus amigos, mas eles estão de volta a suas casas e, além do mais, não sei se quero que eles saibam. Aqui estou eu, em Londres, sozinha, triste, vivendo um sonho.
Então, vou parar por aqui porque *Come Dine with Me* está no ar e, na verdade, ele

tem prioridade. Então, simplesmente desejo a vocês seis uma agradável noite.
Sx
PS: Há um clichê que estou acostumada a ouvir em novelas ou em bares, quando estou prestando atenção. Uma pessoa olha para a outra e diz, bem séria: “As coisas mudam. As pessoas mudam”.
Eles enfatizarão “pessoas” para que saibamos que estão falando sobre “pessoas”, e então farão uma pausa depois de dizer isso para que você veja quão sérias elas estão.
Acredito realmente que as coisas mudam, é claro. Mas, na minha experiência, acredito que, frequentemente, as coisas mudam porque as pessoas não mudam.

CAPÍTULO 8
OU “CARRO DE FUGA”

— Ei, Matt — Dev disse, abaixando o volume do rádio. — Então, sabe a ex-namorada do Jason? Está noiva e grávida.

Uma pausa.

Lancei um olhar agradecido para o Dev.

— Parabéns — Matt disse. — Ou… Sei lá.

Nós estávamos em algum lugar depois de Barnet, na A1. Você não precisava saber disso.

— Além disso — Dev disse —, a minha acabou de sair com um cara em um Vauxhall.

Bem, isso foi esquisito.

— Por tudo isso, essa viagem. Nós estamos levantando a bandeira dos homens de todos os lugares.

— Não estamos levantando a bandeira — eu disse. — Duvido que as mulheres do mundo saibam disso.

— Subconscientemente, elas sabem — Dev disse. — Subconscientemente, elas se sentem mal por isso. Você está com a gente, Matt? Tem alguma coisa que as mulheres do mundo precisam saber?

— Então, o que é tão bom em Whitby? — Matt perguntou, olhando para fora da janela. — Boas casas noturnas ou o quê?

Eu me arrepiei.

Não, Dev. Por favor, não.

— O Jason queria ir, não queria, Jason?

— Hummm — eu disse, desviando o olhar. — Whitby.

— Jason conhece alguém que foi para Whitby uma vez, entende?

— Certo — Matt disse. Como um motivo para uma viagem de cinco horas, alguma coisa estava faltando.

— Uma garota — Dev disse, aproveitando o momento.

— Eu, na verdade, não conheço a garota — eu disse, esperando que isso esclarecesse as coisas, mas percebendo que, na verdade, não esclareceu nada. — É uma piada.

— Não é piada — Dev disse. — Presta atenção: o Jason viu essa garota que ele gostou, acabou ficando com sua câmera, revelou as fotos e descobriu que ele aparecia em uma delas. Agora, ele descobriu que uma delas foi tirada em Whitby e é por isso que estamos indo para lá.

— Não é por isso que estamos indo para lá — eu disse, de maneira inexpressiva.

Dev olhou para mim.

— Cara, é exatamente por isso que estamos indo para lá.

Eu me virei para tentar explicar a situação para o Matt, mas ele tinha um olhar de horror em seu rosto.

— E se ela não estiver mais lá? — ele perguntou. — Só porque ela está lá em uma foto não significa que ela ainda esteja lá.

Era verdade. Não é assim que geralmente as fotos funcionam.

— Não é por isso que estamos indo para lá, Matt.

— OK… — Dev disse. — Estamos indo para lá para fugir. Para *fazer* alguma coisa. Mas, quem sabe, nós possamos pegar algumas pistas.

— Como é essa garota? — Matt perguntou.

— Não importa — eu disse.

— Dá uma olhada no porta-luvas — Dev disse. — As fotos estão lá.

— Você trouxe as fotos! — eu disse.

— Claro!

— Vamos ver — disse Matt, agora interessado.

— É ESTRANHO — disse Matt, ainda segurando a foto da Garota. — É como o destino, é isso aí.

Foi uma longa, longa viagem. Estávamos saindo de um *Little Chef* fora de Worksop e Dev e Matt ficaram falando de destino e blá-blá-blás por duas horas. Eu não tive escolha a não ser me juntar a eles. Também comi uma salsicha horrível.

— Assim, se você encontrasse com ela novamente, o que você diria? Ou se você a visse pela primeira vez novamente, o que você diria de diferente? Quero dizer, você pegaria a câmera dela dessa vez?

— Como assim?

— Você pegaria a câmera dela novamente ou esperaria e então contaria a ela antes de ela entrar no táxi?

— Por quê?

— O que ele quer dizer — Dev disse — é que, considerando as chances, você preferiria não ter as fotos com você?

Dei de ombros.

— Não sei.

Mas é claro que eu preferiria tê-las. Elas eram empolgantes. Algo novo. Uma ligação que eu estava para fazer, se é que ainda a faria.

— Se você não as quisesse, você as teria jogado fora, eu imagino — Matt disse. — Mas você não as jogou. Você as guardou. E agora aqui estamos nós.

— Do lado de fora de um *Little Chef,* perto de Worksop, que faz salsichas horríveis.

— Exatamente! — Matt disse. — Exatamente!

Eu tinha animado o Matt nas últimas horas. Ele estava bem articulado e certamente mais curioso. Havia algo mais sensível nele, e ele estava mais redondo, também. Quero dizer, ele tinha menos extremidades, não que ele fosse perfeitamente esférico.

Nós voltamos para o carro, apontamos para Whitby, e continuamos a dirigir.

— Certo — Dev disse. — Eu já disse que somos uma família, então tentem parecer uma.

Olhei para ele.

— Você disse que nós somos o quê?

— Uma família. Eles fizeram um preço para a família. Cento e cinco reais.

— Mas nós não somos uma família. Nós não parecemos uma família. Se fôssemos uma família, quem o Matt seria?

— Bem, diga que ele é nosso filho.

— Ah, ótimo plano! Então, você e eu somos parte de um avanço médico quando tínhamos *nove* anos? Também, ele não é meio asiático e nós dois somos homens?

— Não precisamos fingir que somos uma família tradicional. Diremos que somos de Londres, eles vão entender.

Ele bateu na porta da B&B. Um ou dois minutos depois, a porta se abriu. Uma senhora atarracada em um agasalho aveludado cor-de-rosa nos encarou.

— Olá! — Dev disse, em voz alta. — Somos uma família de Londres!

Ela deu uma mordida na sua barra de chocolate.

Eu estava me divertindo.

Nas duas últimas horas, jogamos minigolfe, bebemos gim e tônica, visitamos uma feira, tiramos o Dev de perto dos fliperamas, apontamos para um bárbaro e vimos os seis primeiros itens na exposição *Words & Wool* de poesia e têxtil.

O que quer que fosse, era… *Bom*. Fim de semana dos rapazes? Não exatamente. Dev e eu não somos de nada e a exposição *Words & Wool* foi ideia do Matt. Não, isso era mais ao acaso. Mais instintivo. Mais divertido.

— E agora? — Dev perguntou.

Estávamos ao lado do cais, depois do Dev dizer que tinha ficado enjoado de beber tanta Fanta e precisava ver o mar. Ficamos conversando com um senhor sobre o capitão Cook e lemos um folheto sobre o Drácula. Dev achou um folheto com uma foto do Caco, o Sapo, oferecendo uma entrada para uma casa noturna, com um som maravilhoso, chamada Cadillacs, por apenas 3,50 reais. Pela

aparência do folheto, era difícil pensar que fosse uma barganha.

— Estou morrendo de fome — Matt disse. — KFC?

Mas eu não estava ouvindo.

Bem lá no horizonte, eu pude ver.

Estávamos em um ângulo diferente, é claro, e a uma distância diferente, mas lá estava. Em cima do despenhadeiro, por cima do cais. Um tipo de igreja… A igreja que o Gary tinha apontado.

— Como se chama aquilo? — perguntei para um senhor sentado em um banco.

— St. Hilda's — ele disse. — Sob o despenhadeiro, a leste, há uma escadaria. São 199 degraus, acho.

Mas eu não estava preocupado em subir a escadaria. Não precisava ver o mosteiro de perto. Eu queria vê-lo como eu tinha visto. Do ângulo que tinha visto. Da distância que tinha visto. Da maneira que *ela* tinha visto.

De repente, algo me ocorreu. Foi um momento estranho. Talvez fosse o garoto em mim, o colecionador, mas eu estava olhando para a mesma vista que A Garota tinha olhado, e eu queria registrar isso também. Para provar que eu também estive lá. Uma lembrança.

— Galera, essa é…

Mas Dev já estava sorrindo. Ele sabia. Percebi que ele só tinha tomado uma Fanta.

Ele pegou algo do bolso e segurou na minha frente.

Era uma caixa.

Uma pequena caixa de plástico.

Uma pequena caixa de plástico com *Câmera Descartável* escrito na parte de baixo.

— Um pouquinho mais para sua esquerda, cara — Matt disse. — Agora, um pouco para sua direita.

Ele estava estudando a foto bem de perto e tentando copiá-la exatamente. O visor da nova câmera era minúsculo e estava riscado, Dev tinha comprado por uns 3 reais no Happy Shopper, mas, embora o céu estivesse mais escuro hoje, e o vento mais forte, era o mesmo lugar.

Ela esteve perto de um poste azul naquele dia, e talvez a uns seis metros de uma lixeira, e nós encontramos os dois, pelo menos parecia. Mas conseguir o ângulo correto, conseguir o lugar… Era aí que a arte se encontrava.

— Aí! — Matt disse. — Bem aí!

Eu congelei.

— Tudo certo, pronto? — Dev disse.

— Espera aí, espera aí.

Que tipo de expressão eu deveria fazer? Quero dizer, estou na frente de dois homens, tirando uma foto minha. A etiqueta diz que eu deveria fazer algo criativo. Fazer uma cara amarrada, talvez, ou um sinal mais furioso. Mas essa não é minha foto. É a foto de outra pessoa. Dela. Estou de penetra, de certa forma. Não sei quais são as regras aqui. Eu deveria ser mais atencioso? Talvez devesse pentear o cabelo. Ou…

Clique.

— Ótimo. Boa, Matt — Dev disse.

— Espera aí — eu disse. — Eu estava… Só olhando.

— Ficou perfeita. Você parecia melancólico e romântico. Como a capa de um *single* do Westlife.

— Mas eu só estava *olhando*!

— Eu realmente estou morrendo de fome, pessoas — Matt disse, guardando a câmera.

— Espera! Mais uma!

— Parece que você está se importando… — Dev falou, sorrindo.

Uma pausa.

— Acho que passamos por um restaurante virando a esquina — eu disse.

NÃO CONSIGO ME LEMBRAR do nome, então vamos chamá-lo de O Terrível Palácio de Frango Nocivo do Capitão. Matt estava impressionado, pois eles estavam fazendo uma promoção, e o homem atrás do balcão (iraniano, talvez?) parecia ter gostado de nós.

— De onde vocês são, rapazes? — ele perguntou.

— De Londres — eu disse.

— Férias?

— Mais ou menos — eu disse. Seria uma viagem de negócios estranha.

— Sabem o que considero que seria um bom trabalho? — Dev disse. — Vendedor porta a porta que vende portas.

Nós fomos iluminados por um feixe de luz. Era como jantar no Superdog.

— Não tem nada de mais em ser um vendedor porta a porta — eu disse.

— Só estou dizendo. Você vai porta a porta tentando vender portas, e uma vez que você já bateu em uma, você já saberá que eles têm uma, então, você poderia ir para casa. Tirar o dia de folga.

— De que você está falando?

— Só estou falando. Não é um trabalho ruim.

— Eles podem precisar de portas na parte de dentro — Matt disse. — Se eles atenderem, você poderia ficar lá o dia todo. É uma droga de trabalho.

Eu dei uma mordida no milho e me virei para o Matt.

— Está feliz com o seu trabalho? — perguntei. — Na oficina?

Matt deu de ombros.

— Tá bom.

— Mas é isso o que você quer fazer?

Ele deu de ombros novamente.

— Quero dizer, para sempre. Algumas pessoas parecem achar que nasceram para fazer as coisas que estão fazendo. Outras precisam nascer novamente — eu disse a ele, com autoconfiança.

— Vocês querem me doutrinar? — Matt disse, repentinamente horrorizado. — É por isso que estamos aqui? Tirando fotos de igreja? É por isso que dissemos para aquela gordinha de rosa que somos uma família?

— Era um mosteiro e ela era só atarracadinha. E não.

— Então, o que há de errado com meu trabalho?

— Nada. Não, não é isso que eu quis dizer. Eu quis dizer, você sabe… Quais são suas ambições?

— Um piloto de aeronave? — Dev perguntou. — Um piloto de corridas?

— Ele não tem 7 anos.

— Eu quero fazer uma coisa — Matt disse, em voz baixa.

— Bules de chá! — Dev disse. — É claro!

— É, tá bom. Olha só, o que realmente quero fazer — Matt disse — é ir a um pub.

— Trabalhe com sensatez, então — eu disse.

— Não me importo com o que trabalho.

— E tudo bem para você?

— Então, dar aulas era o que você mais gostava?

Eu suspirei.

— Eu era um péssimo professor — eu disse.

— Não — Matt disse. — Você era fraco, sim. Mas deixava a gente fazer o que a gente queria.

— Acho que essa não é a descrição exata dessa profissão — Dev disse e Matt se sentou.

— Não é isso que quero dizer. Quero dizer que você nos deixava ser quem éramos. Você não tentou nos mudar. Você era bom. Talvez o seu coração não estivesse lá, só isso.

Eu me senti mal. Sabia que ele estava certo e você sabe que ele estava certo. Eu só não sabia que ele sabia que estava certo. Era como se eu tivesse sido descoberto. Como se ele soubesse que com tudo aquilo que me causava problemas (as crianças, seus pais, a escola), eu realmente não queria estar lá. Não vou jogar toda essa ladainha sobre você. Só estou dizendo que achava que estava livre disso. Talvez eu tivesse convencido a mim mesmo de que eu merecia

algo mais, sem na verdade tentar fazer o que eu estava lá para fazer. Na verdade, talvez eu nunca tenha tentado. Decidi tentar agora.

— O que você quer fazer da sua vida?

— Não sei — ele disse, envergonhado.

— Tudo bem — eu disse. — Às vezes as pessoas mais velhas também não sabem. Eu não sabia.

— Eu quero fazer alguma coisa.

— Certo — eu disse. — Isso é bom. Em que você está interessado?

— Futebol. Música.

— Que tipo de música?

— Música. Qualquer música.

— É por isso que você chamou seu bebê de Elgar? — eu disse, e ele sorriu como se não fosse, mas é claro que era. — Você deveria fazer um curso ou algo do tipo, sabia? Pense bem no que você quer fazer e encontre o curso correto. Tem de tudo por aí. O mundo está aí para ser agarrado!

Matt olhou para mim. Eu sabia no que ele estava pensando.

— Pra um pub, então — eu disse.

QUATRO DOSES no Jolly Sailor e éramos praticamente gênios.

— Espanha! — Dev gritou.

— Espanha não é a capital da Espanha — eu disse.

A máquina já tinha nos roubado 98 reais, e por alguma razão os pêsames gravados por Chris Tarrant não eram tão bem-vindos como você pensa.

— Madri! — Matt disse, e eu me virei, impressionado. E aquilo o fez parecer metido a superior e metido a professor, então virei de costas e apertei C.

— Real Madri, não é? — Matt disse. — *Pro Evo*.

— Você joga *Pro Evolution Soccer?* — Dev disse, balançando a cabeça. — Comercial demais para mim.

— E o que você joga?

— *World Tour Soccer.*

— Que lixo!

— Não é, é o máximo.

— Dev! — eu disse, desesperadamente. — Em que ano o *Sim City 2000* foi lançado no PlayStation?

Certamente essa, de todas as perguntas, o Dev acertaria.

— Quais são as opções? — ele disse, ansioso.

— Dev! Abra os olhos!

— Eu estou pensando!

— A: 1990. B: 1993. C: 1999. D: 2000.

Dev abriu os olhos e olhou para a tela, inexpressivo. O tempo começou a

correr. Chris Tarrant balançava seu calcanhar, aparentemente satisfeito.

— Dev? Rápido! Nós estamos prestes a ganhar dinheiro!

— Bem, isso é interessante…

Dez segundos para acabar. Dev bateu no queixo e disse:

— Humm.

— *Dev!*

— Preciso de mais tempo!

— Não temos mais!

Cinco segundos.

Matt bateu a mão no botão.

— 93.

Um momento agonizante.

Ding.

— Resposta certa.

Chris Tarrant parecia completamente *satisfeito*. Nos cumprimentamos e sorrimos.

Uma moeda deslizou na bandeja que estava embaixo.

— A batata frita é por minha conta, então — Matt disse.

— Ou… — Dev disse, e nós olhamos para ele. Ele puxou algo do pulso e desdobrou.

Há um lugar que oferece uma entrada de 3,50 reais, já que não gastam dinheiro com decoração.

O Cadillacs era horrível. Medonho. Desprezível e grudado em um hotel caindo aos pedaços. Cheirava mal, também, de uma década de cervejas derramadas no carpete e pisoteadas por saltos agulha e Nikes. As paredes eram pegajosas, as *paredes!*, e havia algo no ar também. Agressividade, talvez, ou o cheiro de homens frustrados que beberam muito e comeram muito pouco em um sábado à noite em um lugar pequeno. Seus uniformes eram: camisas Ben Sherman, cintos modernos, sapatos com fivelas prateadas ou tênis com laços afofados.

— Deveríamos pedir umas champanhes Cristal! — Dev disse, e acredito que essa deve ter sido a única vez que uma sentença como essa foi dita no Cadillacs. Foi certamente a primeira vez que Dev tinha dito isso. — Deveríamos pegar umas champanhes Cristal e então conversar com algumas mulheres a quem, depois, possamos nos referir como vadias!

— Não sei se isso vai funcionar em Whitby.

— Poderíamos chamá-las de “senhoras”, então.

— Não deve ter nenhuma Cristal hoje à noite — eu disse.

— Um coquetel bonito, então! — Dev disse, encantado.

Em algum lugar por perto, alguém começou uma briga.

Nós nos sentamos com três cervejas em um canto perto da pista de dança. Dev encarou as mulheres e Matt pegou o telefone delas.

— Mandando mensagem para casa — ele disse. — Meu irmão mais novo.

No outro canto, havia três outros homens, com camisetas do Slipknot e rabo de cavalo, olhando para baixo e segurando um coquetel, os únicos três metaleiros em Whitby, sempre juntos por segurança e conforto.

Então, de repente, Dev disse:

— Ah meu Deus, olhe para *ela*!

Havia uma garota com uma cara de mal-humorada, um topete e uma garrafa de alguma bebida azul, e Dev ficou apontando para ela.

— Não aponta! — eu disse. — Só observe, se você for obrigado a isso.

— Tá tudo bem com você — ele disse, virando-se para mim. — Você tá de boa! Você tem o destino do seu lado! Você tem essa garota da foto! O que eu tenho? Eu tenho uma polonesa desinteressada e com um namorado!

— Eu não diria que eu estou de boa, Dev — eu disse. — E não diria que tenho o destino ao meu lado. Eu tenho a Snappy Snaps ao meu lado. São coisas diferentes.

— Você tem o destino! E você foi promovido.

— Promovido? — Matt disse, levantando os olhos. — O quê? Eles te colocaram como responsável pelo balcão?

— Não na loja. No *London Now* — eu disse, calmamente. — Eu vou trabalhar como editor de críticas, começo segunda-feira.

— É? — Matt disse. — Legal.

— Presta atenção em mim — Dev disse. — Você tem a garota da foto. O Matt tem uma família. Só eu que estou…

— Livre? — Matt perguntou.

— Exatamente! — Dev disse. — Livre!

Mas não sei se era isso que o Matt queria dizer.

— Portanto, se eu quiser apontar para a garota…

— O que você estava apontando? — disse uma voz ao nosso lado.

Nós olhamos. A garota com o topete e a garrafa com a bebida azul estava em pé na nossa frente, nos encarando. Ela estava com duas amigas robustas de minissaia de sarja, uma de cada lado.

Ah, meu Deus, eu pensei. Elas estão em três. E nós também. E se elas nos ameaçarem com a ideia de um relacionamento?

— Não — Dev disse, claramente amedrontado, apertando seus óculos o máximo que podia. — Eu estava apontando para outra coisa.

Coisa?

— Pessoa. Outra pessoa — Dev disse. — Que *estava* aqui. Mas já se foi.

— Quem é você?

Quem? Não é "qual o seu nome"?

— Eu sou o Dev — Dev disse. — E essa… É minha família.

Ele me lançou um olhar de pânico. Talvez ele tivesse pensado que a mulher do albergue tivesse espiãs em todo lugar.

As três garotas olharam para o Matt. Nenhuma delas olhou para mim.

— Tudo certo? — a principal falou.

— Tudo certo — Matt disse.

Elas ainda não estavam olhando para mim. Fiquei um pouco ofendido.

— Qual o seu nome? — ela perguntou.

— Matt — Matt disse.

— São seus pais? — ela perguntou.

São seus pais?

— Meus colegas — ele disse, e me senti bem por dentro. Colegas. Não "eles são meu ex-professor e seu colega de apartamento". *Colegas.*

— Quem é ele? — disse um homem, que de repente se juntou a nós. Ele estava usando uma camisa do Ben Sherman e sapatos com tachas prateadas.

— Ninguém — disse a garota robusta, que parecia bem satisfeita pelo interesse dele.

— Paul pegou uma cerveja para você — ele disse, tentando levá-la de volta à pista de dança.

— Não quero cerveja — ela disse.

Uau!

— Paul. Pegou. Uma. Cerveja. Para. Você — ele disse, lenta e cuidadosamente, encarando-a.

— Não pedi uma cerveja — ela disse, desviando-se dele. — Sai da frente.

Meu Deus. Ela queria se sentar perto do Matt.

Lancei um olhar de medo para o Dev, mas ele não estava olhando para mim. Ele estava encantado. Matt encarava sua bebida. Eu não sabia o que fazer. Ela tinha me pedido para sair da frente. O que você faz quando uma garota robusta pede para você sair da frente? Quero dizer, Paul tinha trazido uma cerveja para ela, quem quer que seja o Paul. Ele provavelmente estava esperando por ela. E esse homem, esse homem com seus músculos e dedos e fivelas, ele ainda estava lá, muito mais alto do que nós. Quem era ele? O namorado dela? O irmão dela? Ela se aproximou de mim, fazendo sinal para eu me mexer de lá, e eu cedi.

Ela se sentou, momentaneamente erguendo o sofá do meu lado, e me levantando alguns centímetros, o que, para ser honesto, me fez sentir um pouco

menos masculino do que eu gostaria.

Suas amigas robustas saíram, levando o homem com elas, mas não antes de ele perfurar profundamente minha nuca com seus olhos.

"Não sou eu!", eu queria gritar. "Sou apenas um *encosto*!"

Mas gritar que você é um encosto em uma casa noturna em Whitby é só uma das quatro maneiras, que conheço, que garante que você vai apanhar.

— De onde você é? — a garota disse, e antes que o Matt pudesse responder, Dev tinha se aproximado um pouco.

— Londres — Dev disse. — Norte de Londres. Perto de Angel.

Ela o ignorou.

— Está aqui só para passar a noite?

Ela tomou um gole do seu seja-o-que-for azul e Matt apenas acenou com a cabeça.

Houve uma pausa esquisita.

— Você sabe, se tem uma coisa que eu não consigo arrancar do meu peito — Dev pausou —, são os meus mamilos!

Ele sorriu, maravilhado com sua piada, sua piada, a piada que ele tem contado para estranhos por muitos anos, mas a garota apenas olhou para ele e depois para onde os mamilos dela estariam. Dei um sorriso encorajador para o Dev, que na verdade deve ter parecido mais uma careta, e desviei o olhar.

Do outro lado da boate, as amigas da garota estavam sentadas inexpressivas e desinteressadas, tomando suas bebidas enquanto o homem e dois amigos inclinaram-se para frente de suas cadeiras, encarando-os.

Nós ficamos talvez uns 10 minutos a mais, a garota finalmente voltou para seu lugar, para sua cerveja e para quem quer que Paul, seu generoso benfeitor, seja.

— E ESSA GAROTA DA FOTO, então — Matt disse, comendo sua batata frita. — Você vai procurá-la ou o quê?

Nós estávamos em um banco, o final da noite se aproximava, e eu ri.

— Você acha que eu deveria procurá-la?

— Essa noite deveria ser a noite das decisões! — Dev disse injuriado. — Eu estou sentindo! Nós já ganhamos dinheiro em um quiz e fomos a uma exposição de lã. Agora é a hora!

Nós nos levantamos e começamos a caminhar para o albergue.

— Que decisões? — Matt perguntou.

— Não sei! Jase deveria procurar a garota! Eu farei a Pamela ser minha! E você… Você pode, bem, o que você quer fazer?

— Não sei — Matt disse.

— Bem, encontraremos algo para você. Algo importante e que mude sua

vida para sempre.

— Eu gostaria de ser feliz — Matt disse, e Dev e eu paramos de andar.

Mas Matt não parou.

Matt continuou.

— Já volto — ele disse, andando em direção à entrada de uma loja. Dev e eu começamos a caminhar novamente.

— Ele é um bom garoto — Dev disse.

— Ele é. Ele é.

— Como ele era na escola?

— Não *exatamente* assim.

— Ele gosta de você.

— Esse não é um encontro às cegas.

— Não, eu quero dizer que ele te admira. Deve ser estranho para ele sair com um ex-professor.

— Um pouco estranho para mim também.

Nós viramos a esquina. Um grupo de rapazes que estavam em um banco na parte de fora do Millets começou a rir. Um deles chutou uma lata, e ela rolou até bater na fachada de um prédio.

Não é bom ser o outro homem nessa situação. É pior estar em dois homens. Dois homens são um grupo. Um grupo rival. Mesmo quando um deles está com calças folgadas e o outro ainda com cheiro de frango frito.

O grupo riu de novo, e eu imediatamente comecei a olhar para qualquer lugar que não fosse para eles, mas sei que há no mínimo três deles, e sei que eles são o tipo de homem que chuta latas. Mas me permiti dar uma olhada rápida e… Droga!

Eram aqueles caras.

Os caras que vimos mais cedo.

Comecei a estufar o meu peito, a caminhar de uma maneira mais despojada e masculina, pois é isso que os homens nos documentários falam para a gente fazer. Seja grande. Seja corajoso. Seja confiante. Apanhe cinco minutos mais tarde. É o tipo de caminhada pela qual eu já passei milhares de noites pela Caledonian Road, enquanto me apressava para passar pela cadeia Pentonville, absolutamente certo de que cada homem pelo qual eu passava estava prestes a me bater com uma daquelas baguetes que eles estavam comendo, ou me golpear com suas batatas fritas.

E então aconteceu.

— *Oi.*

Continue andando. Apenas continue andando.

— *Oi!* — disse uma voz, mais perto dessa vez, e me virei e o grandão, o

líder deles, estava vindo em minha direção.

— Você chamou meu nome — ele disse.

Respire.

— Ahn? Eu não.

— Você me chamou de mulherzinha, então?

O quê?! Ah, meu Deus, é assim que começa. É assim que começa no parquinho, e é assim que começa à noite, em uma cidade estranha, perto de cabines telefônicas e caixas eletrônicos e homens que não têm mais o que beber.

— Honestamente, colega, eu não disse uma palavra.

— O seu nome é parecido com mulherzinha? — Dev perguntou, esboçando um sorriso.

— O que você disse?

— Eu quero dizer que talvez você tenha ouvido errado ou…

— Olha só — eu disse. — Honestamente, não há nenhum problema aqui. Nós estamos indo para casa e…

— Onde é a casa?

— Nós estamos no albergue.

— Não, onde é *sua casa?*

— Londres — Dev disse.

Resposta errada.

— Perto de Londres — eu disse. — Um pouco longe de Londres, na verdade.

Jesus, por que isso estava acontecendo? Por que em Whitby?

— Cadê seu amigo? — disse o cara de trás.

— Ele está… — eu me virei, olhei. — Não sei.

O líder do grupo estava cada vez mais perto de mim. Pude sentir seu hálito. Cidra, com certeza. Talvez uísque? Cigarros também.

Não, era o outro. O magro perto dele, sorrindo e balançando o calcanhar, muito animado para dar uma tragada. Paul, talvez? Ele tinha cara de Paul. E sempre tem um como ele. Muito pequeno para lutar, mas cheio de agressividade, como um cão se alimentando do poder de seu colega, e perigoso, pois ele fará tudo, absolutamente tudo, para seu mestre, seus olhos radiantes e nervosos, seu peito levantava e descia rapidamente.

— Olha só — eu tentei. — Tá tudo na boa.

Mas eles não pareciam achar que tudo estava numa boa. Eles pareciam achar que tudo estava de qualquer jeito, menos numa boa, e por um momento eu me lembrei do Sr. Waterhouse no segundo ano nos dizendo que a melhor coisa para se fazer em uma briga era se enroscar como uma bola, mas como eu ia dizer ao Dev para se enroscar também, e então o que aconteceria, porque seríamos

dois enroscados como duas bolas de Londres, e se…

Boom.

De algum lugar à nossa direita um “boom”, não exatamente um “boom”, mas alguma coisa: um barulho enorme, de estilhaço. Congelei e Dev recuou, e lá vinha ele de novo. Os homens levantaram as mãos instintivamente, e se viraram, e lá estava ele.

Matt tinha encontrado alguma coisa: um cano curto, um tipo de barra de metal ou sabe-se lá o quê, e estava quebrando uma cabine telefônica em pedaços.

Quebrando. Ela. Em. *Pedaços.*

Ele tinha colocado o capuz na cabeça não desviou o olhar nem uma vez, continuou quebrando, e quebrando, estilhaços de vidro se espalhando pelo ar, e aquele barulho, de novo e de novo, uma coisa atormentadora e horrorosa.

E, então, Matt jogou a barra de metal no chão, e ela caiu fazendo um som estridente devido à força violenta que ele colocou, e ele estava ofegando e andando em nossa direção, o que foi o suficiente para os colegas se mandarem.

E então, a coisa mais esquisita.

Matt parou no meio do caminho, pegou a câmera descartável, tirou uma foto dos homens enquanto eles desciam a rua, e depois guardou.

Dev e eu mantivemos nossa distância, sem ter certeza se ele tinha reagido daquela forma de verdade, sem ter certeza se ele nos chamaria para uma briga ou nos empurraria pela janela, ou tiraria uma foto de nós fugindo enquanto ele sacudia outra barra de metal. Quero dizer, o que eu podia fazer? Retroceder ao modo professor? Gritar “Matthew Fowler, pare com isso!”? Nós estávamos sozinhos, passava da meia-noite, em um lugar estranho, e um garoto que uma vez quase cegou uma criança tinha acabado de quebrar uma cabine telefônica no mais simples ato de violência.

Eu me segurei firmemente enquanto ele se aproximava, pronto para o que quer que fosse, pronto para atacar e me defender, mas em vez disso, ele abaixou o capuz, bateu as mãos e disse:

— Tudo certo?

— Foi *incrível*! — Dev disse, enquanto subíamos a rua. Estávamos cheios de adrenalina e alívio e vida, iluminados a cada segundo por outro poste de iluminação, como se estivéssemos em uma casa noturna bem antiquada. “Era como se estivéssemos dentro do *Grand Theft Auto!*”

— Você salvou nossa pele hoje — eu disse, um pouco vertiginosamente.

— Eu só falei mais grosso com eles — Matt disse. — Só assustei eles.

— Não, quero dizer no quiz. Era quase impossível ganhar aquele dinheiro.

E eu abracei os dois enquanto caminhávamos, um abraço de homem, e então ouvimos a sirene da polícia ao longe e decidimos correr.

Passamos a noite no Nissan Cherry, fora do albergue de 100 reais. Dev tinha conseguido perder a chave, é claro, e a mulher de agasalho aveludado rosa parecia bem rigorosa quanto ao toque de recolher às 22 horas.

— Lamentável — Dev disse. — Chutar a família para a rua desse jeito.

Mas não importava. Foi melhor, de certa forma. Porque rimos e trocamos histórias, e embora eu ache que você pudesse dizer que já havíamos nos unido, não há nada como estar unido em um Nissan Cherry.

Enquanto ríamos como mulherzinhas, eu pensei sobre o que havia me trazido aqui, em um carro pequeno, me divertindo. A separação? O noivado? A gravidez? É.

Mas não. Não exatamente.

Não quando você pensa para onde tínhamos ido, e por que particularmente para aquele lugar, e o que o Dev tinha planejado.

Eu devo isso à Garota.

Talvez eu estivesse certo ao pensar que poderia parar de ter as pessoas tomando decisões por mim. Que eu deveria começar a decidir.

— Olha só — eu disse, enquanto amanhecia, e Dev se mexeu.

Lá, ao longe, estava o topo da St. Hilda's, o Sol batendo nas suas rochas gastas, colorindo-as em um âmbar claro.

— Tô com fome — ele bocejou.

Mas continuei olhando.

No Little Chef, fora de Worksop, nós subimos com dificuldade, de ressaca, com o cabelo bagunçado e fedido.

Matt tinha esperado no carro. Ele estava um pouco calado. Dev disse que ele só estava de ressaca. Decidi concordar.

Terminei o último pedaço da salsicha horrível enquanto entrávamos na rodovia.

— Foi uma viagem e tanto — Dev disse. — Violência! Jogos! Garotas! Foi como em Vegas ou coisa do tipo!

— Nós quase fomos massacrados, ganhamos dinheiro e fomos ignorados pelas garotas. Foi como Whitby.

Dev riu, mas Matt não.

Eu me virei, para ter certeza de que ele estava bem, mas ele estava pensando em alguma coisa. No seu colo estavam as fotos; ele só tinha visto a foto do mosteiro antes, e ele tinha pegado as outras no porta-luvas enquanto nós fomos pegar os cafés e as comidas, e agora estava com todas elas na sua frente.

— Matt? — eu disse.

Ele olhou, com a boca aberta, e segurou uma foto em particular.

CAPÍTULO 9
OU “PRÓXIMO PASSO”

DENTRO DO ÔNIBUS, peguei um *Metro* que havia sido descartado.

UM HOMEM BRITÂNICO casou-se com uma mulher de 28 anos após ter sonhado com o número do telefone dela e ter enviado uma mensagem.

Nick Bremen, 29, disse que acordou em uma manhã com o mesmo número repetidamente passando pela sua cabeça. Seu melhor amigo, Michael Simms, insistiu que ele enviasse uma mensagem, escrevendo simplesmente: Eu te conheço?

Uma receptora aleatória, Jo Logan, foi cautelosa, mas respondeu. Sem demora, o casal começou a trocar mais mensagens. Depois de um mês, eles se encontraram e se apaixonaram.

Atingido pelo amor, Bremen disse: “Eu ainda não acredito no que fiz. Mas alguma coisa me dizia para eu tentar. Acho que achei meu número da sorte!”.

O casal se casou em uma segunda-feira, em Logan, York.

Eu não sabia o que comprar, então comprei um pouco de tudo.

Croissants. Pain-au-chocolat. Pain-au-raisin. Seis pretzels e um saco de castanhas.

Eu me senti como um trabalhador de verdade pela primeira vez em anos, e abaixei a cadeira do Rob para dar um toque pessoal a ela antes de abrir um pequeno espaço entre seus entulhos para que eu pudesse trabalhar.

A Zoe chegaria logo, e então os outros: Clem, o editor das notícias de destaque; Anthony, o editor de arte — tudo pronto para juntar os pedaços da próxima edição com a grande quantidade de notícias que Manchester nos envia além do que nós mesmos descobrimos, cada um de nós ignorando o tique-taque do relógio que imaginamos sobre nossa cabeça. Eu não queria imaginar isso. Eu estava feliz por estar lá, um pequeno pedaço do pior plano de trabalho, em uma sala tão bege que parecia ter sido mergulhada em um chá, com paredes arranhadas, Macs, pôsteres sarcásticos e solidão, presentes ignorados recebidos pela assessoria de imprensa. Um chapéu gigante do Guinness com *Happy St. Paddy’s Day* escrito e colocado ao lado de uma lixeira embaixo da escrivaninha, usado uma vez, perto de um gato de pelúcia com ventosas nas mãos caído ao lado de um guia escrito “Celebre o lançamento antecipado de *Garfield* em DVD e Blue-ray!”.

Dev adoraria tudo aqui. Ele guardaria e aproveitaria tudo o que descartavam. Ele ficaria ansioso em usar esse chapéu do Guinness todo mês de março, e sem dúvida colocaria o gato gordo de pelúcia no Nissan, esperando que pudesse ser assunto para se puxar conversas no semáforo. Fiz uma anotação para levar para ele alguma coisa como sinal de consideração. Ele sabia que eu precisava fugir. Então, ele fez aquilo por mim.

Eu olhei ao redor do escritório e os notei. Uma miniatura do Hulk Hogan e o DVD *Hogan Knows Best.*

Eles eram do Dev. Em breve, quero dizer. Quando eu trabalhar aqui. E quando me derem.

Eu me sentei, quieto como um menininho, não me atrevendo a fazer muito, no caso de eu me meter em confusão, por algum motivo. É, então meu nome tinha sido um acessório corrente no jornal neste último ano, mas eu não era um deles. Ainda não. E eu era um dos outros. As pessoas selecionadas para preencher espaços. As pessoas que geralmente tiveram uma seção na qual trabalhar e organizar. Era como a garota dos imóveis, que escreveria histórias ou escrevia sobre como os imóveis estavam cada vez mais caros, ou como estavam um pouco mais baratos. O guru do showbiz (um modelo de história, e isso era exclusivo: *Sienna Miller disse que adoraria se dedicar à música, mas ela também está muito feliz em atuar agora*).

O resumo semanal acerca de aparelhos eletrônicos (*As chaleiras estão na moda!*). Automobilístico. Esporte. Um questionário para as celebridades (por exemplo: *Se você fosse uma fruta, que fruta você seria?*). Saúde. Riqueza. E críticas. *Minha* seção. Tudo isso planejado para ser lido, uma parte digerida e outra descartada na hora em que o pessoal do marketing decidir que terá de ser do mesmo tamanho de uma viagem de metrô em Londres: vinte minutos.

Decidi trabalhar, começando com as tarefas do Rob. Havia releases de lançamentos de filmes, coquetéis e lançamentos de discos. Excitante. Talvez eu devesse mergulhar nessa cena, ser uma daquelas mulheres que você vê em *Sex and the City*. Eu poderia mudar meu traje a cada minuto e comprar sapatos novos e ficar fabuloso enquanto caminho por Manhattan comendo canapés e andando de táxi. Mas aqui é a Grã-Bretanha. E, mais especificamente, Grã-Bretanha durante a semana. Bem aqui, em uma segunda-feira, Carrie Bradshaw teria de se virar para apenas trocar seus sapatos a cada minuto e estar sempre fabulosa enquanto passeia por Westfields comendo sushi quente e pegando resfriados. Eu pensava, enquanto abria mais correspondências, em que outro lugar ela seria convidada a participar do lançamento do novo Ryman's na Kentish Town Road? O que a Carrie estaria fazendo no sexto dia do mês? Ela estaria subindo para o mezanino de um pub, a sudoeste de Londres para assistir a uma banda horrível chamada Ogre Face, em seu tour regional na parte superior de pubs? Não. Mas parecia que eu iria.

Abri um pacote pequeno. Outro CD de outra banda. The Kicks.

É melhor eu começar.

Apertei o *play* no som enquanto abria mais correspondências. O pessoal da Jaffa Cakes tinha enviado uma caixa de Jaffa Cakes e uma nota com tudo sobre o

futuro da Jaffa Cakes e sobre como Jaffa Cakes não apenas eram populares, mas são e seriam. Eles estavam usando as palavras “Jaffa Cakes” um pouco demais.

Ei, eu pensei, mexendo na capa do CD. Isso não é ruim. Eu analisei.

The Kicks: “Uau”.

Era… Bom. Quero dizer, não sou músico. Sei a diferença entre música britânica independente e música clássica; comprei “Melody Maker” quando estava na faculdade; sei quem é Steve Lamacq e uma vez eu me sentei bem perto de Zane Lowe em um pub com mesas de cobre, mas não sou daqueles caras que ouvem uma banda e imediatamente citam suas influências e prováveis ídolos. Há caras assim por aí. Aqueles que ouvem o primeiro acorde e começam a falar repetidamente sobre Led Zeppelin, ou Limp Bizkit, ou como tudo pode ser voltado ao homem que escreveu a música do Pernalonga. O Dev faz isso com *video game*s. Ele pode dar uma olhada em um jogo e te dizer o que o jogo busca ser, onde está a ideia, quais as influências, e o quanto é benfeito, mas eu simplesmente não consigo. Porque sou o outro tipo de pessoa. Do Tipo 2. Aquele que julga tudo de acordo com seu mérito. Não porque isso é a coisa correta a se fazer, mas porque há alguma coisa em mim que não tem essa paixão. Aquela necessidade por um conhecimento periférico. Eu gosto de um pouco de tudo; não preciso de tudo isso. Isso pode fazer das conversas com o Tipo 1 um pouco forçadas. O Tipo 1 terá todas as suas opções prontas para serem usadas e provavelmente colocadas em ordem alfabética antes que ele chegue perto de você. O Tipo 2 irá, então, se encolher atrás de seu sanduíche.

Talvez a posição de “editor de críticas” seja boa para mim, acho. Talvez minha especialidade seja não ter especialidade. Embora eu realmente saiba um pouco sobre Hall & Oates.

(Onde tudo isso começou? *(Ela) Me Fez Mal.* Melhor música? *Las Vegas Turnaround*. Melhor álbum? *Big Bam Boom.* Melhor integrante? *Hall. Ou Oates, se você o preferir.* Melhor…)

— Que diabos é isso? — disse uma voz, de repente. Eu girei na minha cadeira, cadeira do Rob, tanto faz, e abaixei a música. Era a Zoe.

— The Kicks — eu disse, tentando parecer instantaneamente informado e criterioso como John Peel. — Uma banda de Brighton que está tocando por aí, é tipo “Uau”.

— O *single* ou o álbum?

Ops. Eu teria de checar. John Peel não teria de checar.

Distraia-a.

— Ei, eu trouxe croissants como você pediu. E outras coisas.

— Jaffa Cakes, também?

— Ele são da… Bem, eles são da Jaffa Cakes.

E foi com essa troca profunda e inspiradora de palavras que eu, Jason Priestley, comecei meu emprego de “editor de críticas” do *London Now.*

EU VOU TE DIZER UMA COISA. Eu vou te contar o mínimo possível sobre o meu dia de trabalho agora. Você não precisa saber, tá, eu sei. Mas você não precisa saber que comi uma barra de chocolate e uma maçã às 11 horas, que saí rapidamente do Pret um pouco depois das 13 horas, onde comprei um sanduíche de atum e uma Coca-Cola. Você não precisa saber que Clem estava vinte minutos atrasado ou que a Zoe disse que Clem estava sempre vinte minutos atrasado, e você certamente não precisa saber que depois de eu ter definido quais críticas deveriam ir para quais colaboradores, joguei um jogo de *Castle Defence* e comi um Twix.

Tudo que você precisa saber é que eu estava feliz. Isso era o que eu queria quando deixei St. John’s. Um escritório. Algum lugar para eu me sentar, pessoas com as quais pudesse me sentar, horários de almoço onde eu pudesse comprar sanduíches de atum e Coca-Cola. Uma pequena bolha de segurança e companhia.

Eu tive companhia na escola, é claro. Na sala dos professores. O lugar que nós repentinamente não éramos mais professores, o lugar que não tínhamos que ser árbitros da moral. Era bem fácil ser cínico lá. Quando você está passando todo o seu dia dizendo às pessoas como se comportarem e o que não dizerem, a sala dos professores é uma pequena luz no fim do túnel. Uma libertação. Um lugar glorioso no qual a pressão se levanta dos seus ombros no segundo em que você encontra sua caneca e joga seu café instantâneo e o açúcar, e você está subitamente trancado em uma batalha para ver quem pode dizer a coisa mais inapropriada sobre uma criança. O tempo que leva para a água ferver é o tempo que você e seus colegas já criticaram a maioria das crianças que vocês encontraram, e quando eu digo “criticar” acho que você sabe o que alguns deles gostariam de dizer. Eles dizem que só aqueles que viram uma guerra podem verdadeiramente entender uns aos outros. É o mesmo quando tomamos conta das crianças no parquinho. E, então, há a inevitabilidade das reuniões. Falar em público não é e nunca será meu forte. Eu procurava fugir dessa obrigação de reunião, mas um dia prometi nunca mais participar delas. Não há nada mais desanimador do que fazer um discurso motivacional para aqueles que já não podem mais ser motivados. É muito desmotivador. Especialmente quando ninguém na sala, nem mesmo você, acredita no que está dizendo.

Mas, tirando tudo isso, tirando as crianças e seus pais, que nunca entendiam qual era o objetivo do professor e que pareciam confundir escola com creche, continuei. Eu provavelmente nunca teria saído. Se não fosse por Dylan Bale.

Eu estremeci e tirei seu rosto furioso da minha cabeça.

Pois eram 18 horas e eu não queria pensar em crianças como Dylan Bale.

E, de qualquer forma, eu tinha que estar em certo lugar.

Charlotte Street estava inundada de indivíduos como eu. Bons, trabalhadores honestos que terminaram o expediente do dia, com suas bolsas estilo carteiro e roupas caras, transbordando o Fitzroy e lotando o Northumberland, e todos parecendo muito felizes. Eu tinha passado por eles. Eu estava virando a esquina, enfiado no menor pub da Rathbone Street, não me sentindo como se tivesse conquistado meu lugar entre os bem-sucedidos com suas mochilas de marca e edição limitada de tênis Converse. Havia homens e estudantes com camisas do Chelsea na parte de fora do Newman Arms, apontando e rindo para uma placa que diz Percy Passage, derramando suas cervejas na calçada toda vez que riam. Era assim em Fitzrovia. Cheia de ruelas e passagens; a praga de um bando de pequenos proprietários, cada um com suas opiniões e fazendo suas próprias coisas desordenadas com suas insignificantes partes de Londres, sem nunca pensar no futuro. Marylebone ou Bloomsbury ao lado, nunca teriam uma Percy Passage. Eles teriam uma Percy Square ou Percy Buildings.

É por isso que Fitzrovia ganha.

Eu fiquei de olho nos meninos. Eles estariam aqui em um minuto com a pesquisa.

Matt tinha ficado maravilhado quando viu. Ele tinha apontado e dito:

— Olhe! — e então ele tinha apontado mais algumas vezes, porque nós estávamos olhando com atenção, mas vimos só um carro. Acontece que não era apenas um carro para o Matt.

— Ah!

Eu me virei. Dev tinha entrado. Ele estava apontando para a placa atrás dele.

— Percy Passage!

Pude sentir o nervoso do barman. Eu me perguntei quantas vezes ele tinha ouvido aquilo hoje. Depois, me perguntei há quantos anos isso tinha perdido a graça.

— Como foi seu primeiro dia na grande escola? — Dev disse, sentando-se.

— Foi bom.

— Você disse a eles sobre a seção “Level Up”?

— Achei que você a chamaria de “Game Over”.

— “Level Up” é muito mais poderoso. “Game Over” soa como algo que as crianças leriam.

— Bem, não falei nada ainda. Eu não queria chegar e começar propondo coisas novas.

— Você deveria! Prove o seu valor! Avance com suas ideias! As pessoas amam isso! Nossos trabalhos giram em torno de ideias.

— Você trabalha em uma loja de *video game*.

— Sonhos, Jase! Eu faço isso em sonhos! Eu posso transformar você em um piloto. Um comandante de um tanque de guerra. Um super-herói. Um pequeno ouriço azul. Sou como um mago, ou um planejador de sonhos, ou uma versão mais masculina daquela garota da *Feiticeira*. Só essa manhã, eu transformei alguém em Daley Thompson!

Ele deu um gole na sua dose e fez uma cara importante, do tipo que não é qualquer um em Londres que poderia transformar alguém em Daley Thompson.

— Eu estava certo — foram a palavras que ouvi depois. — O carro.

Matt se sentou ao nosso lado.

— É raro. *Realmente* raro.

Ele parecia animado e pegou a foto do seu bolso. Seus dedos estavam oleosos e eu fiquei irritado ao perceber que suas mãos eram mais masculinas que as minhas.

— O Bryn do meu trabalho calcula que apenas doze foram feitos, mas ele achava que era um Facel Vega Excellence. Na verdade, não é.

— Bem, isso ajuda.

— É um Facel Vega *alguma coisa*, então, e é da década de 1960 — Matt disse, talvez satisfeito por estar me ensinando algo. — Só onze mil foram feitos. Não sei quantos sobraram.

Eu olhei novamente para a foto. O carro era verde, bonito e, fora isso, não havia muito mais para contar. Tinha umas rodas. Mas, no primeiro plano, estava ela, encantadora. Uma garota encantadora, embaixo de um céu escuro, perto de um carro verde. Era como o jogo Detetive para excêntricos.

— Eu não sei onde isso está me levando — eu disse.

— Você poderia encontrá-la, cara! É outra pista! Como Whitby! Encontre o carro, encontre A Garota!

— Ela está apenas parada perto dele. E nem tão perto assim. E isso não é como se tivéssemos acesso aos arquivos da polícia, é?

— É uma pista, cara!

Ele riu, incredulamente, e, um minuto depois, Dev também riu, mas então ele deu de ombros para mim.

— Eu não sei, talvez exista um clube de carros clássicos onde este carro tenha um registro — Dev disse. — Talvez ele pertença a um vizinho dela. Ou a seu… Amigo.

É. O homem bronzeado de relógio grande. É claro que ele teria um carro clássico. Um dos únicos doze. Era exatamente como esse homem que eu não

conhecia.

Eu peguei a foto novamente.

— Acredito que seja uma pista — eu disse.

— É claro que é uma pista — Dev disse. — Olha só, esse carro pode ser uma tentativa de nos desviar da pista correta, mas é alguma coisa.

— É…

— Um peixe — eu disse. — É um peixe.

Houve um momento esquisito.

— Olha — eu disse, calmamente, apontando para algo que tinha acabado de notar na foto. Havia um prédio atrás deles. Um prédio enorme e branco, bem no final da estrada que nós estávamos. E, perto do topo, você poderia decifrar meia palavra. A metade de baixo.

— Alasca — Dev disse, tirando a foto de mim.

— Não pode ser, esse é um carro dirigido do lado direito. Mão inglesa. Ser importado é uma opção, mas…

— Não é no Alasca — eu disse. — Deve ser apenas o nome do prédio. O que é isso, uma fábrica? Talvez seja uma fábrica. Talvez ela trabalhe na fábrica.

— O que eles fabricariam lá? — Dev perguntou. — Ninguém fabrica pessoas nativas do Alasca. Eles já são… Nativos.

— Não sei — eu disse, porque de repente minha mente estava acelerada, e eu peguei as outras fotos e comecei a analisá-las também, e um pensamento estranho me ocorreu: eu tinha aprendido a enxergá-las.

Eu li um livro uma vez chamado *Seu Peixe Interior*. Era sobre um cientista que ficou obcecado por encontrar um fóssil de 375 milhões de anos de um peixe que ele dizia ser a origem de onde viemos. Era meio caminho entre a jornada de uma partícula de poeira para um gorila, e era um peixe com pescoço. Foi o peixe que criou toda uma confusão da água em direção a um vasto e desconhecido mundo. E sem aquele peixe, aquele mundo permaneceria sempre desconhecido. Não teríamos mundo. Nada para fazer ou lugares para estar. Nada de garotas em táxis, nada de Percy Passage, nada de hétero, nada de gay, nada de sopa do dia, nada de nada. Esse homem acabou no Ártico canadense, com um bando de cientistas, todos procurando pelos mesmos fósseis, e ele passou semanas os seguindo, desesperando-se toda vez que os outros descobriam um fóssil e ele não. O que as outras pessoas tinham que ele não tinha? O que estava faltando?

E, então, um dia, ele percebeu. Ele não estava se focando adequadamente. Suas prioridades tinham mudado. Ele não sabia o que estava procurando. Ele não sabia como enxergar. E, no segundo em que ele percebeu isso, no mesmo segundo, ele viu aquele primeiro peixe, o chão se iluminou por quilômetros com o brilho dos fósseis na luz do sol da manhã. Eu estou parafraseando levemente,

talvez dando um tom de romantismo, mas foi assim que enxerguei a situação. De repente, assim que ele percebeu, assim que ele abriu aqueles olhos, aqueles fósseis estavam por todo o lugar, piscando para ele, acenando para ele, parabenizando-o por finalmente ter sido capaz de enxergar, e reluzindo como diamantes no chão.

Talvez eu tivesse encontrado meu peixe interno.

Eu estava impressionado. Toda essa história tinha tomado do sujeito nove anos e centenas de páginas.

Toda vez que eu tinha olhado para as fotos, eu só via A Garota. Nem mesmo quando eu estava parado no lugar onde uma delas havia sido tirada, eu tinha realmente me dado conta de que todas essas fotos tinham sido tiradas em algum lugar. Parece loucura, mas como elas não eram minhas, os lugares não pareciam de verdade. Lugares reais nos quais eu poderia ir, ou pelos quais eu pudesse ter passado, ou, no caso do Café Roma, que eu pudesse até já ter estado.

— O que precisamos fazer — Dev disse, tentando tirar as fotos das minhas mãos — é estabelecer uma ligação. Um tema em comum.

Eu apertei meu nariz para cima.

— Não é assim que funciona com fotos, né? — eu disse. — Você não tira fotos de acordo com temas. Você apenas as tira.

— É — Dev disse. — Concordo. Mas faz sentido com coisa digital. Nós estamos falando de psicologia descartável.

— Por que elas não podem ser simplesmente desordenadas? — Matt perguntou e me senti orgulhoso, como um professor novamente.

— Porque as fotos das máquinas descartáveis não são tiradas ao acaso — Dev disse, parecendo ter ensaiado aquilo.

Ele fez uma cara de sábio e se sentou em sua cadeira. Matt e eu nos inclinamos em sua direção, mas então percebemos que nossos rostos estavam um pouco perto demais, então nos afastamos novamente.

— O negócio com as descartáveis é que elas são fotos especiais. Você deleta fotos normalmente, porque você sabe que pode, então você as apaga sem pensar ou considerar a qualidade ou o tempo. Você tira uma, e decide se está muito bêbado, ou gordo, ou cansado, e você tira outra, usando o recurso especial para detectar sorrisos. Mas essas…

Ele as pegou novamente e balançou o pacote no ar.

— *Essas* são cliques característicos. Cliques da vida. Momentos felizes ou especiais, e você tem que decidir tirá-las. Você tem que planejá-las. Porque você pode perder os momentos. Você está sempre por um fio de perdê-los.

— O que você está falando? — Matt disse, mas agora eu me recostei, porque entendi o que o Dev estava dizendo.

Nos últimos dias, é exatamente assim que tenho me sentido. Como se eu tivesse perdido momentos.

— Você tem doze fotos — ele disse. — Doze momentos para capturar. É limitado. Então, toda vez que você captura um naquela caixinha, você tem um a menos. Mas, na hora que você tira a última foto, é melhor ter certeza de que aquele momento é especial, pois e se o próximo vier e você tiver que deixá-lo ir?

Que coisa horrível, eu pensei, deixar um momento ir.

— Com uma descartável, você quer completar sua pequena história. Terminar com um final. Ou com um novo começo. Um clique para levá-lo ao próximo rolo.

Foi aí que a teoria de Dev começou a vacilar um pouco para mim.

— Espera aí. A última foto foi de mim.

E Dev sorriu.

— É exatamente isso — ele disse. — Você já é parte da história dela. Agora você tem que fazê-la parte da sua.

E ele pôs a mão no bolso e fez deslizar sobre a mesa a nova câmera descartável azul.

Eu olhei para ela. Eu a peguei e a coloquei em um dos meus bolsos.

E, enquanto estávamos sentados lá, bebendo algumas mais, e a agitação se instalou conforme apontávamos novas pistas dos fundos, ou das frentes, ou de esquinas cortadas e anteriormente não vistas, comecei a me perguntar se eu deveria contar para eles. Contar a eles o que eu tinha feito naquele dia. Não importava o quanto esse momento era inspirador para mim, eu já tinha criado um pequeno momento.

Após o sanduíche de atum, depois do *Castle Defence* e do Twix, o que eu tinha feito e tentado não te contar culpando o trabalho chato e assegurando a você que isso não tinha nenhum interesse.

Pois eu já tinha feito uma coisa para trazer A Garota mais perto de mim.

CAPÍTULO 10
OU “ELA É LINDA”

QUINTA-FEIRA, *8 da manhã.* Sentei no número 91 no King’s Cross com alguma coisa trazendo uma agitação no meu estômago.

Uma vez que eu tinha decidido fazer isso (rastejar para fora da água, tentar e pegar aquele momento antes que ele se fosse completamente), eu tinha começado a me sentir misteriosamente confortável. Eu merecia isso. A gente nunca sabe, isso pode me levar a algum lugar. Dev mencionou destino. Eu costumava acreditar em destino. Até que o destino me passou uma rasteira e me empurrou para um apartamento com Dev. O meu destino ser morar em um apartamento com um homem que fala muito sobre destino parece muito cruel para realmente ser possível de conceber.

Levantei os olhos e vi os homens e as mulheres de jaquetas amarelas, em pé do lado de fora da estação, balançando os pés para mantê-los aquecidos, tentando se livrar do máximo número de cópias possível do *London Now* antes que a hora do rush acabasse.

“Gratuito” é o que eles estão treinados a falar, a propósito não é “de graça”; da mesma forma que alguns homens são treinados a se identificarem como “atiradores de precisão”, não “francoatiradores”. Ambos têm o mesmo significado, é claro, mas sei perto de quem eu me sentaria em um jantar.

Então, agarrei meu exemplar gratuito do *London Now* e agradeci ao homem que me deu, pensando que isso pudesse fazê-lo ganhar o dia, mas ele já estava entregando outro exemplar para outra pessoa. E então continuei de cabeça baixa e caminhei em direção à bilheteria, nas profundezas de Londres, embaixo de todas as pessoas, ou todas as coisas, ou todos os lugares, e onde eu pudesse ler meu jornal sem ninguém saber.

No vagão do fundo da linha que vai para a região nordeste, que estremecia e balançava, eu o abri e corri para a página 38. A página que você lê conforme se aproxima do final de sua jornada, em vinte minutos.

A seção “Eu Vi Você”.

Chem tinha ficado fora do escritório por uns dois dias com uma infecção pulmonar, então eu tinha usado seu computador. Eu tinha que ser rápido, tinha que fazer acontecer enquanto Sam estava fora fumando, mas eu tinha conseguido. Meu próprio momento de esforço. Alguma coisa para fazer eu sentir que, bem, eu tinha tentado, e mesmo que a história terminasse aqui, então, eu tinha tentado.

Eu tinha sido sutil e sensato na minha abordagem. Nada muito completo. Aquele era o erro que algumas pessoas cometiam. Muitas são as vezes que Dev e eu nos sentamos no apartamento, lendo o *London* em voz alta e querendo saber o que a outra pessoa devia estar pensando, enquanto você percebe que o sujeito que tinha te encarado na plataforma do trem provavelmente não estava apenas impressionado, mas também tinha uma coleção de facas afiadas e uma cópia de *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Então, eu tinha aprendido o jeito certo de fazer as coisas. Pegá-las, enquanto as outras caíam sobre mim. Não haveria nenhum *Eu acho que te amo!* (18 de junho), e nenhum *Você é a coisa mais linda que eu já vi!* (23 de junho), e absolutamente nada de *Eu tenho que te ver de novo, nós temos que nos encontrar, eu gosto de TOCAR SEU ROSTO* (4-9 de setembro).

Não. Apenas uma admiração boa, honesta e prática de trinta palavras.

"Eu Vi Você" era popular, ainda que na maioria das vezes secretamente. Um terço de uma página de amor conquistado e perdido em um segundo, de momentos não aproveitados, de medo e angústia, e, acima de tudo, de esperança. Trinta palavras: isso é tudo o que você tem para defender seu caso. Dizer à garota ou ao garoto, que você nunca encontrou, que você adoraria encontrá-los. Para assegurá-los de que você não é um assassino, ou um matador, ou um cristão ressuscitado. Para sugerir um café, um lanche ou um passeio em Heath. Para convencê-los de que o momento que você dividia deveria significar tanto para eles quanto significava para você.

E, então, você tem que esperar que eles vejam a mensagem. E isso é ter esperança. Trinta palavras impressas na página 38 de uma edição gratuita em uma cidade de sete milhões de pessoas. É como falar trinta palavras em voz alta no Ártico e rezar para que o vento as levasse para aquela pessoa do mundo que você gostaria que as ouvisse. Do Ártico para o segundo vagão de uma linha central de trem. E tudo porque você os viu, uma vez.

E, ainda assim, funciona. Às vezes funciona. Você ouve isso o tempo todo, especialmente histórias que começam com: *Darren Howe, 32, soube imediatamente que ele tinha visto o amor de sua vida, Julie Draper, 33, entrar no trem enquanto ele embarcava para casa em Tottenham uma noite. O problema era que Julie estava descendo!,* e terminam com detalhes do casamento deles e o que seus colegas achavam.

E esses encontros, esses minúsculos triunfos, dão a cada pessoa que está sendo golpeada pelo destino, uma passagem para Groundhog Day, algo a mais para manter a esperança.

Espero que ela leia. Espero que ela sinta o mesmo.

Espero que alguém tenha me visto. Espero que nos encontremos novamente.

Meus olhos examinavam a página.

Eu vi você. No 182, depois do Neasden Shopping Center numa segunda-feira. Olhei para você, mas

você estava olhando para fora da janela. Que tal um café algum dia?

É, boa sorte com essa, amigo.

Eu vi você. Festa fetiche, Covent Garden. Você era a freira esbofeteando o garotinho asiático. Eu fiquei amedrontado.

Eu também.

Continuei lendo, não mais apenas olhando, mas os analisando, entendendo suas esperanças, e esperando que eu não soasse como eles. Porque certamente meu momento foi especial. Único. Merecedor de um encontro.

London Now traz sessenta mensagens em um dia. A mesma quantidade de homens e mulheres. E cada mensagem recebe talvez doze respostas. As pessoas são desesperadas para serem vistas. Para serem escolhidas. Para ser A tal. Ou O tal de *Qualquer um*.

Enquanto eu lia, percebi, com uma agitação repugnante, aquela parte de mim estava esperando, aguardando, me encontrar lá. O homem misterioso de Charlotte Street. *Você segurou minha sacola, você tomou conta do meu coração*, esse tipo de coisa. Isso mesmo. Romântico. Talvez eu fosse o tipo de sujeito que seria notado. Talvez eu não tivesse que me vestir de freira e esbofetear garotinhos asiáticos para merecer um segundo olhar.

Continuei lendo, mais rápido agora.

Eu te vi e te vejo todo dia. Eu te cumprimento todo dia. Você pode ler meus olhos? Sinto sua falta todo dia. Eu te amo todo dia.

Qual era a história desse cara? Porteiro? Motorista de ônibus? Recepcionista? Quem era a garota? Ela o tinha notado? Ele é alguém para ela ou é apenas o cara atrás do balcão no Benji’s?

Por que ele não diz algo para ela?

Mas eu sabia o porquê. Pois há certo medo de que esses momentos na verdade não existam fora da sua própria cabeça. Os olhos não se encontram em um lugar lotado, duas pessoas não pensam precisamente na mesma coisa, e se só uma pessoa na verdade tem aquele momento, ele é de fato um momento?

Nós sabemos disso, então, não dizemos nada. Nós desviamos nossos olhos ou fingimos estar procurando por mudanças, esperamos que a outra pessoa tome a iniciativa, porque não queremos arriscar perder esse sentimento de agitação, possibilidades e entusiasmo. É perfeito demais. Aquele segundo de esperança vale alguma coisa, possivelmente para sempre, enquanto deitamos em nosso leito de morte, rodeados por nossos filhos, nossos netos e nossos bisnetos, e não podemos evitar a não ser dar nossa última, egoísta e agonizante opinião sobre o que teria acontecido se tivéssemos realmente dito “olá” para aquela garota no Uggs vendendo CDs fora do Nando’s 74 anos antes.

É o “e se”? O “e então”? E nós sabemos que, se formos atrás, se nos arriscarmos, imediatamente nos posicionamos para perder tudo isso. Mas,

estranhamente, uma parte de nós acredita que o sentimento é de duas vias porque deve ser; é especial demais para não ser. Acreditamos que alguma coisa foi dividida, mesmo que a evidência que temos seja… O quê? Um olhar que durou uma respiração mais longa do que o normal? Um segundo olhar, quando o olhar poderia facilmente ter sido para checar se havia algum táxi vindo, ou se a jaqueta que estamos vestindo, que chamou nossa atenção, ficaria boa no namorado dela, ou por que estávamos nos encarando.

Eu vi você. Você não se segurava nas alças do trem. Fiquei esperando que o trem balançasse e você caísse em mim. Mas não.

Eu sorri. Esses pequenos momentos, nunca ditos em voz alta, tão estruturados e perfeitos quanto pequenos e doces haicais, romantismo e desejo cravados na poeira de uma cidade imunda.

E, finalmente, lá estava a minha.

Eu a li.

Eu vi você. Charlotte Street. Você estava entrando em um táxi. Acho que ainda tenho algo seu. Entre em contato se quiser que eu lhe dê.

Pronto.

Prático. Nada de surpreendente, nada de impressionante, provavelmente algo que não seria lido no nosso casamento, mas *bom*.

Era a minha parada.

Eu li mais um "Eu Vi Você"…

Eu vi você e te beijei perto da Chelsea Bridge. Parecia um momento eterno. Eu tive que correr, mas deixei meu telefone. Será que você perdeu?

E, então, dobrei o jornal.

Levantei, deixando a esperança de alguém no assento próximo ao meu, mas levando comigo um pouquinho de mim mesmo.

Ao chegar ao escritório, todo torto por estar carregando cafés e *croissants* (um pouco mais enxuto agora… Clem está de dieta e Sam prepara seus próprios *muffins* esfarelentos), senti meu telefone vibrar na jaqueta.

Uma mensagem da Sarah.

Obrigada, Jase… Um gesto amável. Um drinque em breve? (sem álcool, é claro) Bjs

Sorri. A outra coisa que eu tinha feito ontem, enquanto navegava pela internet fingindo pesquisar, foi mandar flores para Sarah. Nada elegante demais. Só um buquê tradicional com um cartão minúsculo parabenizando ela e, é claro, o Gary pela notícia. Não havia razão para se sentir menosprezado por uma gravidez. No minuto em que bebês começam a receber o melhor de você, é hora de desistir da luta.

Não estou sugerindo que você devesse se opor a bebês.

Eu respondi.

Não foi nada. Parabéns de novo. Desculpe por… Tudo. Um café seria legal.

Apertei enviar e encarei a tela por um segundo. Foi a coisa certa a ser feita.

Mas eu ainda não achava que poderia encontrá-la. Ainda não. Talvez quando o bebê dela tivesse com… O quê? Dezoito? Entrando na universidade? Ainda seria cedo demais.

Talvez quando se aposentasse.

Quando entrei, Zoe estava se sentando.

— Para quem você estava enviando uma mensagem? — ela perguntou, sorrindo. — Passei por você lá fora. Você estava bem interessado.

— Para, você sabe… — eu me esquivei. — Sarah.

— Sarah? — Zoe disse, e apareceu um flash de algo que eu não consegui identificar muito bem. — Então, vocês…?

— Não.

— Vocês não estão…?

— Não.

Uma pausa.

— Uma pena.

Girei a tampa do meu café e me sentei à minha mesa.

— Vocês ficavam bem juntos — ela disse, fingindo ter dificuldade ao tentar se conectar. — É uma pena… Você sabe, não ter dado certo.

E lá estava eu. A pontada familiar de culpa e arrependimento, mas mais forte dessa vez. Mais forte porque tudo isso tinha vindo da Zoe.

— É. Bem — eu disse, demonstrando que este era o fim da conversa. Olhei para o monitor e organizei uma lista mental de coisas a fazer.

Clem foi o próximo a chegar ao escritório, batendo a porta ruidosamente contra a parede, com calças folgadas por baixo de uma pança avantajada, tendo usado seus poucos dias de cama para experimentar ficar com barba, é o que parecia.

— Bom dia! — Sam disse. — Café?

— Sim, estou com um pouco de tosse, na verdade! — ele disse, sorrindo. — Essa droga de pneumonia!

Eu tinha descoberto que Clem não era o homem quieto e modesto que eu achava que fosse quando entrei no escritório. Lá estava um homem que não tinha alcançado seus 40 anos e tinha muito orgulho de seus poderes com trocadilhos, sacadas e sátiras das situações.

— Os trens atrasaram novamente — ele disse, suspirando. — *Essa* é uma grande surpresa.

Ele fez uma pausa onde ele achava que a risada entraria, então ele disse:

— Tragam de volta a British Rail, é o que eu digo!

Eu fiz um educado som de “é”. Mas, então, ele virou o rosto completamente para mim. Agora ele tinha encontrado seu alvo.

— Você sabe como eu chamo a First Great Western, Jase, quando viajo com eles? A *Pior* Great Western. Então, eu odiaria viajar com a *Second* Great Western!

Ele me encarou, esperando minha resposta, mas tudo que consegui foi dizer outro "é", um pouco mais fraco. Mas até que era legal. Talvez ele tivesse gastado todo o seu material sobre First Great Western. Ele então tentou alguma coisa do tipo First *Odeio* Western, mas que ainda estava em aprimoramento, e não pareceu se preocupar quando eu simplesmente parei de olhar para ele e me virei.

Eu tinha comunicados de imprensa ao meu redor e algumas revisões que eu mesmo gostaria de fazer. O novo do Jim Jarmusch, para começar. Eu gostava de Jim Jarmusch. Ou melhor, eu gostava do seu nome. Fazia me sentir como se entendesse de filmes, apenas por dizer seu nome. Fazia me sentir aquele tipo de cara que compraria café colombiano em vez de Nescafé, porque "não suporto instantâneo". Fazia me sentir como alguém em um jantar ostentando que "nós nem mesmo temos uma televisão, na verdade; não suportamos essa coisa".

Fazia me sentir imponente.

Talvez eu pudesse descobrir o que outras pessoas tinham escrito sobre seu filme novo; entender como foi seu recebimento de forma geral. Não faz sentido eu me ausentar nos meus primeiros dias.

Eu me dirigi ao Google e, enquanto eu digitava "Jim Jarmusch", não pude evitar e notei que não era isso que estava aparecendo na caixa de busca. Porque eu não tinha digitado aquelas palavras. Eu tinha digitado: *Alasca Prédio Londres.*

Chequei se alguém estava olhando.

Cliquei em pesquisa.

— É… Com licença? — Clem disse, girando-se em sua cadeira, logo depois. — Alguém tem usado meu computador?

Eu gelei.

— Eu não — eu disse.

— Você não, Jason? Então, por que seu nome está na caixa de login? A não ser que, é claro, não tenha sido você, mas o ator do programa *Barrados no Baile.* Mas eu não o vi no escritório, parece-me que deve ter sido você! Mas parece estranho seu nome estar na minha caixa de login se você não, você sabe, registrou-se nela.

Tá bom, Clem!

— Ah. "Registrou-se nela". Registrou-se *nela*. Esse é, afinal de contas, o objetivo de uma caixa de login. Registrar-se. Nela?

Tá certo, sim, ok.

— Há uma fada do login que eu não conheça? Um duende minúsculo que se registra aleatoriamente, onde quer que ele queira?

— Fui eu, Clem. Eu me registrei uma vez enquanto você estava fora. Acabei de me lembrar. Meu computador parou. Eu precisava me conectar a

algum outro.

Clem parecia satisfeito.

— Mistério resolvido, parece-me!

Ele parecia encantado, como um homem que conseguiu resolver aquilo apenas dizendo “parece-me” ao final de uma frase, você faz disso uma piada.

— Então vamos ver o que você fez por aqui — ele disse, virando para o monitor.

— Vamos checar o histórico do computador. Eu posso ver cada movimento seu. Espero que não tenha sido pornografia infantil, Jason. Há uma lei contra isso agora, o que é correto.

Ele riu e começou a clicar, e um calor irritadiço e desconcertado começou a queimar meu pescoço.

— Cara, eu estava checando meu e-mail.

— Humm… Vamos ver.

— Clem…

Ele estava gostando disso, agora, e movendo o mouse sabe Deus por onde. Eu estava, instantaneamente, repugnantemente nervoso. O que eu iria dizer se ele descobrisse? Se ele anunciasse em voz alta? “Eu Vi Você” é uma piada interna no escritório, um espaço para cansativa depreciação e cinismo fácil, um espaço para *olha-para-o-estado-dessas-pessoas!*, o que é uma ironia, considerando o montante de refeições-para-um que esse lugar recebe, mas, ainda assim, eu seria massacrado. Eu seria o novo garoto na escola, aquele que todo mundo está desesperado para que cometa um deslize, mesmo que uma única vez, para que assim eles coloquem um apelido nele para toda a eternidade.

— Clem, pelo amor de Deus, eu estava checando meu e-mail. Para com isso.

— Parece-me estar um pouco irritado com isso, Jason. Você se importa se eu continuar olhando?

— Clem, não há nada…

— Eu julgarei isso, Jason! É meu computador, parece-me.

E então perdi. Não sei o que era. A sobrancelha levantada? O territorialismo paternalista? A inocência divertida de tropeçar na vida de outra pessoa? Eu precisava impedi-lo.

— Clem, você é o cara menos engraçado que já encontrei na minha vida, então por que você não para de agir de maneira estúpida com suas piadinhas insignificantes e vai fazer sua droga de trabalho?

Ele se esticou todo na cadeira.

Sabe aqueles momentos em que você diz algo terrível que não sabia que iria dizer e você tem talvez três ou quatro segundos para imaginar como fazer tudo

aquilo parecer mais alegre do que você pretendia? Bem, eu queimei meus três ou quatro segundos pensando nisso.

— Jason, podemos conversar?

Zoe estava parada perto de mim.

Concordei e me levantei. Clem ainda não tinha virado. Olhei para seu monitor. Continuava na página do login.

— Eu não poderia fazer isso mesmo se eu quisesse, Jason, porque valorizo a privacidade das pessoas — ele disse, calmamente.

Sam chegou, empipocada e carregando um *muffin* horrível.

— Acho que precisamos conversar sobre você e a Sarah, e tudo que está vinculado a isso — Zoe disse, no Starbucks virando a esquina.

— Acho que não me sinto muito confortável para falar sobre coisas pessoais desse tipo com minha chefe.

Ela sorriu. Mas era bom; ela sabia disso. Meu coração se deprimia toda vez que eu via que ela não estava desistindo.

— Dá para entender, você para baixo… Especialmente depois de tudo que vocês passaram.

Ela fez uma cara de dor.

— E…

— Não precisamos falar sobre isso, Zo. E não estou chateado com a Sarah. Me derrubou um pouco, mas a melhor coisa a se fazer é seguir em frente. Agarrar o próximo momento e seguir em frente.

— Fala sério, Jase. Você recebe uma mensagem dela. Cinco minutos mais tarde você está explodindo com o pobre do Clem.

— Aquele cara é um idiota.

— É, ele é um idiota, mas um idiota legal — ela disse. — Parece-me.

Eu sorri.

— Tá a fim de sair para comer hoje à noite? — ela perguntou. — Seria legal colocar o papo em dia. Passear, como nos velhos tempos?

— Não posso hoje à noite. Vou ver uma apresentação.

— Mande outra pessoa. Você tem poder agora.

— Eu mesmo gostaria de ir. É uma banda. E por acaso vai ser no sul de Londres, então eu pensei em dar uma passada.

— “Por acaso” vai ser no sul de Londres? Por que você vai para o sul de Londres?

— Eu tenho… Uma coisa para fazer. Ver. Uma coisa para ver — eu disse.

Ela olhou para mim, curiosa.

— Isso me faz bem — eu disse, acenando com a cabeça para mim mesmo, como se eu tivesse considerado o convite dela para tomar café e talvez ela

estivesse certa e, na verdade, isso poderia ser a melhor coisa para mim. Como se fosse ideia dela.

Ela levantou a cabeça.

APARTAMENTOS.

O edifício Alasca em Bermondsey é de apartamentos. Apartamentos localizados longe do sul de Londres, e escondidos atrás de portões velhos da antiga fábrica, mas ainda assim são apartamentos.

Talvez ela morasse lá.

Em, bem, uma antiga fábrica de casacos de pele de foca. Não tenho certeza se me sinto atraído por pessoas que moram em uma antiga fábrica de casacos de pele de foca. Ou em qualquer lugar anteriormente lotado de gordura, carne e tinta. A pista estava nos portões de tijolo, com uma gravura escura e desgastada de uma foca do Alasca. Havia um pub do outro lado, o Final Furlog, que era quadriculado e sombrio, mas estava fechado e lacrado. Ninguém nas ruas, no entanto. E nenhum sinal de vida vindo da fábrica.

Mesmo assim. Talvez ela realmente morasse aqui. Ou perto daqui. Talvez ela bebesse no Final Furlog.

Na verdade, se ela bebesse no Final Furlog, isso nunca funcionaria.

Eu tinha a foto na minha mão. Minha ótima ideia era de talvez perguntar para alguém. Manter as coisas simples e naturais como estavam. “Você conhece essa garota?” As pessoas fazem isso o tempo todo. Eles fazem com gatos, pelo amor de Deus. E estou em Bermondsey todo o tempo. Não é como se eu fosse ter uma boa reputação por causa disso.

Caminhei um pouco mais, descendo a rua, até que vi o único sinal de vida de verdade, em uma casa de *kebab*. Olhei para a foto novamente.

Essa garota não parecia o tipo de garota que comia *kebab*s. Ela provavelmente comia salada no almoço, junto com um *milk-shake* caso quisesse ser um pouco atrevida. Eu gostava disso nela. Ela parecia… Saudável. Havia um brilho de saúde. Mas isso não a afastava da verdade universalmente conhecida de que, de vez em quando, até o Sr. Motivador precisa de um *kebab*.

— Oi — eu disse, quando o homem atrás do balcão finalmente se virou. — Eu sei que isso pode parecer um pouco estranho, mas essa garota já veio aqui?

Ele franziu a testa, tirou um molho de *chilli* do caminho e pegou a foto das minhas mãos.

— Essa garota? — ele perguntou. — Desaparecida?

— Desaparecida? Não, ela está… Eu só estou tentando encontrá-la. Nós perdemos contato.

Agora não parecia a hora certa para explicar sobre a câmera.

— Esposa?

— Não. Uma amiga.

— Por que perderam contato?

— Ah, você sabe.

— Brigaram?

— Não. Então, ela vem aqui?

— Não — ele disse, ainda olhando para ela. E então: — Você pode colocá-la na janela.

— Ahn?

— É. Faça cópias, coloque no vidro. Talvez ela passe. Por que você acha que ela vem aqui? Ela gosta de *kebab*?

Ele riu por um bom tempo.

— Bem, a foto foi tirada bem ali e…

— Faça uma cópia. Venha, olha!

— Não, tá tudo bem. Provavelmente é um pouco…

— Ei, faça uma cópia! Venha!

— Tá bom!

Mas ele estava segurando firmemente a foto. E então gritou. Gritou para alguém que estava na parte de cima descer. Um jovem rapaz, 17 anos talvez, com uma camiseta antiga dos LA Lakers, colocou a cabeça por uma porta lateral e o homem, que estava falando com ele de uma forma que só um pai poderia, deu algumas instruções. O rapaz pegou a foto e fechou a porta, olhando para ela.

— Ele faz cópia. Canon. A impressora faz cópias. Canon.

E acenou, e fiz uma cara de impressionado, e disse:

— Canon.

Eu não tinha certeza da etiqueta por aqui. Esse homem estava me fazendo um favor. Ajudando-me a encontrar minha velha amiga, com quem eu tinha perdido contato, pregando uma foto dela no vidro da sua casa de *kebab*. Acredito que isso signifique que eu tenha que comprar um *kebab*.

— Hum… Já que estou aqui, gostaria de um *kebab*, por favor.

— Molho de *chilli*? — ele disse, satisfeito.

Minutos mais tarde a porta se abriu novamente e dela veio o rapaz, segurando uma folha de papel A4 com uma impressão ruim da foto. Ele tinha deixado um espaço em cima e embaixo para um recado e trouxe uma variedade de canetas coloridas.

— Vai — o homem disse. — Escreva!

— Ah… OK — eu disse.

Aquilo foi esquisito. Eu disse ao homem que éramos amigos. Que tínhamos perdido contato. Como posso escrever algo sem parecer louco?

Agarrei uma caneta verde, e então me lembrei de uma vez ter ouvido uma

coisa: de que só os psicopatas escrevem de caneta verde, então, eu escolhi a vermelha.

Você é essa garota?, eu escrevi, o homem me observava o tempo todo, enquanto balançava uma frigideira cheia de batata frita. *Se for você, entre em contato!*

Olhei para o papel. E achei que precisava de mais pontos de exclamação. Coloquei mais uns dois. Então, troquei de caneta e coloquei mais alguns. E então percebi que psicopatas provavelmente também adoravam pontos de exclamação.

O homem parecia satisfeito com o meu esforço, então escrevi meu telefone e entreguei a foto para ele.

— Boa sorte! — ele disse, passando meu *kebab* pelo balcão. — Espero que ela ligue.

Acenei e coloquei um dinheiro no seu latão do Poppy Appeal.

Lá fora, na rua escura, fiquei parado por um momento e observei o homem e seu filho discutirem por um segundo, tudo às vistas de todos, como uma novela particular. A foto pendurada na janela suja e já ignorada por um casal, estava amontoada e de cabeça para baixo.

Olhei para o relógio. Eu estava atrasado.

The Kicks estavam tocando em um lugar pequeno por perto, no verde fosforescente Crown & Anchor, em Camberwell, na esquina com a Rodney Place, próximo ao centro de conserto de para-brisas, exatamente do lado oposto.

Eles devem ter sentido que conseguiram chegar lá.

Eu também senti. De verdade. Eu já me sentia como um respeitável crítico musical, representando meu jornal. Meu nome estaria na porta, foi o que me disseram, e eu economizaria 10 reais de entrada, o que fazia que me sentisse importante.

— Oi. Meu nome é Jason Priestley — eu disse, e a garota da porta riu.

Eu estava acostumado com isso.

— Nossa, você tá cheirando a *kebab* — ela disse. — Desculpe por ter rido.

— Ah, é. Eu acabei de comer *kebab*. Achei que estivesse rindo do meu nome.

— Por que eu faria isso?

Ela deu um sorrisinho para mim.

— De qualquer forma, eu sou do *London Now* — expliquei.

— É, eu sei — ela disse. — Achei que fosse um daqueles nomes inventados. Você sabe, quando um jornal escreve críticas ruins sobre as coisas, então nomes são inventados para que eles não sejam perturbados. Eu li suas críticas. Você não é um homem feliz, é?

Ela era linda, essa garota, e sorridente. Talvez vinte e poucos anos. Franja preta lisa. Ela estava vestindo o que parecia ser uma camiseta feita em casa e *leggings* azul néon. Ela era descolada. Eu, de repente, me senti um cinquentão.

— Não é isso — eu disse. — Eu tenho gostos específicos.

— Bem, vá com calma — ela disse, e então se aproximou e gentilmente me deu a mão.

Eu não sabia o que dizer.

E então ela a carimbou.

The Kicks era uma banda boa. Eles eram *realmente* bons. Quero dizer, como já expliquei, não sou especialista, mas sou pago para parecer um, então estou te contando, com a minha melhor cara de especialista, que eles eram bons. Além disso, eles tinham fãs. Aproximadamente uns doze, mas todos eles tinham viajado de Brighton para assistir ao show da banda que eles viam em Brighton, então você não pode criticar o entusiasmo deles.

Os caras (eram cinco) tinham todos mais ou menos 19 anos, mas eles dançavam, agitavam e faziam piadas casuais, naturais e das coisas do mundo entre as músicas. Reconheci uma ou duas faixas do álbum e fiz algumas anotações em um pedaço de guardanapo que encontrei.

Nunca sei como agir nessas apresentações. Eu me sinto pouco à vontade e esquisito. Não consigo relaxar e não confio no meu senso de ritmo, então eu franzo um pouco a testa e balanço a cabeça, e sinto que isso me faz parecer como se estivesse em outro lugar, em uma superfície mais alta, observando tudo como um pedaço de arte em um nível bem mais além do que todas as outras pessoas. Segurar um pedaço de papel me deixa poderoso também. Isso significa que não tenho que me comprometer. Não estou aqui como fã, e nem por acidente. Estou aqui para fazer alguma coisa, e por uma razão. Às vezes, gostaria de segurar um pedaço de papel por toda a vida.

E então notei o olhar dela.

A garota da porta estava olhando para mim e sorrindo. Ela parecia amar essa batida, e fez um gesto de chifre em minha direção. Acenei e sorri de volta, e tentei fazer esse negócio de chifre, mas parecia mais que eu estava chamando um táxi. Ela se virou para a banda, e então fiz minha cara de importante de novo, anotei mais algumas coisas, a maioria das quais eram apenas palavras aleatórias, como: “música” e “canção”.

Olhei de novo para ver se ela estava olhando para mim, mas não.

E então a apresentação acabou.

Decidi ficar mais um pouco, terminar minha bebida. Observei a garota abraçar o pessoal da banda enquanto eles desciam do palco minúsculo. Eles estavam suados e já seguravam umas latas de Red Stripe, e me senti pouco à vontade, então bebi o resto da minha dose e desdobrei um pequeno mapa do metrô para me ajudar a descobrir como chegar em casa.

Mas então ela estava lá.

— Bebida? — ela disse.

Era 1h38 da manhã e estávamos na Phoenix, na Charing Cross Road.

Abbey, pois esse é seu nome, eu, The Kicks e seus fãs estávamos agora conversando, mas era uma conversa boa. Uma conversa informal. Eu já tinha várias informações da garota. Abbey era solteira, para começar, ela tinha o papel de um tipo de promotora-chefe e agente dos meninos. Era estudante da Universidade de Brighton, fazia representação e artes visuais, que não levava tão a sério quanto esperava, mas na verdade não posso dizer muito mais, porque, como eu disse, ela já tinha me dito que era solteira e era exatamente nisso que eu iria me focar.

— Então você achou eles bons, né? — ela perguntou, um pouco mais perto de mim agora. Acho que ela tinha glitter nas bochechas.

— Achei — eu disse. — Muito bons, olha as minhas anotações.

Eu encontrei um pedaço amassado de lenço de papel e comecei a ler.

— Música. Canção. Alto-falantes. Guitarras.

Ela deu umas risadinhas e tentou pegá-las de mim, mas eu não deixei.

— Canções e letras diferentes — eu disse. — Bom uso da bateria.

— Eles são o brilho de Brighton — ela disse, e eu guardei a frase.

Estávamos sentados em um banco e The Kicks tinha tudo para dar certo. Jaquetas de couro e cabelo bagunçado, camisetas com referência de rock. A clientela habitual era o pessoal do teatro. Homens de boa aparência e mulheres vindos de uma noite de show, algumas ainda com maquiagem, alguns você poderia jurar que não tinham mudado nada do palco. The Kicks trouxeram uma linha mais pesada e mais jovem. E eu parecia o contador deles.

Conversei um pouco com Mikey, ele pareceu ter achado que era um tipo de entrevista, e então eu tive de fazer o mesmo, fazendo perguntas sérias e tentando parecer como se eu estivesse prestando atenção em tudo. Ele me disse como tinham escolhido esse nome (um comando para Feargal Sharkey, fato que eu não tinha entendido, mas fingi que tinha) e o que eles esperavam fazer em seguida. E então me peguei dando conselhos para eles. Conselhos sábios de um homem com, literalmente, nenhuma experiência do mundo deles ou coisa do tipo. Mas eles levaram numa boa, brindaram em meu nome e me senti parte de uma nova turma.

Lá fora, tocamos as mãos em um gesto de adeus, o que eles levaram de uma forma irônica, e eu me peguei usando a palavra “cara” mais do que o habitual.

— Bom te ver, cara. Boa sorte!

— Então, quando a crítica vai sair? — Abbey perguntou, repentinamente.

Chamei um táxi preto, de maneira meio instável. Os meninos entraram no deles.

— Nos próximos dias — eu disse.

E ela olhou para mim.

— Me conta sobre você — ela disse.

Foi inesperado. O que se responde para uma pergunta dessas? Ela já sabia que eu morava no norte de Londres (mas não que era próximo de um lugar que todos achavam ser um bordel, mas não era), que eu era editor de críticas no *London Now* (mas não que eu estava fazendo isso por dois dias e só porque outra pessoa estava doente) e que meu nome era Jason Priestley (sua irmã mais velha teve pôsteres do Brandon Walsh na parede por anos, ela disse).

Mas o que mais?

"Diga algo elegante", eu pensei. "Você é um homem mais velho. Você tem experiência. Você é urbano. Veste sapatos apropriados. Carrega uma carteira. Você só precisa de mais um carimbo antes de conseguir um café com leite gratuito no Costa."

Mas, em vez disso, eu disse:

— Minha namorada me deixou e agora ela está noiva e grávida.

Uma pausa.

— Eu também encontrei uma câmera recentemente.

Houve um momento horrível de silêncio.

Ela me encarou por um segundo.

E então:

— Que *tipo* de câmera?

Eu ri. Mikey colocou a cabeça para fora da janela.

— Vamos, Ab!

Ela começou a caminhar para trás, e então disse:

— Eu volto em umas duas semanas. Poderíamos comer um *kebab* se você quiser.

Fiz o chifre para ela.

Corretamente dessa vez.

CAPÍTULO 11
OU “HOMEM PREGUIÇOSO”

QUANDO ME LEVANTEI, Dev estava preparando o café da manhã.

Eu disse “preparando o café da manhã”, mas quis dizer que ele tinha colocado água para ferver na chaleira.

— Faz um para mim também? — ele gritou da sala de estar, e pude ouvir o doce som da manhã do *Modern Warfare 3* vibrar em minha direção.

Entreguei a ele o chá e me afundei no sofá.

— *Dobranoc?* — ele perguntou, sem tirar os olhos da tela.

— Eu. Tive. Uma. Noite. Incrível.

— Teve? O que aconteceu?

— *Rock and roll*, meu amigo — eu disse. — *Rock and roll* foi o que aconteceu. Assisti ao show de uma banda e depois fomos a um pub.

— Uau — ele disse. — Você não consegue muito mais *rock and roll* do que isso. Um pub! Como eu vou poder conviver com essa inveja? Você certamente está vivendo o melhor momento da sua vida.

— The Kicks, Dev. Eu encontrei os caras e eles eram superlegais, e nos demos bem, sabe? E havia uma garota chamada Abbey que pareceu ter se encantado comigo.

— A agente deles, né?

Eu empaquei. Dev me viu empacar. Eu não sei como pareço quando empaco, mas o Dev sabe. Talvez eu esteja sempre empacando.

— Queria uma boa crítica, né?

— Não, é que… Por acaso eu estava lá depois da apresentação e…

— Vai vê-los novamente?

— Talvez daqui umas duas semanas.

— Depois da crítica ter saído?

— Não há nada certo até agora, mas…

— É. Não vai rolar. Esqueça a Abbey. Não se trata da Abbey.

E então Dev jogou seu controle para baixo.

— Ah! — ele disse. — Eu me esqueci de dizer! Foi *genial*!

— O quê?

— Eu vi sua mensagem! Para a garota!

Eu pisquei. O quê?

— Eu vi! — ele disse novamente.

— O negócio no *kebab*?

— O quê? Não. Que negócio no *kebab*? Eu estou falando do *London Now*. Muito engraçado. Muito atrevido.

— Eu não escrevi nada engraçado. Ou atrevido. Fui completamente franco. Quase como uma transação de negócios. Bem direto ao ponto.

Dev sorriu para mim como se eu fosse um descarado qualquer e jogou uma cópia do *London Now* no meu peito.

Eu vi você. Charlotte Street. Você estava entrando em um táxi. Acho que ainda tenho algo seu. Entre em contato se quiser que eu lhe dê.

— Eu não acreditei! — Dev disse. — Você não me contou que ia fazer isso. Mas que engenhoso você foi. Usou o que está ao seu redor. Foi atrás! Eu achei engraçado!

Mas não era para ser engraçado. É difícil ser engraçado em 30 palavras. Vinte e oito, na verdade. As palavras "Eu Vi Você" são "gratuitas", e me certifiquei de que a minha mensagem tinha exatamente 28 palavras, mostrando uma habilidade para comunicação concisa e demonstrando meu lado sensato. Isso também trouxe a negação. Se o homem com relógio grande também era, como eu suspeitava que ele fosse, altamente treinado como um instrutor em várias artes marciais, eu podia quase plausivelmente dizer que queria que isso tivesse um tom romântico. Mas 28 palavras são o suficiente?

Comecei a contá-las, sem me preocupar muito, enquanto Dev tagarelava, querendo saber se havia a mais remota chance de ela também ter lido. Se agora ela também teria um companheiro de apartamento a irritando no café da manhã. Talvez nesse momento milhares de pessoas ao redor de Londres estivessem tirando sarro de seus colegas de apartamento com esses anúncios. E talvez, em poucos casos, eles tivessem escolhido fazer essa provocação em salas de estar, em ônibus, metrôs ou trens, enquanto as pessoas as reconheciam, e talvez percebessem que o momento que elas pensavam ser apenas delas, era na verdade um momento que elas estavam dividindo, e…

Espera aí.

Eu recontei. E contei de novo.

Vinte e sete.

— Quero dizer — Dev disse —, achei que você foi ousado, mas às vezes é disso que as mulheres gostam, não é? Um pouco de risco.

Vinte e sete?

E aí me caiu a ficha.

Clem estava voltando para o escritório, porque ele tinha esquecido seu isqueiro, e deve ter sido quando eu tive que voltar, e terminei minha mensagem com rabisco, porque me lembro que, quando ele entrou, eu já estava a alguns metros de distância da mesa dele, mas não chequei o que eu tinha escrito, porque

não precisava, mas agora, aqui na minha frente, um dia depois, eu vi.

Estava faltando uma palavra.

Uma palavra que mudou minha mensagem sensata para o tipo de mensagem que eu estava tentando evitar. Eu tinha lido o que eu achava que tivesse escrito, por isso eu me torturava.

O que havia sido publicado, no entanto, terminava de uma maneira diferente. O que havia sido publicado terminava em:

Entre em contato se quiser que eu te dê.

Fechei meus olhos, e então os abri e li novamente.

Que eu te dê? Não! Que eu *devolva* para você! Entre em contato se você quiser que eu *devolva* para você!

Não te *dar*! Era *agressivo*! Era *indecente*!

Era o tipo de mensagem que Dev e eu tirávamos barato. Estúpida. Sem graça. O tipo de última tentativa que um homem bêbado e queimado de Sol, com tatuagens inadequadas, faz para uma garota inteligente e racional tentando ignorá-lo na hora que o bar está fechando.

Esse não era eu.

E agora eu tinha certeza, absoluta certeza, de que ela leria. Ela leria a mensagem, e teria má impressão, e provavelmente passaria pela casa de *kebab* e veria sua foto ali também, com os pontos de exclamação de vermelho, amarelo e verde, feitos por um psicopata genuíno e autêntico, e então ela fugiria do país e se casaria com um homem bronzeado.

Bem feito, Jason Priestley! Você pegou uma situação difícil e deu o seu jeito de torná-la ainda pior.

Fechei o jornal em silêncio. Então, Dev perguntou:

— Que negócio é esse de *kebab*?

A QUARTA LIGAÇÃO naquela manhã aconteceu assim que eu saí do ônibus em frente ao escritório. E as conversas até agora foram mais ou menos assim:

Eu: Alô?

Garoto: Sim, sou eu, a garota dos seus sonhos que você tanto procura.

Eu: Você é um garoto.

Garoto: Não, eu sou a moça do pôster na casa de *kebab*.

Eu: Tenho quase certeza que você é o garoto que tem me ligado a manhã toda.

Garoto: Por que você está colocando pôsteres para garotos, então?

Eu: Olha só, eu tenho o seu número agora.

Garoto: Então, agora você está pegando telefones de garotos?

Eu: Tchau.

(Risadas silenciosas, cumprimento com as mãos, alguém no fundo dizendo “liga pra ele de novo,

liga pra ele de novo!”.)

E, então, a busca, do jeito que estava, poderia ter sido melhor.

Fui lentamente até o escritório, timidamente, segurando uma bandeja com cafés e uma caixa de chocolate para o Clem. Clem ama chocolate. Esse é o tipo de detalhe que você pega em um escritório.

— Não são simplesmente chocolates! — ele disse, agradecidamente e com as sobrancelhas levantadas. — São chocolates belgas!

— Aham! — eu disse, embora devesse ter sido mais empático. — Bem, sei que você gosta. E peço desculpas por ontem.

— Não, grandão! — ele disse. — Todos nós temos os nossos momentos.

— Você estava apenas sendo engraçado — eu disse.

— Estava mesmo, não estava? — ele disse, de maneira pensativa. — Você estava sofrendo o que é tecnicamente conhecido como uma FSH. Falha no Senso de Humor!

— Rá, rá! — eu disse, de novo, como se eu não tivesse ideia de como ele inventava essas coisas espetaculares.

— Você sabe que o Clem se inscreveu para fazer *stand-up* na próxima semana? — Zoe disse, encarando seu monitor, evitando fazer contato visual.

— Você tá brincando? — eu disse.

— Bem, eu estarei! — disse Clem, encantado com sua piada. — Tenho esperança de estar brincando! Ei, Sam, você ouviu essa?

Sam se virou, com os olhos exaustos.

— Jason disse “Você tá brincando?” sobre o fato de eu fazer *stand-up* e eu disse, “Bem, eu estarei!”.

Sam virou para frente.

— Você devia ter visto sua cara! — ele disse para mim. — Continue falando mais algumas, filho, que eu as rebato!

Eu levantei meu dedão em um sinal do tipo “joia” para ele e me sentei.

Clem olhou para o nada, sua boca buscava alguma coisa engraçada para dizer sobre dedão.

Comecei a escrever minha crítica.

— O brilho de Brighton — foi o título que dei.

Fiz muito esforço para chegar nessa “joia” de título. Rá!

Hora do almoço. Postman’s Park. Um sanduíche de atum, uma lata de Coca-Cola e um Dev animado.

— A minha ficha caiu só depois que você se foi! — ele disse.

— O quê?

— Você. A Garota. O potencial. Você tem tudo à sua disposição para fazer dar certo!

Eu o encarei e tentei sutilmente ver se estava sentindo o cheiro da *Jezynowka*. Começamos a caminhar.

— Pense nisso — ele disse. — Você tem um público. Um público que pode usar para encontrá-la!

— Do que você está falando?

— Há coisas que você pode fazer. Você tem o lugar todo à sua disposição!

— Que lugar?

— Londres.

— Mais especificamente?

— *London now!*

Não. Não, obrigado, Dev. Não vou dizer que não tinha considerado isso. Um artigo no jornal teria seus efeitos, mas seria muita exposição. Muito constrangedor. Muito necessitado e desesperado. Eu já vi aqueles artigos escritos por jornalistas nos quais eles mergulham em uma coisa, como encontro de solteiros ou coisa do tipo, sempre escritos com aquele mesmo sorriso esperto, malicioso e irônico, e eu não faço parte disso.

— Eu não acho que esse seja o caminho — eu disse. — Não acho que ela gostaria.

— Como você sabe?

— Muita atenção. Quem sabe como é a vida dela?

— O quê? Não estou falando de uma superexposição. Estou dizendo que há ferramentas que você pode usar. Aquelas fotos, sabe? Concordamos que elas estão cheias de pistas. Um plano de fundo, uma loja, um carro elegante na parte de fora de um prédio chamado Alasca.

Fiquei quieto sobre a minha viagem para Bermondsey.

— Você não sabe que lugar é aquele, então pergunta aos leitores. “Londres Escondida”, poderia chamar. Ofereça um pequeno prêmio. Você pode identificar esse pedaço escondido de Londres?

Eu comecei a rir, sem querer. Não era tão ruim.

— Por que você está tão entusiasmado? — perguntei.

— Isso tira você do apartamento — ele disse. — Ou que tal isso? Você não sabe quem ela é e então novamente pergunta aos leitores. Imprima a foto, uma onde há mais pessoas ao redor, e finja que se trata de uma foto ao acaso e a pessoa aleatoriamente circulada ganha um prêmio aleatório. Ela telefona, e tudo certo!

— E se ela não vir a foto?

— Alguém que a conheça verá! E eles dirão, por exemplo, Susan, ou qualquer que seja seu nome: “Susan você está no jornal e ganhou 15 reais”!

Fingi estar prestando atenção, mas eu já tinha pensado que isso poderia

funcionar. Além do mais, era um atrativo, de alguma forma. Menos perseguição. Mais… Imaginação!

Nós paramos de caminhar.

— *London Now* não é apenas *London Now* — ele disse. — É a *sua* Londres. *Agora.*

Ele parecia orgulhoso de si.

— Você poderia sugerir isso como um slogan.

Atrás dele vi um azulejo.

Ernest Benning, compositor, 22 anos. Tombou de um barco em uma noite escura no Pimlico Pier, agarrou um remo com uma mão segurando uma mulher com a outra, mas afundou enquanto ela era resgatada.

— Agarre o momento! — ele disse.

— É, TALVEZ — Zoe disse. — É como se fosse um jornal local, no entanto. — Mas nós somos um jornal local — eu disse. — Você sabe, Londres é apenas um lugar, não é? Eu conheço a maioria dos jornais em Manchester, mas o que fazemos serviria para a audiência que temos. Londrinos. É melhor do que outro quiz, sabe? Eu não me importo de procurar as imagens.

— De onde?

— Bem, não uma foto de um acervo de biblioteca, então já economizamos! Não, eu vou tirar umas fotos. Estou querendo conhecer Londres um pouco melhor, de qualquer jeito. Isso me fará bem. Sair daqui. Ver coisas. Um pouco de ar fresco.

Ela pensou.

— Nós te daremos uma chance por duas semanas. Você podia pedir para os leitores enviarem coisas também.

— Ótimo! — eu disse. — Certo, então… Vou procurar uma foto.

QUE MARAVILHA! Eu estava fazendo algo menos esquisito do que ficar olhando as fotos da Garota e dirigir até Whitby, ou Bermondsey, ou qualquer outro lugar. E essas fotos… Essas eram basicamente fotos de Londres. Ou pareciam ser. A ideia do Dev tinha base. Eu só tinha que escolher a foto certa e soltar um exército de pesquisadores em Londres.

Coloquei as fotos na minha mesa e as examinei. A maioria não era apropriada. Uma foto de um homem com um relógio grande comendo vieiras em um restaurante, por exemplo. Aquela não servia para mim. Mas as outras sim. Lá estava ela, andando por entre um tipo de parque, duas entradas de pedra atrás dela, com pedestais triangulares enormes acima deles, folhas verdes tocando a borda. Poderíamos dar um *zoom* em uma das entradas. Isso era uma Londres escondida. Alguém saberia onde fica esse lugar? Ou essa, o interior de um cinema. Um dos antigos, do tipo que você esperaria um pianista tocando “Nós nos veremos novamente” um pouco antes de a matinê de sábado começar. Ela

parece feliz nessa aqui. Um saco grande de pipoca, uma garrafa de água, o brilho de uma noite que estava para começar. Gostaria de saber que lugar é esse. Gostaria de saber o que tinha acontecido naquela noite. Gostaria de saber se…

— Vieiras?

Eu tremi e tentei recolher minhas fotos. Fotos *dela*. Não minhas.

— Ahn?

— Vieiras! — Clem disse, pegando a foto. — Um pouco forte quando dizemos "vieiras!" desse jeito, não é? Quem é esse cara bonito?

— É… — Bem, como eu explicaria? Como eu explicaria por que eu tinha uma foto de um homem bonito comendo vieiras? — É meu irmão. — eu menti.

— É?

Droga. De verdade. Zoe. Onde estava a Zoe? Ela sabe que eu tenho um irmão. Olha só, eu tinha limitado os detalhes, provavelmente para me fazer parecer mais especial, mais único, menos um de dois. Tudo mais nós discutimos e analisamos. De onde vínhamos, onde esperamos estar, como víamos nosso futuro, onde estaríamos em dez anos. Falamos disso até demais, se é que posso dizer assim.

Lancei um olhar rápido ao redor do escritório. Eu estava salvo. Zoe estava perto da impressora, xingando. Obrigado meu Deus pelos refis baratos! Obrigado meu Deus pelos dez anos que a levaram a um escritório que não pagaria por coisas de qualidade!

— Não vejo semelhança — Clem disse. — O que ele faz?

— Ele é… Ortodontista.

Clem parecia impressionado.

— Ele trabalha — eu disse. — Em… Wandsworth. Ele é casado com uma moça chamada Lilian e não tem animais de estimação.

Eu não conseguia parar.

— Lilian é engenheira industrial. Ela tem cabelo louro.

Que me dera eu tivesse!

— Finchley Road — Clem disse, distraído.

— O que é isso? — eu disse.

Ele apontou para a foto e sorriu.

— O restaurante.

O quê? Como ele sabia?

Ele se aproximou e apontou para o cardápio da mão do homem bonito.

— Para onde você está me levando? — Dev disse. — O que é isso de vieiras?

— Lá — eu disse, enquanto o táxi passava pelo Swiss Cottage.

Nós íamos em direção à rua Prince Albert, não tão longe do St. John's Wood, e Dev não estava acostumado a ir a qualquer lugar em que um príncipe ou

santo esteve.

— Eu estou te levando *lá* — eu disse, apontando para um arranha-céu, quando finalmente descemos.

— Um arranha-céu?

— Não é simplesmente um arranha-céu. Há um restaurante na parte de baixo. Um que você não conheceria. A não ser que você fosse Clem.

— Então é um restaurante de vieiras?

— Não. Quero dizer, não sei. Nós iremos fazer uma crítica sobre ele. É o que eles pelo menos estão esperando. Na realidade, nós estamos encaixando as peças.

— Você está entrando nessa — ele disse, empolgado, pegando a foto da minha mão e entendendo o que eu estava falando. — Ela está um pouco masculina nesta foto, né?

— Esse é o Chunk, é assim que ele será chamado.

— Eu sei quem é o Chunk. E se nós o encontrarmos?

— É muito improvável que ele esteja aqui. Mas nós podemos ver se o lugar nos agrada. Dar uma avaliada. E talvez perguntar ao *maître* se ele viu A Garota.

— Olhe para você. Dizendo "*maître*". Você vai contar ao *maître* sobre a sua casa aconchegante em um lugar em cima de uma loja perto de um lugar que todos achavam ser um bordel, mas que não é?

— Um *maître* profissional não tem interesse em tais assuntos — eu disse. — Fala sério!

Oslo Court é um restaurante antiquado, é o que parece. Decoração antiquada. Homens antiquados, em roupas antiquadas circulando com carrinhos de sobremesa antiquados por entre pessoas que gostam de coisas antiquadas.

— Aqui é meio estranho — Dev disse, mexendo na cortina rosa de babados. — Por que Chunk a traria aqui? Parece um apartamento no andar térreo de uma moradia pública.

— Não, não é. E talvez ele não a tenha trazido — eu disse. — Talvez…

Mas eu não conseguia pensar em outra razão para duas pessoas virem aqui. O negócio é que o momento não gritava exatamente "encontro". Gritava "entretendo uma cliente associada". Então, talvez fosse isso. Talvez A Garota fosse uma cliente associada. Ou talvez ele. Eles tinham simplesmente decidido passar a semana inteira juntos, fazendo passeios em parques, bares e lugares como Oslo Court. Porque é isso que pessoas de negócio imagináveis fazem. Platonicamente.

— Decidiu o que você gostaria de comer? — o garçom perguntou.

— Vou querer vieiras! — Dev disse. — E meu amigo também!

— Na verdade, eu…

— Vamos lá! Nós viemos aqui por causa das vieiras, não foi?

— Bem…

— É por causa das vieiras que estamos aqui.

Olhei para minhas vieiras com desdém, e podia jurar que elas tinham feito o mesmo de volta. Dev pegou a câmera e tirou uma foto minha fingindo estar fazendo um discurso.

Não tenho certeza se eu deveria ser um crítico profissional de restaurantes.

— E então, você fez? — Dev disse. — O negócio da Londres escondida?

— Sim, senhor.

— Qual foto?

— Esta aqui.

Tirei as fotos de dentro do meu bolso e mostrei a que tinha escolhido. Eu me arrepiei um pouco enquanto Dev me observava. Eu sabia o que ele estava pensando. Ele estava pensando "Ah, ele as carrega para todo lugar, não é?".

Foi tirada em um dia frio, parecia. Suas bochechas estavam vermelhas e seu ar expirado pairava pelo ar.

— Um passeio no parque — Dev disse. — É assim que eu chamaria essa foto se eu fosse um artista importante.

— Tá vendo essas entradas? Nós demos um *zoom*. Só um detalhe. Elas parecem bem distintas.

— Seria embaraçoso se não fosse em Londres — Dev disse. — Não seria bom para todo esse negócio de "Londres Escondida" se alguém conhecesse e falasse "Na verdade, essa é a casa de Russell Watson, em Plymouth".

— Essa não é a casa de ninguém. É um parque. Um parque de Londres.

Nós nos encaramos.

Dev parecia orgulhoso de mim.

"Londres Escondida" saiu no jornal daquela semana. Acredito que tenha sido um pouco descarado, roubar esses centímetros do jornal, empurrando-os aos olhos londrinos só porque eu podia. Para qualquer outra pessoa, é claro, isso não significaria nada. Uma pequena caixa em uma página de palavras cruzadas ou sudoku e caricaturas que nunca tinham graça, não importa o quanto você as olhasse.

Mas, para mim, bem, era um pequeno cavalo de Troia. E o prêmio de 85 reais para a resposta correta não era nada mal. Quero dizer, não é como se estivéssemos enganando o leitor. Eles só precisavam dar a resposta correta.

Só um problema, é claro, eu não sabia qual era a resposta correta. E as pessoas esperariam pela resposta correta. É realmente o requisito mínimo para um quiz como esse: que haja de fato uma resposta para se acertar.

Ainda assim. Tudo daria certo, eu achava. Certamente haverá um consenso.

Talvez até agora, sessenta ou setenta leitores ávidos do *London Now* teriam enviado e-mails com suas respostas corretas, cada um deles seguros, confiantes e certos.

Eu me conectei no escritório.

Aparentemente nada.

Bem. Eram apenas 7h30. Eu havia chegado um pouco mais cedo hoje.

Cliquei em atualizar e atualizar e atualizar, e fui fazer café.

Perto do meio-dia, havia três respostas.

Eu brindei comigo mesmo com uma xícara de chá. Eu tinha acabado de lançar o artigo de maior sucesso de todos os tempos do *London Now*.

Zoe riu quando contei a ela, e disse para eu usar uma foto do Big Ben da próxima vez, mas eu já sabia qual eu usaria da próxima vez. O cinema. O antigo e danificado cinema com seu veludo, pipoca e brilho escuro e roxo.

— Algum deles acertou, pelo menos? — Zoe perguntou, e fiz uma cara que começava como um "sim", mas acabava como um "não", porque realmente, eu não tinha trabalhado nisso ainda.

Olhei novamente para as respostas, e me perguntava se alguma delas estava certa.

Acho que terei de checar para saber.

Londres no verão é imbatível. É como se a cidade aparecesse depois de se esconder do Sol. As coisas que você nota, as pessoas que você vê, a tranquilidade instantânea que suaviza a cidade e desacelera a hora do almoço.

Eu tinha percebido isso na Soho Square hoje, enquanto procurava a primeira resposta para "Londres Escondida", de Len de Greenwich (desculpe, Len, passou longe). Os trabalhadores e os sem-teto, ao primeiro sinal real de Sol, aparentemente tiraram o dia de folga de suas diferentes atividades, aquecendo-se com seu calor, abrindo caixas de plástico com sanduíches ou *smoothies* vermelhos, ou procurando por entre as latas de lixo bitucas de cigarro para esmigalhá-las até formarem um cigarro novo, dependendo do grupo no qual você estava se concentrando. Um grupo grande de garotas, de branco dos pés à cabeça, saindo da escola de cabeleireiros em direção ao pub na esquina, querendo saber se elas poderiam secretamente tomar um vinho *rosé* antes da aula de cachos.

E as árvores. Eu nunca tinha notado as árvores na Soho Square antes. Elas eram novas? Elas sempre estiveram aqui? Largas, compridas e curvadas; talvez só quando você precisa de uma sombra é que nota sua proteção.

E agora, aqui estava eu em Highgate: um lugar onde estive uma ou duas vezes para visitar uma namorada antiga, que me contava sobre vampiros e fantasmas que diziam rondar as ruas à noite. Um aristocrata trazido para a Inglaterra em seu caixão, no início do século 18, foi enterrado no cemitério Highgate e, mais tarde, foi despertado por satânicos e se tornou o Vampiro-Rei

dos Mortos-Vivos. É triste que algumas pessoas só descobrem suas verdadeiras vocações quando já é tarde demais. Muitas pessoas dizem que a maneira correta de lidar com a repentina aparição de um Vampiro-Rei na área seria o desenterrando, colocando uma estaca nele, decapitando-o e queimando-o, mas, como algumas pessoas apontaram naquela época, isso era ilegal e agressivo. Esse tipo de história faz que eu goste da Grã-Bretanha, mesmo sendo infestada de Vampiros-Rei.

Atravessei os portões do cemitério e estudei meu mapa. Sam de Wealdstone tinha certeza de que sua resposta estava certa. Caminhei, passei por um casal que estava rindo e eles pararam de rir quando me viram, e saíram andando juntos, de mãos dadas, olhos fixos ao chão.

É arrepiante, Cemitério Highgate, e por um segundo desejei que aquele casal estivesse vindo em minha direção. Árvores abrem caminho para o Sol, e, na luz da tarde, os mausoléus, as catacumbas e as câmaras mortuárias parecem inquietas, como se estivesse esperando pela noite, é como se tolerassem você agora, enquanto caminha com dificuldade. A parte leste do cemitério é tranquila. Eu gosto da sombra dos carvalhos, das trilhas e das clareiras. Já a parte oeste não conheço bem. A hera tinha tomado conta, se enrolado em tudo o que podia, abafando os túmulos e escondendo os monumentos e as estátuas góticas, às vezes deixando apenas um conjunto de pedras livres, como se elas estivessem lutando pela luz, como se elas estivessem combatendo a morte ao redor delas.

Andei com passos mais largos, desci um morro, passei por túmulos caindo aos pedaços, e continuei em direção à resposta segura do Sam de Wealdstone.

Sam de Wealdstone estava certo em estar confiante.

Lá estava. A arcada estranha, as folhas batendo a borda de cima. O mesmo lugar que A Garota tinha ficado, saudável, radiante e feliz, dando um sorriso largo para a câmera, sorrindo para mim agora.

A entrada para a avenida Egyptian.

Eu fiquei lá um segundo e aproveitei o lugar.

— Então, o que você fez? — Dev perguntou, mais tarde. — Perguntou ao redor? Colocou um pôster?

— Não tenho certeza se essa campanha do pôster é uma boa ideia — eu disse, bebendo meu chá e pensando nas outras duas mensagens que tinha recebido naquela tarde dos garotos de Bermondsey. — E não, não saí perguntando. Eu não sabia para quem perguntar.

— Então ficou parado lá?

— Tirei uma foto — eu disse, segurando minha câmera descartável. — E tive uma ideia.

— Ah! — Dev disse. — Bem, tenho certeza de que tudo isso irá ajudar. No

que você pensou?

— Eu me perguntei o que ela estaria fazendo no cemitério Highgate. Por que ela tirou uma foto lá? Num dia ela está em uma fábrica de casaco, no dia seguinte comendo vieiras em um restaurante. No terceiro dia: em um cemitério gótico! É aleatório…

— É claro que não é aleatório. Há uma ligação. É uma câmera descartável. Uma foto leva à outra, eu estou te dizendo.

— Não acho. Nada faz sentido.

Dev jogou as mãos para cima e me fez uma cara do tipo eu-já-te-falei-tudo-isso.

— Aquelas. Fotos. Estão. *Ligadas*. Se isso fosse um *video game*, você estaria no nível seis, "O Cemitério", as coisas começariam a fazer sentido. Embora você provavelmente tivesse encontrado um antigo professor no bosque e ele teria te dado algumas pistas.

Ele me encarou.

— Você não…

— Não, não encontrei um antigo professor no bosque que me deu algumas pistas. Apenas um Vampiro-Rei e um casal rindo.

Dev olhou para mim, de uma maneira estranha.

— Olha só — eu disse. — Às vezes, a vida é apenas a vida. Coisas acontecem, então outras coisas acontecem, e frequentemente não há coisas extras no meio. Ela foi a um restaurante, ela foi a um cemitério…

— Uma *parte* específica do cemitério.

— E só sabemos isso.

Eu disse essa última parte para que qualquer ideia maluca do Dev ficasse na sua cabeça. Pareceu funcionar.

— Você quer *Kolacz?* — ele suspirou.

— O que é isso? — perguntei. — Cerveja?

— Queijo.

— Não, obrigado.

Uma hora mais tarde, meu telefone tocou. E pisquei, surpreso, e o levei na sala de estar para mostrar para o Dev.

"É misterioso se um babuíno cair de uma árvore."

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Eu não sei o que essa coisa de babuíno significa. Estava num site junto com outros, minha vaga tentativa de colocar temas neste blogue e manter vocês oito interessados.

Tendo dito isso, provavelmente então faz sentido eu tentar de alguma forma

relatar a vocês uma história recente da minha vida que envolve um babuíno caindo de uma árvore, porque se eu tivesse encontrado um babuíno que tivesse caído de uma árvore, eu, com certeza, já teria contado a vocês e teria ido direto ao Twitter. Acabei de ver um babuíno cair de uma árvore. Que loucura!

Então vou contar outra coisa: hoje eu me perguntei se ele tinha tentado entrar em contato. Mudei meu número quando tudo desmoronou. Na verdade, fiquei com um plano de telefone melhor, talvez tudo aconteça por uma razão.

O estranho é que eu sempre soube que isso terminaria assim, porque, na verdade, o que eu estava esperando? Que ele tomasse uma atitude, finalmente? Ou que ele fizesse o que sempre fez? Acho que todos sabem que um babuíno fica na árvore. Porque as pessoas são previsíveis, assim como os babuínos.

Eu me sinto um pouco inteligente agora.

Então há oito pessoas lendo o que escrevo. Oito! Gostaria de saber se alguma vez já passamos uns pelos outros na rua. Gostaria de saber se você me reconheceria se me visse. Meu pai costumava dizer que ele achava que as pessoas podiam conhecer umas as outras com apenas um olhar.

Há sete milhões de estranhos nessa cidade e sorrirei para alguns deles hoje, só no caso de alguém estar me procurando.

Seria embaraçoso se ninguém estivesse.

Sx

CAPÍTULO 12
OU “NÃO ME DEIXE SOZINHO COM ELA”

BEM, ISSO ERA CONSTRANGEDOR.

Eu não sabia onde sugerir para me encontrar com a Abbey quando ela me mandou uma mensagem. Eu tinha sido nocauteado. Não era para ela entrar em contato. Dev tinha me convencido. Ele tinha dito que tudo aquilo era por causa da crítica e eu tinha, relutantemente e na luz obscura do dia, concordado, provavelmente era verdade. Ela era mais nova do que eu, mais descolada do que eu. E ainda assim ela tinha mandado uma mensagem, em nenhum momento mencionando qualquer coisa sobre The Kicks, e ela disse que estaria na cidade no final da semana para o aniversário de um amigo e queria saber se eu topava sair para comer alguma coisa.

Respondi rapidinho, preocupado que o pedido fosse tão permanente quanto a poeira na borda de uma janela, num segundo aqui, mas, já no outro, girando, se movendo e indo embora.

Que tal Charlotte Street?, eu sugeri.

É, havia razões para eu escolher Charlotte Street. Mas eu achava que Charlotte Street dava a impressão certa também. Era adaptável. Você pode ir para qualquer lado na Charlotte Street. Você pode impressionar alguém. Comprando um coquetel caro no Charlotte Street Hotel, caso esteja a fim. Comprando uma torta do bar do outro lado, caso não esteja. Mas você precisa começar de algum meio-termo, então você sabe qual caminho seguir uma vez que você conhece a situação. Alguma coisa entre uma torta e um coquetel.

Alguma coisa mediana.

— BEM-VINDO AO ABRIZZI’S! — disse a moça na recepção. — Uma fatia mágica de pizza do paraíso!

Eu estava um pouco adiantado e meio confuso, mas mesmo assim suas palavras me pareciam familiares, embora eu tivesse lutado para reconhecê-las.

— Você tem reserva? — ela perguntou.

— Hum, tenho — eu disse. — Mesa para dois. Priestley.

Ela começou a checar a lista, mas então fez uma pausa, e por um momento bastante breve achei que tivesse visto alguma coisa explodir atrás dos olhos dela. Seus olhos se moveram em minha direção.

— *Jason* Priestley?

— É UM PRAZER TÃO grande recebê-lo aqui — disse Gino, o gerente, um homem magro com um relógio grande demais para ele. — De verdade, seja *bem-vindo*

novamente.

Ele tinha colocado uma mão no meu ombro e tentou apertar minha mão com a outra.

— Não tem de quê — eu disse, olhando para frente.

— Por favor, aproveite sua refeição e vou lhe trazer algo especial.

— OK… — eu disse, desejando que ele fosse para longe, e deu certo, pois ele tinha ido.

Como era horrível!

"Uma fatia mágica de pizza do paraíso" tinha, é claro, sido minha opinião oficial sobre o Abrizzi's, na minha crítica fugitiva e sem culpa. Mas parecia que eles a tinham levado a sério. Muito a sério, na verdade. Porque "uma fatia mágica de pizza do paraíso" virou o slogan oficial deles. Estava nos guardanapos, nos cardápios, nas camisetas e camisas de cada funcionário.

E não é só isso. Mais embaixo de cada um deles estava: meu nome.

Jason Priestley — London Now!

Eles tinham até colocado ponto de exclamação, de tão animados e inspirados que eles ficaram com minha conversa de mágico.

De novo: como era *horrível.*

Quando a Abbey chegou, com camiseta do Bowie drogado, *jeans* skinny e delineador azul vibrante, ela veria dezenas de pessoas carregando pedaços de papel ou pedaços de pano com o meu nome. Ela veria um cardápio cheio de pizzas com o meu nome em cada página, assegurando a ela que o que quer que ela escolhesse, era garantido que seria uma fatia mágica de pizza do paraíso. Ela veria balões, blocos de anotação e uma mulher com boné de baseball, todos proclamando que ela estava prestes a ter a noite de sua vida, e essa era a citação que deveria ter sido dita em um dos melhores restaurantes de Londres.

E pior, parecia que eu estava orgulhoso disso. Eu dificilmente poderia afirmar que era um erro ou uma coincidência terrível. Eu dificilmente poderia dizer "Na verdade, eu não sou muito fã desse lugar". Eu claramente sou o maior fã desse lugar. E negar que isso não ia apenas prejudicar minha credibilidade jornalística, mas também fazer com que ela se perguntasse por que eu a havia trazido até ali, se é tão terrível. Eu não poderia dizer "Eu não sabia se você gostava mais de torta ou coquetel, então dividi a diferença e pensei em te encher de pizzas".

Então, eu teria que ficar sentado, esperar ela entrar e rezar para que ela não notasse. Porque talvez ela não notasse. Era possível.

Era possível, não era?

NÃO ERA POSSÍVEL de jeito nenhum.

— Bem, isso não é comum — ela disse, sentando-se e colocando na mesa o

folheto que haviam lhe dado lá fora, que tinha meu nome em dezoito lugares, bem na parte de cima.

Eu tinha esperança de que ela estivesse falando do fato de que duas pessoas, estranhas há apenas uma semana, pudessem se encontrar e dividir uma fatia mágica de pizza do paraíso, mas não: agora ela estava apontando para o garçom com aquilo que eu iria me referir como o conjunto camiseta e boné de baseball do Jason Priestley, e ela parecia preocupada.

— Um pouco estranho, né? — eu disse. Acrescentei com urgência: — Eu não te trouxe aqui para te impressionar. Não estou tentando te impressionar.

— Bem, é bom saber.

— Não, quero dizer, se eu quisesse te impressionar, não seria assim que eu faria.

— Seu nome está em todos os lugares — ela disse, olhando para o cardápio.

— Eu sei — eu disse. — Eu sei.

— Olha. Eles pegaram outras citações e colocaram embaixo dos pratos mais importantes. A marguerita é “uma delícia!”.

Peguei o cardápio e olhei.

— Acredito que *deva* ser — eu disse, balançando minha cabeça. — O que é estranho, porque não sou fã de marguerita. Você quer sair daqui? Talvez você prefira um coquetel ou uma torta?

Ela franziu o nariz para mim. As pessoas não fazem muito isso.

— Olá, senhor. Olá, senhora.

Era o gerente. Ele estava de volta. E estava trazendo presentes.

— Nossos cumprimentos! — ele disse, cheio de orgulho e boa vontade.

Dois copos gigantes cheios de camarão e alface, um molho rosa brilhante e pequenas bandeirinhas do Abrizzi’s com minúsculas citações de Jason Priestley.

Por quê? Por que eu não tinha me esforçado mais com aquela citação? Hemingway tinha centenas, todas brilhantes. Wilde as espalhou como sementes. E se isso for a única coisa que as pessoas vão lembrar quando eu me for? E se essa for a minha herança?

— Ah, obrigado, é… — comecei, e enquanto eu olhava para cima, pude ver o gerente esperando que eu falasse mais alguma coisa, alguma coisa legal, alguma coisa que eles pudessem imprimir em um folheto ou talvez prender na traseira de um avião e voar pela Londres central. — É um copo grande de camarões adorável.

O gerente sorriu, analisou a citação em sua cabeça, passou por ela de novo, mas viu que não poderia usar “É um copo grande de camarões adorável” na sua próxima campanha de marketing. Ele se afastou e não desgrudou os olhos de nossos camarões, só para ter certeza de que eles estavam bonitos, ainda

perfeitos, e nós esperamos ele desaparecer.

— Acho que prefiro torta — Abbey disse.

Estávamos na estrada da Passage em Percy e eu estava secretamente feliz por a Abbey ser uma garota de torta e não de coquetel. Você me dá uma garota de torta e te mostro uma garota que conhece da vida. Você me dá uma garota de coquetel e elogio os sapatos dela, porque tudo o que sei é que elas ficam muito esquisitas com você se você não fizer isso.

— Então, qual é o veredicto oficial desse lugar? — ela disse, olhando ao redor do pub, garfo nas mãos. — Alguém vai aparecer vestindo um conjunto do Jason Priestley, e então começar a cantar a música do Jason Priestley, tudo sobre tortas de qualidade a preços bem baixos?

Eu sorri, envergonhado.

— Que tipo de crítica positiva você deu pra aqueles caras? — ela perguntou.

— Eu juro por Deus que não sabia que Abrizzi's estava lançando um tipo de campanha do Jason Priestley. Se soubesse, teria sido literalmente o último lugar em Londres que eu te levaria.

— Com certeza — ela disse. — Certeza, certeza.

E ela sorriu.

Gostei de ela ter me ligado. Inesperadamente. Eu estava lisonjeado por ela querer passear. E feliz por não ter ocorrido nenhuma menção aos The Kicks ou à crítica. Era revigorante encontrar com alguém e estar livre de subtextos ou insinuações. É, e agora, na luz fria do dia, nossas diferenças estavam mais claras. Ela era jovem, legal e bonita, e eu era um homem que tinha emprestado o nome para bonés de baseball horríveis, em um restaurante mediano. Mas esse era apenas um encontro de duas pessoas que gostavam uma da outra, de maneira pura e simples.

— Eu queria te pedir um favor.

Esqueça tudo o que acabei de dizer.

— Manda — eu disse, acenando vigorosamente, para mostrar que sim, claro que ela podia pedir. Nunca pensei que isso fosse apenas passear com alguém que parecia gostar de mim, mas ela deve ter percebido minha cara no chão.

— Ah, meu Deus, não foi por isso que quis me encontrar com você — ela disse. — Não foi para te pedir um favor. É isso que você está pensando?

— Bem, quero dizer, eu não esperava ouvir isso de você, de verdade. Esperava que isso acontecesse antes da publicação da crítica.

Ela olhou para mim seriamente.

— Jason, não estou atrás de você por causa das suas críticas. Eu nem estou

atrás de *você.*

Ela deu a última mordida na torta e tentei não parecer desapontado.

— Eu só acho que você está ferido.

— Não estou ferido — eu disse, um pouco rápido demais, sem pensar no que aquilo significava.

— É claro que você está ferido. Na outra noite, eu pedi que você me contasse alguma coisa sobre você e qual foi a primeira coisa que você disse?

— O negócio da câmera? — tentei.

Ela sorriu e se encostou na cadeira. Uma lacuna se abriu, uma pausa esquisita que ela parecia não estar com pressa para preencher.

— OK — eu disse. — Tô um pouco ferido.

— A maioria dos caras teria tentado me impressionar — ela disse. — Se eu tivesse dito "Me conta alguma coisa sobre você", eles teriam falado "Eu salvei uma vida uma vez", ou "Eu amo animais", ou "Meu maior defeito é ser muito bondoso". Mas você decidiu me contar o quanto estava ferido.

— Qual favor você precisa? — eu disse, tentando mudar o rumo das coisas.

— Jason…

— Vamos, qualquer coisa. Qual favor você precisa?

— Eu quero ter um filho.

Ela se encostou na cadeira e me encarou. A música parecia ter aumentado, o lugar parecia ter ficado mais confuso.

— Você… O quê?

— Eu sei que é estranho, mas ouça: você quer ter filhos?

Ah, que pena! Louca. Ela era uma louca.

— Bem, eu, algum dia — empaquei, balançando a cabeça, tentando fingir que quase todo mundo nesse pub provavelmente estava tendo uma conversa parecida. — Quero dizer, mas… Não hoje à noite.

— Não seria hoje à noite — ela disse. — Leva nove meses. Sistema Nacional de Saúde. Então, quando você quer ter filhos? Vamos restringir para uma menina.

— Bem… Quero. Eu quero um dia. Eu… Eu penso nisso às vezes, não vou mentir, mas…

Eu encolhi os ombros e balancei as mãos um pouco. Era o melhor que eu podia fazer.

— E essa é sua resposta?

Eu só preciso terminar esse drinque e posso chegar em casa em vinte minutos.

— Acho que sim.

Ela ficou pensando. Um momento gelado. E, então, um riso silencioso.

— Jason, não quero ter um filho, sou mais ou menos uns trezentos anos mais nova que você e tenho minha vida toda pela frente.

E o alívio e a alegria no meu rosto devem ter ficado óbvios, porque ela riu e disse:

— Eu estou brincando com você! Você ficou *horrorizado*! Não quero um filho seu!

E enquanto eu encolhia os ombros para encontrar uma resposta que não tivesse a palavra "aleluia", ela tomou um gole da bebida e disse:

— Só quero que converse comigo.

Parei um instante, estudei o rosto dela.

Por que alguém que não estava interessada fica tão interessada? Eu pensei, só por pensar…

E então:

— Jason — disse uma voz, áspera, quebrando o silêncio.

Eu não sou bom com vozes ásperas, cortando silêncios. Elas geralmente não trazem boas notícias. Eu olhei.

Anna.

Anna? O que a Anna…?

Palavras zumbiam na minha cabeça.

"*Eu só acho que você precisa dar uma boa olhada em você mesmo e talvez deixar de beber porque todas estas bebedeiras não são saudáveis, Jason."*

Eu agarrei meu copo com força.

"*Uma dose não resolve nada, e você também precisa deixar a Sarah e o Gareth viverem suas vidas, pois você teve sua chance e precisa ser mais adulto com relação a isso."*

— Olá, *Anna* — eu disse, e se eu estivesse em um desenho, isso teria sido com a sonoplastia do ranger dos dentes. Anna tinha um jeito de falar comigo que sempre parecia que eu tinha feito algo errado, e aconteceu de novo: uma vermelhidão se apossou de mim. Anna era a melhor amiga da Sarah. Pelo menos até quando eu estava em cena. Ela não tinha se acostumado comigo, ela era a favor do Gary, foi o que li. Gary e sua cara de idiota.

Agora que a Sarah tinha se livrado de mim, Anna estava se empenhando em ficar numa boa com ela. Sarah e Gary. E sempre suspeitei que elas falavam mal de mim. Anna vive de informações. O que quero dizer é: de fofoca. Você dá umas fofocas para a Anna e ela irá usá-las muito bem e fazê-las durar.

Se eu ainda fosse professor, acredito que a caracterizaria desta forma:

Aparência: boca fina, sobrancelhas finas, nariz fino, corpo fino, pele fina. Bolsos cheios de Kleenex. Resfriado eterno e eternamente resfriada.

Conversa: uso exagerado da frase "Eu só estou sendo sincera!", como se isso fosse alguma forma de escapar da agressividade e nós deveríamos, de fato, aplaudir sua maravilhosa atitude, pois ela só está sendo sincera. Não gosta quando outras pessoas são sinceras com ela, e fica muito sincera com quem é sincero com ela.

Geral: evite. Evite, evite, evite. O quê? Só estou sendo sincero.

— Como você está? — perguntei, sorriso falso, sabendo que eu tinha de enfrentá-la, não desperdiçaria nem um segundo, e ela iria embora rapidinho.

Anna emitiu um som, demonstrando desapontamento, e esticou o braço para a Abbey, usando isso como uma desculpa para analisá-la, estudá-la, dar uma olhada na camiseta do Bowie drogado e no delineador azul vibrante e em todas as outras coisas que realmente não tinham muito a ver comigo.

— Desculpa, ele é tão *mal-educado*, não é? — ela riu, de leve, mas o que ela realmente queria dizer com aquilo é que eu era mal-educado. — Eu sou Anna. Amiga da Sarah?

Ela colocou um ponto de interrogação no final. Não precisava. Era um fato, não uma pergunta. Ela estava pesquisando; tentando ver a reação da Abbey; tentando decifrar quem ela era através do que ela sabia. Ela sabia da Sarah? Anna se perguntava. Ele tinha contado a ela a história inteira?

— Svetlana — disse uma voz bem à minha esquerda, com um sotaque russo bem intenso e forte. O que era estranho, porque a Abbey estava bem à minha esquerda, e o sotaque dela não era intenso, nem forte, era britânico, e, além do mais, eu tinha quase certeza de que não havia ninguém lá chamada Svetlana.

— Ah! — Anna disse, impressionada.

— Sou uma prostituta russa.

Eu me virei e a encarei, chocado.

— Jason frequentemente me procura, mas às vezes ele só quer me encontrar e chorar.

Os olhos da Anna se arregalaram um pouco.

— Hoje foi só choro. Choro e torta. Eu chamo essa noite de “a noite do Jason”. Só choro e torta. Choro.Torta.

Anna parou um instante, acenou, sorriu para seus sapatos, olhou para cima e parecia perturbada.

— Parece que você encontrou alguém da sua idade, então — ela disse. — Vou deixar você com ele. Aproveite sua torta.

Eu a observei sair, querendo saber se ela talvez esqueceria isso e nunca contaria para a Sarah.

— E choro também! — Abbey gritou. — Torta e choro!

Eu me virei para ela, sem palavras.

— Achei que fosse sua ex — ela disse, reprimindo uma risadinha.

— Então você achou que podia dizer que era uma prostituta que procuro e para chorar bastante?

— É, cara! — ela disse. — Garotas amam essa droga!

— Amam?

— Não muitas. Ela não parecia ser seu tipo de qualquer forma. Ela estava fazendo compras no Crabtree & Evelyn. No minuto que você começa a comprar qualquer coisa que cheira a lavanda, você pode reservar sua viagem para Saga, também.

Sorri, balancei minha cabeça.

— Ei, vamos sair! — ela disse.

Eu estava confuso.

— Nós estamos fora.

— Então, vamos para mais longe.

EU NÃO SABIA se estava "com" a Abbey ou não essa noite, mas acredito que provavelmente não, pois em um momento ela cumprimentou outro cara beijando-o na boca.

Estávamos no The Good Mixer, em Camden, rodeados de *hippies*. Já tínhamos visitado um restaurante indiano na Castlehaven Road porque eles estavam dando Bombay Mix também, demos uma passada no Hawley Arms, onde vimos Nick Grimshaw curvado em uma esquina brigando vigorosamente com um homem alto de chapéu esquisito.

Há algo de jovem, excitante e legal em ir a Camden tomado pelo impulso. Na realidade, isso me deixa bem desconfortável. Seguranças são necessárias. Um par de sapatos firmes para caminhar sobre as pedras. Um olhar de determinação refinado mas duro para conseguir passar pelos homens oferecendo drogas para você a cada nove ou dez metros, como ajudantes em uma maratona que oferecem copos de água.

— Haxixe, amigo? — o primeiro disse.

— Haxixe? — o segundo disse.

— Haxixe? — o terceiro disse, só no caso de nos últimos vinte metros você ter reconsiderado, radicalmente repensado sua vida e, de repente, ter tido tal desejo.

"Por quê?", você quer gritar. "O que faz a sua droga ser melhor que a dele? Pelo menos faz um esforço! Você nunca vai conseguir vencer no *Dragon's Den* com um lance desses!"

Eu já estava cansado, e eram só 23h45.

Eu sabia que eram "só" 23h45 porque a Abbey fica usando a palavra "só" com qualquer horário que fosse mencionado. Poderia ser "só" no Dia do Julgamento Final e a Abbey encontraria um último bar para irmos antes de chegarmos à Porta do Céu.

Isso, é claro, é o que me fazia gostar dela. Ela me lembrava de como as coisas eram. Até mesmo antes da Sarah. Eram tempos em que eu podia ficar a noite inteira assim, como a Abbey. Continuei, também, por mais tempo nos meus

20 anos do que o considerado saudável. Era uma forma de ser livre, de ser despreocupado, de um jeito que a cidade tem tanto encorajado.

Então, e o cara que a Abbey beijou, *rapidamente*, eu fico me dizendo; foi muito *rápido*, parece que ele é de uma banda também, e foi aí que percebi que Abbey provavelmente saía com garotos de bandas. E decidi ser descolado. Comecei a usar a palavra "cara" novamente.

— Posso pegá uma bebida, cara? — perguntei. Na minha cabeça, dizer "pegá" era descolado.

— Eu tô bem — disse o garoto, o que era era irritante, porque ele terminava a conversa.

— Já volto — Abbey disse.

Olhei em volta e mais uma vez me senti bem velho. Havia *jeans skinny* e gravatas *skinny* e camisetas coladas e botas tipo militar e chapéus tipo *porkpie* e muita agitação e hesitação e repreensão ao redor da mesa de bilhar vagamente iluminada. Sem a Abbey, fui tomado por uma onda de insegurança. Pensei no que estava vestindo. *Jeans*, até aí tudo bem, mas eles não eram *jeans* como os daquelas pessoas. Eu não saberia onde comprar *jeans* como aqueles que elas estavam vestindo. Eu estava com uma camisa que tinha visto na *GQ* e Converse, mas aqui eu destoava. Quantos anos tinham essas pessoas? Vinte? Vinte e um? Qualquer um deles poderia ter sido meu aluno. Qualquer um poderia estar pensando: quem é aquele senhor? Aquele senhor com seus 30 anos? Aqui no *Good Mixer*? No meio da gente?

— Qual o nome da sua banda? — perguntei para o garoto, e ele mal olhou para mim e resmungou:

— Bearpit Liars.

— Bom nome — eu disse, ele acenou e saiu.

E então:

— Tchã-nan!

Era a Abbey. Ela estava de volta. Mas com outra camiseta.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, chocado.

— Eu roubei — ela disse.

— Você roubou essa camiseta? Quando?

— Quando fui ao banheiro no restaurante. Acho que faz eu parecer bem profissional.

Eu li a camiseta novamente.

Uma fatia mágica de pizza do céu! — Jason Priestley, London Now!

— Bem, ela te deixa mais profissional porque parece que você trabalha no Abrizzi's.

— Eu ouvi coisas *excelentes* sobre suas pizzas — ela disse. — Ei, onde o Jay

foi?

— Jay? Jay, aquele que você… Beijou?

Ah, Jay! Você venceu. Parece que vou embora logo.

— Relaxa — ela disse. — Eu provavelmente vou te beijar em algum momento.

Ou talvez eu fique um pouco mais.

— Vamos dar uma volta? — ela disse.

NÃO SEI QUEM SAI para dar uma volta depois da meia-noite em Camden. Literalmente, ninguém na história de Camden ou de sua vizinhança pensou que sair para dar uma volta depois da meia-noite pelas comportas seria uma boa ideia. Além disso, sinto que minhas próprias reflexões ao caminhar por Camden à noite foram bem claras, mas obviamente não falei sobre elas com Abbey, pois ela parecia focada em caminhar, não apenas por Camden, mas pelos barcos, como casas flutuantes, acesos com velas e decorados com latas, sob o piscar, tremular, de postes de rua nem um pouco confiáveis.

Mas quando uma garota diz que poderia em algum momento te beijar, você começa a concordar com muitas coisas. Mesmo que sejam ao longo de um canal.

Andamos um pouco mais, passamos por dois vultos que eu estava certo serem ladrões, mas era um homem bravo e seu cachorrinho.

— Então, de que tipo era? — Abbey perguntou. — A câmera que você encontrou?

Eu sorri. A câmera de novo. Talvez ela gostasse de câmeras.

— Era uma descartável.

— Legaaaaal — Abbey disse. — Então é das antigas. Mas tem alguma coisa a mais sobre ela. É uma nostalgia instantânea. É como se aquelas fotos significassem alguma coisa, pois elas foram planejadas. Não é como aquelas bilhões que você tira com o celular ou com o que quer que seja. Aquelas fotos são apenas papéis de parede. Descartável é permanente.

— Você deveria conhecer meu colega de apartamento. Vocês se dariam bem.

— E a garota? O que aconteceu com ela?

Eu franzi a testa.

— Como você sabe que tem uma garota?

— Bem, quando você disse que ela estava grávida, eu entendi.

— Ah. *Aquela* garota. A *ex.*

— Você está superando ela.

— Como você sabe?

— Porque ela não foi a primeira garota em quem você pensou. Ela foi a *segunda* garota em quem você pensou. Um dia ela será a terceira, e então você não

pensará mais nela.

Chutei algumas folhas.

— É, é que… Você sabe. Quando nós nos separamos…

— *Como* vocês se separaram?

Nós sentamos em um banco e comecei a contar a história para a Abbey. Ela ficava olhando para a água, fez os barulhos apropriados e fez perguntas certas, e então me preparei para contar o que eu estava evitando contar para você, também, até agora.

Porque estávamos nos dando bem, eu sinto, você e eu. Nós tivemos um começo meio complicado, acho; talvez eu tenha sido um pouco irritante, mas você sabe que eu tive meus motivos, e grande parte do tempo eu recorria à *Jezynowka*, e agora que estamos começando a nos entender, acabo em um banco com uma garota legal e chego ao pedaço da história em que sei que você vai me detestar.

E, quando contei para ela, ela olhou para mim com pena nos olhos, mas era muito difícil dizer de quem ela sentia aquela pena.

CAPÍTULO 13
OU “QUEM DISSE QUE O MUNDO ERA JUSTO?”

— Meu Deus, Jason, o que há de errado?

— Não sabia para onde ir, então eu vim para cá.

— Entra — ela diz, e eu passo por ela entrando pela porta estreita e escura do apartamento na Blackstock Road, que eu tinha levado um bom tempo para encontrar no escuro.

— Onde está seu colega de apartamento? — eu digo, notando comida vietnamita para um, uma única taça de vinho, a TV ligada nas notícias das dez.

— Eu não tenho um? — ela diz, como uma pergunta, e por alguma razão eu estou impressionado, como se ela tivesse crescido sem eu ter notado, mas nós dois estamos com nossos 30 anos e isso é realmente o mínimo que podemos esperar agora.

— Você quer vinho? — ela diz, enquanto me apoio um pouco distante dela, e repentinamente, de maneira paranoica, ela sente o cheiro de bebida na minha boca. — O que há de errado com você?

Meus olhos estão apáticos, talvez por causa da bebida, ou do frio, ou do choro, e estou tremendo levemente por causa da injustiça de tudo isso, da raiva e do granizo.

— Você está congelando — ela diz. — O que está acontecendo?

— Acho que estou tendo um colapso — digo, o mais sincero possível, meu sorriso é falso e meus olhos estão lacrimejando, e esse tem sido um dia de muita sinceridade. — Acho que estou tendo um colapso e não sei como lidar com isso.

E então tudo vem à tona, e posso dizer que há intensos e irregulares soluços que vão e vêm, e ela pode dizer também, pois ela me trata com luvas de pelica e me pergunta se eu quero batata assada ou alguma coisa, e essa pequena gentileza tão inocentemente incitada me torna submisso a ela.

Eu quero o mundo de volta onde ele estava, antes de tudo isso que estava acontecendo, antes de todo o gim ou qualquer outra coisa que acompanhe uma tônica, mas também quero ser tratado desse jeito, do jeito que ela está me tratando, sem dizer que eu tenho que crescer, ou superar isso, ou colocar minha vida em ordem.

Pois isso não era justo. Eu não pedi que isso acontecesse, eu não sei por que isso me afetou desse jeito, mas afetou, e por que sou o único que compreende isso?

Mas eu não sou, sou? Porque ela compreende. Talvez por ser novo, talvez por ela não ter de lidar com isso no dia a dia, mas finalmente sinto que estou falando com alguém que se importa, alguém que pode ver um futuro diferente para mim, longe de St. John’s, do Dylan e do desespero.

Você se importava, Sarah, mas por que isso teve de parar tão repentinamente? Quem fechou a torneira? Quem disse que eles tinham de crescer e continuar suas vidas, não se sentirem protegidos ou mal interpretados?

E pego um copo e despejo vinho, e ela liga o aquecedor para mim, o que novamente despedaça meu coração, e conto tudo, e ela compreende, e logo já passou da meia-noite, e ela encontra o uísque que tinha esquecido de dar ao seu pai no Natal. E tudo é tão acolhedor, nutritivo, cuidadoso, e então minha mão está mais perto da perna dela do que deveria e calmamente percebo que pessoa linda ela tem sido, que ótima amiga, e quanto tudo isso parecia certo.

Eu me encostei no balcão da cozinha e imediatamente me sacudi. Pensei que tivesse acabado de esmagar uma mosca com a palma da minha mão, mas era apenas um cereal do Dev.

Eu o coloquei ao lado da pia, sabendo que provavelmente ele o procuraria mais tarde.

Havia sido uma noite longa, e, enquanto a chaleira desligava e eu pegava os saquinhos de chá, pensei nela mais um pouco.

Tinha sido bom conversar. Ela era uma boa ouvinte.

E então percebi que eu era um péssimo ouvinte, pois havia me esquecido se ela queria açúcar ou não.

— Não, obrigada! — ela berrou do quarto, e um milésimo de segundo mais tarde, a porta do Dev se abriu e sua cabeça pulou para fora, como um macaco ao ouvir o barulho de um leão.

— O que foi isso? — ele falou, sem que qualquer som saísse de sua boca.

— Foi a Abbey — eu falei de volta, e uma vez que o choque havia se dissipado, ele correu até mim, de cuecas.

— Que novidade ótima! — ele disse silenciosamente. — Perfeito.

— Nada aconteceu — eu disse, e ele fez uma cara que sugeria que ele não queria saber o que eu tinha acabado de contar.

E nada *tinha* acontecido. Não houve beijo. Eu tive a sensação de que muitos garotos não haviam beijado a Abbey.

— Vamos sair para tomar café da manhã, por sua conta? — ele disse. — Pois eu tenho uma coisa para te dizer.

No meu quarto, meu travesseiro tinha sido dobrado e dobrado novamente, e estava atrás dela; vestida com uma camiseta que tinha encontrado no chão, Abbey abriu meu *laptop*.

— Seu Facebook ainda está aberto — ela disse, com simpatia, apontando para a tela. — Você quer saber?

— Saber o quê? — eu disse, colocando seu chá no chão.

— “Sarah está…” — ela disse, esperando que eu mesmo terminasse o status atualizado. Eu não dei bola.

— “… provando vestidos”.

Eu não sabia o que dizer, então dei de ombros.

Vestidos de casamento? Vestidos de grávida? Seu status atualizado me deu informações que eu não queria e perguntas que eu não poderia responder.

Por algum motivo, pensei na minha mãe. Ela não aceitou muito bem nossa separação. Ela adoraria estar ajudando a Sarah agora, dando conselhos sobre vestidos de casamento ou ajudando a escolher vestidos de grávida, planejando o dia em que ela se tornaria sogra e avó. Stephen tinha se casado com a Amy, e eles se falavam pelo Skype quando podiam, mas eu sabia que minha mãe tinha planos para mim também.

Acho que os pais são as vítimas escondidas após uma separação. Eles veem seus futuros cancelados, seus discursos de casamento desaparecerem, seus passeios no parque com o carrinho de bebê para alimentar os patos ou fazer um piquenique irem embora por causa de uma discussão, ou de uma atitude errada,

ou um ato de egoísmo. E então eles são forçados a apagar tudo, e esperar que no outro mês ou ano, ou quando você puder, novamente você irá encontrar alguém e, assim, eles podem começar a planejar tudo de novo. Enquanto isso, eles ficam do seu lado, pois você está no time deles, mas a esperança que eles tinham se foi, e foi substituída por *Billy Elliot* ou jantares esquisitos para três pessoas.

— Ah, Jason — minha mãe disse, triste, pelo telefone, na noite que contei a ela. — E agora? O que vai acontecer?

Foi tudo graças àquela coisa idiota; coisa idiota, mas uma coisa, no entanto. E se eu fosse um homem fraco, teria colocado a culpa na criança, uma criança assassina, monstruosa e furiosa da escola. Racista, é claro, mas sem saber o porquê, e furiosa com o mundo, mas essencialmente nada além de um assaltante enrustido. E pareço cruel aqui, e pareço esnobe de novo, mas te pergunto: como não ser, quando Dylan fez o que fez? E quando ele fez, eu tive de sair. Não fiz aquilo de maneira inconsequente, e não importa o que a Sarah irá te contar, não tomei essa decisão rapidamente. Ela não entendia. Não acreditei naquilo. Essa garota, com quem eu estava por tanto tempo, ela não entendia a situação.

Um dia, Dylan decidiu matar um professor.

Eu sei, parece dramático. Mas eu sei disso porque era o que diziam os relatórios policiais. Ele não planejou; ele nunca pareceu querer isso antes; ele simplesmente *decidiu*. Então, ele foi para casa na hora do almoço e, com seu colega, Spender Gray, ele carregou o rifle de ar comprimido de seu irmão e depois escolheu uma sala de aula do seu alvo, onde por acaso eu estava ensinando o 9o ano.

Inicialmente, foi apenas um flash. Alguma coisa minúscula que chamou minha atenção e o mais leve dos barulhos. Eu continuei, mas lá estava ele novamente, como um vaga-lume ou uma pequena e rápida estrela cadente cruzando a sala, na frente dos cartazes sobre rotação de culturas e campos não cultivados.

Olhei para a janela, vi o buraco (pequeno, redondo e perfeito) e primeiramente eu me lembro de ter pensado que alguém tivesse um revólver de atirar ervilhas de brinquedo, mas ervilhas não ultrapassam o vidro, e crianças não têm um revólver desses desde o *Beano*, e, embora eu não estivesse acreditando, tive a clara visão do que estava acontecendo.

Quarenta policiais acabaram aparecendo. As crianças tinham adorado, seus rostos esmagados contra o vidro, vendo as armas e armaduras como se estivessem assistindo o *News 24* e não vivenciando aquilo na vida real em uma tarde cinzenta no norte de Londres. Eu consegui retirar todo mundo, calma e sensatamente, e, na verdade, ele nunca teve chance de machucar ninguém, não com um rifle de ar comprimido daquele tamanho. No entanto, foram a intenção,

o pensamento, a tristeza, a fúria e o ódio que me afetaram, e eu fui para casa naquela noite, e só depois de comer Findus Crispy Pancakes e beber uma garrafa de Rioja é que minha ficha caiu. E eu chorei. Não chorei apenas, mas berrei como um bebê, até que tremi, engasguei e não consegui mais respirar.

Sarah tinha sido tão simpática e afetuosa no começo. Ela tinha tirado o resto da semana de folga, e eu tirei alguns dias também, mas o choque devorou as horas sem que eu me desse conta do tempo passando. Fiquei desconfiado e nervoso. Eu queria ficar em casa, seguro, acalmado pelo som do *Come Dine with Me,* ou *Watchdog,* ou qualquer coisa que representasse normalidade. Depois de um tempo, talvez naturalmente, Sarah ficou menos simpática.

— Pelo amor de Deus, ele é só uma criança — ela disse uma noite, enquanto nos preparávamos para discutir pela terceira ou quarta ou quinta vez aquele dia. — Ele não sabia o que estava fazendo! Era só um rifle de ar comprimido minúsculo!

Percebo a frustração dela agora. Não consegui perceber naquela época. Eu estava tão mergulhado em mim, me sentindo a vítima. E talvez ela estivesse tentando fazer o que sua mãe estava sempre sugerindo: me fazer sair dessa. Mas você não consegue simplesmente sair dessa. Eu estava no comando aquele dia. Eu era o professor que o Dylan tinha escolhido. Tudo bem que foi por acaso que eu estava na sala em frente, naquele lugar e àquela hora, mas foi exatamente a aleatoriedade que me assustou e provou que o mundo era mais perigoso do que eu pensava.

E eu estava bravo. Estava bravo com o Dylan, bravo com o mundo, bravo com a Sarah pelo seu desapontamento comigo, caso aquilo fosse verdade ou não. O fato é que minha vida mudou quando o Dylan armou aquele rifle. De alguma forma ele de fato matou um professor aquele dia. E certamente ele matou um relacionamento.

Mas não.

Não, eu vou levar a culpa por isso.

— Então — Abbey disse, interrompendo meus pensamentos —, eu a deletei.

— Humm? — eu disse.

— Eu a deletei. Não é justo. Ela sabe que você pode ler esse tipo de coisa e isso dói, então eu a deletei do seu Face.

Eu sorri, achando que ela estava brincando, pois ela fez com os dedos aquele sinal de aspas quando ela disse “Face”, mas ela tomou um gole do chá e continuou clicando.

— Você… Desculpa, o que você fez?

Ela olhou para mim, inocentemente, e sacudiu os ombros.

— É para o seu bem. Confie em mim.

Confiar nela? Eu mal a conheço.

— Abbey, por que diabos você faria isso?

Eu estava bravo agora.

— Você não sabe nada sobre mim, não mesmo. Como posso confiar em você? Você nunca se encontrou com a Sarah, não sabe no que está se metendo, e agora vem e a deleta? Ela vai saber! Ela vai ver que eu a deletei!

Eu não podia acreditar naquilo.

— Você tem alguma ideia do que fez? Você não pode simplesmente bagunçar a vida de alguém desse jeito. Você não pode vir aqui, usar meu computador e me fazer parecer um idiota. Eu estava tentando acertar as coisas com ela, e agora isso.

Eu sou um cara educado, mesmo quando irritado, e é horrível fazer alguém se sentir horrível, mas agora Abbey precisava saber que ela estava descontrolada. Então, nós nos encontramos umas duas vezes, e agora ela acha que pode se intrometer na minha vida? Agora ela acha que pode se *intrometer*?

— Alguém precisa te falar, Abbey, e…

— Jason. Você não precisa disso.

Eu parei no meio da fala. Ela me encarava.

Você não precisa disso. Quatro palavras tão simples para ela.

— Você precisa se desapegar. Você estragou tudo, mas se você não a deixar ir embora, nunca mais amará alguém. Você é um bom partido, do seu jeito, Jason, mas você tem muitos conflitos pendentes. E você não pode deixar que isso o defina. Você não pode ter essas constantes lembranças. “A Sarah está casada, Sarah está se divertindo, Sarah não precisa mais de você.” Você precisa apagar e recarregar, e então você pode tê-la na sua vida novamente, talvez um dia, mas você terá se tornado o alguém que você precisa ser.

Não sei se era o que ela estava dizendo, ou o jeito que ela estava dizendo, mas fazia sentido, e, embora meus olhos não tivessem revelado nada, eu estava me acalmando. Talvez eu só precisasse de alguém para tomar essa decisão por mim.

E então, a coisa mais esquisita: Abbey chegou mais perto de mim. Tão perto que sentia sua respiração e pude sentir o xampu dela, sua mão tocar minha perna e foi a coisa mais sexy do mundo, essa garota perto de mim, com a minha camiseta, tão perto e tão amável e tão aqui.

E ela me beijou. Com ternura e calmamente, ela me beijou.

Ela se afastou, arrumou a franja, sorriu para a janela, e então para mim.

— Eu só quero que sejamos amigos — ela disse.

Eu pisquei.

— Ahn?

— Eu não sou o que você precisa.

— Mas você me beijou. Ou nós nos beijamos. Mas você me beijou.

— Eu só queria tirar isso do caminho, caso contrário, nós ficaríamos pensando nisso e esse não é o caminho de nenhum de nós.

Eu pisquei novamente.

— Ahn?

— É bem melhor assim — ela disse, pegando um travesseiro e o abraçando, criando uma barreira. — E, viu, na verdade não a deletei. — Ela sorriu.

— Desculpa... O quê?

— Na verdade eu não a deletei. Seria loucura. Você não pode simplesmente ir à casa das pessoas e deletar suas "coisas".

— Foi o que eu disse!

— Bem, é um pouco insultante você achar que eu tivesse feito isso. Mas, agora que você percebeu que pode, que é permitido, que é de fato possível, bem, você deveria deletá-la.

Eu olhei para o *laptop*.

— Então! — Dev disse no café, descendo a rua. — Eu descobri!

Nós tínhamos levado a Abbey para tomar o café da manhã de sábado. Eu ainda estava confuso. Nunca tinha encontrado alguém cuja mente pudesse se mover tão rapidamente de uma coisa para outra. As pessoas que eu conhecia se estendiam nos assuntos. Elas se silenciavam e cultivavam seus pensamentos, e achavam que "impulsivo" fosse um nome de desodorante. Mas era revigorante, de qualquer forma.

Matt estava a caminho com sua bicicleta. Dev queria oferecer a ele algum tipo de trabalho de meio período na loja, ele tinha dito, se preparando para sair, "porque eu sinto que posso inspirar o Matt a alcançar seu potencial". Eu estava impressionado. Eu não tinha percebido que a loja estava precisando de pessoas. Ou que o Dev fosse um homem que pudesse servir de inspiração, considerando que eu sabia que ele estava vestindo sua cueca do *Pokemon* hoje.

— O que você descobriu? — Abbey disse, e caímos no silêncio enquanto Pamela, a garçonete, trazia nossa comida. Percebi que Dev evitava olhar para ela, mas o que foi aquilo? Ela tinha olhado para ele por um segundo a mais do que precisava? Ela tinha um sorriso pronto, no caso de ele dizer outra frase em polonês só para agradá-la? Dev fingiu esfregar uma mancha, enquanto Pamela colocava nossos talheres na mesa e saiu.

— Estou fazendo jogo duro — Dev disse, conspiratoriamente. — Ela vai sentir minha falta.

— Com certeza vai funcionar — Abbey disse. — Então, o que é esse negócio? O que você descobriu?

— O código. O tema. Nós estamos procurando um tema dentro do caos dessas fotos.

— Eu não — eu disse. — Só estou procurando A Garota. Então, eu poderia devolver as fotos dela e ter feito uma boa ação.

— É isso? — Abbey disse, sorrindo. — Alguns homens escalando montanhas para deixar suas marcas, outros nadando nos mares, mas Jason Priestley entrega propriedades perdidas.

— Então, qual é o tema? — perguntei. — O que liga as fotos dessa mulher? E lembre-se, é melhor que você me leve diretamente a ela. Eu imagino, assim como sua estratégia com a Pamela, que sua proposta será infalível.

Dev respirou fundo e olhou para Abbey.

— Pode-se confiar nessa mulher estranha? — ele me perguntou, apontando para ela.

— Não — eu disse.

— Mas eu vou te contar de qualquer jeito. Essa garota nas fotos é uma vampira.

Ele se reclinou na cadeira, de uma forma pronto-eu-disse. Coloquei meu lábio inferior para fora e acenei com a cabeça, com se tivesse minhas suspeitas também.

— Ou não uma *vampira*, exatamente, mas uma obsessiva. Algum tipo de gótica obsessiva. Elas são perigosas, as góticas obsessivas.

Segurei uma das fotos. Dev as tinha trazido para seu grande anúncio.

— Ela não se parece muito com uma gótica obsessiva — eu disse, apontando para seu sorriso contente e seu cabelo louro, vestido de verão e uma total falta de obsessão gótica.

— Bem, essa é a típica reação que ela provavelmente está acostumada a receber de um “Diurno”.

— Por que você acha que ela é uma vampira, Dev? — Abbey perguntou, muito seriamente.

— O tema que está se revelando. Pense. Ela vai a cemitérios.

— Ela vai a *cemitérios?*

— Highgate — eu disse, defensivamente, como se a conhecesse. — É um destino turístico.

— É, mas um destino turístico conhecido por seus vampiros. O Vampiro-Rei mora lá, você me contou! Além disso, dizem que Bram Stoker escreveu *Drácula* após visitar Highgate.

— É, mas não sei se podemos levar isso como…

— Whitby. E tem *Whitby*.

— O que tem Whitby?

— Foi onde Bram Stoker fez os ajustes do *Drácula*! Você não vê? Ela é uma Drácula maníaca! *Dracuníaca!*

— Então o que você me diz das vieiras? — perguntei. — O Drácula comia vieiras?

— Vieiras tem o som parecido com "vingança"? — Abbey propôs.

— O Drácula não se vingava de pessoas. E ele não abatia focas, também, antes que você mencione aquela fábrica.

— Não sei, Jase — Dev disse. — Vampiros são obcecados pela morte, seja humana ou aquática.

— Olha só — eu disse, bem sério agora, pois eu tinha quase certeza de que essa garota, minha garota, A Garota, não era vampira. — Essas são apenas fotos aleatórias, tiradas em momentos aleatórios. Elas não me levarão diretamente à Garota, assim como também não vão nos ajudar a saber da vida dela. Fiz o que pude com elas. Mas Abbey me ensinou algo bom hoje. Sobre recomeçar e deixar o passado para trás. E acho que é o que eu preciso fazer aqui. Apenas esquecer. Concentrar minhas forças no meu trabalho.

Mas ninguém estava me escutando, porque Abbey parecia perdida na sua concentração. Ela segurava uma foto.

— Ei — ela disse. — *Ei!*

Nós estávamos na parte de fora do cinema Rio Grand, em Dalston.

— Aposto que é a temporada de *Drácula*! — Dev continuava dizendo, enquanto nós três estávamos no ônibus.

Na verdade, era a temporada de filmes algerianos, assim diziam as grandes letras vermelhas e, na parte de fora, um varredor de rua movia uma lata com sua vassoura rua abaixo, obviamente, enquanto nós estávamos parados o encarando.

— Você sabe — Abbey disse, e um vento leve mexeu sua franja —, a única coisa que salva vocês de serem um casal de psicopatas é o fato de um de vocês estar em uma das fotos. Se não estivesse, eu não estaria aqui. Mesmo eu tendo insistido para que viéssemos.

— É o destino — Dev disse, tentando parecer misterioso como um poeta.

— É o destino, não é? — ela disse. — Exceto que, é claro, destino não existe. Razões existem. E são as razões que nos levam a agir. Você tem razões para encontrar essa garota. Mas não há nada dizendo que você irá encontrá-la.

— O que quer dizer?

— Você gosta dela. Você teve aquele momento. Você achou que havia alguma coisa lá. Você se achou em uma das fotos. Boas razões para você encontrá-la. E você tem uma desculpa, também, pois está apenas sendo o bom samaritano. Por outro lado, você tem razões para não encontrá-la.

— E quais são elas?

— Você é enrolado. Você perdeu a garota que tinha esperança de ser A Garota porque suspeitou que ela pudesse não ser A Garota, então ela se tornou a garota de outra pessoa. Ele a segurou, a engravidou e agora você está morando ao lado de um bordel com o Dev, totalmente sem A Garota. Sem ofensas, Dev.

— Não é um bordel — Dev disse, calmamente.

— Então, quais razões você vai seguir? Pois o destino não existe; não o destino predeterminado. Entretanto, acho que se você não fizer nada, seu destino será apenas se sentar em seu apartamento-bordel, de cuecas, para todo o sempre, amém, e isso o martelará de culpa. Você *escolhe* qual razão seguir.

— Pelo menos você não acha isso esquisito.

— Nossa, é totalmente esquisito. Não, quero dizer, esse tipo de perseguição, e também revelar o filme da câmera de alguém deve ser ilegal de certa forma, não é? Mas essas são suas razões, e aguardo o julgamento até eu descobrir o que vai acontecer.

Eu olhei para o Dev, que esboçou no olhar um eu-te-falei. Ele se dirigiu a um dos cartazes para dar uma olhada.

Havia a loja de um leiloeiro aqui na Kingsland Road antigamente. Nos anos de 1970 ou 1980, o cinema *Art Déco* que havia tomado seu lugar se tornou o Rio, de uma maneira eu acredito que muitos lugares ao redor ficaram conhecidos como Rio, quando o Rio estava no seu melhor momento, dançando no Seine. No entanto, ele parou no tempo, enquanto outros não. Millennium Cabs, descendo a avenida, já tinha mudado seu nome para Hackney Comfort Cabs, agora que o murmúrio para se divertir não era mais o 1999. Millennium Fried Chicken ficou abandonado e desmoralizado, com razão, como um amigo feio em uma noite com uma maria-gasolina. Meu coração murchou quando vi o cinema, não a casa de frango, pois esse, bem, esse era inegavelmente um lugar de *encontros*.

Onde eu tinha levado a Sarah, quando foi a última vez que a levei ao cinema? O que assistimos? Acho que foi *Homem de Ferro 2*. Nós tivemos uma discussão no caminho para lá e eu a tinha irritado por reclamar que a pipoca era quase o mesmo preço dos ingressos, e nós nos sentamos, mal conversamos, fomos em um Nando’s depois, praticamente incapazes de reunir algum entusiasmo para comentar quando um bêbado lá fora chutou o carro da polícia e foi jogado no chão.

Não teria sido assim para A Garota. Esse era o glorioso Rio, em primeiro lugar, não o cinema um-único-tamanho-cabe-todos na N1 Centre exatamente subindo a HMV. Esse era bacana. Clássico. Ele, o homem, Chunk, ou qualquer que seja seu nome, provavelmente a pegaria no seu carro (qual era mesmo, um Vega?), e traria coquetéis elaborados em um cantil de bolso prateado e antigo, arrumaria uma sessão especial de seu filme algeriano favorito e teria o lugar

inteiro só para eles; estenderia uma toalha de piquenique em um tecido muito chique para que eles pudessem deitar e assistir ao filme juntos, iluminados pela luz do projetor. Ele a teria levado para algum lugar depois, para um bar calmo e secreto, francês, provavelmente só para sócios, onde os funcionários de boa aparência os saudariam ao entrar, o trio de jazz no canto começaria uma música em homenagem a ele. Mulheres inteligentes e atraentes acenariam para ele, de uma forma impressionante, mas não ameaçadora para ela, e ele explicaria que eles passaram pela galeria New York, que está tentando levá-lo para mostrar seu trabalho, ou que eles eram meramente locatários de apartamentos ao lado do rio Tâmisa com vista para o Big Ben, ou que ele se encontrou com eles durante sua viagem para o Haiti para cuidar das crianças com os *Médicos Sem Fronteiras*. E depois de contar a ela qualquer uma dessas três coisas específicas, ele olharia fixamente, a meia distância, parecendo atormentado, intenso e inalcançável, o dedo circulando a borda de seu maravilhosamente escolhido Romanée-Conti, e A Garota iria se apaixonar ainda mais profundamente por ele.

Clique.

Eu me virei e vi Abbey com minha câmera.

— Boa pose — ela disse, franzindo o nariz. — Você está mal-humorado.

Ela girou o filme. Quantas nós já tiramos até agora? Quatro? Cinco?

— Eu pareci intenso? Atormentado?

— Só um pouco mal-humorado.

— É, mas garotas amam isso.

Ela riu e franziu a testa.

— Ei — ela disse. — Eu tentei igualar a foto, certo? Fazer as suas parecerem com as dela. E peguei aquele pôster no plano de fundo.

Olhei e examinei superficialmente.

— Então?

— Onde está a foto *dela*?

Eu a peguei e a entreguei para ela. Abbey sorriu.

— Vê ali? Por cima do ombro dela? Aquele pôster de um filme? Se pudermos descobrir quando aquele pôster estava lá, poderemos descobrir quando ela esteve aqui…

Antes de saber o que estava acontecendo, ela passou depressa pela porta dupla azul do Rio. Dev aproximou-se lentamente de mim.

— Bruxa.

— O quê?

— Ela é uma bruxa. Chequei os pôsteres. Um deles é sobre uma bruxa. Bruxas e vampiros provavelmente se misturam. A mulher está obcecada. Cadê a Abbey?

— Checando alguma coisa — eu disse.

O telefone do Dev tocou.

Onde você está?, dizia a mensagem.

Nós nos olhamos.

— Deveríamos ter dito ao Matt onde estávamos — Dev disse.

— UM MÊS! — Abbey disse, arrumando os grampos de cabelo. — Você está apenas um mês atrasado. Você está perto o suficiente para alcançá-la.

Ela correu para frente, a bola de boliche balançando freneticamente na sua mão e a arremessou com tudo.

— Azarada! — Dev disse, observando a bola cair na canaleta.

— Só um mês — ela disse, novamente. — É como se essas fotos deixassem um rastro de poeira. Ela deixou essas memórias para trás e você as encontrou bem na hora, enquanto elas envelhecem. Você sabe? Ela acha que elas se foram, essas memórias, mas você encontrou a câmera. Você as está mantendo vivas!

— Destino! — Dev disse, pegando sua bola. — Destino.

Era bastante cansativo sair com a Abbey. Estávamos no Boliche Bloomsbury, no porão do hotel Tavistock, perto dos museus que a Abbey tinha decidido ir visitar, mas, uma vez lá, não desistira. Os mesmos museus pelos quais passamos e entramos depois de ela nos ter levado ao Spitalfields para comprar um vestido de um estilista promissor e, quando ela viu o vestido, decidiu que era “muito justo” e não o quis.

— Esse é exatamente o cinema de um mês atrás. Qualquer uma das fotos tiradas *depois* disso eram mais recentes. É como se todas elas tivessem nos direcionando à foto em que você está.

Eu tentei fazer uma cara de pouco impressionado, como se eu não estivesse tão incomodado, mas a maneira que Abbey falava me animava. Não era o ponto de vista de um homem. Mais crucialmente, não era o do Dev.

— Além do mais — ela disse —, não tinha sido um encontro em que ele a tinha levado. Era um filme sobre campos de concentração vietnamita. Por que ele a levaria para um encontro e para aprender sobre campos de concentração vietnamita?

Na nossa esquerda, uma despedida de solteiro prestes a se tornar uma grande noite de excessos, risadinhas vindas de uma cabine de karaokê, uma empurrando o ombro das outras entupidas de Pinot e rindo, descontrolados.

— Talvez eles estivessem vendo outro filme — eu disse, embora eu não saiba por que eu queria que essa fosse a justificativa.

— Se de fato foi *ele* que a levou lá! — Abbey disse. — Você só vê uma pessoa na foto.

— Foi ele — eu disse. — Alguém teve que tirar a foto. E a única pessoa

que sempre aparece em outras fotos é ele.

— Não — Abbey disse. — *Você* aparece. As outras duas pessoas que aparecem são ele… E *você*.

Ela levantou as mãos.

— O passado… E o futuro.

Dev se sentou timidamente. Nós olhamos a bola se mover lentamente para a caneleta.

— Azarado — Abbey disse.

O telefone do Dev tocou novamente.

— Droga — ele disse. — Esqueci de dizer ao Matt que fomos para outro lugar.

— Bem, satisfação, meninos — Matt disse —, pelo excelente tour em Londres. Eu vi o café, o mercado, a parte de fora de um ótimo museu e agora esse lugar, a uns cem metros do café.

Ele observou em torno. Estávamos de volta à Power Up! Dev tinha deixado o Pawel responsável pela loja naquela manhã e estava cheio de expectativa para voltar a encontrar a movimentação do sábado à tarde.

— Ninguém! — Pawel disse. — Ninguém quer seus joguinhos.

— Não são joguinhos, Pawel. O último *Call of Duty* teve um orçamento de milhões de dólares e Kiefer Sutherland foi nomeado como o dublador. — Lição aprendida, acho.

— Tanto faz — Pawel disse, o que eu suponho que ele havia aprendido com a multidão que sai da escola às 16 horas e que enche a loja por dez minutos todos os dias, o que custa para ele centenas de chocolates Twix e refrigerantes Lilts roubados por ano. Dev abriu seu jornal e deu uma mordida no seu pão *Krokiety.*

— Então, qual é a história com essa garota? — Matt perguntou.

Abbey tinha corrido, descendo a rua, para procurar um charuto.

— Abbey?

— Em primeiro lugar, por que ela está atrás de um charuto?

— Ela disse que estava a fim de um charuto e que todos nós deveríamos fumar um charuto. Ela é, você sabe, estudante de artes.

Matt balançou a cabeça de uma forma que parecia entender e fez rodar as palavras “estudante de artes” ao redor da boca.

— É, às vezes eu vejo alguns estudantes de artes. Usando óculos grandes. Eu vi um bando deles recentemente lá na Wimpy, todos usando bigodes falsos. Não sei por quê. Por que ela está saindo com vocês dois?

— Por que ela não sairia? — eu disse, um pouco defensivamente. Mas, então: — Tirando o fato de ela ser dez anos mais nova do que nós e

infinitamente mais descolada. Quero dizer, vocês dois são essas duas coisas, também, tirando a segunda.

Matt riu. Era bom quando Matt ria. Estávamos no caminho para nos tornarmos amigos, por assim dizer. Ainda havia aquele gelo entre nós toda vez que nos víamos; as coisas precisavam derreter antes de ele se esquecer que eu não era seu professor e ele não era meu aluno. Mas rir era bom.

— O que eu estou falando — ele disse, tentando escolher as palavras com cuidado, mas não conseguiu — é que, você está saindo com ela?

— Não — eu disse, rapidamente e envergonhado. — Não, somos apenas amigos.

A porta abriu. Um cliente entrou. Nos viramos para olhá-lo e ele titubeou levemente enquanto se perguntava se tinha interrompido alguma coisa. Dev abaixou seu *Daily Star*, surpreso. O cliente fechou a porta gentilmente enquanto saía.

— "Nós Apenas Clicamos!" — Dev disse, e Matt e eu nos viramos.

— Há uma história aqui — ele disse —, sobre um sujeito que encontrou uma câmera.

Isso despertou meu interesse.

— Ele encontrou uma câmera digital quando estava de férias e olhou as fotos e as colocou no Facebook. O dono da câmera foi reconhecido por um amigo do amigo e pegou a câmera de volta. Legal.

— Seis graus de separação — eu disse, sentindo-me esperto.

— Seis o quê? — Matt perguntou.

— Todo mundo está conectado com todo mundo — eu disse.

A campainha tocou novamente, mas não me preocupei em olhar dessa vez, pois isso às vezes acontece com o Dev; ele era uma força intimidadora no cenário de *video game* no norte de Londres, então os clientes frequentemente tinham de se preparar antes de entrar na loja.

— Você pode escolher qualquer pessoa no mundo e você conhecerá alguém que conhecerá alguém que conhece alguém, até que finalmente você os encontra. Eles falam que você pode fazer isso em seis passos. Eu nunca tentei, mas é uma ideia, né?

Mas Dev não estava olhando para mim de uma maneira que parecesse estar impressionado. Dev estava olhando para mim de uma maneira que parecia assustado com o que estava prestes a acontecer.

— Olá, Jason.

Eu me virei.

— Oi, Sarah — eu me ouvi dizer.

Era a primeira vez que eu a via em… Meu Deus, quanto tempo se passou?

Ela estava vestindo roupas que eu nunca tinha visto. Ainda bronzeada e saudável de Andorra. E lá estava ele. O anel. Um sinal de seu permanente compromisso com Gary, o homem selvagem de Altringham. Meus olhos se voltaram para sua barriga: não estava aparecendo ainda, não muito. Ah! Ela tinha comprado uma pulseira de relógio nova. Engraçado, as coisas que você repara quando vê uma ex.

— Quem você está tentando encontrar? — ela disse, fazendo isso parecer simples e rápido, e como se ela pudesse ajudar.

— Ninguém — eu disse. — Você sabe. Alguém. Um cliente do Dev.

— Você está mentindo — ela disse, sorrindo.

— Não estou mentindo — eu disse, grosseiramente, sem entender por que ela sempre achava que eu estava mentindo ultimamente, mesmo eu estando naquele momento. E então, talvez por eu estar tão acostumado a me sentir assim, a vergonha tomou conta do meu corpo; o embaraço e a *vergonha*. A vergonha era a pior. A culpa, estranhamente, vinha depois, mas estava sempre lá, sempre trancada no fundo da minha garganta e do meu peito por todos os dias que eu não tinha contado a ela, mas a vergonha, universal, abundante e completa.

Porque aquilo que eu não queria te contar, e que acredito que você já saiba, é que um mês depois do Dylan e seu rifle, depois de mais ou menos um mês de constante apoio da Sarah, de abraços e chás, e lágrimas e negatividade da minha parte, eu retribuí — pela vez que ela caiu, pela vez que ela me chamou a atenção, pela vez que ela achou que eu pudesse sair dessa — ficando nervoso, bêbado, saindo de casa e dormindo com outra pessoa. Dormindo, na verdade, com a Zoe.

É.

Viu?

É pior ainda, pois é a Zoe.

Nós ficamos parados, encarando um ao outro, sem saber o que dizer, quando a Abbey entrou, sorrindo e segurando quatro charutos.

— Ah! — Sarah disse. — E você deve ser a prostituta russa.

CAPÍTULO 14
OU “A JANELA DO SUDESTE DA CIDADE”

Acredito que haja algo bom em não saber das coisas. Existem muitas coisas que eu não sei. E muitas coisas que sei, mas preferiria não saber. Mas não saber, e não saber que você não sabe, é outra coisa. Isso refresca a mente. Significa que você pode planejar.

É o que venho fazendo com A Garota, é claro. Esse planejamento. Encontrando significado onde talvez não exista, baseando tudo em poucas coisas: um meio sorriso arrancado rapidamente em uma noite escura na Charlotte Street. Mas isso era melhor que a realidade. Pois o fato, agora, de estar sentado em um silêncio inflexível do lado de fora de um café do lado de baixo da rua com a Sarah, ela mexendo em uma colher, e eu esperando pelo nosso café: *isso* era realidade.

Os caras estavam em silêncio, também, quando Sarah entrou na loja. Eles tinham trocado cumprimentos, o Dev tinha abraçado ela, mas eles sabiam que essa não era uma visita social. Essa era uma visita antissocial.

— Então… — ela disse, e a Pamela estava ao nosso lado, jogando nossos cafés perto de um pote prateado onde centenas de saquinhos de açúcar estavam disputando por mais espaço.

— Você acha que conseguiria mais açúcar? — eu disse, de maneira inexpressiva, e Sarah sorriu.

— Sim — Pamela disse. — Sem o amigo hoje?

Dev ficaria animado. O jogo duro estava dando certo.

— É, na verdade ele está ocupado com alguns trabalhos humanitários agora — eu disse.

Fiz uma anotação mental para contar a ele que agora ele estava em uma ação humanitária. Ele tinha fingido ser umas coisas mais difíceis antigamente. Um padre. Um piloto de avião comercial. Um príncipe indiano. Pamela deu de ombros ombros e saiu.

— A última paixão do Dev? — Sarah perguntou quando Pamela estava fora do alcance da nossa voz.

— Pamela.

— Ele gosta de garotas de uniformes.

— Um avental é um uniforme?

Dentro do café, o chefe da Pamela estava gritando com ela. Nós olhamos para eles por um microssegundo, e continuamos confusos.

— Lembra aquela vez que ele estava atrás daquela outra garota?

— Você vai ter que ser mais específica — eu disse, levantando as sobrancelhas. — Muito mais específica.

Acho que falar do Dev era mais fácil do que falarmos de nós, mas então estávamos falando de qualquer outra coisa, incluindo o aumento do socialismo nacional, ou *swingball*.

— Você sabe qual — ela disse, apontando sua colher para mim. — Aquela que ele disse ser A Garota.

Ah! Bem, aquilo era diferente. Só houve uma considerada *A Garota*. Eles tinham se encontrado em uma noite *indie* na Highbury Corner, quando ainda podíamos ir a noites *indies* sem parecer que éramos os pais de alguém esperando para buscá-lo. Dev tinha paquerado a garota, ele pensava nela, sentia sua falta quando ela não estava por perto, pegava suas roupas na lavanderia, deixava suas roupas na lavanderia, aprendeu a cozinhar o prato favorito dela no caso de ela aparecer de repente, embora ela nunca fosse aparecer, e então, depois de três semanas, ela ainda não sabia nem o sobrenome dele. Ele ficou devastado. Acho que é por isso que ele imprimiu os cartões de visita.

Sarah sorriu enquanto se lembrava de alguma coisa.

— Eu sempre me lembro da noite seguinte, ele disse…

— É. Foi incrível. “Você pode dizer o que quiser sobre amor, mas você não pode dizer que é bom.”

— E passamos a noite inteira dando a ele exemplos de pessoas que discordariam. Óperas escritas em nome do amor, quadros desenhados, montanhas escaladas, países conquistados.

— Os trabalhos de Phill Collins, Elvis Costello e Billy Joel, pequenas criaturas desprezíveis que deram nomes em latim para o amor, a questão toda defendida por Coração FM.

— E ainda então ele dizia: “OK, deixa isso comigo, eu vou pensar”.

Uma risada e uma pausa reconfortante. Do tipo que a Sarah costumava dizer que mais gostava. Essas pausas não eram mais nossas, no entanto. Elas estavam ali apenas para serem preenchidas.

— Como está o Gary? — perguntei, me esquivando.

— Gary está ótimo.

— Que ótimo.

— Ele está ótimo.

— Ótimo.

— Ele está procurando um carro novo.

— Que boa notícia.

— O Golf começou a dar muito trabalho, e não consigo dirigir o Lexus

dele, e…

— Um carro grande. Você vai precisar de um carro grande logo.

Eu apontei para a barriga dela. Ela mordeu o lábio e concordou com a cabeça.

— Por que você está aqui, Sarah? Eu pedi desculpas, conversei com o Gary e…

— Eu queria te ver cara a cara. Não sei por que você está agindo desse jeito. Quando estava bêbado e deixou as mensagens nas nossas fotos, até entendo, pois eu deveria ter te contado primeiro, ou não exatamente primeiro, mas ao mesmo tempo. Mas não foi minha culpa. A culpa é sua.

Eu encarei meu café.

— Ambos temos novos recomeços. Vamos estar gratos a isso. E quem sabe por quanto tempo ainda estaremos aqui?

Ela sorriu e tomou um gole do seu café, mas tudo o que eu podia pensar era: O quê? *O quê?!*

— O que você quer dizer com por quanto tempo ainda estaremos aqui? Eu cometi um erro, eu estava em um momento horrível e você não entendeu. Você *sabe* disso.

— Ficou no passado de qualquer jeito, Jason. Às vezes, as coisas ficam no passado. Eu costumava fazer da sua vida um inferno, e você certamente fazia o mesmo com a minha.

— Você não fazia — eu disse. — Você era perfeita.

— Você odiava o fato de eu sempre querer estar adiantada para as coisas. O fato de eu trancar e destrancar e trancar de novo a porta toda vez que saíamos de casa, para assim eu ter certeza de que estava trancada.

— Isso é tão trivial! — eu disse, mas, na verdade, queria gritar. Havia um indicador de tristeza e raiva no meu estômago, e eu não sabia qual deles ganharia. — Você não desiste de alguém só porque ele ou ela se certificam se a casa está trancada!

— Essas são coisas pequenas, mas significam algo maior. Você só está se lembrando das coisas positivas. O que você fez era algo de que precisávamos. Foi esclarecedor, Jase.

— Mas eu não queria esclarecer nada — eu disse.

— Você teve que me trair para perceber que não havia mais nada lá que pudesse ser traído.

— Não reescreva o passado, Sarah — eu disse, porque era horrível; era como a vingança dela. Pelo menos me deixe pensar que estraguei algo bom, mas não que não havia nada lá.

— Seu problema, Jase, é que você está apaixonado pela *ideia* de estar

apaixonado.

— Ah, você tirou isso de um filme! É exatamente o que as pessoas dizem. E isso é ruim? Um pouco de romance na vida?

— É bom, mas você também precisa de estrutura, de confiança. Você sempre falava que ia deixar seu trabalho e fazer Deus sabe o quê. Mas você nunca falou sobre casamento, ou crianças, ou…

— Isso é puro clichê! Nós não somos esse tipo de pessoa, dessas pessoas que estão na TV! Você está sendo a mulher sensata e me fazendo ser o homem infantil! Isso não é Doc Martin! Eu não sou o Gary ou o Tony e você não é a Débora ou aquela que mora no andar de cima!

Irritantemente, eu estava endossando o ponto de vista dela.

— A vida não é uma série do Martin Clunes — ela disse, encostando-se na cadeira, e normalmente isso teria me feito rir, mas era muito sério.

— Olha só, o que quero dizer é que você está fazendo parecer uma coisa que não era. E acredito que filhos e casamento foram as coisas que o Gary falou com você no primeiro encontro, não foi? Ótima tática. No Hilton ou Wagamama, ou onde quer que tenha sido? Nada de passeio à luz da Lua para vocês dois, então? Nada de história para vocês se recordarem?

— A última coisa que um relacionamento precisa é de uma história. Uma história é apenas uma história. Quem se importa como as pessoas se encontraram? Literalmente, ninguém.

— Eu me importo.

— Literalmente, só você, então. Nós ficamos juntos por quatro anos, Jase. Eu tinha 30. Minhas prioridades mudaram. As suas não?

Fiquei pensando. Quais são minhas prioridades? Eu quebrei a cabeça. Devo ter algumas. Mas só consegui pensar que eu precisava de pão e leite, e que um banho de água me daria novos azulejos.

— Então, quando eu vi, você tinha “me deletado” — Sarah disse.

Ela fez o sinal de aspas com os dedos. Eu franzi a testa.

— O que você quer dizer?

— É muita criancice. Minha, quero dizer. Eu estou sendo infantil. Nós não somos adolescentes. Não vamos discutir sobre MySpace, ou Facebook, ou nada disso. Você é livre para deletar ou deixar de seguir quem você quiser, e…

Abbey. Abbey deve ter feito isso. Ela devia ter deixado isso por minha conta, mas quando me acovardei e dei a desculpa de que ia fazer torradas, ela deve ter deletado Sarah da minha conta.

— É o seguinte: eu, na verdade, respeito você por ter feito isso. Um de nós precisava fazer. Você precisa de espaço; precisa fazer o que eu fiz e recomeçar. É que… Machuca um pouco. É como se você estivesse me excluindo.

Bom, eu pensei.

Fico feliz que isso machuca.

E eu fiquei alegre, embora fosse a coisa mais egoísta do mundo, era bom tê-la machucado, ter feito algum progresso, ter removido alguma coisa, porque isso significava que ela se importava; que eu ainda tinha importância. Eu já a tinha machucado uma vez no nosso relacionamento, e foi péssimo. E agora aqui estava eu comemorando por tê-la machucado de novo, comemorando cada minuto dessa vitória infantil.

Foi quando percebi que essa não era a maneira que alguém deveria se comportar. E que essa vitória egoísta era patética, sem valor e sem sentido.

— Eu não deletei você — eu disse, em voz baixa. — Foi minha amiga. A prostituta russa.

Ela se animou, bem de leve, eu notei, pois eu sempre notava as pequenas coisas na Sarah.

— Eu tinha pensado em fazer — admiti. — Não por maldade, mas porque é difícil ver você começar de novo, enquanto ainda estou morando com o Dev em cima de uma loja.

Um caminhão passou. Nós seguramos as bordas das nossas xícaras na mesa enquanto o chão balançava e o ar se transformava em fuligem.

— Mas eu não conseguia. Eu não faria. Nós dividimos uma história, e estou a fim de seguir em frente, foi o que decidi fazer. Mas para que abandonar o passado? Seria um desperdício, não seria?

Ela sorriu.

Abriu a bolsa.

Tirou um envelope e o deslizou pela mesa.

— Ficaria feliz se você considerasse isso — ela disse, com um sorriso dividido entre esperança e desculpa.

Pamela se aproximou e deixou mais uma centena de saquinhos de açúcar na mesa.

Dev e eu deixamos a Abbey na estação Victoria para ela pegar o trem das 18 horas para Brighton.

— O que vocês vão fazer na próxima sexta-feira? — ela perguntou.

— Não sei — eu disse.

— Eu te ligo — ela disse, nos beijando na bochecha e indo embora, nos saudando com um charuto apagado.

— Ela é demais para nós — Dev disse, observando-a ir. — Falando nisso, contei para ela que tenho diploma em escultura. Se você puder lembrá-la disso, me ajudaria muito.

— Certo. Para Charlotte Street — eu disse. — Mas não para fazer o que

você imagina.

— VOCÊ VEIO! — Clem disse, apertando sua cerveja com força. Ele tinha arranhado o rótulo quase inteiro, seus nervos tomaram o controle de seus dedos.

— Foi a escolha do *London Now*. Eu *tive* de vir.

— Não me julgue tão severamente — ele disse, franzindo o rosto. — É só a minha terceira risadinha.

Clem tinha começado a chamar suas apresentações de "risadinhas". Eu tinha esperança de que isso não fosse tópico do seu repertório, mas tudo me dizia que era.

— Este é o Dev, meu amigo — eu disse.

— Por que Dev é um nome curto? — Clem perguntou. E Dev estava prestes a contar, mas então Clem disse: — Porque ele tem pernas curtas.

E, então, caiu na risada e fez um barulho que sugeria que a piada tinha ido além da compreensão do Dev, e acho até que se ele fosse tão baixo assim, teria.

Nós ficamos no fundo da Chucklehead, um lugar que é uma casa noturna por meio período, que fica talvez a uns cem metros da Percy Passage, e analisamos o cenário. Uma despedida de solteira na parte da frente, com muitas bêbadas, e ainda eram pouco mais de 19h30, a futura noiva no centro de uma multidão de perucas rosas e auréolas. Um grupo de estudantes estrangeiros atrás delas, vítimas de uma entrega de folhetos de última hora, seduzidos por promessas de terem a noite de suas vidas e uma experiência autêntica em Londres. Um casal de meia-idade atrás deles, possivelmente enganados por fotos mal fotocopiadas de Jimmy Carr e Michael McIntyre, nenhum dos quais, eu aposto, alguma vez apareceu para fazer suas apresentações em Chucklehead, enquanto Wembley ou o O2 pelo menos tinham um camarim e água de graça.

Ao lado do bar, Clem estava tentando fazer amizade com outros comediantes, falando sobre habilidade e destreza na composição de piadas enquanto eles bebiam a quantidade certa para que a noite começasse o mais rápido possível, e nem um pouco a fim de pegar conselhos desse cara de meia-idade que fazia duas apresentações.

— Então, o que você acha que é essa história com a Abbey? — Dev disse, me cutucando.

— O que você quer dizer?

— Por que ela está tão a fim de passar a sexta e o sábado conosco? Por que ela quer nos encontrar semana que vem?

— Acho que ela nos considera charmosos.

Dev riu.

Era mesmo um pouco ridículo.

— Ela vai ficar entediada — Dev disse. — Elas sempre ficam. Ela parece

um espírito livre, e que voa pra lá e pra cá, né? Elas colecionam amigos e os colocam em grupos: “Esses são meus amigos da música. Esses são meus amigos de arte. Esses são meus amigos do norte de Londres de trinta e alguma coisa, que têm medo de mulheres e que já deveriam ter se estabelecido. *Eles* comem em *cafés!*”.

Não sei. Ela ajudou. Ela ajudou com a Sarah. Forçou a discussão, fez com que conversássemos abertamente sobre as coisas.

— E ela é…

— Não sei se ela tem namorado. Você deveria perguntar para ela.

— Se eu perguntar, ela vai dizer que tem. É melhor não saber. Assim, sempre tenho uma chance. Mesmo se elas estiverem com seus maridos, ou se você presenciá-las dizendo seus votos, nunca pergunte se são casadas. Destrói totalmente suas chances.

Então, o mestre de cerimônias estava no palco para introduzir as apresentações, e Clem começou a arranhar o segundo rótulo naquela noite.

— É ISSO AÍ — Clem disse, empurrando a porta dupla do bar em direção à rua, tentando ser o cara daquele espetáculo. — É isso aí.

Ele deu um soco no ar enquanto Dev e eu o seguíamos, querendo saber o que dizer.

— Com certeza você se divertiu lá — Dev disse, e eu estava incomodado, pois aquele era precisamente o nível de não comprometimento que eu queria. — Como você acha que foi?

— Eu? Três palavras: *Pior* Great Western! Você ouviu a reação do público!

Nós apenas sorrimos. Tínhamos ouvido o que ele disse, mas tínhamos ouvido principalmente como um zunido ou tossida.

— Preciso de uma bebida! — Clem disse, acenando as mãos na sua frente como se tivesse tido a noite mais inacreditável.

— O NEGÓCIO DO VALE-TRANSPORTE — Clem disse, enquanto nos sentávamos, encarando nossos coquetéis — é que é abrangente demais. Todo mundo já viu um vale-transporte; todo mundo já comprou um vale-transporte. Então, quando digo, “Esse vale-transporte”, estou falando que posso ir a King’s Cross por “qualquer rota permitida”, e depois eu digo, “Então, eu posso ir à *Lua*, não posso?”, é muito engraçado, pois todo mundo já viu um vale-transporte, mas ninguém pensou em ir à Lua com um.

Nós ficamos dez minutos nessa análise detalhada do Clem para uma apresentação de cinco minutos, e ainda estávamos na primeira piada. Dev tinha ignorado a segunda que o Clem tinha começado a falar, olhando ao redor do bar do hotel Charlotte Street: a festinha do Clem para nos agradecer pelo apoio. Acho que ele não tinha percebido que essa festinha custaria para ele

aproximadamente 100 reais cada bebida. Ele tinha tentado pechinchar com o barman, mas não funcionou, e agora ele nos usaria para merecer nossos coquetéis.

— Se você tivesse que destacar o momento que mais gostou — ele disse. — Qual seria? Eu gostaria de saber.

— Hum… — eu disse, fingindo pensar. As janelas estavam abertas e, lá fora, as calçadas estavam cheias de mesas e vinho. Um porteiro elegantemente vestido mexia nos punhos da camisa, fingindo não estar esperando pelo fim de seu turno, enquanto Dev encarava um grupo de garotas, todas de cabelos lisos e sapatos Louboutin, e seus Blackberry Pearls formando uma caravana ao redor de três taças de vinho e duas vodcas de limão, como se elas estivessem dizendo "Sim, nós somos superpoderosas e bem-sucedidas, e profissionalmente bem encaminhadas, mas aqui na Charlotte Street nós somos jogo duro também".

— Porque o meu momento favorito — Clem disse, obviamente pelo fato de ninguém ter respondido — foi o da improvisação, em que o cara deixou cair o copo e eu disse "Cuidado, agora!".

— Essa parte *foi* boa — eu disse, animadamente, e Dev parecia surpreso que mais alguém estivesse falando.

— Ah, o que eu estou fazendo? — Clem disse, simulando uns tapas na própria testa. — Hoje não é minha opinião que interessa. Quais foram suas partes favoritas?

— Você já perguntou isso, não perguntou? — Dev disse.

— Mas você não respondeu — Clem falou.

— Eu gostei da improvisação — Dev disse.

— Mas isso foi o que eu disse — Clem completou.

— Bem, lá vai você — Dev ressaltou, e Clem ficou amuado.

— É melhor eu ir mesmo — Clem disse. — Preciso trabalhar no meu material. Grande apresentação no Smile High Club semana que vem. Preciso arrasar. Então, o objetivo é fazer negócios. É aí que está o dinheiro.

Ele tomou um gole de seu coquetel e bateu com violência o copo na mesa.

— Coquetel é uma palavra engraçada, não é? Considerando que ela não tem a ver com um "coque".

Eu forcei uma risada e ele sorriu, largamente.

— Bem, essa vai estar no repertório! — ele disse, e, enquanto eu elaborava qual reação deveria esboçar, parecia que ele tinha reconhecido alguém no bar.

— Ah, seu irmão estava na apresentação? — ele disse. — Você guardou bem esse segredo!

— Quem? — perguntei.

— Seu irmão. Aquele não é seu irmão, no bar?

— Jase não tem irmão — Dev disse.

Eu me virei para olhar.

— Eu nunca me esqueço de um rosto — Clem comentou. — Ou um relógio. Ou um *relógio*-rosto!

O homem a quem ele se referia estava decidindo qual chope pegar. Ele estava fazendo perguntas e batendo nas bombas de chope. E, então, deu meia volta, e… *Ah*…

— Não que eu possa ver o relógio dele agora, é claro — Clem disse. — Mas vi naquela foto que você tinha.

Eu congelei.

Às vezes, as pessoas dizem que congelam, mas elas não querem dizer exatamente o que eu quero. Congelei, de maneira real e particular, porque era ele. Ele estava aqui. Ele estava aqui no bar.

— O que ele faz mesmo? — Clem perguntou. — O que ele faz, seu irmão?

— É — Dev disse, agora percebendo, agora reconhecendo, agora sorrindo. — O que seu irmão faz?

— Quiroprático — eu respondi, calmamente, buscando pela memória o que eu tinha dito ao Clem naquele dia.

— Achei que ele fosse ortodontista.

— Ele faz de tudo.

— E sua esposa tem cabelo loiro?

— Por toda a cabeça.

— Certo. Bem, de qualquer maneira — Clem disse, enquanto eu continuava olhando, e ele começou a dizer alguma coisa sobre juntar suas coisas e não saber se pegava o ônibus, ou o metrô, ou talvez esbanjasse e pegasse um táxi. Mas eu tinha parado de ouvir, pois ele estava lá, o homem, Chunk, o homem do relógio grande, e talvez isso significasse que *ela* estivesse por perto também.

Acho que faz sentido eu ter me esbarrado nele aqui. Ambos devem trabalhar perto da Charlotte Street. Ele tem boa condição, com seu apartamento no Alasca, seu relógio grande, seu bronzeado e seu carro de colecionador. Faz sentido ele estar de papo no hotel Charlotte Street, onde você pode tanto comprar uma bebida quanto pagar seu aluguel. Ele provavelmente está persuadindo um cliente, firmando um acordo.

Meus olhos analisaram o lugar novamente. Ela estava aqui? Ela estava aqui também?

E, então, algo estranho aconteceu. Comecei a desejar que ela não estivesse. Isso tinha tomado conta de mim, esse sentimento de definitivamente não querer que ela estivesse aqui. Eu odiaria se ela estivesse, na verdade.

Primeiramente, eu não estava preparado, embora meus olhos analisassem a

sala, só para prevenir. Eu não tinha cortado o cabelo, não gostava do que estava vestindo, e me sentia como uma garota adolescente pouco à vontade vestida para a igreja e surpresa pela notícia de que talvez ela encontrasse aquele cara de uma banda de garotos que parece ser amigo de um amigo dos pais dela.

Segundo: se ela estivesse aqui, nesse bar térreo na Charlotte Street, no meio dos Blackberry Pearls, dos cabelos brilhantes e dos Louboutins, significaria que ela estava com *ele*. E se ela estivesse com ele, não poderia ficar comigo.

E terceiro (meu Deus, havia um *terceiro!*): se ela estivesse aqui com ele, e não aqui comigo, assim seria. Estaria acabado. O romance, o mistério e o plano de roubar as fotos de uma garota e usá-las para tentar encontrá-la, aquela trama clássica de Mills & Boon, estariam acabados para sempre.

Examinei o homem o quanto pude sem achar que alguém tivesse me notado. Um clássico terno azul-marinho bem cortado, camisa azul-claro, gravata de seda. Sapatos lustrosos com fivelas prateadas. Fiquei contente com esse detalhe. Não sei se conseguiria amar uma garota que amou um cara com fivelas prateadas no sapato. Ele se desenvolvia bem, o que me fazia sentir melhor do que dizer que ele era bem-desenvolvido, e seu cabelo era mais longo atrás do que parecia nas fotos.

Ele não estava usando aliança.

— Você deveria ir até lá e conversar com ele — Dev disse. — Descubra alguma coisa sobre ele. Pergunte se ele tem namorada.

— Você acha que eu deveria ir até esse estranho, num bar, e perguntar se ele tem namorada?

— Não diretamente. Pergunta para que time de futebol ele torce, alguma coisa de homem, e *então* pergunta se ele tem namorada.

— Então, eu deveria ir até um homem desconhecido, perguntar para qual time de futebol ele torce e dizer: “Você tem namorada?”.

— Você está intencionalmente tentando fazer com que pareça outra coisa.

Eu olhei para ele novamente, ele estava bebendo um gole de Peroni e rindo com outro homem. Colega? Amigo? Quem quer que ele seja, ele estava apoiando-se no bar, como se pertencesse àquele lugar, como se o hotel Charlotte Street fosse dele, e essa fosse sua festa, cheia de estranhos que ele tinha deixado entrar.

Nosso plano era beber essas e fugir rapidamente para o Newman Arms para beber mais algumas entre pessoas do nosso tipo, mas agora Dev parecia animado.

— Eu vou lá, se você não for — ele disse. — Ele deve trabalhar por aqui e, ou ela estava visitando quando você a viu, ou ela trabalha aqui também. Eles devem ser apenas colegas.

— Não vai lá — eu disse, olhando para ele com um olhar muito sério. — Isso não ter a ver com ele, tem a ver com ela, e ela não está aqui.

Mas eu estava realmente com medo do Dev começar a conversar com o homem, explicar sobre as fotos, dizer que isso era uma coincidência extraordinária, e então, por alguma razão, concordar em devolvê-las para ele. Porque, aí sim, eu seria roubado. Roubado do destino. Roubado do momento. Do momento que eu almejava. O momento que eu não havia contado a ele, mas que eu sentia que pudesse ser o início de algo. O começo de uma história.

O tipo de coisa para a qual a Sarah, agora mais velha, agora mais crítica, cansada da vida e cansada de mim, riria, mas eu não. O tipo de coisa que não era para os homens quererem, ou almejarem, ou admitirem, porque é muito mais fácil dizer que apenas as mulheres querem essas coisas, e tudo o que nós queremos é assistir ao *Top Gear* com nossas camisetas *Top Gear* e ficar em silêncio, e termos mulheres submissas trazendo nossas revistas *Top Gear.*

E quando eu estava prestes a explicar isso para o Dev, ele se levantou e foi em direção ao bar.

CAPÍTULO 15
OU “UM HOMEM EM MISSÃO”

— Bem, eu me emociono em dizer — Dev disse, minutos mais tarde, na parte de fora da Fitzroy Tavern e levemente tremendo de prazer — que agora sabemos que você está definitivamente na jogada. Acho que, definitivamente, você está na jogada.

Nós ficamos em pé, copos na mão, aliviados de estarmos de volta ao nosso meio, olhando pela janela de um bar à meia-luz. Dev tinha usado o momento e agora estava revelando a informação que tinha conseguido no bar.

— E por que acho isso? Porque o homem lá — ele apontou, e bati sua mão para baixo no caso de sermos vistos — não tem nenhum senso de humor. E você tem um pouco, então, você venceu.

Eu olhei para o copo novamente. O amigo do homem deve ter acabado de dizer algo engraçado, porque o homem bateu no braço dele e jogou a cabeça para trás de tanto rir. De longe, o homem parecia ter senso de humor, mas eu queria acreditar no Dev dessa vez.

— Está sempre no topo da lista, né, o senso de humor? — ele disse, sério. — Está sempre lá em cima, então eu não sei o que ele tem, além de dinheiro, aparência e algum charme. Mas você, você tem algo parecido com senso de humor.

— Você acha que a Pamela vai gostar do seu senso de humor? Quando ela aprender inglês, quero dizer, e memorizar tudo sobre *video game*s?

Dev fez uma cara de Dev. Eu continuei, falando o que eu realmente queria falar:

— Então, o que você disse a ele? Como você começou?

— Me deu um branco — Dev disse. — Então, peguei meu vale-transporte e disse “Não é estranho estar escrito ‘qualquer rota é permitida’ no meu bilhete de trem? Isso significa que eu posso ir à *Lua?*”. E ele riu.

— Ele riu?

— Ele riu. E eu segui com “Coquetel é um nome estranho considerando que não tem a ver com um ‘coque’”.

— Ele riu de novo?

— Não, ele não gostou dessa. Acredito que tenha achado um pouco boba. Mas eu estava em casa.

Eu tinha observado o Dev conversar com o homem por alguns minutos enquanto ele esperava para ser servido (ele tinha pedido água da torneira e o

barman não estava muito satisfeito). Eu estava nervoso. Sentia como se a qualquer segundo eu fosse ser descoberto ou pego. Como se a polícia fosse aparecer e exigir a devolução imediata das fotos ou eles me levariam diretamente para Belmarsh. Meu estômago revirava enquanto o Dev se espremia entre os dois homens e batia nas bombas de chope, só porque ele tinha visto o homem fazer aquilo.

Uma hora, quando fiquei bem irritado, comecei a inventar desculpas que eu poderia usar se fôssemos descobertos. Eu tinha misturado o filme da câmera com o da minha câmera, foi por isso que nós revelamos. Ou talvez eu dissesse que Dev era uma pessoa que necessitava de cuidados especiais na comunidade, e que ele tinha revelado as fotos quando eu, a pessoa que cuida dele, fui enganado por um rival invejoso que encheu minha bebida de álcool. Mas ao olhar mais uma vez, vi o que todo mundo do lugar podia ver: apenas três homens, parados no bar, sorrindo, gesticulando e conversando.

De repente, um deles colocou a mão no bolso e tirou um cartão de visita.

— Quem é ele? — eu disse. — E por que você pediu o cartão dele?

— Eu perguntei a eles em qual área eles trabalhavam.

— E?

— Eles trabalham com restaurantes. Ou pelo menos eles investiram em um. Então, eu disse que meu pai é dono de restaurantes em Brick Lane e, pronto, um cartão.

Ele me entregou. Eu li. Só um nome e um telefone, nada mais.

Dev tinha tentado me convencer de que isso era o destino chamando por mim de novo. Mas, de novo, eu tive de lembrá-lo que não era o destino: era Charlotte Street. E as pessoas que trabalham perto da Charlotte Street vão à Charlotte Street quase todos os dias. Encontrar alguém que trabalhe na Charlotte Street, que ainda está na Charlotte Street quando seus trabalhos na Charlotte Street terminaram, pode ser visto como sorte, mas, destino?

O fato era que eu não estava preocupado com o que aquilo era. Sorte, destino, circunstância, o nome não importava; o que importava era como a situação me fazia sentir.

Eu acordei, na manhã seguinte, para ouvir Dev e seu pai gritarem em urdu. Aproximadamente uma vez por mês, o pai do Dev vinha gritar com ele em urdu. Mas só recentemente Dev começou a gritar de volta.

“Assunto de família”, ele me diria, de mau humor, enquanto colocava no *The Wright Stuff*, ou fazia café, e eu o ignoraria, pois é isso que se faz quando as pessoas dizem “assunto de família”.

Enquanto eu os ouvia, fiquei olhando para o teto e tentei pensar em outras coisas. Havia a Sarah, é claro, mas se havia a Sarah também havia o Gary, então

pulei essa. E havia a noite passada. O homem. O cartão.

— Conte a eles! — Clem disse, alegremente. — Conte a eles!

— Clem foi magnífico — eu menti, Zoe ergueu a cabeça e sorriu; um movimento excelente para mostrar ao Clem sua satisfação, mas, para mim, sua descrença.

— Houve um momento ótimo — Clem disse, girando na sua cadeira, tentando parecer informal. — Quando alguém derrubou um copo, e eu pensei "Certo, é melhor eu improvisar aqui"…

Balancei a cabeça e sorri para todos, querendo saber quando seria um bom momento para eu me virar para o computador e ir direto ao Google. Minha mão estava no bolso segurando o cartão.

Eu não tinha percebido o quão desanimada a Zoe estava. Não percebi até que o Clem parou de falar, o que não durou pouco tempo, quando a Sam me puxou em um canto e disse:

— O que está acontecendo? Você ouviu alguma coisa?

— Nada — eu disse. — Ouvi o quê?

Verdade seja dita, eu estava achando difícil olhar para a Zoe esses dias. Desde que eu vi a Sarah novamente, ficou difícil. Quando eu olhava para a Zoe, me lembrava do tipo de homem que eu poderia ser. Empurrei tudo isso para fora da minha cabeça e coloquei a mão no bolso, buscando o cartão.

Damien Anders Laskin.

O que poderíamos descobrir sobre Damien Anders Laskin?

Veja o que eu achava que descobriria sobre Damien Anders Laskin:

Que ele era muito, muito rico.

Que a maior parte de seu dinheiro viria de seu pai, um aristocrata industrial rico, um homem que ainda estava por perto e continuava a empurrar o pobre Damien para os negócios da família, que provavelmente chamava Laskin's e tinha alguma coisa a ver com vinhedo, e tinha centenas de anos, e havia provavelmente mudado seu nome uma ou duas vezes para esconder seu antigo envolvimento com a escravidão.

Que ele tinha estudado no Colégio Eton, claro, e que ele conhecesse um príncipe de um país africano. Que estava contente em conceder a ele várias licenças de armas, que ele tinha procurado com esforço ofuscar as ambições insignificantes com relação ao vinho de seu pai, mas tinha hesitado quando um golpe militar derrubara seu amigo.

Que ele tinha sido casado, uma vez, com uma modelo do Leste Europeu que conheceu ao abrir um Laskin's em Praga, uma missão dada a ele pelo seu pai, mas que iria, no final das contas, fracassar, pois o coração do Damien não estava na Laskin's Wines & Spirits e nunca estaria. Mas eles nunca teriam filhos,

pois ela estava muito preocupada com sua imagem e com o contrato que ela estava esperando renovar com a Clinique, e é tão difícil quando você chega nos 30 e seu marido só se preocupa com seus negócios e sua amante.

Que ele provavelmente jogava tênis bem, tendo treinado pessoalmente com Pat Cash ou Ivan Lendl, os quais ele teria encontrado em um fim de semana de celebridades voltado para o golfe em Maine, pois a Laskin's tinha começado a participar de caridades, mas provavelmente só visando aos impostos e à fama na revista *OK*. Eu achei que ele pudesse ter um carro esportivo, e que diria coisas do tipo "eu lido com meu carro esportivo da mesma maneira que lido com minhas mulheres" e então terminaria dizendo algo espirituoso que não consegui inventar ainda, mas que teria feito Clarkson cuspir seu porco assado e bater palmas para um banquete caprichado em Cotswolds.

E aqui está o que eu achava de Damien Anders Laskin: eu achava que para qualquer lugar que ele fosse, as pessoas riam com encanto e intensidade das coisas que ele dizia, fossem significantes ou não, e quando ele entrava em algum lugar, as pessoas interrompiam suas conversas só para acenar com a cabeça para ele, na esperança de que ele acenasse de volta. E as mulheres desejavam se casar com ele, e os homens desejavam que ele sumisse para que as mulheres que estivessem com eles parassem de desejar que ele se casasse com elas, e que qualquer coisa que a vida aprontasse com ele, sempre estaria bem, pois Damien Anders Laskin recuperava a esperança facilmente.

Isso tudo parecia exagerado. Tão diferente, tanto para enfrentar, tanto para combater. Se, ultimamente, eu não era o bastante para a Sarah, se as coisas não tivessem ficado no passado mesmo quando eu…

— Bem? — Clem disse, interrompendo.

E eu voltei para a sala.

Olhares vagos. Sobrancelhas levantadas. Alguém havia perguntado minha opinião. Mas, sobre o quê?

— Bem… Eu concordo — eu disse, autoritariamente e com esplendor.

Houve um silêncio.

— A não ser — eu disse — que vocês estivessem falando do homem que gritou "você está pavoroso" no meio da sua apresentação na noite passada.

Clem virou as costas para mim. É verdade que aconteceu.

É NECESSÁRIO QUE O HOMEM tenha muita confiança para ter um cartão com seu nome e telefone.

O cartão do Dev ia além, é claro, pois só tinha o nome dele, mas isso porque ele sabia que as garotas para as quais ele dava o cartão nunca ligariam para ele, o que, por sua vez, mostra um homem com pouca confiança.

Quem, no entanto, pode escapar da internet? Quem consegue ficar longe do

Google? Uma referência a um site de rede social, um curto rumor num folheto de uma indústria, um “a voz do povo” num jornal local sobre bicicletário ou a aprovação de projetos governamentais.

Certamente, Damien Anders Laskin geraria resultados.

Muitos.

O que era esperado, vendo como ele estava por dentro da publicidade.

Havia um extenso perfil dele na *Marketing Week*. Algumas participações no *Telegraph*, onde ele havia sido flagrado comendo canapés em lançamentos de produtos com uma mulher irradiante chamada Camilla ou Claudetta ou Collette. Uma referência no *Observer Food Monthly* sobre seu investimento em restaurantes. O *Guardian* o chamou de “antigo filho pródigo da assessoria de imprensa, agora o *adulto pródigo* Damien Laskin”.

Ele venceu na vida por esforço próprio: filho de classe média, ganhou uma bolsa de estudos da universidade. Contratado por uma agência publicitária amadora em Bradfort, no início da década de 1990; quatro anos mais tarde, ele abria seu escritório na Dean Street. Quatro anos depois disso, seria na avenida das Américas. Então, ele prosseguiu sozinho. Agora ele era o CEO, ou o gerente administrativo, ou o vice-presidente da assessoria de imprensa Forest Laskin. Tudo era impressionante. Encontrei poucas razões para não gostar dele.

“A palavra ‘floresta’, opina Laskin, 42, implica crescimento natural, e crescimento natural é o que objetivamos, mês a mês, ano a ano, e o que enfim alcançamos desde o primeiro dia.”

Não é o primeiro dia. É o único dia. E quem “opina”? Parece algo que os antigos diziam.

Eu examinei sua lista de clientes. Provavelmente seria tudo à base de bingo e molho picante.

Campanha primavera/verão da Mercedes-Benz.

Ah…

D&G — iniciativa para lojas temporárias, Soho/Deansgate/The Lanes.
Swarowski.
Grey Goose.
Breitling.

O relógio. Seu relógio era um Breitling.

Bang & Olufsen.
Lexus.

Tenho ouvido coisas muito boas sobre Lexus ultimamente.

E algo estalou dentro de mim.

Eu coloquei no Goggle “Forest Laskin Publicity”.

Achei um endereço.

Liguei para o Dev.

É engraçado o quanto encontrar um rival pode fazer com que um homem seja capaz de se focar.

É CLARO que Forest Laskin era na Charlotte Street.

Lá estava, a poucos metros da Saatchi & Saatchi, bem do lado oposto ao Café Roma, onde eu tive involuntariamente uma foto tirada pela Garota naquela noite.

Dev e eu sentamos no Nissan Cherry. Nossos pés cobertos por um monte de pacotes da Walkers; estávamos parados em uma área proibida, mas não muito longe de casa.

Já passava das 18h30. Os manobristas de toda a Londres já estavam no metrô para casa. E as pessoas da Charlotte Street estavam parando de trabalhar e indo para *happy hours*. Dev estava profundamente interessado em um exemplar antigo do *Game Pro*. Eu encontrei a XFM e olhei para fora da janela.

É uma rua bonita, a Charlotte Street, eu percebia agora. Nessa parte, no entanto, tinha um pouco mais de escritórios e um pouco menos de peculiaridades. Árvores gigantes estendiam-se acima de nós, galhos curvados por sobre a rua, que se misturavam a outros e escondiam o Sol, a chuva ou a neve.

É uma rua onde as pessoas se sentem como parte do cenário; uma rua onde as pessoas querem colocar seus nomes em seus negócios.

Há o Jamie's Bar, onde imagino que Damien Anders Laskin tomaria o uísque da meia-noite, esperando que Tóquio ou Sydney retornasse o contato.

Há o Elena's, eterno e com o nome da própria e legendária Elena, que anda com passos largos, acalmando as pessoas, a mulher francesa de 90 anos que deixa o cliente à vontade e serve um *coq au vin* tanto a celebridades como DeNiro quanto ao sujeito que costumava entregar o *Standard* na estação.

Há o Andréa's, que na verdade chamava Andréas, mas que todos chamam Andréa's, porque parece ser mais apropriado.

Há também o Josephine's, restaurante filipino, e Siam Central, Palms of Goa, Niko Niko, Curryleaf, aquele lugar para dançar.

— O mundo todo está na Charlotte Street — Dev disse, roubando meus pensamentos. — Então, qual é o plano?

— Nós o seguimos.

— Nós o seguimos? — Nós o seguimos. Por que não? Vamos segui-lo.

— E depois?

— Depois a gente vê.

— Vê o quê?

— A gente vai saber. Se ele está com A Garota, ou se ele nos leva a ela, bem… Então, acho que é o fim. Pois ele está com ela.

Eu bati no bolso da jaqueta. Dev olhou para mim.

— Estou com as fotos — eu disse, não quis olhar para ele. — E vou colocá-

las na porta do lugar que eles estiverem, e sairíamos correndo.

Dev virou para mim.

— Simples assim? Achei que essa fosse sua grande jogada.

— É o mais próximo que chegamos. O que eu faria, ficaria procurando lugares onde ela esteve e tirando minhas próprias fotos lá? Inventar cada vez menos artigos populares para destacar no *London Now*? Isso não está funcionando.

— Mas você não quer falar com ela? — ele disse. — Sei lá, para dar um fim a essa história?

Eu tinha pensado nisso. E tinha decidido que não, não queria. Porque às vezes é melhor não saber. Quero dizer, e se ela fosse perfeita? E se tudo o que eu pensava dela fosse verdade?

E SE A GAROTA que eu queria conhecer tivesse mesmo uma mobília elegante e surrada, um brilho saudável e um otimismo infinito? Fico imaginando que, se eu nunca tivesse escrito aquela carta para Emily Pye na escola, não teria colocado um fim, mas pelo menos o fim que dei não teria sido tão traumático. Você pode traçar a maioria dos meus fracassos com as mulheres desde a Emily Pye e o dia em que escrevi aquela carta e me arrisquei.

Portanto, não. É melhor não saber dessa vez. Talvez seja melhor pensar no que poderia ter acontecido do que descobrir que definitivamente não aconteceria. Melhor ela continuar sendo apenas a garota da foto do que a garota que eu encontrei e achava que conhecia.

É claro, eu não sabia se Damien Anders Laskin nos levaria a ela. Eu não sabia nem se eles estavam juntos. Mas, mesmo assim, eu estava jogando honestamente e como uma pessoa adulta, e era isso que deixava tudo tão excitante. Um pouco de pôquer com um monte de emoção para um coração que se sentia enfraquecido, quebrado e ferido. O que é que os adeptos à automutilação dizem? Que se mutilam só para terem uma sensação diferente? Bem, eu não era tão radical assim. Mas, de vez em quando, era animador se arriscar. Agarrar o momento.

Além do mais, eu não tinha nada a perder. Não mesmo. Apenas uma ideia. Apenas um pouco de esperança. Depois dessa aventura, eu seria capaz de seguir em frente.

— Aposto que ele é gay — Dev disse. — É o que aconteceria em um filme. Haveria uma série de pistas hilárias, todas elas apontando para caminhos diferentes, e então você o enfrentaria, e ele diria “Deixe-me apresentar uma pessoa”, e todos nós esperaríamos uma garota e ficaríamos chocados quando um cara entrasse.

Dev começou a rir e bateu no volante.

— E estaríamos em um bar gay e o cara teria que ter algum nome que

colocaríamos na confusão, como Pat, ou Joe sem o “e”!

Ele se acalmou, e disse.

— *Cara*, gostaria que a vida fosse como um filme às vezes.

Eu olhei para ele.

— Nós estamos sentados em um Nissan Cherry no meio do que é, essencialmente, uma operação complicada — eu disse.

Seus olhos se iluminaram.

E então ouvi algo familiar. Aumentei o volume do rádio.

— The Kicks — eu disse, encantado.

— Quem?

— A banda. Nós somos amigos. Bem, nós nos conhecemos. Eles são amigos da Abbey.

Aumentei ainda mais. Era “Uh-oh”. Então o DJ, aquele que está saindo com Sugababe, eu acho, disse: “*O brilho de Brighton, The Kicks, na XFM…”*

— Essa é a minha fala! — eu disse, encantado.

“É o que diz a imprensa, e quem sou eu para contradizer… Eles estarão na Scala, no King’s Cross, nessa sexta à noite, juntamente com Play&Record, Neighbours From Hell and…”

— É quando a Abbey vai estar na cidade — Dev disse. — Sexta à noite.

E enquanto o DJ passava a falar das propagandas, nós olhamos para cima e vimos Damien Anders Laskin deixando seu escritório e atravessando para o outro lado da Charlotte Street.

— *Ativar o Cherry!* — Dev gritou, girando a ignição e… Foi apenas isso.

O CARRO FUNCIONOU, mas não sabíamos ainda para onde ir.

Tentamos ir lentamente atrás dele, mas seguir um homem que está a pé é difícil quando os carros atrás ficam insistindo para que você, pelo menos, tente chegar perto do limite de velocidade. Isso nunca aconteceria em *Starsky & Hutch.*

Além do mais, Laskin não iria muito longe. Ele não iria muito longe mesmo.

— *É sério?* — eu disse, fixando os olhos na placa.

NÓS DEIXAMOS O CARRO cinco ou seis minutos depois de entrarmos.

— Mesa para dois, por favor — Dev disse, enquanto eu examinava o lugar.

Lá estava ele, sentado ao lado da janela, ninguém na cadeira oposta à dele.

Talvez ele estivesse esperando por ela. Talvez toda essa história começaria e terminaria no Abrizzis’s.

— O que devemos fazer? — Dev perguntou.

— Observar — eu disse.

Mas havia algo estranho. Por que o Abrizzi’s? Por que ele comeria no Abrizzi’s? Não que haja algo de errado com o lugar. Mas o Roka ficava bem perto. Homens como Damien comem em lugares como o Roka. E é onde eles

levariam garotas como A Garota. Eles pediriam *mojitos* para começar, e dispensariam o menu de degustação, pois eles comem lá todo o tempo, então eles tomariam conta e encheriam a mesa com casquinha de siri, bacalhau preto e caviar *Ossetra.*

— Vamos sentar perto dele — Dev sussurrou.

— *Não* vamos sentar perto dele — sussurrei de volta. Mas a garçonete estava lá, vestindo seu conjunto de boné e camiseta Jason Priestley, e Dev apontou e perguntou:

— Pode ser perto da janela?

DAMIEN ANDERS Laskin cheirava *bem*.

Se eu ainda fosse professor, acredito que o caracterizaria dessa forma:

Aparência: Damien tem uma aparência que diz: "Eu sou muito ocupado e minha cabeça está muito longe", mesmo quando está apenas beliscando um palitinho de pão ou lançando um olhar desinteressado sobre um cardápio laminado em um restaurante que não combina com ele. De perto, ele lembra um homem de uma propaganda, que provavelmente tem uma geladeira de aço inoxidável com acelga dentro.

Conversa: "Obrigado", ele disse ao garçom, enquanto sentávamos, mas nenhuma vez olhou para ele enquanto sua água com gás era servida em seu copo, como se ele fosse um príncipe.

No geral: Eu gostava do fato de ele não olhar para o garçom, de não agradecê-lo, pois isso significava que não éramos iguais.

Aquilo também não me frustrava?

Nós estávamos agora sentados a poucos metros desse homem, e o mais estranho era que ele não tinha ideia do que isso significava.

Quero dizer, ele era como uma celebridade para nós. Não quero dizer que estávamos obcecados por ele, ou que éramos grandes fãs, ou algo do tipo, mas sabíamos coisas sobre ele. É como se você se sentasse no Starbucks perto do Jean-Luc Picard. Aí está a animação. Você quer que eles saibam que você sabe quem eles são. Como se você tivesse descoberto o segredo deles de alguma forma. Mas não. Você os ignora. Pois é isso que eles querem e você também não quer que eles pensem que você quer que eles saibam que você sabe. Entendeu?

Eu sabia que Dev sentia o mesmo. Então, nós examinamos calmamente nossos cardápios e… *Espera-aí-que-diabos-o-Dev-estava-fazendo?*

— Com licença? — ele disse, de repente, inclinando-se em direção ao Laskin.

— Dev? — eu disse, como se eu tivesse uma pergunta sobre as pizzas. — Ei, Dev…

— Desculpa atrapalhar…

Damien Anders Laskin parou de olhar para seu iPhone e olhou para nós dois… E o que foi aquilo? Um movimento de reconhecimento? Um momento de *nós-nos-conhecemos*? Mas o que o Dev estava fazendo?

— Eu gostaria de saber — Dev disse, enquanto eu observava, olhos arregalados — se você poderia tirar uma foto nossa.

Ele abriu um sorriso largo e segurou a câmera.

Minha câmera descartável.

Damien Anders Laskin olhou para ela por um segundo e sorriu.

— É claro — ele disse. — Eu sei como usar uma dessas.

— Ei — Dev disse, de repente fingindo ter se lembrado. — Você é o *Damien*, certo?

Clique.

— QUE ESTRANHO DAR de cara com você novamente — Dev disse, entre pedaços de peperoni e pela quarta vez. — Com tanto lugar!

— Bem, trabalho descendo a rua — Damien disse.

Eu permanecia calado, apesar das constantes tentativas do Dev de me incluir na conversa.

— Se você me permite perguntar — Dev disse —, esse é o lugar em que você investiu?

Damien deu um sorriso malicioso, abaixou o garfo e limpou a boca com um guardanapo.

— Não, não. O meu é em Shoreditch. Hustle & Jive. Um tipo de restaurante com apresentações de jazz de boa qualidade.

Nós acenamos como se soubéssemos exatamente o que aquilo significava.

— Não, esse lugar não é *bem* meu — e lá estava o sorriso malicioso de novo —, mas acabamos de ganhar o lance para fazer a assessoria de imprensa daqui. Coisa pequena, na verdade, mas eles abrirão em Manchester em breve, tem planos para Glasgow daqui a seis meses, então, por que não se envolver em um negócio novo? É importante para uma pessoa sem tanta experiência… E, em uma recessão, tudo soma.

Olhei para o relógio dele, para o terno dele. Eu não podia imaginar que a recessão o tinha atingido particularmente com força.

— O que você disse que fazia, Dev? Restaurantes?

— Eu tenho negócios em restaurantes, sim — Dev disse. — Brick Lane, principalmente. Mas também trabalho com engenharia. Engenharia em *video game*. Uma coisa muito específica que provavelmente não devêssemos entrar em detalhe.

— E você, Jason?

— Jornalista — eu disse, tentando manter as coisas de maneira superficial.

— Qual seu sobrenome?

— Priestley — eu disse, e ele riu, mas dessa vez não pelo motivo de sempre.

Ele segurou um guardanapo.

— *Uma fatia mágica de pizza do paraíso!* — Damien leu, encantado. — Foi você?

— Foi — eu disse, envergonhado. Esse homem tinha um site, um império. Eu tinha meu nome em um guardanapo.

— Você sabia que foi isso que me ajudou a convencê-los a gastar com assessoria em Londres? Se eu não estivesse comendo de graça, eu pagaria seu jantar!

— Você ainda pode — Dev disse, mas Damien ignorou.

— Então… *London Now* — ele disse, de repente bastante interessado, mas então um olhar de quase preocupação tomou conta de seu rosto. — Tempos difíceis.

— É mesmo?

— Como as coisas estão por lá? Como está o ânimo?

Ânimo? O ânimo estava bom.

— Ah, você sabe — eu disse.

— Bem, acho que vocês ficarão bem. Quero dizer, ouvimos coisas. Não quero falar nada fora de propósito.

— Não, quero dizer, sou freelancer, então eles não pretendem me substituir…

— Jason é editor de críticas — Dev disse.

— Estou atuando como editor de críticas — corrigi —, só enquanto a outra pessoa está afastada.

— Bem, você já nos ajudou — Damien disse, e eu não dei importância. — Você está na nossa lista? Nós temos uma lista. Amigos especiais. Nós fazemos eventos e coisas do tipo. Vou colocá-lo na lista. Qual é seu e-mail?

E ele anotou no seu telefone.

Acho que uns dez minutos mais tarde, Damien disse "OK" e se levantou.

Ele olhou ao redor do Abrizzi's e piscou, de maneira conspiratória.

— Bem, pelo menos eu não tenho que fazer isso de novo — ele disse. — Mas demonstra interesse, significa muito para o cliente.

Dev e eu nos levantamos e, desajeitadamente, apertamos sua mão. Um e depois o outro, quero dizer, não ao mesmo tempo.

— *Auf wiedersehen*, meninos — ele disse. — Jason, vamos manter contato.

— Ah! — Dev disse, piscando para mim. — Uma última coisa.

Damien girou e levantou as sobrancelhas, já se antecipando.

— Você é solteiro, Damien?

Legal, Dev. Sutil. Eu me sentei e fingi que estava lendo o cardápio.

— O que quero dizer é se você está com alguém, atualmente?

Dev não pôde evitar e deu uma olhada para mim. *Olha o que estou fazendo*!, seus olhos pareciam dizer.

— Estou lisonjeado — ele disse, dando um meio sorriso, e seus olhos

corriam bruscamente entre nós. — Mas eu estou em um relacionamento, sim.

E enquanto ele ia embora, Dev percebeu o que Damien podia ter pensado que ele quisesse dizer.

— Não, não para *mim!* — ele gritou atrás dele, em pânico. — Ei, Damien! Não é para mim!

Ele apontou para onde eu estava sentado.

— Para *ele*!

Mas realmente não me importei. Pois sabia o quão grande Forest Laskin era e o que eles faziam.

E sabia que, embora isso tivesse funcionado, eu tinha acabado de ser adicionado na lista. Eu senti um afeto estranho em relação ao Damien Laskin.

“Onde estiver a mulher que você ama, você irá fazer todo o esforço, até a morte, para chegar até ela.”

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Obrigada pelos comentários no meu blogue. Há dez de vocês agora e enquanto eu peço desculpas por estar sendo enigmática, também estou tentando ser honesta.

Martin: não, não posso contar a vocês o nome dele, mas seu apelido lhe cai muito bem.

Maureen: acho que gostaria de ter visto as fotos da câmera, sim. Mas acho que é por isso que comecei esse blogue. Como uma maneira de relembrar aqueles momentos dos quais não tenho nenhum registro material. Então, talvez eu possa aprender com eles.

Como quando estávamos no apartamento dele pela primeira vez, um apartamento tão grande quanto o Alasca, e contei a ele que eu tinha uma lista.

Aqui está: todos os lugares dos quais já enviei um cartão-postal e para quem. É minha história resumida. Marcas de referência sobre quem eles foram, mais do que quem eles não foram.

Aberystwyth — excursão para o campo (para mamãe, papai e vovó)

Dieppe — viagem de intercâmbio entre escolas (para mamãe, papai e vovó)

Glasgow — banda Take That durante sua turnê “The Pops” (mamãe e vovó)

Stirling — primeira semana na universidade (mamãe e vovó)

Londres — entrevista de emprego (mamãe e vovó)

Whitby — para visitar o túmulo do papai. Ele sempre disse que queria terminar onde havia começado. Eu peguei seu carro, mas guardei o cartão-postal para mamãe.

Acho que foi aí que ele teve a ideia, esse homem cheio de ideias. Talvez eu tenha

facilitado essa para ele.
E por mais que eu não desejasse, isso significa que não posso facilitar para mais ninguém.
É por isso que, para responder à sua pergunta, Captain Stinkjet, é melhor para mim que eu permaneça anônima por enquanto.
Sx

CAPÍTULO 16
OU “BOA NOITE E BOM DIA”

Acho que se eu ainda fosse um professor substituto, talvez um que cobrisse a aula de Ciências quando Sr. Dodd estivesse doente (se você quisesse encontrá-lo na hora do almoço para lhe entregar um cartão de melhoras ou algumas flores, ele ficaria feliz de recebê-lo no seu cantinho na Ladbrokes), eu descreveria minha situação atual assim:

Objetivo: Eu não posso ser.
Método: O tribunal talvez diga perseguição.
Resultado: Seria bom.
Conclusão: Um passo de cada vez. Mas a lista é um bom progresso.

Olha só, eu sabia tudo sobre listas como a do Damien.

Estar na lista significa que você é “Um Escolhido”. Alguém considerado “real valor”. Alguém que os assessores de imprensa chamariam de um “jornalista amigo”, não apenas um “jornalista”. Você está dentro do círculo, é convidado a eventos, a passar os dias fora, ocupando-se com comidas e bebidas, consciente das críticas dos outros, jornalistas inferiores, que “não são como você”.

É um ótimo lugar para se estar. Você pode estabelecer uma rede de contatos. Você tem acesso. Eu poderia usar isso. Pensar além do *London Now*, na *GQ* ou *Esquire*, ou *ShortList*, ou qualquer outra das inúmeras revistas e jornais interessados em contratar alguém com o nível deles.

Estar na lista do Forest Laskin significava que eu, em breve, estaria em outras listas também.

— Deveríamos ir até o Hustle & Jive depois — Dev tinha dito, no ônibus indo para casa. — Ver se conseguimos dar de cara com ele novamente. E também descobrir o que é esse negócio de restaurante de jazz.

Expliquei que não precisávamos. Estar na lista praticamente garantia outros encontros com Damien. E eu poderia conhecê-lo. E, através dele, saber mais sobre A Garota. E quando Dev percebeu que ele seria mais do que o meu ajudante, teve dificuldades para dormir.

— Nós seremos convidados para o Grand Prix! — ele disse, na manhã seguinte. Ele estava jogando *Nazi Zombies* e arreganhando os dentes. — Ou Wimbledon! E eles provavelmente devem ter comprado vários ingressos para as Olimpíadas! Haverá um camarote particular e canapés! Eu sou seu ajudante? Você me promete?

— Você é meu ajudante — eu disse, e ele recarregou sua carabina e matou outro Zumbi para celebrar.

De repente, ele olhou para o relógio.

— Você já não deveria ter ido?

Eu sei que parece ridículo achar que estar na lista pudesse mudar tudo. Mas, como eu disse, era um sinal de aceitação, de ter sido reconhecido. Certamente, você pode dizer que era apenas mais um nome desconhecido em uma caixa de e-mails para qualquer estagiário de olhar vago e desvalorizado digitar, mas eu estava estranhamente grato por Dev ter me colocado naquela situação.

Ele tem feito muito por mim ultimamente. Esse era o lado positivo do Dev. Era impulsivo, sempre tinha um plano. Mesmo quando o plano era terrível, era um plano cheio de otimismo. Ele gosta de se envolver, e há algo inacreditavelmente edificante em estar perto de alguém que quer apenas se envolver. O fato de ele estar fazendo isso para me ajudar a passar por tudo o que havia acontecido com a Sarah significava muito. O fato de que juntos estávamos agarrando o momento, como sempre dizíamos que deveríamos, poderíamos e iríamos, era ótimo também. Afinal de contas, não fomos nós que tínhamos começado isso. Não mesmo. Foi A Garota, esquecendo sua câmera, o que eu tinha esperança de que fosse um momento que tivéssemos dividido.

Então, quem era ela para Damien? Eu me perguntava. Ele estava em um relacionamento; é o que ele tinha dito. Estava com ela? Ela era a namorada dele? Ele era casado e ela a amante? Ela sabia? Era apenas um caso? Ou ela não tinha nada a ver com ele?

"Talvez ela fosse uma colega", eu pensei. Uma colega da sua equipe de assessoria de imprensa. Eles trabalham de perto, aquelas equipes de assessoria de imprensa. Eles vão a eventos. Jantam em restaurantes. Trabalham duro, jogam duro, trocam brincadeiras de conotação sexual sobre *sushi* na empresa AmEx. Você os vê às vezes, essas equipes com pessoas de terno, unidas por uma folha timbrada, dando tapinhas nas costas uns dos outros, e depois de volta para Foxtons. Fica fácil confundi-los como mais do que colegas. Talvez isso explicasse as fotos de certa intimidade com a garota contente. Ou talvez Damien tivesse apenas aparecido nas primeiras fotos porque elas eram as únicas de que ele havia participado… Talvez outra pessoa tivesse tirado as outras. Talvez A Garota não significasse nada para ele; talvez ele tivesse apenas uma memória fugaz dessa garota que ele havia encontrado em uma festa, uma vez — uma garota com quem ele acha que pode ter tirado uma foto, mas nunca seria capaz de afirmar. "Você sabe como são esses eventos", ele provavelmente diria. "Todo mundo quer uma foto de tudo."

Ou, e se…

E se ela estivesse na lista também? E se ela fosse uma jornalista, ou uma editora, ou uma editora-assistente, talvez da *Grazia* ou *T2*? Convidada para

inaugurações exclusivas de restaurantes e estreias, levando sua amada câmera para gravar suas memórias, enquanto os outros usariam seus celulares Nokia? E se aquelas fotos tivessem sido tiradas só por diversão e por que ela parecia tão alegre?

Havia uma chance de que ela fosse como eu e que o Damien apenas representasse o mesmo para ela que representa para mim.

Ei, é a esperança que está aí? É aquela animação, aquela pequena bolha de algo ressurgindo em mim, enquanto caminho do metrô ao escritório?

E então, do lado de fora do Pret, me lembrei do carro.

É claro. O carro.

Ela estava em uma foto com um carro, no Edifício Alasca.

Eu não sei muito sobre Damien, mas eu sabia que, de todas as pessoas que eu já havia conhecido na minha vida até agora, só ele poderia dirigir um carro de colecionador ou manter uma cobertura com o piso de assoalho de madeira em um prédio chamado Alasca.

A foto do casamento em primeiro; o Edifício Alasca em segundo. Uma história de um relacionamento em dois momentos e um apartamento.

E isso, é claro, significava que havia mais do que um encontro casual no casamento de outra pessoa. Significava que havia uma história. Encontros durante o dia e durante a noite. Talvez profissional, mas provavelmente pessoal. Também significava que essas fotos eram tanto do Damien quanto da Garota.

Ainda assim, e apesar disso, eu pensava. A lista não pode fazer mal.

— EI, CONHECI Damien Laskin a noite passada — eu disse, informalmente, e a Zoe levantou os olhou, afastando-os da tela, sobrancelhas levantadas.

— Conheceu? — ela disse. — Onde?

— Ah, você sabe… Abrizzi's.

— Abrizzi's? Você sabia que eles estão começando uma campanha na rádio usando sua citação? O que você estava fazendo lá? O que *Laskin* estava fazendo lá?

— Acho que eles estão fazendo algum tipo de publicidade para o restaurante. De qualquer forma, ele disse que vai me mandar alguns convites para eventos. Me colocou em sua lista.

E dei de ombros, como se não significasse nada.

— É, eu estou na lista dele — Zoe disse.

— É, mas você está no comando aqui, então, isso faz sentido. Só estou comentando.

— Eu estou nessa lista também — Clem disse.

— Você? — eu disse. — Você está na lista? Eu estou falando da lista especial, não da lista geral.

— Eu estou em todas as listas. Odeio isso. “Ah, venha para Trocadero e conheça Flippy, a nova cara da Fiat.” E então eles te dão uma bolsa plástica com um chaveiro do Flippy dentro e um calendário meio inútil, pois estamos em julho.

— Não sei o que é Flippy — eu disse. — E Forest Laskin não faz esse tipo de coisa, faz? Eles lidam com grandes contas, grandes nomes. Mercedes, Sony, esse tipo de coisa.

— É. Grandes nomes. E me conte: como estava o seu Abrizzi’s ontem? — Clem perguntou.

A única razão para eu ter falado do Damien era para, de alguma maneira, descobrir qual era a sua história. Não a história de seus negócios, não a história de seus sucessos e fracassos, mas a história de quem ele de fato era quando estava em casa, descansando em sua cadeira Eames, surgindo do sul de Londres diretamente do Alasca. Eu sabia que a Zoe poderia saber. Ela está nesse meio tempo o suficiente, ela tinha criado sua marca. Ela tinha contatos, e contatos, em determinado momento, se tornam colegas de trabalho, e colegas de trabalho logo trocam conversas de trabalho por fofocas.

— Você conhece alguém na Forest Laskin? — perguntei casualmente.

— Conheço um monte — Zoe disse, me lançando um olhar de desdém.

— Quem?

— A maioria chama-se Jô — ela disse. — Há muitas Hannahs, também, mas principalmente Jôs.

— E o Damien? Você conhece ele?

— Ahn?

— Eu estava perguntando se você conhece bem o Damien particularmente. Ele me pareceu um cara legal. Bem estável e estabelecido. Tipo pai de família, não?

— A-ham! — Zoe disse.

— O quê?

Ela só balançou a cabeça e continuou a digitar.

LOGO APÓS O MEIO-DIA, quando eu já tinha feito contato com algumas assessorias menores e sem uma lista promissora, e tinha ajeitado a entrega de vários pacotes e convites para vários freelancers (ainda era bom ser o remetente, o planejador, o *contato*), eu estava animado em saber que as coisas estavam em andamento. As Coisas Tinham Começado a Acontecer.

De: Emily@ForestLaskin
Para: Destinatários Ocultos
Assunto: Lembrete Final: Evento Especial, Entrada VIP, quinta-feira@20h

Eu nem precisava ler para saber que iria.

E, naquela semana, os convites vieram em abundância e de maneira rápida.

Acho que num evento maior, a responsabilidade de participar pode ser dividida. Por favor, lembre-se de que esse não era um evento grande.

Eventos de que eu participei sozinho: convite para um almoço de lançamento exclusivo da marca de moda Nabarro (recebi um par de luvas de couro); Nando's Very-Peri-Peri, uma "comemoração molho picante" (recebi uma caixa de Very-Peri-Peri, que eu dei para o Clem, que interessantemente *não* havia sido convidado, e conheci um homem chamado Martin, cujo trabalho é degustar molho picante).

Eventos de que participei com o Dev: turismo pela Nova Zelândia na região Marlborough, com degustação de vinho em Vinópolis, uísque no pós-festa na New Zealand House.

Eventos que tinha concordado em ir, mas ainda não tinha ido, com ou sem o Dev: circuito de Silverstone, champanhe e balonismo para comemorar a nova animação da Pixar baseada em balonismo, Paul Weller em apresentação íntima no Buffalo Bar, dia de *paintball* dos jornalistas Vs. SAS (Serviço Aéreo Especial da Grã-Bretanha) no "Pow Pow", no município de Southend-on-Sea.

Eu me senti o próprio Boyd Hilton.

Toda vez eu procurava por Damien. Toda vez eu procurava pela Garota. Toda vez eu ficava frustrado.

Em certo momento, levei uma Jô ou uma Hannah para um canto
e perguntei:

— Então, cadê o Damien? Ele não vem nessas coisas?

E ela disse, conspiratoriamente, para que nenhum cliente ouvisse, sempre olhando para os lados:

— Ah, não, o escritório dele envia seus *próprios* representantes. Ele procura aparecer nos *grandes* eventos, para falar de negócios com pessoas que ele *conhece…*

Então, minhas novas luvas de couro pareceram menos atraentes.

Mas tudo bem, então. Eu teria de esperar. Pelo Damien.

EU SABIA QUE SAIR na sexta seria uma má ideia.

Primeiramente, sábado vem depois da sexta, e se você concordou em ir à festa de noivado da sua ex-namorada no sábado, é melhor você se comportar bem na sexta anterior.

Quando ela deslizou aquele convite pela mesa, eu, é claro, disse que sim. Ela tinha acabado de dizer que eu estava maduro e mais adulto, e o infantil de ser chamado de maduro ou adulto é que por um ou dois segundos você realmente acredita. Então, fiz uma cara de maduro, li o convite de uma maneira adulta e assenti com a cabeça, de forma tanto madura quanto adulta, para confirmar minha presença.

O que foi a maior burrada, pois eu realmente não queria ir.

Meus sentimentos estavam assim: tudo bem. Vá em frente e se case. Estou cansado de me envergonhar das minhas atitudes; cansado de olhar para o passado. Não vou impedi-la. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, mas não são, então, vá, saia por essa porta e não olhe para trás, pois não estou *de fato* tão receptivo. Mas tive de fingir que era maduro.

Então, era isso. Eu sabia que sair na sexta seria uma má ideia. Sabia disso agora mais do que nunca, pois eram 21h50 de sexta e Dev e eu estávamos sentados dentro de casa, com a televisão refletindo na parede vazia, esperando a Abbey chegar.

Geralmente, pensávamos em voltar para casa nesse horário, talvez parando no Cally Food & Wine para uma pizza ruim que poderíamos pedir em casa se não estivéssemos nos sentindo envergonhados o suficiente pelo cara que pilota a moto Flying Lotus.

— Esse é o problema com mulheres jovens e descoladas — Dev disse, balançando a cabeça. — Elas sempre fazem umas nove paradas no caminho para encontrar com você: “Eu tenho que parar na Marble Arch”; “Eu tenho que pegar um negócio com uma amiga na Old Street”; “Ei, não vou conseguir chegar, acabei parando aqui em Marseilles”. Por isso sair com mulheres mais velhas e não descoladas é melhor.

— Ela tem namorado em Brighton?

— Não que eu saiba.

— Não que você *saiba*?

— Achei que ela fosse solteira. Quando a conheci, ela estava definitivamente solteira. Ela teria falado se isso tivesse mudado. E não tem como eu perguntar isso para ela sem parecer que quero ser o namorado dela.

— Você não quer?

Eu mostrei para ele o meu relógio. Eram 21h55. Muito já tinha sido falado.

Trimm!

— Tem certeza de que está a fim de vir? — Abbey disse, com *glitter* no rosto e franja. — Estamos na lista de convidados.

Os The Kicks estavam claramente progredindo. Eles tinham sido reconhecidos, Abbey disse, por um homem que conhecia um homem que conhecia o homem que cuidava da Play&Record. E essa foi a banda que mais progrediu ano passado, eles realmente avançaram muito. Capa das sessões NME, XFM, um palco pequeno no festival Latitude.

— Scala, por favor — ela disse para o taxista da Marvin’s, e ele, fazendo-se de surdo e com óculos bifocais, parecia achar que ela tinha dito Scarborough.

— Scala é um lugar bastante grande — eu disse, impressionado.

— Bem, eles vão ser uma banda bastante grande.

— Ei, talvez eu devesse fazer uma entrevista com os meninos. Você sabe, um retorno depois da minha crítica.

— Eles *amaram* aquela crítica, falando nisso — ela disse —, Mickey disse que foi sua favorita.

Eu me senti lisonjeado, o que era preocupante, pois um crítico que fica lisonjeado facilmente é manipulado.

Ah, que se dane! Eu nunca seria um daqueles que batem de frente.

É bem melhor ter relacionamentos bons, fazer parte de listas, aproveitar as muitas caixas de Very-Peri-Peri.

— Como está seu pai, Dev? — Abbey perguntou, enquanto passávamos pela garagem da Orkney House. Scala ficava a poucos minutos dali, do outro lado da King's Cross.

— O pai do Dev? Quando você conheceu o pai do Dev?

— Da última vez. Logo depois que a Sarah apareceu na loja — ela disse. — Parecia bravo.

— Abbey — Dev disse, repentinamente. — Nós estávamos nos perguntando: você tem namorado?

— Eu estou em um relacionamento — ela disse, rapidamente, mas ainda queria saber por que o pai do Dev tinha aparecido naquele dia.

— O que significa quando as pessoas dizem que estão "em um relacionamento"? — Dev perguntou. — Por que não dizer apenas "sou casada" ou "eu tenho namorado"?

— Às vezes eu acho que significa que as pessoas não querem se comprometer — ela respondeu, olhando para fora da janela.

— Você não quer se comprometer? — Dev perguntou.

— Eu quero me comprometer. Eu estou comprometida. Embora, às vezes, eu *devesse* ser comprometida.

Uma pausa enquanto tentávamos entender o que ela queria dizer com aquilo. Seria um momento em que as pessoas ririam, mas ninguém riu.

— Mesmo assim, você gostaria de sair comigo? — Dev perguntou.

— Chegamos — disse o taxista, brecando. — Scarborough.

LÁ DENTRO, ficou muito claro que os The Kicks não estavam bem "apoiando" o Play&Record. Ou eles estavam tecnicamente, mas *só* tecnicamente. Eles eram uma das seis bandas escolhidas para aquecer a plateia para uma longa noite preparada para os grandes meninos. E chegamos duas horas depois da apresentação deles.

Fomos ao bar na parte de cima, pulseiras amarelas nos pulsos, enquanto os integrantes de bandas, ou que trabalhavam para alguma banda, ou que

costumavam trabalhar em bandas seguravam copos de plástico e brincavam com seus chapéus.

— Oi! — Abbey disse, jogando seu braço em volta de um deles, e cutuquei o Dev para mostrar a ele que esse era o meu momento de brilhar. Era importante que Dev percebesse que eu sabia lidar com o pessoal do *rock 'n' roll* como os The Kicks.

— Como tem passado, cara? — eu disse, abraçando o mesmo cara. — Não te vejo desde Phoenix! As coisas estão indo bem! Ouvi vocês na rádio!

— Jason — Abbey disse. — Esse é o Paul. Ele não é do The Kicks.

— Tá certo! — eu blefei. — Foi o que achei.

— Ele é titereiro, faz apresentações usando marionetes.

— Impressionante — eu disse, e peguei o Dev rindo de mim, aproveitando o momento em que fui de superlegal para nada legal. — Eu amo marionetes.

— Quais marionetes você ama? — Paul perguntou, um pouco friamente, o que não era esperado de um titereiro.

— Eu gosto de todas as marionetes. Eu tinha uma quando era pequeno. Uma raposa.

Paul me estudou. Eu nunca tinha me sentido tão pequeno como naquele momento, sendo estudado por alguém que brinca com marionetes.

— O Paul é — uma micropausa — meu namorado.

— Ah! — eu disse, tentando parecer feliz por eles.

— Ah! — Dev disse.

— É — Paul disse. — Vai e volta.

Excelente.

— Jason é jornalista — ela disse, com um tom de rejeição na voz. — Jason Priestley.

— Rá-rá! — Paul disse. — Tempos difíceis desde *Barrados no Baile?*

— Rá-rá! — generosamente soltei um rá-rá.

— Ele está fazendo a cobertura da banda. Quer fazer uma entrevista, né?

Ela lançou para mim um sorriso de desculpas e Paul um de aborrecimento. Havia algo de errado em Paul. Boa aparência, sim. Estiloso, também, eu acho. Ele parecia estar adaptado ao lugar, com seus *jeans skinny* e acessórios da Topman. Mas ele também era do tipo que poderia facilmente deixar crescer um cavanhaque e um rabo de cavalo. Ele combinava com cavanhaque e rabo de cavalo. O fato de ele ainda não tê-los era, talvez, o mais perturbador a respeito dele.

— Jornalista — ele disse. — Você gosta de coisas ostentosas. Coisas que brilham com luzes e microfones. Isso não é do meu mundo. Mas eu também não sou do seu.

— Você não é?

— Quando você viu um titereiro na capa da *Time Out?* — ele disse, e eu percebi que seus olhos estavam desdenhosos.

— Essa é uma boa pergunta — eu disse, tentando ser amigável.

— Não deve ser um trabalho ruim, ser jornalista — ele disse. — Você tem que parecer importante em situações como essa e então parecer importante quando escreve e publica, mas você não está realmente fazendo alguma coisa, está?

Esse titereiro estava começando a me ofender. Eu estava começando a querer ofender esse titereiro. Ele sorriu, satisfeito com ele mesmo, provavelmente orgulhoso por ser uma daquelas pessoas que acham que podem falar o que quiserem, que se você ficar ofendido e o problema é seu, que ele está "apenas sendo sincero, sou assim, prefiro dizer na cara". É claro que ele era assim. Pois é isso que faz *você* se sentir importante.

A quantidade de pessoas que ele deve ter depreciado, todas de diferentes etnias, sentadas de pernas cruzadas em um jantar no porão da casa e que viram aquele mesmo sorriso do tipo só-estou-sendo-sincero.

— Mas vá em frente, faça o que você tem que fazer — ele disse. — Venda para nós o próximo objeto de desejo e então eles podem nos vender Carlsberg e Pepsi.

Não pude evitar e notei que ele estava bebendo uma Carlsberg. Vi os olhos da Abbey se moverem rapidamente também para o copo dele, mas ela mordeu os lábios e olhou de volta para mim, pedindo desculpas.

Tenho quase certeza de que meu rosto demonstrou exatamente o que eu estava pensando. Que era "Você está brincando comigo, Abbey? Esse é o seu namorado? É melhor que o nome artístico dele seja Capitão Imbecil".

Era um rosto que dizia: "Nunca mais vou aceitar um relacionamento ou um conselho de vida de alguém que é esperta demais para sua idade, que se senta perto de canais em Camden, ou em ônibus pela Bloomsburry, ou em cafés perto do meu apartamento. Você está saindo com o maior idiota da Grã-Bretanha!".

Era um rosto de quem foi barrado pela monótona hostilidade do Paul, de quem não se havia pedido a opinião.

— De alguma forma, eu o admiro por isso — ele disse, e é aí que eu o jogo no chão com um soco, mas eu não fiz isso —, mas rá-rá, vou te contar, cara: eu nunca poderia fazer o que você faz.

Ele balançou a cabeça e evitou nossos olhos, como se quisesse dizer "É, eu acabei de dizer isso. Fim de papo", e outras frases presunçosas e de autossatisfação. Não foi completamente confortável.

Olhei fixamente para a apresentação, em silêncio, meu punho estrangulava

o gargalo da minha garrafa.

— Então, muitas pessoas vêm assistir você controlar seus brinquedos? — Dev perguntou inocentemente, e Paul piscou duramente, simulando um choque. — Deve ser um ótimo trabalho. Eu adoraria ficar brincando o dia todo. Deve ser uma ótima forma de aliviar o estresse. A não ser que um dos fios se rompa. *Isso* sim deve ser estressante.

Paul imediatamente percebeu o que o Dev estava fazendo.

— E você o que você faz? — ele disse.

— Eu trabalho para o Ministério de Defesa — Dev disse. — É só o que posso falar.

— Você está querendo dizer que é um espião? — ele disse, sem muita reação, sem estar impressionado. — Porque imagino que você seja apenas o recepcionista.

— Rá-rá! — Dev disse. — Você vai fazer algum show em breve?

— Teatro — corrigiu Paul —, é teatro.

— É que tenho um sobrinho de 4 anos que *ama* marionetes. Fui ver com eles os Muppet-puppets!

— Eles se chamam apenas Muppets. Não Muppet-puppets.

— Bem, você é o especialista. Você deve saber tudo sobre puppet-muppet.

— Os Muppets não são exatamente meu…

— O que fez primeiramente você se interessar pelos Muppets?

Eu peguei o olhar da Abbey. Ela até que estava gostando disso.

— Não sei se crianças de 4 anos gostam da minha abordagem.

— Por quê? Você está abordando crianças de 4 anos?

— Muito engraçado.

— Qual é seu melhor personagem? Você tem um macaco?

— Você está feliz tirando sarro de mim? — Paul perguntou, e esse era o momento da Abbey entrar e dizer “Para com isso, Paul, você está sendo um imbecil e desnecessariamente condescendente. Eles são meus amigos”, mas em vez disso, ela disse:

— Paul tem razão. Cresçam, todo vocês.

— SE ESSE É O NAMORADO dela e ele mora em Londres, por que ela ficou na nossa casa naquela noite?

Estávamos encostados no balcão enquanto os *roadies* testavam os imensos teclados com a marca Play&Record.

— Vai e volta. Eles deviam estar separados. Além do mais, ele é estranho e mal-humorado. Às vezes isso funciona.

Eu não sabia o que pensar do namorado da Abbey. Acho que o teria julgado como pouco convencional. Um pouco chato. Que ela teria sido atraída pelo não-

tão-óbvio, e teria se divertido com esse jeito pedante, da mesma maneira que às vezes você vê garotas japonesas superdescoladas andando pela Shoreditch de braços dados com uns nerds desajeitados.

E eu estava um pouco irritado pelo fato de ele estar aqui, no nosso grupo, sem ser anunciado. Nós passamos de um grupo de três felizes para um de quatro indiferentes, e tudo graças a um titereiro qualquer.

Parecia que a Abbey queria que a gente o encontrasse ali, mas não que a gente o conhecesse. Ela não estava pedindo nossa aprovação. Talvez estivesse procurando nossa desaprovação.

De repente, de trás, um tapa no ombro.

— Tudo certo?

— Mikey! — eu disse, e então: — Como cê tá?

Eu nunca tinha falado "cê" antes. Mikey estava sozinho, considerando a companhia dos outros Kicks, mas havia um bando de pessoas por perto, zumbindo em cima dele, ansiosos para falar com ele.

— É, nada mal, cara — ele disse, e, então, virou para o Dev: — Tudo certo? Mikey.

— Dev — Dev disse com uma segurança inesperada. — Eu sou músico também.

Jesus!

— É? O que você toca?

— Música.

Mikey fez aquilo que as pessoas fazem quando você balança a cabeça que entendeu, mas, ao mesmo tempo, consegue sugerir que você realmente não entendeu nada. Ele virou para mim.

— Ei, temos que te agradecer — ele disse.

— O quê? Você não tem que me agradecer — eu disse, modestamente, mas satisfeito por qualquer coisa que ele dissesse.

— Não, cara, você é parte da nossa história agora, certo? Nós anexamos sua crítica em mais de duzentos EPs, distribuímos todos eles pela cidade pessoalmente, um deles terminou numa pilha na mesa de um homem. Ele jogava fora a maioria deles, mas o seu comentário chamou a atenção dele e ele o guardou na bolsa, ouviu no carro e nos ligou naquela noite…

Abri um sorriso largo. Ele também tinha a Abbey para agradecer sobre a crítica.

— Nós tivemos nossa primeira música na rádio, estamos aqui com o Play&Record, temos jornalistas dizendo que somos a próxima sensação…

— Quem são *A Sensação*? — Dev perguntou, mas o ignoramos porque somos descolados.

— Tudo está acontecendo ao mesmo tempo, cara! Eu estava falando para o Phil, na outra noite, que deveríamos ter o Jason como nosso biógrafo oficial. Você pode contar como foi desde o início! Ele disse que eu estava ficando doido.

Por cima do seu ombro pude ver as pessoas observando nossa conversa. Eles estavam observando o Mikey. Os Kicks estavam se tornando alguém, e eles sentiam isso.

— Então, de qualquer maneira, nós te *devemos* essa, certo? Vamos tomar umas cervejas qualquer dia? — ele disse, se afastando. Um garoto de 20 anos com o mundo aos seus pés, apontando seus dedos esqueléticos para mim e sorrindo, como se eu fosse alguém também.

— Pode crer! — eu disse. — Pode crer, cara.

Nós observávamos enquanto Mikey era engolido pela pequena multidão. Descolados e garotas mais novas que a Abbey, com camisetas e braceletes dos Kicks feitos em casa.

Eu me virei para o Dev, orgulhoso.

— Você acha que ele sabe que você só ouve Hall & Oates? — ele perguntou.

Pelo canto do meu olho, achei que tivesse visto a Abbey empurrar as portas duplas, escondendo seus olhos.

Nós ficamos para assistir ao Play&Record. Compus minha crítica na cabeça. Mikey tinha me inspirado. Eu poderia fazer a diferença! Poderia fazer parte das coisas! Posso ser apenas uma peça sem importância naquilo que o Paul provável e caluniosamente chamaria de “a máquina”, sorrindo de sua originalidade, mas eu podia fazer disso o que eu quisesse. E talvez isso significasse que o Play&Record poderia gostar de mim também. Eu devo ser um jornalista musical extraordinário por ter reconhecido os The Kicks tão cedo, e por ter sido parte da história deles.

Play&Record, eu descrevi, uma combinação de energia, com influência do rock, melodias de batidas desaceleradas de *trip-hop*. Também, é o que o folheto de marketing da banda dizia.

Procurei pela Abbey. Ela não estava em nenhum lugar que eu pudesse ver. Paul ficou ao lado do bar, discutindo com uma garota loira, provavelmente sobre Proust e sua influência no ramo de marionetes na Europa. Eu realmente não gostava nem um pouco do Paul.

Na verdade, se ainda fosse professor, acredito que o caracterizaria desta forma:

Paul: é um imbecil.

E, então, eu colocaria a culpa em uma das crianças.

— Deveríamos ter trazido o Matt — Dev disse. — Ele poderia ter encontrado

um cano e esmagado todas as marionetes do Paul. Você ligou para ele?

— Liguei — eu disse. — Ninguém atendeu.

— Por que diabos ela está saindo com ele? — ele disse, enquanto arrumávamos nossos cabelos desalinhados pelo vento que nos golpeava repentinamente na Pentonville Road. Em seis minutos, poderíamos pegar o Oz e nos empanturrar de *chilli*. — Quero dizer, as pessoas são engraçadas, não são?

— Talvez ela o ame.

— Ela não pode amar esse cara. O que é amar? Ele é como um daqueles lançadores de bolas de tênis, disparando opiniões secas na sua cara, a cinco metros de distância e olhando com ar superior. Toda vez que ele vira para você é só para disparar outra bola na sua cara.

— Ele é bem cansativo.

— Ele é pior do que isso. Ele é como… Ele é como algo pior do que isso.

— Ei, por que seu pai foi à loja no outro dia?

— Meu pai?

— É. Abbey disse que o viu na loja e…

Nós nos viramos quando pensamos ter ouvido alguém gritar alguma coisa atrás de nós, mas aceleramos nosso passo. O que foi aquilo? Uma briga? Um assalto?

Nós vimos a Abbey correndo pela rua, sua bolsa se enrolando nela enquanto corria.

— Posso ficar na casa de vocês hoje? — ela perguntou. — Paul tem que se levantar às 5 horas.

— Uma apresentação de emergência?

— Cala a boca! — ela riu. — Posso ficar com vocês?

Eu tentei ver se tinha chorado, mas o ar estava gelado e todos estávamos lacrimejando.

— Claro — eu disse.

— Trouxe guloseimas! — ela disse, entusiasmada, e batendo na sua bolsa.

— Estamos indo comer um *kebab* — eu disse.

— É claro que estão — ela disse, empurrando meu braço, de uma maneira afetiva. — É claro que estão.

De volta ao apartamento, Abbey tinha colocado todas as guloseimas na mesa, ao lado das canecas com leite e açúcar.

Dividimos o sofá, mas não as guloseimas. Abbey se jogou.

— Spacecakes[6] — ela disse, antecipando-os, saudando-os, da mesma maneira que eu diria “Big Mac”.

Desde a universidade eu não comia um *spacecake*. Eles não se encaixavam no mundo real de engarrafamentos, e greves no metrô, e pague-e-leve. Fiquei

tentado por apenas um segundo, só para lembrar aquela noite de olhar inexpressivo para a maçaneta das portas dos dormitórios da Universidade de Leicester, mas não consegui. Dev olhava assustado para eles, como se a Abbey tivesse acabado de revelar que era traficante de heroína e que todos os seus amigos estavam vindo para ficar. Abbey mascou, sem se afetar.

— E A Garota. O que está acontecendo com A Garota?

— Nada de mais — eu disse. — Nada, de verdade.

— Ah, sem essa! — Dev disse, animado. — Nós encontramos o homem. O homem das fotos.

— O homem dela? O homem do relógio grande?

Ela se sentou, interessada.

— Nós não sabemos se ele é o homem dela. Só sabemos que ele é um homem.

— Como vocês o encontraram?

— Destino! — Dev disse, dedo no ar.

— É mesmo?

— Ele estava na Charlotte Street. Ele trabalha lá. E nós o seguimos e conversamos com ele.

— Ai-meu-Deus, você-está-falando-sério? Que máximo! — ela disse, sem ar. — Vocês seguiram ele? Sobre o que vocês conversaram?

Era empolgante vê-la animada.

— Ele mencionou A Garota? — ela perguntou.

— Não — Dev disse. — Mas ele vai! Nós estamos indo a eventos em que achamos que ele vai estar, só que acontece que ele nunca vai, mas um dia ela estará lá e nós iremos *agarrá-la*!

Todos nós fingimos que essa ideia não era desastrosa.

Abbey sorriu, e então, reprimiu um bocejo. Ela se sentou de novo no sofá, se ajeitando.

— Seria incrível se acontecesse — ela disse. — Eu gostaria de ter um sonho para seguir. Um que fosse prático. Não apenas um sonho para sonhar, mas um sonho para tornar realidade.

— Uma ambição? — Dev disse.

— É uma palavra melhor. É, eu gostaria de ter uma ambição. É exatamente essa a minha intenção. Ou ajudar as pessoas com suas ambições. Você sabe, Paul nunca tinha escrito uma peça de teatro séria antes de eu fazê-lo escrever. Então, eu o forcei a se sentar e, uma semana depois, *Osama Lovin'* estava pronto. Eu sou uma facilitadora de sonhos sem um sonho para mim mesma.

— Essa seria uma fala incrível em um musical — Dev disse. — Você deveria sugerir isso ao Paul.

Ela bocejou novamente.

— O que vamos fazer amanhã? — ela perguntou.

Eu lancei um olhar para o Dev, um olhar *por favor, não.*

— A festa de noivado da Sarah é amanhã — ele disse.

— Você vai? — Abbey perguntou. — Você deveria ir. Você foi convidado? Você deveria ter sido convidado.

— Eu fui convidado. Eu vou.

— Ele está tremendo de medo — Dev disse, terminando seu chá.

— Quero ir com você — ela disse, com os olhos fechando. — Vamos todos. Quero ver do que você tem medo.

— Eu não tenho medo.

— Você tem *tanto* medo dessas pessoas porque você não pode controlá-las. Elas controlam você. Você não deveria ser controlado pelas pessoas. Você deveria estar livre. Todos nós deveríamos ser livres.

Acho que os *spacecakes* tinham contribuído para essas pérolas.

— Estar livre para fazer o que quiser é importante. É por isso que você deveria encontrar A Garota. Isso é estar no controle. Você deveria definitivamente encontrá-la, Jase. Por mim. Não, por você!

E enquanto eu pensava em como responder e batia na borda da minha xícara, Abbey tinha adormecido no meu ombro.

Cuidadosamente, eu me mexi e coloquei a cabeça dela no travesseiro. Peguei e a cobri com o cobertor do Garfiled, e coloquei a bolsa dela em um lugar onde ela pudesse encontrar de manhã, e parei um segundo.

Em um bolso lateral havia um CD escrito: “Músicas da Abbey”.

CAPÍTULO 17
OU “É ISSO QUE MACHUCA”

EU VIREI A PÁGINA e voltei imediatamente para ler de novo:

“Eu não achava que alguma coisa fosse acontecer quando coloquei o anúncio”, disse James Ward, que o colocou em uma revista escocesa, a List*. O tópico de seu anúncio era uma jovem que ele avistou em uma livraria especializada em viagens.*

“Eu sempre tive dúvidas quanto ao amor à primeira vista, mas acredito que tenha sido o que aconteceu”, disse Sr. Ward, agora um operador de citometria de fluxo na Universidade de Edimburgo. “Ela era alta e de cabelos pretos e curtos, olhos azuis grandes e um sorriso adorável.”

O anúncio do Sr. Ward na edição da semana seguinte da List *era:* Você estava lendo um livro em Perthshire, eu era o homem em pé com dois cafés. Gostaria de ter oferecido um para você. Que tal agora?

Isso foi há quatro anos e meio. Agora, ele e Jenni Bale-Ward estão casados e têm um filho de 18 meses, Henry.

“Eu sempre achei que se você não se arrisca, termina com absolutamente nada”, disse Sr. Ward.

— Café da manhã! — Abbey gritou, alto, da sala de estar.

Eu me arrisquei.

EU TINHA ME DEITADO na cama, a noite passada, fixando os olhos no teto e pensando sobre o que a Abbey tinha dito sobre ambição. Ela não parecia ser do tipo que não tinha nenhum sonho. Ela parecia ser do tipo que tem um milhão. E não quero dizer que ela é volúvel ou avoada, embora coincidentemente ela fosse as duas coisas. Só quero dizer que, para alguém cheio de vida, cheio de alegria, achei difícil acreditar que ela pudesse ser tão vazia de sonhos.

Ambição não era uma palavra estranha para mim. Sarah e eu tínhamos ambições. Primeiramente, elas eram enormes e imensas, e ainda assim pareciam possíveis de serem alcançadas. Nós trabalharíamos o máximo que pudéssemos por um ou dois anos. Eu me tornaria chefe do departamento; ela se tornaria uma analista sênior. Guardaríamos nosso dinheiro, Sarah bateria as metas, apenas gastaríamos os bônus com coisas que realmente queríamos, como um descanso em Cotswolds ou um fim de semana em Nova York. Nós compraríamos a casinha que estávamos alugando em Fullham por uma pechincha, a pintaríamos toda de branco, trocaríamos todo o azulejo do banheiro e a venderíamos acima de seu valor. Então, tiraríamos o ano de folga, viajaríamos para a Tailândia, compraríamos um Volkswagen amarelo-canário e caindo aos pedaços, mas adaptado para servir de moradia, e viveríamos à base de arroz pelo sudeste asiático por doze bronzeados meses.

Então: fase 2. Retornaríamos para o Reino Unido descansados e sensatos, e a Sarah imploraria para voltar ao trabalho, onde ela se tornaria um tipo de sócia-

sênior e iria divulgar suas mais novas filosofias orientais para diretores chocados e clientes impressionados, e eu descreveria minuciosamente minhas anotações durante a viagem e garantiria um acordo de publicação de três livros e um posto de editor-colaborador de uma revista de viagens chamada alguma coisa elegante e maravilhosa.

Mas, sabe de uma coisa? As coisas estavam no caminho certo. O carro precisava de um escapamento novo. Uma noite, o estrépito que achávamos ter sido um ladrão arrastando sua chave de parafuso na nossa grade era, na verdade, uma mensagem atenciosa de suicídio de um caldeireiro infeliz. Fiquei envolvido com mais e mais reuniões de trabalho, meus ombros ficaram mais pesados, meus sonhos ficavam mais distantes antes que eu pudesse me aproximar, nós passamos um fim de semana em Whitstable, mas nunca em Nova York. Era como se estivéssemos constantemente esperando pelo grande final de *Mad Men*, mas o anunciante continuasse dizendo que teríamos de assistir a ainda mais um episódio de *The One Show* primeiro.

Decidimos nos concentrar, por um instante, naquilo que era alcançável: a casa. Mas aí o Sr. Lampeter ficou doente, seu filho assumiu sua parte e o convenceu a leiloar a casa. Ele deve ter assistido ao mesmo episódio de Sarah Beeny que assistimos, pois, quatro meses depois, a casa tinha paredes brancas, um banheiro com azulejos novos, chão laminado e estava valorizada.

Assim, nos mudamos para o norte de Londres, Sarah não bateu suas metas e eu não me tornei o chefe de departamento.

E, então, um dia a Sarah sofreu um aborto.

Eu sei.

Desculpa.

Não mencionei antes. Não queria interferir no seu julgamento ou fazê-lo sentir compaixão. Não queria que você soubesse que tínhamos perdido um filho, sabendo tudo o que isso envolve. Porque isso é tudo que você teria pensado; tudo que você teria considerado.

Isso torna tudo pior, o que eu fiz com a Sarah, sabendo que ela tinha tido um aborto um ano antes? Sim. Sim, é claro que torna. Então, talvez, se estamos sendo sinceros aqui, é por isso que eu te contei. E agora que estamos jogando as cartas na mesa, agora que estamos correndo atrás, aqui está a pior coisa, a coisa que eu ainda acho a mais difícil, a coisa que odeio: de maneira egoísta e imperdoável, uma pequena parte de mim se sentiu aliviada.

Terrível, eu sei. Terrível é como eu me sinto só de colocar isso no papel. Mas sincero e franco, também, e eu espero que você pelo menos leve isso em consideração, pois a sinceridade tem de valer para alguma coisa.

Nós não tínhamos planejado um bebê. Simplesmente descobrimos, um dia,

que ela estava grávida. Uma semana de pânico, de altos e baixos; uma semana de planejamento e adaptação.

E num dia, sem mais nem menos: nada.

Para Sarah, a perda do bebê mudou irremediavelmente as coisas. Fez com que ela se focasse, percebesse o que queria, o que quase teve, o quanto estávamos sendo egoístas vivendo nossas vidas. Ela estava destruída e perturbada no início, e eu estava estranhamente com ciúmes da sua ligação imediata com alguma coisa que nem mesmo existiu; que ela poderia imaginar um futuro muito melhor e mais completo do que as modestas ambições que tínhamos cuidadosamente dividido e nutrido desde sempre, tudo baseado em alguma coisa que estava lá só por um momento. E eu imaginava que ela me odiava por não sentir isso também, por não querer com a mesma intensidade que ela queria. Mas tudo o que eu pensava era como a vida tinha quase mudado. Como, na verdade, tenho tão pouco controle sobre meu próprio destino. O quão infeliz eu estava por não… *Fazer* alguma coisa.

Silêncio.

Hoje era a festa de noivado da Sarah. Sarah iria para onde ela queria estar. Ela estava no caminho.

E tudo que eu tinha de fazer era aparecer e desejá-la felicidades.

Eu podia fazer isso.

— O QUE VOCÊ TROUXE? — perguntei, suspeitosamente. — Isso cheira mal!

— A Pamela recomendou — Dev disse, segurando o negócio com o braço esticado. O que quer que fosse, estava bem embrulhado em uma sacola de plástico azul, e eu estava feliz com isso. — É um tipo de queijo.

Eu sorri.

— Pamela? Você deu um pulo lá para ver a Pamela, não foi?

— Ela tem namorado, Jason.

— Eles não se importarão se eu for, né? — Abbey perguntou, brigando com as alças da sua mochila enquanto descíamos do ônibus. — Eu me convidei ontem à noite, não foi?

— Estou feliz por você estar aqui — eu disse, o que era verdade.

Claro, o mais maduro seria eu ir sozinho, bater papo com semiconhecidos ou membros da família que eu nunca tinha visto e que se sentiriam esquisitos ao descobrirem quem eu era. “Ah, você é *aquele* Jason”, eles diriam, dando sorrisos largos e se afastando. Muito melhor para todos que eu fosse com meu time.

A FESTA ERA NO Queen & Artichoke, saindo da Great Portland Street, na parte de cima.

Lá estava a Anna, bem na minha frente, com as costas iluminadas pela luz forte do sol que atravessava a janela, a poeira dançava ao redor dela.

— Muito maduro da sua parte ter vindo — ela disse, não fazendo muito contato visual.

— É bom vê-la novamente, Anna.

— Vejo que trouxe a prostituta com você.

Abbey estava parada no canto, olhando para o teto como se estivesse confusa.

— Ela estava brincando — eu disse. — Eu não como tortas e choro.

Ela me olhou de cima até embaixo.

— Bem, não sei, com relação às tortas… — ela disse, sorrindo.

Eu deixei ela ficar com essa.

— Eu trouxe queijo — Dev disse, colocando-o nas mãos dela, contente por ter se livrado daquilo. — De nada.

Analisei o lugar enquanto a Anna se afastava. Ah, lá estava o Ben! E a Chloe. E um bando de outras pessoas que eu não via há algum tempo. Eu tinha me afastado depois que Sarah e eu terminamos. Abri mão dos meus amigos para que ela pudesse ficar com eles. Apenas queria que fosse fácil para ela e mais fácil para mim. E isso significava nunca confrontar as pessoas. Por que era tão difícil ver essas pessoas de novo? Era apenas a vergonha ou o fato de ver essas pessoas de novo me fizesse admitir minha covardia?

Uma garçonete passou por mim e eu peguei um *vol-au-vent*, para parecer ocupado.

— Boa pegada — Dev disse, mastigando algo. — Aposto que você não consegue pegar um Prawn Ring em um Aldi a *quilômetros* daqui!

E, então, lá estava o Gary.

— Jason Priestley! — ele disse, colocando sua mão no meu ombro e tentando se certificar de que todo mundo pudesse *ver* que ele estava colocando sua mão no meu ombro. — Não aquele do programa *Barrados no Baile*, é claro! Que bom que você veio! Sarah me disse que tinha te convidado. Eu disse que tudo bem.

Ele reconheceu a Abbey. Ela estava tirando uma foto de um vaso com seu telefone rosa brilhante.

— É aquela sua… Amiga? Eu não me lembro. Você tinha uma foto dela? Whitby e aquelas coisas?

— Não, aquela é… Outra amiga.

Ele piscou para mim.

— Bom trabalho.

— Não é bem isso — eu disse. — Ela é literalmente uma amiga.

Ele piscou novamente.

— Entendi — ele disse.

— É verdade.

— É claro que é.

Ele piscou pela *terceira* vez.

— Então, como estão as coisas com… — eu comecei, mas o Gary pegou um pedaço de papel e rapidamente colocou o dedo na boca.

— Discurso — ele disse. — É melhor eu praticar o que vou falar.

Ele saiu e, no canto, estava a noiva do Gary, radiante, feliz, exuberante. Ela estava cercada por suas amigas, animadamente falando com elas, mas, depois de um tempo, acho que sentiu que estava sendo observada, pois ela virou a cabeça lentamente, me viu, deu um sorriso de boas-vindas e levantou seu copo para mim.

Dev estava de novo ao meu lado, com um prato de *vol-au-vent* nas mãos, e dois copos exprimidos contra o peito.

— Aqui está — ele disse, enquanto eu pegava um. — Onde está a Abs?

Nós olhamos em volta. Não estava em nenhum lugar que pudéssemos ver. Ela tinha provavelmente sido distraída por uma mosca e a teria seguido para fora ou algo do tipo.

— Não é bem uma festa agitada, né? — Dev disse.

— São só 3 horas da tarde. Não sei se deveria ter agitação.

— O que acontece nesse tipo de festa, então? Nós só ficamos parados sem fazer nada?

— É. A gente fica parado sem fazer nada. O que conta é ser visto. Estamos aqui para ser vistos, pois quando você é visto, significa que você está dando apoio.

— Ah… — Dev disse, desapontado. — Então, não há nada de madrinhas ou coisa assim?

— Não; em uma festa de noivado, geralmente não.

— Então, o que é isso, só vigários e porcarias, é?

— Se isso ajudar você, é.

Dev balançou a cabeça e olhou o lugar.

Acho que eu devia ter começado a me misturar com os outros, mas, para ser sincero, eu achava que não tinha o direito. Só ia ficar quieto e esperar que as pessoas viessem me procurar.

Eu vi que a Anna já tinha começado a espalhar toda e qualquer fofoca que pudesse, cheia de acenos melancólicos e olhares sutis. Ela já devia ter contado às pessoas que me viu com a Abbey, o quanto ela era *jovem*, o quanto isso era imaturo da minha parte, o quanto ela achava que eu tinha problemas profundos, questões profundas, e quanto a Sarah era sortuda por ter encontrado o Gary, o quanto sempre há o lado positivo. Algumas pessoas disfarçam a negatividade

muito bem, cobrindo-a com uma camada grossa de filme plástico de preocupação.

— Tudo certo? — Abbey disse, de repente, enquanto outra garçonete passava carregando uma bandeja pomposa com *muffins* minúsculos.

— Por onde você esteve?

— Na cozinha — ela disse. — O que está acontecendo? Alguém já transou com alguém?

Olhei para o meu relógio.

— São 3h05 agora. Você acha que isso poderia ter acontecido?

Abbey deu uma risadinha. Ela tinha visto alguma coisa. Eu segui o olhar dela e não entendi nada.

— O que foi?

— Nada — ela disse, e riu de novo.

— O que é?

— Ainda não — ela disse. — Eu tive uma ideia, já te conto.

MEU DEUS, o Gary falava!

— Vou levar a Sarah para a Flórida mês que vem — ele disse. — E ela dizia "Guarda o dinheiro para a lua de mel!", mas o mundo está aí para ser conhecido, sabe? Nós vamos para outro lugar melhor na lua de mel.

Eu senti uma necessidade infantil de competir.

— Vou fazer balonismo em breve — eu disse. — E também vou para Silverstone. Mas primeiro o balonismo, e nós vamos beber champanhe no ar.

Gary olhou para mim como se eu fosse louco.

— Também vou jogar paintball com SAS logo.

Ele continuou.

— O negócio da Flórida é que você nunca fica inseguro com relação ao clima. Meus pais vão se mudar para lá em breve, então poderemos ficar com eles todos os anos, você sabe, levar o bebê.

Eu sorri, surpreso, e balancei a cabeça. Gary pausou por um segundo e olhou para mim, tristemente.

— Vocês dois não pensam em ter filhos? — ele disse.

Ah, Gary, não, por favor!

— Não — eu disse, da maneira mais prática que eu pude. — Não é a hora certa.

A Sarah não havia contado para ele. Por que ela contaria? Isso era passado. Hoje é sobre o futuro.

— Ah, não há uma "hora certa" para crianças, Jason! — ele riu, como se tivesse inventado essa frase, como se já tivesse centenas de filhos. — Até que acontece. *Daí,* é a hora certa.

— É.

— Está começando a aparecer agora — ele disse, ansiosamente, e ambos olhamos para uma Sarah feliz e bonita.

Ela *estava* começando a aparecer. E, por um segundo, foi muito.

Uma coisa que eu nunca tinha contado para ela, que gostaria de ter dito, mas nunca disse, é que eu queria um filho também. Uma vez que eu tinha superado o choque, uma vez que tinha aniquilado aqueles pensamentos confusos e egoístas, eu queria o que ela queria. E quando estraguei tudo, quando a Sarah tinha ido embora, me deixado, e fui forçado a manter minha cabeça baixa e me convencer de que eu estava bem, que se apenas seguisse em frente, eu ficaria bem… Eu senti que havia perdido duas pessoas, não apenas uma. Eu senti que havia perdido uma família, pois uma família é o que poderíamos ter sido e quase chegamos a ser.

— Ela está incrível, Gary — eu disse, e então, não por estar no meio de provocações em uma festa de noivado, mas porque eu verdadeiramente queria dizer isso: — Você é um homem de muita sorte.

LÁ FORA, perto das lixeiras, fui sentar e fiquei brincando com meu telefone.

Eu estava bem, de verdade. Eu só precisava de um tempo. Para me confrontar com a verdade: eu tinha ficado no mesmo lugar quando onde eu estava não era bom, enquanto os outros tinham progredido; era difícil demais. Ver que eles tinham progredido tanto era um certo momento de tortura.

Então, a Sarah apareceu e se sentou ao meu lado.

— Que bom que você veio, Jason!

Uma pausa. Um silêncio de ambos. Eu olhava fixamente para frente enquanto ela tilintava o gelo dentro de seu copo, o barulho de alguma forma mais alto do que os ônibus, carros e as bicicletas de Londres.

— Estou sendo um imbecil — eu disse, impotente para inventar qualquer coisa mais convincente do que a própria verdade. — Eu só precisava de um tempo. Estava quente lá dentro e…

— Do que você precisa se lembrar — ela disse — é que você não queria nada disso. Então, não fique se remoendo.

— Não estou me remoendo. Estou comemorando, não remoendo.

Na verdade, eu estava remoendo. Mas é o que os egoístas fazem. Nós nos entristecemos com o que temos e nos entristecemos com o que perdemos quando percebemos que não somos mais o centro da atenção ou apenas uma parte das coisas.

— Nós iremos sempre nos amar um pouco — ela disse. — Nós fomos parte da vida um do outro. Ainda podemos ser.

Eu fingi um sorriso. Será que era verdade? Quero dizer, será mesmo? As

coisas tinham mudado e, em breve, mudariam mais ainda.

— Você sabe que eu sempre quis ter filhos — ela disse. — Está acontecendo mais cedo do que imaginava, mas você pode escolher ficar feliz por mim.

— Estou feliz por você — eu disse. — Sinceramente, Sarah.

— Mas você nunca quis.

— Nunca soube o que eu queria. Estou descobrindo o que eu quero. E, de qualquer forma, nós nunca falamos sobre isso. Como você poderia saber o que eu queria?

— Eu percebi. Você acha que alguém não percebe quando o namorado quer ter filhos um dia? Olha só… Quando nós quase tivemos aquilo que quase tivemos…

Era assim que nós sempre descrevíamos o fato. A verdade sempre foi muito bruta e muito difícil de lidar. Q*uando nós quase tivemos aquilo que quase tivemos* era nossa maneira de expressar o que tinha acontecido, criando certa distância entre a dor e o presente.

— Bem, era bastante óbvio, Jase. Eu via como você se sentia. Havia uma frieza.

— Você nunca me perguntou.

— Você nunca me contou. Você não precisava. E, então, você fez o que fez e tudo ficou claro.

E, então, você fez o que fez. Nossa, outra frase feita restrita à dor! Todos os casais têm isso? Essas formas de lidar com o horror?

— Quando eu fiz o que fiz, não foi por causa do que quase tivemos. Eu queria o que quase tivemos também. Levei um pouco mais de tempo para perceber.

— Mas, Jason, você não deixou de fazer o que fez.

Ela estava falando com ternura agora, como se eu fosse frágil, precioso, quebrável.

— Você fez o que fez *mesmo com o* que quase tivemos. Você fez isso mesmo com tudo que tivemos. Você fez. E isso quebrou meu coração. Não para sempre, mas por um tempo porque, por mais óbvio que seja, eu amei você.

Olhei para ela pela primeira vez. Seus olhos estavam cheios de lágrima e alguma coisa sacudiu no meu coração. Eu só queria colocar meus braços ao redor dela. Mas o que isso ia parecer? O ex-namorado desagradável passando uma última cantada na noiva grávida de outra pessoa? Ela sabia, ela sempre sabia, e ela deu um sorriso fraco.

— Me desculpe, Sar — eu disse, e senti as lágrimas correrem também.

Q*UANDO VOLTEI* para dentro, Dev veio rapidinho para perto de mim, me

atacando como um tigre.

— Eu tenho um ótimo nome para uma banda! — ele disse. — Acabei de pensar nisso. Que tal começarmos uma banda?

— O quê? Não… — eu disse, olhando para a Sarah, agora de volta para o canto, rindo como se nada tivesse acontecido. Nós entramos separados, por razões óbvias, e eu tinha agarrado a primeira bebida que vi e praticamente a tomei de uma só vez. — Por quê? Qual é seu ótimo nome para uma banda?

— É "Ótimo Nome para uma Banda"! Dessa maneira, poderíamos gritar "Nós somos Ótimo Nome para uma Banda", e todo mundo falaria, "É um *ótimo* nome para uma banda!

— Tá, tudo bem, com certeza, vamos começar uma banda.

— Quem vai começar uma banda? — Abbey disse, repentinamente.

— Jason e eu — Dev disse, com orgulho. — Você quer fazer parte?

— Eu? Meu Deus, não. Eu não tenho quase nenhum talento.

Eu pisquei e lembrei da noite passada. O CD saindo secretamente da bolsa dela. *Músicas da Abbey.*

— Por onde você esteve? — Dev perguntou. — Fiquei preso aqui esse tempo todo conversando com aquele cara magro.

— Eu estava conversando com o Gary — ela disse, virando para mim e dando um sorriso largo. — E também com a Anna.

O sorriso não saía do rosto dela. Não sabia o que dizer. Mas estava claro que ela queria me dizer alguma coisa.

— E… Foi legal? — eu tentei.

Ela continuou sorrindo.

Eu olhei para o Gary. Agora ele estava falando com aquele cara magro e equilibrando um prato de papel no seu pulso. Até agora tudo normal.

E, então, eu fiquei pálido.

— Que merda é essa que você fez? — eu disse, rapidamente, e seu sorriso só aumentou, satisfeita por eu ter notado. — Ah, meu Deus, Abbey, o quê…?

Eu me afastei deles e comecei a caminhar em direção ao Gary. Pude ver a Sarah pelo canto dos meus olhos olhando preocupada, achando que ela tivesse resolvido tudo comigo, mas agora aqui estava eu, determinado a fazer uma cena. Eu diminuí o passo, instintivamente, mas, quando estava chegando mais perto…

— Agora tem o bolo — Gary disse. — E aí, Jason?

— E aí — eu disse, coisa que não vou tentar falar novamente. — O quê… Então, o que você está comendo?

Por cima do ombro dele, vi a Anna. Ela tinha um também. Ela estava olhando para o dela como se não tivesse gostado muito, mas estava mastigando mesmo assim.

Senti um pequeno puxão na parte de trás da minha camiseta, virei e olhei para a Abbey, chocado.

Ela estava rindo por antecipação, seus olhos brilhavam como se ela estivesse se preparando para chorar de tanto rir, e Dev, ao lado dela, parecia confuso.

Eu voltei para trás, devagar.

— *Teacake*, eu acho — Gary disse. — Um pouco seco. Mas delicioso também.

Ah, meu Deus!

Eu agarrei a Abbey, a puxei para um canto, enquanto Gary perguntava ao Dev como "o bom Nissan Cherry" estava indo.

— O que você fez? — eu disse, e foi quando ela desabou. E, um segundo depois que ela desabou, a barreira estourou.

Ela riu e riu, e teve de se agarrar a uma dracena de uns dez metros para se manter em pé, mas, quando a planta balançou, ela riu mais ainda.

Eu a levei para o corredor.

— Você está chapada? — perguntei, e minha voz de professor repentinamente voltou, vai saber de onde.

— Não! — ela gaguejou, e riu ainda mais.

— Que merda é essa que você fez? — eu perguntei, e ela explodiu de novo nesse momento. — Você sabe o quanto isso é perigoso? Você tem ideia do quanto você foi irresponsável?

— Sem essa! — ela disse, entre respirações. — É engraçado. É engraçado. Você está na festa de noivado da sua ex com algumas das pessoas mais chatas e emburradas da face da Terra, uma das quais acha que você tem problemas com bebida e a outra que só fala com você como se você fosse criança o tempo todo. De que outra forma poderíamos no divertir?

— Eu não vim aqui para me divertir! Eu vim aqui para mostrar o quanto sou maduro! E agora você deu *spacecakes* para o Gary e para a Anna.

Abbey pensou naquilo. Pensou novamente no que tinha acontecido e quem eles iriam culpar, e explodiu de novo.

— Jason, se você e Svetlana estiverem prontos — disse uma Anna mais dura, se apoiando na porta, cheia de julgamentos e desprezo —, gostaríamos de começar os discursos. Mas fique à vontade. Esse é o seu dia, afinal de contas.

Olhei de novo para a Abbey, balancei a cabeça como tinha feito inúmeras vezes quando era professor, respirei e voltei para a festa.

AH, MEU DEUS, foi horrível!

Era como uma bomba-relógio. Uma bomba-relógio bastante formal onde você é proibido de mencionar a bomba-relógio.

Vinte minutos depois, eu estava entre o Dev e a Abbey no meio dessa multidão de talvez quarenta pessoas, e meus nervos estavam à flor da pele.

Por favor, que o bolo tenha sido fraco, eu ficava pensando. Por favor, que não haja nenhuma reação que se possa notar. Por favor, que a Abbey não tenha feito direito, que ela tenha sido incapaz de cozinhar mesmo o básico, ou pelo menos que tenha dado errado.

Eu estava suando. Dev estava distraído. Abbey continuava a se sacudir enquanto segurava a risada, e se apoiava em mim para permanecer estável.

Eu fiquei enjoado.

Sarah se levantou primeiro. Comecem os discursos, continuei pensando. Ou cancelem! Cancelem os discursos!

Eu olhei para o Gary, mas tudo o que podia ver era o topo de sua cabeça, e Anna estava se apoiando na parede. É isso o que as pessoas fazem? Eu pensei, em pânico. Apoiar-se na parede é o primeiro efeito de *spacecakes*?

— Só quero agradecer muito por vocês terem vindo — Sarah disse. — Isso significa tudo para o Gary e para mim. Meu Deus, eu deveria começar a chamá-lo de meu noivo!

Risadas educadas e bem-intencionadas. Era a minha chance de olhar em volta.

A Anna estava no terceiro bolo.

— Anna está no terceiro — eu sibilei, desesperadamente, e Abbey caiu na risada novamente. — Quantos você deu a ela?

— Três. Não se preocupe, agora acabou. Eu disse que minha avó tinha feito. Ela disse "Que adorável", e então olhou para mim como se eu não tivesse recursos para comprar uns na Waitrose ou algo do tipo, então tive vontade de dar mais para ela.

— NÃO! — eu disse, o mais alto que você possa imaginar. Eu fiz uma cara de desculpa para a dúzia de pessoas que se viraram e nos encararam. Sarah continuou.

— Meu Deus, Abbey — sussurrei. — Eu sou a favor dos espíritos livres, desde que haja limites. Deve haver *regras* para os espíritos livres.

— Também significa muito para nós que não só os nossos amigos novos estão aqui, amigos que fizemos quando já estávamos juntos, mas há pessoas aqui que têm feito parte de nossas vidas por um tempo consideravelmente longo…

Era eu. Sarah estava falando de mim. E senti meu rosto ficar vermelho.

— Como nossas famílias.

Ah!

— E outros.

Ela deu uma olhadinha, me deu um meio sorriso, longo o suficiente para

significar algo, e curto o suficiente para não desrespeitar o Gary.

— Geralmente na vida, nós seguimos em frente. É natural. Mas você não pode deletar um amigo de verdade.

Alguém na multidão disse “uau”.

— Sendo assim, agora é com meu noivo!

Todo mundo começou a bater palmas. Eu aproveitei para cochichar.

— Nós poderíamos ir agora, deveríamos ir agora!

Mas Dev disse:

— Os discursos são a melhor parte! — e não arredou os pés.

As palmas foram diminuindo e houve mais risadinhas afáveis, só que o Gary tinha sumido. Ah, *droga*! Sarah se afastou do centro.

— Bem, eu vou falar de novo! Agora é com meu noivo!

Mais risadinhas. Mas ainda nada do Gary.

Então, alguém que estava no fundo falou:

— Gary, todos estão te esperando!

Gary apareceu carregando um pequeno prato amontoado de comida. É como se ele estivesse tentando brincar de Torremoto com a comida.

— Comiiiiiiiiida! — ele disse. — Comer! Comer! Comida, sim, muita comida!

Ele colocou o prato na mesa perto dele, e então pegou de novo.

— Então! Definitivamente! Deixe-me ver!

Ele tentou pegar seu pedaço de papel do bolso, mas parecia não querer colocar o prato na mesa.

Eu olhei para a Abbey. Ela estava observando de boca aberta e olhos arregalados, amando tudo aquilo.

— Então! — ele disse novamente, tentando desdobrar o papel, abaixando o prato, fracassando em desdobrá-lo novamente, pegando seu prato, abandonando o papel, e dizendo:

— Vou falar com o meu coração.

Isso não é bom. Isso *não é bom.*

— Amigos! — ele começou. — São como as flores!

A mesma mulher disse “uau” de novo.

— Você deve aguar as flores! Mas também dar a luz do Sol!

Eu não estou usando demais os pontos de exclamação aqui. Ele estava exclamando muito.

— Vocês são nossas flores! E nós estamos aguando vocês.

— Saúde, saúde! — gritou um homem indecente, levantando o copo. Sua esposa pediu que ele ficasse quieto e abaixou a mão dele novamente.

— Rá-rá-rá! — Gary riu. — Saúde, saúde, com certeza. Saúde… saúde, paz

em todo lugar. Aos amigos!

Parecia que ele havia terminado. Uma senhora, que parecia achar que isso fosse algum tipo de haicai, tentou começar os aplausos. Mas Gary estava longe de terminar.

— Ele é bastante poético, o Gary né? — Dev sussurrou, enquanto eu olhava fixamente, pálido, para frente.

Abbey continuava a me cutucar. Eu podia sentir a sacudida dela. Olhei ao redor. Muitas pessoas pareciam confusas. Uma ou duas estavam entendendo o que acontecia. Avistei a Sarah, ela estava estudando seus pés, com as mãos cobrindo seus olhos.

Então, eu vi a Anna.

Anna estava dando um sorriso largo e batendo os dedos, tentando encontrar o ritmo nas palavras do Gary.

— Deve ser hora de ir — eu disse, dando o fora de lá.

— Mas que esquisito… — Dev disse.

Abbey enxugou as lágrimas de seus olhos.

Nós fomos embora, enquanto Gary foi para o segundo de seis motivos de ele ter escolhido o Lexus em vez do Porsche Cayenne.

— O QUE ACABOU DE ACONTECER? — Dev perguntou, enquanto Abbey tinha outro ataque de riso lá fora. — O que acabou de acontecer lá?

— Jason, você não precisa daquelas pessoas — Abbey disse, acalmando-se. — Você não tem que provar nada para eles. Não sei por que você estava tão nervoso. Quando entrei, pensei: são essas? Essas são as pessoas de quem ele está com medo? Quem se preocupa com o que eles pensam?

— Nós podíamos literalmente ir para prisão, Abbey — eu disse, mas enquanto eu olhava para ela, havia aquele brilho de descaramento, de malícia, e com aquele afirmador da vida e edificador da alma *quem se importa?*. E embora eu quisesse ser severo, meticuloso e professoral, eu não conseguia mais. Ela notou que eu sorri.

E foi quando ela se perdeu. Clamorosamente, em prantos ela se perdeu.

E foi quando desisti e caí na risada também.

Eu ri, pois rir era mais fácil do que chorar, e tudo veio à tona, toda a emoção, o tumulto, os nervos, a raiva, a solidão, o desespero, o doce alívio de que tudo tinha acabado.

E, quando a risada diminuiu e nós desmoronamos em um banco, esgotados e com dor, lágrimas secas nas nossas bochechas, Dev segurava a câmera e, estendendo o braço, disse:

— Sorriam!

APENAS UMA HORA mais tarde, com a culpa ainda a quilômetros de distância,

pensei em olhar para o meu celular. Eu tinha recebido um e-mail.

— Essa poderia ser a chance! — Abbey disse, um pouco depois, no terminal de ônibus. — Você está restringindo as possibilidades! Alcançando sua ambição!

— Talvez — eu disse. — Talvez.

— Você tem que me ajudar a encontrar uma ambição agora!

E a abracei, me despedindo, e pensei no que eu tinha de fazer depois.

Número 1: O que fazer no lançamento da própria Forest Laskin AI, do Damien, na próxima semana.

Número 2: Pegar o iPod do meu bolso e ouvir as faixas que eu secretamente importei de um CD gravável que tinha apanhado de uma mochila na noite passada. Diversão na certa!

A vida era boa!

E essa felicidade não duraria muito.

CAPÍTULO 18
OU “VOCÊ ME QUEIMA, EU SOU UM CIGARRO”

Eu nunca tinha visto o Dev insistir tanto em tomar um café da manhã inglês completo.

— Eu ouvi rumores — ele disse, conspiratoriamente. — Pawel disse que o Tomas disse que o Marcin contou para ele.

— Quem é Marcin?

— Marcin. Marcin, aquele do tornozelo.

— E o que isso significa?

— Significa que há uma chance!

Nós sentamos na parte de fora do café, enquanto sacudia a cabeça e tentava ver onde a Pamela poderia estar. Eu tinha certeza de que, se a Pamela pudesse vê-lo fazer isso, ela iria imediatamente se apaixonar por ele, contanto que ela estivesse procurando o amor de um macaco.

Mas a Pamela não estava lá. Era o chefe que estava fazendo o turno em seu lugar.

Ele era um homem de aparência dura, que sempre víamos lendo um jornal polonês no canto e coçando sua tatuagem azul, que parecia que ele queria apagar. Ele tinha aspecto de um bêbado em um pub que podia bater sua cabeça na mesa sem pestanejar e só porque teve vontade. Nós procurávamos não conversar muito com ele por causa disso e talvez por mais outras seis razões.

Mas hoje o Dev estava mais confiante.

— Humm… Onde está a Pamela? — ele perguntou.

— Rá-rá-rá! — o homem disse, e acredito que não tenha entendido a pergunta. As gemas agora cobriam o bacon, espalhando-se por todo o lado, brilhando no Sol.

— A garota? — Dev disse. — Bem… Pam-*eh*-la?

— Ah! — o gerente disse. — Sim! Pamela. Sim.

Ele fez uma cara de mau e colocou as mãos no quadril, alcançando um novo patamar na mímica internacional.

— Ela aqui? — Dev perguntou, apontando para o café. — *Où est* Pamela?

— Não — o gerente disse. Então, ele esfregou os olhos e fingiu chorar por um segundo.

Depois soltou:

— Rá-rá-rá!

E virou e foi embora.

— Isso foi estranho — eu disse.

— Ele estava dizendo que eu estava triste ou ela? — Dev perguntou. — Porque se ele estava falando que ela estava triste, os rumores poderiam ser verdadeiros!

— Talvez ele estivesse dizendo que ambos estavam um pouco tristes, mas de maneiras diferentes.

Ele balançou a cabeça, um pouco perdido.

— Então, o que é o convite? — ele perguntou, porque naquela manhã, inesperadamente, eu tinha recebido um envelope, todo bege, com letras em relevo e de linho, como a conta de gás do meu primo rico.

— É do casamento da Sarah — respondi, batendo no meu bolso para me certificar de que ele ainda estava lá. — Eu obviamente passei no teste de comportamento adulto. Eles estão apressando as coisas. Gary quer estar casado quando o bebê nascer.

— É, mas não esse convite. Eu vi esse convite. *o* convite. O convite *emocionante.*

A-há! *o* convite.

O e-mail tinha sido marcado como “Tropicana — Urgente” e eu quase o ignorei (porque na verdade, a não ser que haja um Monstro Tropicana, o quanto alguma coisa sobre Tropicana pode ser realmente urgente?), até que olhei mais uma vez e por fim chequei de quem realmente era.

— Diz que é um Grand Prix ou algo do tipo. Ou uma estreia! Ou o lançamento de uma vodca nova. Haveria modelos, eu aposto, todas vestidas de prateado e distribuindo vodca. Ou Golden Joystick! Que seja as modelos de prateado ou o Golden Joystick!

Dev sempre quis ir ao Golden Joystick Awards. Ele diz que deve ser mágico. Eu acho que acontece no porão de um hotel Hilton, mas tudo bem.

— É como o Oscar do mundo do *video game*. Todo mundo está lá. Todos os grandes nomes.

— Quem?

— Você não deve conhecer nenhum deles. Não são como celebridades.

— Bem, não é o Golden Joystick. É, na verdade — e mostrei a ele o e-mail e fiz um barulho do tipo *tchã-nã!* —, o lançamento da nova linha de produtos Tropicana Açaí!

Ele balançou a cabeça, esperando que a notícia fosse melhor.

— Tropicana — ele disse, analisando.

— Aparentemente, o açaí contém 90% mais antioxidantes do que achavam — eu disse.

— Bem, essa é uma boa notícia.

— Vai ser em uma mansão no campo. Vai ter modelos bem vestidas e frutas.

Dev pareceu muito mais interessado.

— ADIVINHA QUEM está para ganhar sua primeira grande competição de comédia? — Clem disse, radiante, apontando para si mesmo com ambas as mãos.

— É você, Clem?

— Sim, eu mesmo, senhor! Sim, senhor! Bem, quando eu digo "ganhar", na verdade quero dizer "entrar", mas estou com bom pressentimento.

Clem era uma daquelas pessoas que conseguem permanecer completamente alheias ao humor do lugar em que está. Não consigo. Eu me influencio com essas coisas, mudo meu humor de acordo com o que está acontecendo no lugar. E, naquela hora, diferentemente de um Clem retumbante, eu estava quieto.

A Zoe não estava. Sam disse que achava que a Zoe estava em um curso, mas as pessoas que trabalham no *London Now* não são enviadas para fazer cursos. Uma outra pessoa achava que ela estava em uma reunião com Daryl Channing, o arrogante, um dos meninos donos do *Manchester Now, London Now*, e, até que ele o feche antes do Natal, *Glasgow Nights.*

Clem olhava fixamente para seu folheto sobre a premiação do *Chuckle Cabin's New Act of the Year,* talvez se imaginando segurando a banana de plástico, troféu que eles entregam para qualquer comediante que for o melhor da noite, ou fazendo um discurso engraçado.

Coloquei meus pés para cima e folheei a última edição do *London Now.* Eu encontrei a página certa e sorri para mim mesmo.

Ela ia *amar* isso.

NA VERDADE, naquela noite, *Não acredito que você fez isso!*, foi a mensagem que eu recebi da Abbey.

Rá!, eu respondi, e esperei que ela escrevesse mais alguma coisa.

Mas nada veio, então eu escrevi de novo.

Você gostou da foto? Foi tirada com o telefone do Dev.

Novamente, nada. Nada por horas e horas.

Então, desencanei, cuidei do meu trabalho. Escrevi a crítica dos shows no Scala e coloquei pilhas novas no controle remoto da TV. Fiz um sanduíche, levei o lixo para fora, comprei leite fresco. Depois, comecei a me perguntar por que eu ainda não havia recebido nada da Abbey.

Então, olhei mais uma vez para a mensagem dela. E percebi que tinha cometido um erro.

Não dizia *Não acredito que você fez isso!*

Dizia *Não acredito que você fez isso.* Simples, e sem ponto de exclamação.

Músicas da Abbey — Abbey Grant

A leveza do toque se encontra com o emocionante esplendor do litoral.

Brighton está em um ótimo momento musical. No início do ano, os The Kicks estouraram, e, agora, recebam a emocionante beleza do mais novo sucesso, a cantora/compositora Abbey Grant…

Era assim que começava essa crítica cinco estrelas de um álbum que ninguém teve a possibilidade de ouvir ainda. Ninguém, com exceção da Abbey e eu. Era para ser um presente. Um sinal de compreensão para uma garota que afirmava não ter sonhos, mas que claramente tinha. Porque esse era o sonho dela, com certeza, e o melhor: ela era boa. O sonho dela era possível! OK, a gravação deixou um pouco a desejar, e não houve produção para ser citada, apenas a gravação em tempo real dela com um violão acústico ou, às vezes, um amigo com uma sanfona ou coisa do tipo… Mas isso tornava tudo ainda melhor para mim. Mais real, mais vivo e mais parecido com a vida real.

A Abbey tinha mantido isso em segredo, esse CD de músicas, esperança e amor, mas por quê? Parecia ridículo. Ela tinha o poder de ir a lugares, e eu não entendia por que ela não agarrou isso. Ela estava apenas assustada? Na minha cabeça, essa crítica, minha intervenção generosa, era tudo que ela precisava. Além do reconhecimento. Um amigo dizendo que ela era boa, deixando-a pronta para o próximo passo, e eu seria esse amigo. Mas queria fazer isso de uma forma espetacular. Eu o faria nas páginas do *London Now* e daria a ela suas primeiras citações na imprensa, algo para recortar e colar na frente dos CDs, como os The Kicks tinham feito. Forçá-la a levar isso adiante.

Esse tinha sido o plano.

Mas o plano não parecia estar funcionando.

— Você me envergonhou — ela disse, naquela noite, ao telefone, ferida, brava.

— Não era a intenção — disse, e estava desesperado para que ela acreditasse em mim. Eu falei insistentemente e com cuidado. — Era para ser uma coisa boa. Juro que achei que isso…

— Você pegou minha bolsa, roubou minhas músicas…

— Eu não as roubei, eu só ouvi…

— Você roubou. Você fez cópias. Você roubou minhas músicas porque elas eram minhas e agora não são mais.

— O quê? Claro que são!

— Você pegou meu diário, basicamente, o leu, fez cópias e escreveu sobre ele no seu jornal.

— Abbey, não, olha só, eu vi o CD e…

— Aquilo que você escreveu, sobre o meu relacionamento com o Paul…

— Eu não escrevi sobre isso. Eu só disse que havia uma música sobre estar presa a alguém, e…

— Eu não estou presa! E ela não é sobre o Paul. Você estava claramente insinuando que era sobre o Paul.

Eu continuei calado. Eu *tinha* imaginado que era sobre o Paul.

— O Paul leu. Ele ficou bravo. Queria saber o que havia de errado comigo. Ele não sabia das músicas. Agora eu tenho que mostrar para ele. Você tem noção de como isso foi embaraçoso para mim? Você pegou algo de mim. Por quê? Você é tão egoísta! Por que você fez isso? Você tomou liberdade demais!

— Bem, onde você acha que aprendi a fazer isso, Abbey? Quem foi que entrou no meu apartamento e deletou minha ex-namorada? "Ah, você não precisa disso", você disse. Talvez eu tivesse pensado que isso era algo que você realmente precisasse!

— Você é como aquelas pessoas, Jason.

— Quais pessoas?

— Você é só mais um rosto no meio da multidão, né?

— Abbey, sou seu amigo, sou…

E eu ouvi quando o telefone bateu contra alguma coisa, a mesa, eu acho, e foi levantado e colocado grosseiramente no gancho.

Fiquei chateado por ter feito o que fiz. É claro que ela ficaria brava. Se ela quisesse que as pessoas soubessem de suas músicas, ela, bem, ela as teria cantado. Alguma coisa a respeito daquela noite, a maneira que o CD estava caindo da bolsa dela, querendo ser visto, e depois disso nós falamos sobre a vida, e ambição e sonhos, me fez sentir que o que eu estava fazendo era inegavelmente correto.

E, droga, era, não era? Esse era o tipo de reação exagerada que se podia esperar de garotas como a Abbey. Não estou dizendo que ela é distraída ou avoada, porque na verdade ela é uma das pessoas mais companheiras que eu conheço, mas ela é emotiva, né? Levada pelo coração. Na verdade, isso deveria significar que ela esperasse que eu fizesse alguma coisa desse tipo. Foi por ela. Tudo completamente do lugar certo, diretamente do coração, e se há alguma coisa pela qual ela devesse ficar agradecida, é pelo fato de ela ter alguém olhando por ela dessa forma. Quero dizer, tudo bem, talvez eu devesse ter deixado o Paul de fora, verdade. Não coloquei o nome dele, é claro; só mencionei, em algum lugar da crítica, que as letras leves da Abbey mostravam uma mulher que tinha vivido ou estava vivendo um relacionamento que podia não ser completamente bom para ela. Isso deve ter revelado as coisas, no que diz respeito ao Paul.

Isso tudo somado ao fato de eu ter dito que era uma música sobre não viver a vida como uma marionete de outra pessoa.

Eu não sabia o que fazer. A crítica já havia saído. Bem lá, em cem mil

cópias de um exemplar gratuito, rodando pela capital, nos bancos de praça, bares e ônibus, com cinco estrelas e uma foto branco e preta tirada com um celular.

Então, peguei meu celular e mandei uma mensagem.

Mil desculpas, foi tudo o que consegui dizer.

E me sentei ao lado do telefone esperando uma resposta.

TRÊS DIAS DEPOIS e Mackenzie Hall estava repleto para o evento da Tropicana.

Não faço ideia de onde vem o dinheiro para eventos como esse. Ou como conseguem planejar tudo. Minha lista iria, eu imagino, começar com balões e terminar com bolo, como se eu estivesse planejando uma festa de criança. Mas essas pessoas eram profissionais.

Primeiramente, havia as Garotas Tropicana. Mais ou menos umas doze estudantes/modelos em maiôs brancos e capas, *capas!*, segurando bandejas com sucos misturados com bebida alcoólica.

Dev repentinamente se tornou um grande fã da Tropicana.

— Você precisa pegar leve — eu disse, enquanto ele arrancava mais uma batida de uma bandeja de prata.

— São de graça e eu estou nervoso. Há mulheres de capa aqui. Você sabe como isso me faz sentir? Me faz sentir como se eu tivesse rodeado de super-heróis.

— Elas são modelos, não são senhoras-gato.

— *Mulher*-Gato. É *Mulher*-Gato. Você acha que eu ficaria nervoso se elas parecessem *senhoras*-gato?

Forest Laskin tinha arrumado uma frota de carros luxuosos, Audi R8s com painéis de madeira e bancos de couro preto, e tinha nos convidado para dirigir no lugar do evento, imaginando uma vida que nunca seria nossa. Alguns dos jornalistas mais importantes tinham sido trazidos de Bath, em Range Rovers, vendados, o que fez com que, por uma hora, eles se imaginassem como autênticos VIPs, em vez de as pessoas que escrevem a seção RDA! da *Good Food,* ou as legendas das figuras na revista *Sainsbury's*.

Alguns anúncios já haviam sido feitos pela garota que faz as reportagens de entretenimento no *Wake Up Call*. Você a conhece. Ela está em Cannes numa semana, e de repente está em um *jet ski* com Gary Barlow na outra. Ficou em terceiro no *Strictly.* De qualquer forma, ela era grande fã da nova linha da Tropicana, "Porque Tropicana tem 60 anos de experiência em combinação de frutas, e talvez seja essa experiência que faz a Tropicana ter um gostinho tão bom!". Eu gostava disso nela. Profissional. Sabe o que faz. Ela ficaria mais um pouco para eventuais perguntas e depois lançaria outro DVD de ginástica, o que era novidade para o Dev, que gosta de ficar por dentro dessas coisas.

Ocean Colour Scene tocaria hoje à noite na tenda. Alguém teve a sorte de

ganhar voos de classe executiva para Nova York em uma rifa. Havia uma garrafinha de champanhe em cada quarto (quarenta e dois, antes que pergunte — trinta e três na casa principal e na casa dos fundos, seis quartos tamanho família para os mais influentes, e três no chalé, para Laskin e Co.). Algumas pessoas se animaram com o spa gratuito no Estábulo Sagrado; e outros murmuravam que iriam se virar com os mixologistas na biblioteca.

Bebi meu suco e olhei em volta. É assim que tudo funciona. Isso, bem aqui. Esqueça Pulitzers, esqueça as exibições de primeira página ou governos derrubados. Jornalistas que nunca em suas vidas escreveram nada, ou nem mesmo mencionaram em conversas informais, sobre seu amor por suco de fruta de qualidade e saudável, perambulando com seu material de imprensa e camisetas, prontos para tirar as apresentações do meio do caminho, animados por terem sido agraciados com casa e comida nessa noite, já planejando quais produtos dos seus *kits* eles poderiam legitimamente dar aos membros da família neste Natal.

E bem lá no canto, conversando com algumas garotas de fones de ouvido e pranchetas, estava o homem que fez tudo isso. Damien Anders Laskin.

Os voos, os carros, os tratamentos, o DVD, comecei a perceber, tudo era de clientes da poderosa Forest Laskin.

Tentei chamar sua atenção. Para levantar minha sobrancelha de uma maneira amigável, de uma maneira de agradecimento, de uma maneira que-bom-te-ver-novamente, mas todo mundo estava tentando fazer isso, também, e na hierarquia das coisas, um aceno para a *Grazia* é mais valioso de que para o *London Now.*

Mas, de qualquer forma, não era por isso que eu estava aqui.

— Eu não estou vendo ela — Dev disse. — Ela não é uma das garotas Tropicana.

— Pare de olhar para as garotas Tropicana — eu disse.

— Por que elas estão usando capa? — ele perguntou.

Uma parte de mim tinha certeza de que A Garota era jornalista, mas cada vez mais, olhando para as pessoas ao redor de Damien, para as pessoas que ele empregava, eu estava começando a achar que ela fazia parte da equipe dele.

Apresentação é metade de uma Assessoria de Imprensa. Você precisa ser apresentável; você precisa de uma equipe apresentável.

Damien tinha, vamos dizer, um grande interesse por apresentação.

Quando olhei para ele mais uma vez, ele tinha colocado o braço em volta de uma esposa muito bem apresentável, que estava segurando o filho deles, também muito bem apresentável.

— Humm — Dev disse.

— Então, pode-se dizer que você sempre teve interesse em suco de fruta?

Era minha vez de entrevistar a garota do *Wake Up Call*. Eu me lembrei do nome dela: Estonia Marsh. Estava lá, em letras douradas vibrantes e em relevo no topo de seu novo DVD: *Ficar em forma não precisa ser difícil… Com Estonia Marsh*. Dev parecia estar calmamente traçando o formato da perna dela com o dedo. Ele pareceu uma ovelhinha perdida quando a garota do Forest Laskin tinha vindo me buscar para uma entrevista cara a cara com Estonia. Ele não gosta de multidões. Fica sem reação em lugares cheios. Acho que é por isso que ele fica tão relaxado na Power Up!

— Não me deixe aqui — ele disse, suplicando. — Todos os homens parecem gostar de futebol. E você se lembra da última vez que me deixou com homens que entendiam de futebol. Entrei em pânico. Eu disse que tinha um ingresso para o Arsenal *versus* Brasil. E isso não fazia sentido algum.

Os assessores de imprensa não se importaram. Eu tinha dito que ele era nosso estagiário, e agora Estonia Marsh estava respondendo às minhas perguntas com rapidez e profissionalismo, enquanto o Dev tomava mais alguma coisa para relaxar.

— Comer saudavelmente é importante para mim e trato o Tropicana como uma das minhas cinco refeições do dia!

— E… O que há *nesse* suco de fruta, em particular, que você gosta tanto?

— É importante que eu mantenha um bom estoque na geladeira, especialmente quando me refiro a vitaminas, e o novo sistema Abre-Fácil que o pessoal da Tropicana introduziu facilitou mais do que nunca aqueles momentos em que preciso preparar uma vitamina rápida!

Eu balancei a cabeça e fingi que fazia anotações.

Houve uma pausa. Eu não tinha certeza para onde ir. Eu já tinha perguntado se ela gostava de suco de fruta de duas formas diferentes e não havia uma terceira pergunta.

— E… Você tem alguma história engraçada sobre suco de fruta? — eu me esforcei.

Ela parecia confusa. Seus olhos se moveram nervosamente em direção ao assessor de imprensa.

— Humm…

— Não *engraçada*, exatamente. Mas real? Ou pelo menos histórias?

— Histórias sobre suco de fruta… — ela disse vagarosamente, procurando por tudo o que já tinha feito, mas só veio um vazio.

Então, Dev começou a falar.

— Meu amigo Jason está tentando encontrar a garota cuja câmera ele achou. Ele acha que ela pode ser A Garota.

— OK, Dev… — eu disse, rapidamente, olhos arregalados e mexendo no copo vazio dele.

— É mesmo? — ela disse, lançando um sorriso para mim e o dividindo com o Dev. — O que você quer dizer?

— Ele encontrou uma câmera. Bem, não é que ele encontrou. Ela acidentalmente deixou com ele quando eles se encontraram por três segundos na Charlotte Street uma noite. Ele revelou o filme, e…

— Ah, bem, você revelou o filme, Dev, e…

— Como quer que tenha sido, o filme foi revelado, e agora ele está bem a fim dela porque ela está em boa forma.

"Uau", disse o RP que estava no canto, mas ainda acho que ele deveria ter colocado um pouco mais de romantismo.

— Então, minha pergunta para você, como mulher, é: qual seria seu conselho?

Acontece que Estonia Marsh não era particularmente boa em conselhos, embora tivesse dito "Acho que você deveria seguir seu coração!" e acenou, de maneira encorajadora. "Agarre a vida pelos chifres", ela tinha dito, "e monte nela como num touro!"

Eu realmente não tinha planejado discutir tudo isso com uma repórter de entretenimento da *Wake Up Call*, então fiquei vermelho e disse que faria isso.

Dev, então, disse:

— Você já esteve verdadeiramente apaixonada, Estonia? Tipo, *verdadeiramente?* — foi aí que decidi que ele deveria definitivamente parar de beber um pouco as Tropicanas especiais, pois Tropicanas especiais pareciam estar deixando ele espirituoso e romântico.

— Ah, você sabe… — ela respondeu, levantando as sobrancelhas e olhando para o assessor, que tomou uma atitude e disse:

— Talvez pudéssemos continuar com as perguntas sobre como o suco de fruta é vantajoso para um estilo de vida saudável, especialmente quando parte de uma dieta consciente e de um plano de atividade física, seria…

— Sim! — eu disse. — Com certeza.

— Mas boa sorte na sua procura — Estonia disse, sorrindo.

— Ela foi demais — Dev disse, lá fora, perto da tenda, onde um quarteto cantava o tema do *Home & Away*. — Você acha que, se eu reinaugurar a Power Up!, ela viria abrir a loja? Eu devo perguntar a ela? Porque seria muito bom ter uma celebridade reabrindo a loja.

— Por que você quer reabrir a loja? A loja não está fechada. Está aberta.

— Só estou dizendo, já que uma reinauguração pode chamar a atenção. Você sabe. Poderíamos encomendar canapés da Waitrose. Salsichinhas. Ou

talvez aqueles bolos especiais da Abbey.

— Acho que você definitivamente chamaria a atenção — eu disse. — Do jornal local, da polícia, desse tipo de coisa.

Ficamos em silêncio e olhamos ao redor. Pessoas novas tinham chegado, pessoas muito importantes para terem viajado de manhã só para uma entrevista com Estonia.

Mas nenhuma delas era quem nós gostaríamos que fosse.

— Ela não vai estar aqui — eu disse, chateado. — Ela não vai.

— Ela pode chegar. E, então, você poderá dizer um oi.

— E depois?

— Conte sua história.

— E afirmo que isso é apenas uma coincidência?

— Você já teve a coincidência ao seu lado. Você está em uma das fotos. Ou você poderia não contar a ela sobre isso, e um dia contar aos seus netos que você a encontrou no lançamento da nova linha da Tropicana Açaí.

— Ah… Tem outra coisa que eu poderia fazer.

Dev entendeu.

— Não, cara. Não, é uma má ideia.

— Por quê?

— O que já fizemos até agora é uma coisa. Isso é completamente outra. Pois o que fizemos até agora foi engraçado. Uma coisa divertida de se fazer. Os detetives! Mas isso… Isso deixaria tudo muito sério.

— Qual o sentido se isso não for sério? Você tem sempre tentado fazer disso algo mais sério!

— Não, mas… Você não sabe o que isso poderia significar. Simplesmente se intrometendo na vida de alguém dessa maneira.

As palavras me pareciam familiares. Pensei na Abbey. Pensei na minha intromissão. Mas aquilo tinha sido por ela. Isso era para mim. Eu poderia agarrar a vida pelos chifres. *Montá-la como um touro.*

Olhei de novo ao redor, para Damien Anders Laskin, rindo com a garota do fone de ouvido, colocando seu braço ao redor dela e a puxando para perto, e pensei:

Por que não pergunto para ele?

— Senhoras e senhores, o bingo começará em cinco minutos — disse um homem com mais canetas no bolso do que qualquer ser humano pudesse possivelmente precisar. — Vocês podem se transferir para o salão principal, por favor?

O Dev tinha passado os últimos quinze minutos ativamente me desencorajando a fazer o que eu queria. Ele descreveu cinco ou seis cenários

possíveis, e cada um deles terminava comigo ganhando um olho roxo, sendo mandado embora, ou ganhando um outro olho roxo.

— Ele não vai ver a história da maneira que nós vemos — ele diz. — Você pode contar para estranhos, como a Estonia, mas não pode contar para o Damien. Ele faz parte do contexto, vai se importar.

— Eu vou lá — eu disse. E Dev ficou horrorizado.

— Ele é casado, ele tem família e…

— Olha só, eu não vou acusá-lo de nada. Lembre-se, eu não sei de quase nada, eu vou dizer isso a ele. Eu dou conta disso.

— Não, cara, espera — ele disse. — Espera.

— O quê? Isso pode acabar bem aqui. Eu vou saber. Vou ter uma resposta!

— Esse não é o caminho.

— Esse é o único caminho. Aí está. Nós estamos a dois degraus de distância. Eu o conheço. Eu posso perguntar.

Dev parou.

— *Como* você vai perguntar?

Damien sorriu para mim.

— Tá se divertindo? — ele perguntou. — Vi que você trouxe seu amigo com você…

— Dev? É! Ele está trabalhando como nosso estagiário e…

— *Claro* que está. Não, por que não. Eu faria o mesmo.

— Obrigado novamente por me convidar. Nos convidar.

Houve um daqueles momentos. Um daqueles momentos em que você tem que avançar, mas não sabe como.

Eu cheguei um pouquinho mais perto, abaixei a voz.

— Posso ter uma palavrinha com você, Damien? É algo pessoal.

Ele olhou para mim.

— Você está bem?

— Estou, mas podemos dar um pulo lá fora?

Ele franziu a testa, como se eu tivesse dito que gostaria de acariciar seu traseiro.

Ficamos sob o Sol da tarde. As folhas das árvores balançavam e faziam barulho com a brisa, oferecendo o conselho que eu ignorei.

— Bingo em um minuto — Damien disse, abrindo um maço de Marlboro, puxando um e batendo-o na tampa. — Eu tenho que distribuir os voos.

— Ah, é — eu disse. — Nova York.

— Você vai muito?

— Não. Eu… Tinha planos de ir. Em outra vida. Mas não.

— Vou levar Annie e James semana que vem. É tudo uma mordomia, não

é? Normalmente eles não vão a essas coisas, mas droga, por que não, um final de semana no Mackenzie Hall. Ela é fanática por spas e eles oferecem uma babá para o Jim.

Ele deu outra tragada no seu cigarro e olhou para mim.

— Então, o que está acontecendo?

— Bem — comecei, da maneira mais amigável que pude. — Isso pode parecer muito estranho. Eu não sei bem como explicar.

— Apenas explique.

— Isso aconteceu…

— Ótimo começo.

— Eu me esbarrei com uma garota uma noite na rua. Eu não a conhecia. E então, eu… Bem…

E então o quê? Eu vi que Damien estava confuso, perguntando-se por que eu estava contando isso a ele, e o que isso possivelmente tinha a ver com ele. O que eu digo?

Eu digo "E então percebi que estava com a câmera dela, revelei as fotos e depois tentei seguir o itinerário das fotos, pois havia alguma coisa nela, e tudo estava faltando na minha vida, e então pensei que talvez isso me levaria a algum lugar, algum lugar melhor, e então vi você em uma foto com ela e fiquei estranhamente com ciúmes, e quando vi você naquele bar uma noite, decidi te seguir até o restaurante onde conversamos e você confiou em mim e aqui estamos nós"?

Não.

Então, pus a mão no bolso e peguei a foto que tinha trazido comigo.

Aquela em que ela estava sorrindo para alguém ou alguma coisa fora da câmera, suas bochechas estavam coradas, o cabelo balançando com o vento, minha foto *favorita*.

— Era essa a garota.

Era um risco. Era minha grande jogada. Tinha que funcionar.

E Damien a pegou, olhou para ela, olhou de volta para mim.

Houve um momento esquisito. Eu dei um meio sorriso.

E então Damien soprou a fumaça para sua direita e disse, muito lentamente, muito propositalmente.

— Quem é você, seu idiota?

Eu pisquei.

— Não, Damien, é… — mas ele não estava ouvindo; ele estava dobrando a foto, jogando dentro do seu bolso, olhando em volta para ver quem possivelmente podia ter visto.

— Quem é você, seu idiota?

— Eu sou eu! — eu disse, e então, desnecessariamente: — Jason.

— O que você está tentando fazer? — ele disse, friamente: — O que é isso, uma armadilha? Quem é você, seu idiota?

Ele olhou para os arbustos, para o muro ao longe, para as árvores e percebi que ele estava procurando por fotógrafos. Ele era o próprio assessor de imprensa.

— Eu estou… Ninguém está tirando fotos. Isso não é a respeito da sua família.

— Minha família? Por que você está falando da minha família?

Ele estava chegando mais perto agora, eu pude sentir sua respiração, cheiro de tabaco, e seus braços estavam tensos, como se ele estivesse preparando algo, um movimento repentino.

— Damien, isso é só sobre a garota da foto, eu juro, e…

— Quem é você, seu idiota? O que você quer? Você está aqui como meu convidado. Você *sabe* que minha família está aqui. Quem mandou você?

— Ninguém nos mandou.

— Nos?

— Eu e o Dev. Estamos aqui para o lançamento da Tropicana.

O que soou absolutamente ridículo nessa situação. A palavra “Tropicana” não é frequentemente usada em confrontos ao ar livre. Eu senti a necessidade de destacar isso, como se pudesse pôr um fim na tensão e fizesse tudo ficar bem novamente.

— Você e seu amigo precisam ir embora.

— Olha só…

— Você precisa ir. Imediatamente.

Eu agarrei o Dev.

— Precisamos ir — eu disse. — Imediatamente.

— Tudo bem?

— Não exatamente.

— Que surpresa — ele disse. — Ir até um homem que está aqui com sua família, seus amigos e colegas, e então mostrar a ele uma foto de uma garota com quem ele estava tendo um caso.

— Não sabemos se é isso.

— Ele reagiu como se pudesse ser isso?

— Sim — eu disse, joguei o copo dele na mesa e saímos.

Lá fora, esperamos o táxi que nos levaria para Bath Spa, o trem, e nossa fuga. Pensei no Damien. Ele tinha nos convidado para estar aqui e eu tinha feito isso.

— Bem, eu não o culpo — Dev disse, o que era a última coisa que eu queria ouvir. — Como você pode culpá-lo?

— Cala a boca — eu sibilei, embora não quisesse ser duro; eu só não queria lidar com isso. Eu sabia que tinha sido um idiota e não precisava que alguém apontasse isso para mim.

— O quê? — Dev disse. — Pense. Você simplesmente estragou. Você estragou muitas coisas.

— Chega.

— Agora ele sabe o que fizemos. Ele sabe que nós o perseguimos. Como você acha que *London Now* vai reagir? Ele vai contar. Ele vai contar o que você fez. Isso causará um impacto na sua carreira.

— É, bem, pelo menos eu tenho uma.

Boom! Essa foi para matar.

— Ah, minha loja não é o bastante para você, é isso? Você pensa que não sei que você acha isso mesmo? Você acha que não me falam isso todo santo dia?

— Quem fala? Pawel?

— Todo mundo *menos* o Pawel. Pelo menos eu estou fazendo alguma coisa, pelo menos amo isso. Você ama entrevistar garotas da TV falando de fruta? E você acha que é muito diferente do Damien?

— Nós *somos* diferentes.

— Você dá muita importância para esse problema que tem com ele. O fato de ele estar aqui com sua família quando você supõe que ele também estava com essa garota. Então ele é um traidor. Isso te lembra alguém?

— Nada a ver, aquilo *foi* diferente. Você sabe que foi um erro meu, mas não foi premeditado. Aconteceu.

— Você não sabe nada sobre esse homem, exceto que ele tem um relógio, um carro e um apartamento, você o confronta com a "evidência" de alguma coisa sobre a qual você não sabe nada.

— Como eu podia descobrir que isso era uma evidência se eu não sabia?

— Foi idiotice o que você fez. Não se comporte com um louco com relação a isso.

— Eu? Você me pressionou a fazer isso desde o começo!

— Uma busca de forma geral, sim! Algo para deixar sua vida mais emocionante, sim! Para te animar e te dar esperança. Mas nada incalculável.

— *Você* nos levou para Whitby.

Dev sorriu, balançou a cabeça, desviou o olhar.

— O quê? — eu disse. — O que esse olhar quer dizer?

— Quer dizer que eu tinha minhas razões para Whitby.

— O quê? Quais razões?

— Nosso táxi chegou.

Eu fiquei perturbado. Fiquei perturbado todo o caminho para Bath, eu

fiquei perturbado na plataforma 2 enquanto encarava a cidade, e fiquei perturbado todo o caminho de volta para Paddington.

— Como foi? — Zoe perguntou, friamente, enquanto eu entrava no escritório. Eu consegui voltar às 18 horas. Não tinha conversado com o Dev a maior parte do caminho para casa e agora queria estar em qualquer lugar que não fosse com ele. Ele era um idiota. Quem era ele para me dar conselhos?

—Tudo bem — eu disse, arremessando minha bolsa sobre a mesa. — Desde que você goste da nova linha da Tropicana Açaí. De qualquer forma, pensei em ficar até tarde. Tenho uma pilha de coisas para checar com calma. Preciso trabalhar.

— O que aconteceu lá? — ela disse, e Clem imediatamente se levantou.

Eu o observei sair, então, olhei para a Zoe. Ela não parecia feliz.

— O que você quer dizer?

— Recebi um e-mail da Andrea Sparrow. Não tenho certeza se você sabe quem ela é.

— Eu sei quem ela é.

Eu não sabia quem ela era.

— Ela diz que devido ao seu comportamento no lançamento, você não é mais bem-vindo em qualquer evento futuro da Forest Laskin.

Ah, meu Deus! Foi rápido. Mesmo para um número dois ou três em uma equipe de assessoria grande, aquilo foi rápido.

— Tá tudo bem.

— Não, não está tudo bem, Jason. Ruim. Ruim para nós. O que você fez?

— Sem essa. É uma empresa. Eles precisam de nós mais do que precisamos deles.

— Ah, é isso mesmo? Você tem alguma ideia do que estamos fazendo aqui? Publicando exemplares gratuitos sem grande importância, a quilômetros atrás do nosso concorrente, e não porque nós amamos isso, mas porque temos que estar aqui e porque nós precisamos de emprego!

— Me desculpe! — eu disse. — Nós estávamos para publicar uma história exclusiva sobre a nova linha da Tropicana Açaí? Nossos leitores estão esperando mais ideias sobre a Tropicana? Havia discussões de grupo que eu perdi?

— Eu deixei você ir porque era divertido. Mas também é bom para nós. É bom ter relações com os assessores. Você simplesmente irritou um nome um tanto grande. Deus sabe como. O que você fez? Você estava bêbado?

— Não. Olha só, desculpa, mas há centenas de assessores por aí. Alguns têm mais a ver com o que nós fazemos. Eu vou dar a volta por cima agora, prometo, tenho algumas coisas boas prontas que são totalmente sem menção a suco de fruta.

Ela suspirou, colocou a mão no quadril.

— Não posso deixar.

O quê?

— Não posso deixar. Você ainda pode escrever para nós. Mas você não pode ser editor de críticas. Desculpe, Jase. Nunca foi oficial; você estava só substituindo mesmo. O Rob está se sentindo melhor, ele vai voltar logo, e a gente se vira nesse meio-tempo.

— Você… Tem esperado por isso.

— Ah, é! É claro. O mundo está contra você.

— É o que parece hoje.

— Com certeza. Mesmo eu tendo te dado uma chance.

— Isso é por causa de nós.

— Ah, sem essa, cresça! É mesmo? Aquilo foi uma vida atrás. Eu segui em frente. E isso é sobre trabalho. Você teve uma chance de fazer algo com aquela pequena seção, sabe? Nós não temos dinheiro. Não sei se percebeu, mas nosso navio está afundando. Você *lê* sobre negócios? Eu te dei essa seção e você poderia ter feito dela uma coisa sua enquanto ela durou. Quando tudo aquilo aconteceu entre nós, você me disse que era seu objetivo na vida: ter algo e moldá-lo no seu estilo; que a Sarah não entendia, mas era o que você queria. Bem, talvez fosse a culpa, mas ajudei, não ajudei? Não porque eu ainda gostasse de você, não porque eu quisesse ficar com você, mas porque me sentia *culpada*.

Sabe quando as pessoas dizem que você precisa ouvir umas verdades? É maravilhoso quando isso acontece.

— Mas, em vez disso, o que você faz? Você faz críticas das músicas da sua amiga e dá cinco estrelas.

Ela jogou para baixo a página com a crítica da Abbey.

Músicas da Abbey — Abbey Grant. Emocionante, poderosa, leve. Deixe a Abbey te mostrar o caminho.

— Quem é ela? Pois ela não assinou contrato com ninguém. Ela não está na internet. Não tem página no MySpace. Ninguém aqui ouviu falar dela. O álbum não está disponível. Você sabe como eu sei? Porque eu queria escutar as músicas. Essa é a parte triste. Você me fez querer ouvi-la.

— Você ia gostar dela, é um talento a ser descoberto. É válido…

— Seu idiota! Você não pode fazer isso. Você não pode usar o jornal para fazer propaganda dos seus amigos anônimos. Cinco estrelas, pelo amor de Deus! E se alguém descobrir?

— Ela é realmente boa, Zo.

— Vamos falar sobre o que mais você fez enquanto esteve aqui. Você copiou comunicados de imprensa e fingiu ter ido a exposições que você não foi e

não viu.

— Eu fui a apresentações! Eu descobri aquela banda!

— Tudo que você escreveu foi agradavelmente positivo. Isso não é fazer críticas. Isso não é ser um crítico.

— Eu estou em uma boa posição. E crítica pode ser…

— Você se certificou de que nosso nome estivesse nas pizzas mais medíocres de toda Londres.

— Elas são boas!

— Eles te pagaram?

— O quê?! Não!

— Há um fórum na internet atualmente dedicado à sua crítica sobre o Abrizzi's, você sabia disso? Trinta e uma mensagens. Tem gente perguntando para quem eles precisam pagar para ter boas críticas.

— Provavelmente redes rivais — eu disse. — Esse murmúrio é bom…

— Você sugeriu artigos *terríveis* para todo o resto. "Londres Escondida"? Você já revelou onde era isso?

— Highgate Cemetery.

— Bem, você deveria ir lá novamente — ela disse. — Visitar sua carreira.

Essa doeu. Ela percebeu. Eu pensei no Dev, no que eu tinha dito a ele.

— Ah, e aquele negócio de "Eu Vi Você"? — ela continuou. — "Entre em contato se quiser que eu te dê"? É um pouco triste.

Clem. *Maldito* Clem. A vingança dele. Ele tinha descoberto naquele dia, não tinha? Visto o que eu tinha feito no computador dele. E ele tinha contado para todo o escritório. A humilhação final. Por quanto tempo isso tem sido uma piada interna? Qual apelido eles tinham inventado para mim? Alguma coisa apropriadamente engraçada, caso o Clem estivesse envolvido, parece-me.

— Olha, desculpa — ela disse. — Você sabe que eu estou em uma situação impossível aqui. Mas irritar o Laskin foi demais. Vá para casa, beba alguma coisa. Nós iremos voltar para a maneira que estávamos. Eu te mando por e-mail algumas coisas mais para frente essa semana. Ou, se você tiver algumas ideias de artigos, nós podemos dar uma olhada, talvez…

Mas eu já tinha saído.

Dev não estava em nenhum lugar que eu pudesse ver quando entrei. Como as coisas mudam. Eu precisava dele agora. Se há uma coisa na qual o Dev era fantástico, era em ficar ao meu lado. Amizade significa tudo para o Dev. Se ele tivesse na universidade com o Hitler, ele provavelmente teria feito com que ele olhasse para o lado bom enquanto os segundos passavam no *bunker*.

Ele não havia feito isso hoje, é claro, com todo aquele negócio do Damien, mas concluí que havia um sinal. Ele ficaria do meu lado agora. Ele tinha que

ficar. Eu precisava que ele ficasse. Ele passou sua vida como um coitado, tanto com garotas quanto com sua família. Sempre achei que era por isso que ele mergulhava nos jogos. Sempre foi um coitado no *video game*, mas poderia sempre garantir a vitória se continuasse a ser persistente, aprendesse os movimentos, soubesse quando "Salvar" e quando "Desistir". É o que ele tem feito com a garçonete Pamela, não é? Salvou seu progresso. Desistiu do jogo. Pronto para jogar outro dia.

Peguei o celular e tentei falar com ele. Caiu direto para a caixa de mensagens.

— Dev, é o Jase. Acho que fui demitido. Ou não demitido exatamente. Mas caí de cargo. Mesmo nunca tendo sido oficial. Eles ainda vão me manter como freelancer, mas… Me liga, tá?

Eu desliguei e olhei para fora da janela. Quase podia ver o cheiro de batata frita na Caledonian Road adentrando pela noite, pairando como uma neblina invisível, envolvendo as pessoas enquanto elas passavam, carnes processadas e embalagens da *Variety* pesando nas sacolas da Iceland. Um homem parado na porta do restaurante etíope estava pulando em um pé só, balançando um isqueiro gasto, tentando extrair a última e fraca chama.

Eu liguei a TV, mas era inútil, pois eu sabia que precisava de uma bebida, mas eu não queria beber sozinho, aqui na Cally. Em algumas ruas você pode fazer isso sem problemas. Na Charlotte Street, por exemplo. Mas beber sozinho na Cally nunca levaria a nada bom.

Abri a geladeira, mas isso foi inútil também, pois as cervejas que colocamos lá eram sempre para aquela noite, apenas para convidadas momentâneas, que sempre iam embora na manhã seguinte sem que notássemos. Eu bati a porta da geladeira com força e instintivamente peguei uma chaleira, mas perdi o interesse na hora, pois me lembrei da *Jezynowka* que o Dev vivia comprando do Pawel. Sempre havia uma *Jezynowka.* Mesmo quando você já tomou tudo o que podia dela, sempre havia um restinho deixado no fundo.

Abri os armários, mexi em algumas porcelanas gastas e rachadas, chequei até atrás da Breville, naquele armário de baixo que acho que nunca havia aberto antes. Nada de *Jezynowka.*

Quarto do Dev.

Eu bati, mesmo sabendo que ele não estava lá, pois é isso que espero que as pessoas façam se alguma vez elas entrarem no meu quarto, e esperei um segundo no caso de alguém responder.

Lá dentro, Dev tinha deixado seu rádio ligado bem baixinho e a persiana estava aberta até a metade. Andei por entre um campo minado de cartões de jogos e tênis em direção ao criado-mudo onde a garrafa estava em cima de uma

pilha de papéis, vigiada por canecas.

— Olá — eu disse, pois acho que já vi pessoas na TV fazendo isso para objetos inanimados que ficam contentes em ver, e eu a peguei pelo gargalo melado. O fundo grudou em um porta-copos que o Dev tinha pegado em algum lugar, e eu o ergui e o coloquei de volta na mesa, mas, antes, alguma coisa me chamou a atenção.

Talvez tivesse sido o anel roxo e grande, talvez fossem as palavras-chave destacadas em uma bebida de framboesa seca, ou talvez eu seja apenas um caçador de barganhas e essas palavras sempre significarão tudo para mim.

Mas lá, bem no topo de uma pilha de papéis, em cima de fotos do meu quarto, com as minhas coisas dentro, e do quarto do Dev, com suas coisas dentro, e próximo a fotos da loja na parte de baixo do apartamento, que era perto daquele lugar que todo mundo achava ser um bordel, mas não era, as palavras *À Venda*. *Aceitam-se Ofertas. Sem restrições.*

Eu não conseguia tirar meus olhos daquilo.

À Venda.

Bem, esse era um final incomum para o meu dia.

Eu saí e bebi sozinho na Cally.

CAPÍTULO 19
OU “SOB TENSÃO”

DEV E EU NOS CONHECEMOS quando entramos na Universidade de Leicester.

Sabe aquele tipo de amigo que você faz e pensa, *é só ele e eu*! Seremos amigos para sempre! Poderíamos alugar um apartamento no segundo ano! E morarmos juntos ao sair da universidade! E você quer apresentá-lo para todos os seus colegas de escola, esse novo, excitante e vibrante personagem no cenário da sua nova, excitante, vibrante vida?

Não foi assim para mim e para o Dev.

Eu achava que ele era um esquisitão. Ele estava vestindo uma camiseta do Sega Power, tinha um bigode fino e um corte de cabelo estilo pigmaleão. Ele se apresentou como Alexander, até sua mãe virar a esquina carregando um vaso e dizer que ele não se chamava Alexander, ele se chamava Devdatta, e sorri, pois aqui estava um garoto tentando se reinventar antes que sua mãe tivesse ido embora. Ele disse que era um grande fã do Manic Street Preachers e, quando perguntei qual era seu álbum favorito, ele ficou pálido e indeciso, e resmungou alguma coisa sobre não conhecer todos os nomes. Ele disse que estava trabalhando na sua primeira ideia de *video game*, *Basteroids!*, e enquanto ele estivesse fazendo seu bacharelado em Ciência da Computação e Administração, isso o deixaria rico. E então ele tirou da mala seu N64 e nós sentamos em seu dormitório e jogamos *007 contra GoldenEye*, da mesma maneira que faríamos nos anos que viriam. Da maneira que teríamos feito hoje à noite, se tudo estivesse bem.

Então, não, eu nunca, naquela época, achei que lá estava o amigo que eu teria para a vida toda. Mas lentamente, com certeza, ele se tornou parte disso. E se você tivesse me perguntado uma hora antes de eu encontrar esses papéis, nunca achei que poderia ser de outra maneira.

Porque nós tínhamos uma história agora. A história que amigos íntimos escrevem. Nós enfrentamos separações e ficamos olhando tristemente para o papel de parede de qualquer pub que íamos, até que os “não-quero-falar-sobre-isso” tornavam-se “aqui-está-*outra*-razão-do-porquê-você-estar-
-em-melhor-situação”. Eu tinha ido ao casamento de seu irmão, eu o tinha aconselhado sobre a vida, empregos e garotas, e em uma manhã triste de sábado, eu tinha falado no funeral de sua mãe, enquanto ele cerrava os dentes e olhava para o chão e tentava não deixar que seu pai o visse chorar.

Ele ficou ao meu lado, também, com relação à Sarah… E se eu tivesse

contado sobre o aborto, ele teria ficado ao meu lado também.

Mas em todo esse tempo, até onde me lembro, ele nunca tinha feito nada como isso antes. E talvez, olhando novamente para a situação, não é importante. Talvez eu devesse ter sido mais moderado. Quero dizer, ele deve ter tido suas razões, e daí, era apenas um segredo. Mas então, com tudo o que está em torno disso, com o ano que eu tive, e enquanto eu me sentava no Den e apertava meu copo, eu me senti traído.

FECHEI A PORTA com um pouco mais de força e encontrei o Dev na sala.

— E aí caaaara — ele disse, sem olhar. Ele estava perseguindo um contrabandista no *Brotherhood*.

— Desculpe por hoje — eu disse, em um tom amigável. Ah, é, eu pensei, eu sei *exatamente* como lidar com isso.

— Tudo bem. Eu também peço — ele disse e abaixou o controle. — Por onde você esteve? Recebi sua mensagem. O que aconteceu?

— Damien pediu que seu pessoal informasse ao jornal que eu não era mais bem-vindo em seus eventos.

Dev não disse “eu-te-falei”, mas ele pensou.

— Então uma coisa levou a outra e a Zoe falou tudo sobre as minhas outras más condutas.

— Ah — ele disse. — Bem, ela provavelmente estava esperando para fazer isso, né?

Lá estava o apoio.

— Você está meio bêbado? — ele perguntou, o que ele não precisava, vendo como eu havia me enrolado para pronunciar palavras como “más condutas”.

— Um pouco — eu disse, e então, da maneira mais sincera, eu disse: — Talvez seja por causa da bebida, mas eu só quero te agradecer.

— Me agradecer?

— Você foi honesto comigo hoje.

O que foi aquilo que eu vi? Um flash de culpa?

— Eu não devia ter abordado o Damien daquele jeito. Se eu não tivesse feito aquilo, eu não teria ido ao Den hoje à noite para afogar as mágoas com aquele senhor da sacola azul que costumava trabalhar no esgoto. E você? Onde esteve essa noite?

Ele se voltou para a tela, pegou seu controle.

— Fui conversar com meu pai sobre uma coisa, lá na Brick Lane.

— Você tem ido muito lá ultimamente.

— É, bem, você sabe. Família.

Eu me sentei no sofá e o encarei.

— Como está seu pai?

— Bem.

— Como estão os negócios dele?

— Tudo bem.

Uma pausa. Ele fingiu haver um problema no seu controle.

— Também — eu disse, como um gato prestes a pegar um rato. — Eu quero agradecê-lo por me deixar morar aqui.

— Tanto faz. Você paga aluguel quando puder. Você me ajuda na loja. Não é incômodo.

— Eu sei, mas é meu porto seguro. E eu sou grato por isso. É *ótimo* morar aqui com você.

Ele virou para mim. Eu pude vê-lo se perguntando se eu sabia de algo. Ele se convenceu de que não e virou para a TV. Fiquei incomodado. Aquela tinha sido a chance. Eu dei a ele a chance. Ele poderia ter esclarecido tudo. Ele escolheu não fazer.

— Tá a fim de uma bebida antes de dormir? — ele disse. — Tem uma garrafa de *Jezynowka* no meu…

— Eu acabei com ela. A não ser que você tenha outra garrafa... A que eu estou falando estava ao lado da sua cama, em cima de alguns papéis.

— Você entrou no meu quarto?

— Eu fui ao seu quarto, sim.

— Então…

— Os papéis.

— Você viu os papéis? — ele estava dando seu melhor para criar rapidamente uma indignação, mas eu fui mais rápido.

— Como você não me contou? — perguntei, me esforçando para me acalmar. — Você está vendendo tudo, Dev! Eu sei que o lugar é seu, mas o mínimo que poderia ter feito era ter me contado! Não é importante para você todo esse negócio de eu ficar sem casa?

— Não seja tão dramático — ele disse, e eu ri. — O quê? Você está certo! Esse lugar é meu! Ou do meu pai, tanto faz! Nunca houve o momento certo! Eu tentei uma ou duas vezes, mas tinha o negócio da Sarah, ou o seu trabalho, ou…

— Bem, o da Sarah está acabado. Meu trabalho é ridículo. O que mais? E quando você tentou?

— Eu tentei, irmão, eu tentei levantar o assunto uma ou duas…

— Quando você tirou as fotos do apartamento? Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Não muito.

— Desde a noite que dissemos que íamos a Whitby?

Dev parou um instante. Eu já tinha descoberto. Mas queria sua confirmação.

— Nós nunca dissemos que iríamos para Whitby — ele disse. — Eu só disse que você tinha dito que teríamos que ir.

Eu já havia pensado nisso nessa noite. Isso explicava sua pressa para partir, seu entusiasmo por algo com o qual agora eu sabia que ele não se importava. Ele não ligava nem um pouco para a garota da foto, ou para mim, ou para nada. Ele estava apenas encobrindo suas trilhas, pois ele não queria encarar as coisas. Seu pai. A loja. Nada.

— Você me enganou — eu disse, e quando eu disse essas palavras, elas me chocaram ao ouvi-las de mim mesmo. — Você usou A Garota para me enganar?

— Eu achei que isso pudesse ajudar você também, e…

— Você disse que queria que eu fizesse aquilo, pois isso me deixava longe do apartamento — eu disse, furioso. — Você não estava brincando. Então todas aquelas vezes você queria fazer alguma coisa, como as tardes para beber ou revelar fotos ou "ei-vamos-todos-para-Whitby", era tudo só para me distrair, para que você pudesse dar continuidade a isso? Então seu pai podia aparecer e tirar as medidas, ou mostrar as dependências, ou tirar fotos, ou…

— Você fala como se eu quisesse tudo isso! E Whitby foi para mim também. Eu precisava. Um descanso. Meu pai tinha ligado, disse que estava a caminho, eu precisava ir a algum lugar e precisava de um amigo. É muito pior para mim, Jason. Este lugar é meu sonho.

— Você vai deixar que ele se vá com essa facilidade?

— *Você* tenta crescer com um QI que não corresponde às expectativas. *Você* acaba provando que seu pai está certo toda vez que tenta provar que ele está errado. Ele já pensa que sou um arruinado. Você acha que queria que meu amigo soubesse disso também?

— O que você vivia me dizendo? Que eu deveria revelar as fotos, seguir a garota, agarrar o momento?

— Eu queria que você tivesse esperança, Jason.

Esperança. A palavra de novo.

— E você? — eu disse. — Onde está sua esperança?

— Ah, sem essa! Eu disse que esse era o meu sonho. Meu pai me deu uma chance e ele comprovou: sonhos são impraticáveis e é por isso que os sonhos são sonhos. Esse lugar teve tanta chance de dar certo quanto… Bem…

— Quanto eu ter encontrado a garota.

— É! — ele disse, mais bravo agora. — É, isso mesmo. O que não significa que você não tentou, certo? Mas esse sonho acabou, Jase, porque eu realmente tentei. Meu pai me deu um ano para tentar ir para frente. Ontem, você sabe

quanto eu consegui? Cinco reais por um *Sonic 2* usado. As pessoas querem jogos novos. Elas não vêm aqui; elas vão para a GAME, ou para HMV, ou para algum lugar que eles acham ter boa chance de ainda estar lá na semana que vem. Eu tinha um nicho, eu achava, mas como o meu pai tinha grande prazer em me dizer, toda santa vez, nichos não dão certo em tempo de recessão. As coisas dele estão indo bem na Brick Lane, ele quer se concentrar naquilo, e não há um contador no país que não concordaria com isso.

— Então é isso? Tá tudo assinado?

— O lugar é dele. O dinheiro é dele. Nunca houve dúvida. Mas olha só, pode ser que ninguém queira esse lugar por meses, ou anos. O antigo *pet shop* virando a esquina está à venda *desde sempre*, então ainda temos o apartamento! Eu não queria te preocupar. Você é meu melhor amigo, Jase. Poderemos ficar aqui por anos.

Eu tinha pouca economia, pouca perspectiva e ainda menos esperança. Uma coisa é eu acreditar que algo bom pudesse acontecer naquela noite na Charlotte Street. Mas outra coisa muito diferente é saber que até o Dev tinha achado que tudo aquilo era idiotice. Eu me senti ridículo, enganado, sem esperança.

Olhei o apartamento, sabia que não *ficaríamos* aqui por anos. Eu não ficaria, de jeito nenhum. Então saí, bravo, e bebi de raiva, e quando eu não queria ir para casa, mas não sabia para onde mais ir, dei um telefonema e ela atendeu e disse: “Vem. Agora”.

E A Garota?

A Garota era apenas um sonho e, nas palavras do meu grande amigo Devdatta Patel, sonhos são impraticáveis.

“O que se pode esperar que caia está seguro nas mãos,
mas o que está no coração é aquilo com o qual eu deva morrer.”

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Olá. Vocês são dezessete, hein? O bastante para uma festa. Poderíamos ficar bêbados e não conversarmos uns com os outros, e então irmos para casa e escrever no blogue sobre isso.

Martin em Malásia: eu sei que você vai gostar disso. No metrô, essa manhã, na Goodge Street, me lembrei de um anúncio que vi em um dos jornais gratuitos recentemente, em que um homem declarou seu amor por uma estranha.

Eu geralmente não olho, porque fico muito envergonhada. E me preocupo se um

dia eu ler um e me convencer de que é para mim e terei de me casar com quem quer que seja por pura gratidão.
Imagine só, você pode fazer com que qualquer coisa pareça ser para você. Garota de top vermelho. Eu vi você pela janela da clínica de doenças venéreas. Tinha recebido más notícias, mas você iluminou meu dia. Você ficaria extasiado o dia todo, você ficaria perguntando para seus amigos “O que você veste quando está se encontrando com alguém com doença venérea?”.
De qualquer forma, esse que vi dizia assim:
“Eu vi você. Você não usa as alças na parte superior do trem. Esperei que ele balançasse e você caísse em mim. Mas não.”
Em um primeiro momento, eu sorri e virei a página, pois você realmente fica acostumado com coisas desse tipo nesses jornais. Como ler sobre pessoas que se conhecem em situações esquisitas e cujas descrições sempre terminam com a frase “o casal recentemente anunciou o noivado”, ou palavras desse tipo.
Mas eu me pergunto se aquele homem sentiu que estava se arriscando, no dia em que escreveu sobre a garota que não segurava nas alças do trem. Eu me pergunto se seu coração bateu mais forte com as possibilidades que ele esperava que fossem abertas.
Porque não é ser escolhido, ser considerado especial, ser necessário para alguém em algum lugar, quer nós o conheçamos ou não, não é o que realmente queremos? Ter o final da nossa história exatamente como a frase “o casal recentemente anunciou o noivado”?
Talvez eu esteja tendo um momento de fraqueza. Tenho certeza de que todos nós acabaremos criando gatos para nos fazer companhia.
E eu realmente odeio gatos.
Sx

CAPÍTULO 20
OU “FRIO, ESCURO E ONTEM”

UM MÊS E UM DIA se passou com poucos acontecimentos.

Eu não fiz nada, de verdade. Nada a não ser achar um pequeno apartamento para mim na Blackstock Road. Tinha sido fácil fazer a minha mudança. Nove caixas, uma televisão, um *laptop* e um edredom enrolado. Não era muito para demonstrar uma vida que foi vivida, mas você não se preocupa quando tudo cabe na parte de trás de um Addison Lee.

Minhas economias estavam menores, é claro. Elas sempre duravam bem. Naturalmente perito em redução. Parece que quanto menos você recebe mais proativas suas economias se tornam, redução-prudente.

Mas estou adiando. Porque, como eu disse, um mês havia se passado com apenas poucos eventos para distinguir ou reservar. Embora, suponho, se forçasse a barra, houve dois em particular.

O primeiro foi o telefonema.

— Jason? — começava, uma voz familiar. — É Estonia Marsh.

— Ah — eu disse, e isso foi o melhor que pude fazer.

— Desculpe-me por ligar para você assim. Peguei seu número com o *London Now.* Você não está mais lá?

— Eu… Eu ainda sou freelancer, mas não.

— Ouça — ela disse.

Acontece que a Estonia estava jantando com seus produtores, e eles começaram a falar sobre como tinham encontrado seus parceiros, e a Estonia disse “Ah, encontrei esse cara recentemente…”, e agora seus produtores da *Wake Up Call* queriam que eu fosse aos estúdios na South Bank para me ajudar com a busca.

— Seria fantástico! — ela disse. — Um milhão de telespectadores, você tem uma foto, alguém a reconhecerá, e nós juntaremos vocês no show!

— Ah! — eu disse, enrolando. — Bem, é interessante…

— Porque seu amigo tinha dito que você já havia colocado um anúncio no jornal e tentado encontrá-la usando diferentes meios, então isso seria como elevar um patamar, não seria? Seria bem divertido!

— É. É… Mas, não sei.

— Provavelmente haveria algum dinheiro envolvido também, às vezes nós entramos em acordo com jornais ou revistas semanais e eles conseguem que o colaborador escreva sua história. Tenho certeza de que podemos conseguir uma

comissão para você com o *Mail*, ou outro.

— Eu… Posso pensar sobre isso? — perguntei.

— Claro! Sim. É claro — ela disse, claramente desapontada por eu não ter ficado tão efusivo quanto eles tinham ficado depois de três garrafas de Pinot Noir. — Quero dizer, eu particularmente acho que você deveria fazer isso. Pois aqui vai um fato: você não sabe como sua história termina!

E embora eu cogitasse a ideia, embora eu pensasse que talvez minha vida ainda pudesse terminar como uma daquelas histórias que você lê nos tabloides, que terminam com uma sentença final maravilhosamente chique, eu sabia que cogitar era tudo o que eu faria.

Horas depois, enquanto o dia terminava e eu cuidava das minhas coisas no final da Poland Street, o universo me enviou um aviso. Um *não-você-não-deve.*

Lá, adiante, saindo do NCP… As inconfundíveis luzes da ré de um Facel Vega verde-claro, o escapamento fazendo barulho, a condensação embaçando o vidro de trás, me escondendo de Damien, e o Damien de mim.

Fiquei de cabeça baixa mesmo assim, desci a D'Arblay e segui meu caminho para o metrô.

VOLTANDO PARA esta manhã.

Havia outra história nos tabloides do dia.

Foi amor à primeira vista pelo entregador da Interflora Jon Bindham, quando ele entregou um romântico buquê de flores para Laura Davis, que trabalha em um escritório.

Tanto que no dia seguinte ele voltou com OUTRO buquê gigante de flores, desta vez era DELE!

Hoje eles vão se casar em Limpley Stoke, Wiltshire.

"Eu me arrisquei", diz Jon, 30.

O que ele não sabia era que as flores originais não eram de um possível pretendente, mas do pai dela, parabenizando-a por ter passado no exame para tirar carta de motorista!

"Acredito que isso prove que às vezes você deve dizer as coisas com flores!", brinca Jon.

Amo essas últimas sentenças. Eu me pergunto se as pessoas realmente as dizem.

Peguei uma caneca do armário e percebi que era do Dev.

Eu não o tinha visto desde que me mudei, em parte porque eu tinha muito para arrumar, mas em parte porque eu estava envergonhado. Envergonhado pela maneira como eu tinha me comportado, envergonhado porque enquanto ele estava enfrentando aquelas coisas com seu pai, eu nunca tinha perguntado como ele estava, como estava a loja. Envergonhado também porque eu tinha sido enganado, e só fui enganado porque tinha começado a me obcecar tanto por uma garota que nunca tinha encontrado, e nunca iria, e o quanto isso me fazia sentir um imbecil.

Mas talvez uma bebida caísse bem, talvez oferecer um pedido de desculpas por tê-lo abandonado daquele jeito, talvez acabar no Den, pelos velhos tempos.

Mas hoje não.

Os The Kicks estavam no canal *T4*. Embora minha TV portátil estivesse chiando e estalando, eu posso dizer que Rick Edwards realmente parecia amá-los.

— O brilho de Brighton — ele os chamava.

As coisas estavam indo muito bem para os garotos. Eu sei que eu só os encontrei umas duas vezes, e sei que eles tinham encontrado centenas de jornalistas desde então, e de jornais bons, também, como *The Times* e o *Guardian*, que adoravam esses novos astros do *rock'n' roll* (*Uau! Dê lugar aos Árticos!* gritava o *NME*; *As coisas estão começando a acontecer*, avisou *Q*), mas eu sempre me sentiria um pouco conectado a eles. E continuei a olhar para os cantos da tela, só no caso de eu ver a Abbey, ou um indício de um sapato azul fosforescente.

Eu não falei com a Abbey desde aquela noite. Eu tinha tentado, mas não consegui. Levei um tempo, mas percebi lenta e severamente o que eu tinha feito. Que direito eu tinha para fazer o que fiz? Nenhum dia se passou sem que eu quisesse morrer por isso. É claro que ela estaria brava comigo. Se ela quisesse que as pessoas conhecessem suas músicas, ela teria… Bem… Ela teria cantado as músicas. Alguma coisa sobre aquela noite, a maneira que o CD estava caindo da bolsa dela, querendo ser visto, e depois disso nós falamos sobre a vida, ambição e sonhos, me fez sentir que o que eu estava fazendo era inegavelmente correto. Um favor.

Agora eu via que não estava. Vi que tinha tropeçado na vida particular de alguém, e… Não, não tropeçado. Tropeçar implica algo acidental. Não, eu tinha invadido. Eu tinha quebrado a janela; como um ladrão, eu tinha saqueado os segredos dela, e os tinha levado comigo, e pior… Eu os revelei para o mundo. Isso não era justo.

Então, depois de algumas mensagens não respondidas e ligações não atendidas, decidi me dedicar a mim mesmo. E estava sendo bom. Eu estava lendo mais, comendo refeições individuais da Iceland e lendo despreocupadamente os ingredientes enquanto Radio 4's "Play for Today" estava ligado. As coisas estavam calmas, acho, e eu estava conformado com a vida. Pois, uma vez mais, eu tinha visto para onde a esperança podia me levar. Melhor viver sem isso, concluí. Melhor ser surpreendido quando algo bom acontecer a tentar fazer com que aconteça e falhe.

Desliguei a televisão. Pela primeira vez, em dias, eu tinha um lugar para ir.

— Então — disse o homem. — Há quanto tempo você está fora do mercado?

— Aproximadamente dezoito meses.

— Não deu certo.

— Dei, sim. É que estou pronto para um novo desafio.

— Como você aborda um desafio?

— Bem, eu sei trabalhar em equipe, embora consiga trabalhar sozinho também.

— E você trabalhou aqui na St. John's?

— Trabalhei.

— Você decidiu sair por quê?

— Deveria estar tudo aí, no meu histórico.

— Ah, sim! — uma pausa. — Fraquezas?

— Chocolate.

— Rá-rá! Ótimo senso de humor!

— Obrigado. Mas, falando sério, eu sou perfeccionista, essa provavelmente seja minha maior fraqueza.

— Excelente — o homem olhou para mim. — Então, como estão seus horários para daqui duas semanas?

Eu ia ser professor substituto.

Não havia nada de errado com isso, eu sei. Eu tinha o perfil, as qualificações, a experiência e as pessoas não estavam exatamente dispostas a passar mais tempo na St. John's. É, então era dar um passo para trás, considerando que eu havia sido subchefe de departamento, um passo numa direção diferente daquela que sempre disse que gostaria de ir, mas era um trabalho. Trabalho que eu podia fazer também.

E estar de volta na St. John's tinha feito me lembrar de alguém.

Não do Dylan Bale, que era o meu medo. Quão embaraçoso um desastre teria sido. Quão embaraçoso é ter de recuar toda vez que passo por uma janela, e tudo graças a uma criança com um rifle.

Não. Eu estava pensando no Matt.

Para onde ele teria ido? Eu tinha mandado mensagens algumas vezes, liguei, mas seu número tinha sido desligado e eu não sabia o que fazer. Eu tinha feito alguma coisa? Eu o tinha magoado também?

Eu queria falar com ele, no entanto. O negócio com o Dev, o negócio com a Abbey… Bem, ele os conhecia. Ele pode ter sido alertado.

E então, voltando da St. John's, eu me vi por acaso ou intencionalmente na Sainsbury's ao lado do metrô Angel, e percebi como estava perto da Chapel Market.

Eram 10 horas e homens com camisetas com a bandeira da Inglaterra estampada estavam tomando suas biritas embaixo de uma cruz de Jorge do lado de fora do Alma, com seus cachorros.

Eu sabia onde era a oficina: logo após as lojas DIY e os *fast-foods* de frango da Chapel Market, virando uma rua lateral com um enorme MOT'S & REPAIR'S pintado à mão no muro.

Assim que entrei lá, tive instantaneamente aquele sentimento horrível de incerteza e mal-estar que me invade, revoltantemente, quando estou rodeado de homens. Não homens no geral. Não homens em pubs, ou homens de terno, ou homens como seu pai ou o meu. Homens de verdade, com as unhas pretas e machucadas pela porta de um carro ou por um martelo, e tatuagens no pulso e correntes banhadas a ouro.

Eu me preparei para falar como eles.

— Beleza? — eu disse, para o cara principal, já que ele observava os outros, aquele que deveria provavelmente ser chamado de "chefe" ou algo do tipo.

Ele abaixou uma ferramenta que não consegui identificar e limpou a mão do lado do seu macacão. Ele era exatamente do jeito que uma criança desenharia um mecânico.

— O Matt tá por aí? — eu disse, tentando parecer desinteressado ou bastante distraído por um carro que eles levantaram naquela máquina que levanta carros que eu só vi em lugares como esse.

— Matt? — ele disse.

— Fowler? — eu disse, agradecido por ele ter um sobrenome tirado do *East-Enders.* — Matt Fowler?

— Matt Fowler? — ele disse. — Conhece ele?

Isso, eu percebi, seria uma daquelas conversas que vai bem se tratada exclusivamente com perguntas.

— Ele tá por aí? — eu disse, esperando que ele logo começasse a tratar dos fatos.

— Warren? — o homem gritou, virando-se. — O Matt tá por aí?

Eu olhei para o Warren, que começou a rir.

— Dean? — ele gritou, para outro homem, mexendo com um rádio ao fundo. — Cadê o Matt?

Dean começou a rir e a balançar a cabeça.

— Ele está com seus colegas da universidade! — ele disse, e todos começaram a rir ao mesmo tempo.

— Ele tá aonde? — eu disse.

— Matt não aparece aqui faz mais ou menos um mês. Ele teve uma epifania.

Todos começaram a rir novamente. Warren voltou para o trabalho, balançando a cabeça e rindo da palavra "epifania".

— Você sabe onde ele está? — perguntei.

— Acho que ele saiu de barco — disse o homem. — Ou, como se diz… Roubando. Não, não roubando. Se preparando. Para seus "exames finais".

Eu não sabia se eles estavam tirando sarro, e, se estavam, de quem? Do Matt? Ou de mim? De mim, com minhas roupas limpas e mãos delicadas e pequenas que nunca-fizeram-trabalho-pesado e livre de graxa.

— O Matt está… Na universidade? — perguntei.

Como? Você não vai simplesmente para a universidade. Você estuda, faz exames, tira notas A, se candidata. Você se senta e pensa no futuro e, quando percebe que não sabe o que está fazendo, acaba fazendo geografia na Cardiff.

— Está, se você considera um cômodo em cima de uma casa que vende batata frita uma universidade — disse o homem, que limpou os dedos e sorriu para mim.

Esse foi o fim da nossa conversa.

Eu me arrastei para Blackstock Road.

QUANDO EU TE CONTEI um minuto atrás que eu tinha encontrado um apartamento para mim na Blackstock Road, quis dizer que me encontrava morando em um pequeno apartamento na Blackstock Road.

E com alguém.

O que não era algo que eu apostaria que fosse acontecer pós-Tropicana. Mas eu precisava de um amigo e agora ela era a mais próxima que eu tinha.

Eu tinha saído furioso naquela noite, um sinal de fúria, injustiça e desapontamento; perdido, triste e sozinho.

— Meu Deus, Jason, o que está acontecendo? — ela perguntou, atendendo a porta, e eu passei por ela entrando pela porta estreita e escura do apartamento, que levei um bom tempo para encontrar no escuro, exatamente como havia sido feito antes, quando tudo isso começou.

Zoe e eu tivemos uma conversa longa e difícil. Ela pediu desculpas pelo que tinha dito sobre minha carreira, que eu deveria procurá-la no Highgate Cemetery. Ela estava sob muita pressão, ela disse, e a última coisa de que precisava era do que aconteceu naquele dia, e o *London Now* estava com problemas bem graves, pode ser que tenha apenas mais alguns meses pela frente, e blá-blá-blá-blá-blá.

Eu sabia o que ela tinha feito, pois eu já tinha feito o mesmo. Às vezes, você machuca alguém que machucou você, pois é como se fosse uma pequena vitória. Seu próprio e pequeno “P.S.” em um acontecimento que ainda atormenta.

Então nós conversamos sobre aquele dia. Mas também, lentamente, conversamos sobre o que tinha acontecido naquela noite, na outra vida.

— Nós éramos amigos e nos aproveitamos um do outro — ela disse, e uma vez que a culpa passou por mim por um instante, agora sentia uma dor insistente de renúncia.

— Foi minha culpa — eu disse.

— Foi minha, também. Eu não sabia o que fazer. Amei você uma vez, como amigo, quero dizer. Doeu ver você com dor. Quero dizer que quase doeu fisicamente. Eu estava tentando fazer você ver que tudo ficaria bem. Por exemplo, se você largasse seu emprego, eu poderia te dar alguns trabalhos, talvez você pudesse encontrar o que queria fazer. Mas nunca houve nenhuma pergunta sobre o que você devia fazer com a Sarah. Eu nunca disse nada sobre isso, mas então você me beijou e não sei como isso não parou por aí, mas não parou.

Parte de mim sempre se perguntava o que teria acontecido se a Zoe e eu tivéssemos ficado juntos depois. Mas eu queria a Sarah. Nunca teria dado certo, nós dois, a vergonha e as recriminações, a culpa que rasgava a alma era claustrofóbica demais. Não teria sido honesto. Não era o plano. Nós não poderíamos simplesmente improvisar nosso caminho até lá.

Mas, e agora? Eu pensei, olhando para ela.

Eu tinha dado à Zoe uma grande parte de tudo o que eu tinha na conta para cobrir as coisas. Não era algo permanente, é claro; era só até me tornar independente novamente. Eu só não sabia mais o que fazer quando me mudei do apartamento do Dev e precisava desesperadamente de algo familiar, algo caloroso. Eu precisava contar à Sarah que estava me mudando, mas como eu poderia contar a ela para onde tinha ido? E, quando decidi deixar isso vago, aconteceu o seguinte:

Eu: Ei, só estou confirmando, recebi o convite, eu quis dizer o RSVP, e…

Sarah: Uau! É você. Você tem coragem, e te dou isso.

Eu: Ahn?

Sarah: Você acha que sou burra? Eu estava esperando para ver se você ligaria, e aqui está você. O que mais me irrita é que achei que você tinha crescido. E você podia ter me contado que não tinha. Mas você veio e fingiu que tinha. Você não disse a verdade, você não admitiu; você me decepcionou novamente.

Eu: Você está falando sobre…

Sarah: Drogar meus convidados? Sim. Sim, eu estou falando sobre você e seus amiguinhos esquisitos terem aparecido no meu noivado e se comportado como um bando de loucos do Chuckle Brothers e terem dado drogas para meus convidados. Foi a Anna que descobriu. Achou que fosse envenenamento e fez alguns testes. Quase perdeu o emprego.

Eu: Foi tudo um mal-entendido, foi…

Sarah: O Gary vomitou o caminho todo para casa. Eu tive de dirigir o Lexus. Precisamos de tapetes novos para o carro.

Eu: Por favor, diga ao Gary que eu vou pagar pelos…

Sarah: A Anna tentou levar o poste no ônibus com ela.

Eu: (rindo) Eu estou… A Anna…

Sarah: Ótimo. Você acha isso tão engraçado agora quanto achou na hora. Você já viu alguém tentar levar o poste no ônibus? Não é digno. OK, e ela não merecia aquilo. Eu estou me casando em oito semanas, Jason, e é uma pena que nós nunca mais conversaremos. Porque nunca mais conversaremos novamente. Boa sorte no seu crescimento. É tão provável de acontecer quanto qualquer um dos seus outros pequenos sonhos patéticos. Ó, e mande minhas *lembranças* à Zoe.

Clique.

Então ela sabia. Dev, talvez? Acredito que se ainda fosse professor, eu…

Ah, mas eu sou!

De qualquer forma, quando a Zoe voltou do trabalho no dia seguinte, nós nos encontramos no Banco da Amizade.

Estávamos nos encontrando toda noite desde então, na cozinha, aproximadamente às 19h30.

As coisas tinham sido frias primeiro, como se minha mudança para lá tivesse sido inevitável desde aquela primeira vez em que eu estava bêbado, como se tivesse sido profetizada. Nós não havíamos escolhido essa situação. Aconteceu. Nada *mais* tinha acontecido, ainda não, então eu elimino a pressão de Algo Possível de Acontecer; éramos essencialmente apenas colegas de apartamento, estranhos e cansados tentando fazer de uma história espalhafatosa algo respeitável. Mas, então, uma noite, com *Quem Quer Ser um Milionário?* ao fundo, ela disse:

— Isso é bom. Eu e você, nesse apartamento, juntos.

Afundei minha colher na sopa e olhei para ela. Essa era a conversa que eu não queria ter. Aquela sobre o futuro, onde isso ia parar, somos um “nós”? Mentalmente, comecei a me preparar. E ainda havia aquelas nove caixas amontoadas debaixo da cama. Eu ainda tinha o número do Addinson Lee para fazer outra mudança. Não queria falar sobre aquilo. Não achava que fosse nosso acordo.

O fato era que eu precisava dela. Eu não tinha o Dev. Eu tinha deixado a Sarah furiosa novamente. Eu não tinha visto a Abbey, e o Matt havia desaparecido da face da Terra.

Eu me fortaleci.

— Porque — ela disse — significa que não há mais adivinhação. Às vezes me pergunto como teria sido se tivéssemos terminado juntos depois de você e da Sarah. Eu estava fazendo um favor para você no *London Now,* mas também estava vendo você lá. Eu tinha esperança de que eu não gostasse de você. Mas também sei que às vezes é melhor não saber.

Eu ainda estava apenas olhando para ela. Ela estava fingindo ser informal, como se estivesse lendo tudo aquilo em um jornal.

— Felizmente, com você aqui, sei como seria, agora. E você também sabe, o que é importante, especialmente depois do que você perdeu. E nunca mais vai acontecer de novo nenhum daquele desejo, ou qualquer coisa do tipo. Pois acho, para ser franca: nós dois sabemos que não combinamos em quase nada.

Eu ri e peguei minha colher novamente. Você ouve falar de pessoas que fracassam em algumas coisas; você ouve falar que elas ficam lá para sempre, pois não têm força para sair do lugar. Acho que foi o que aconteceu em Blackstock Road. E poderia ter sido o final da história. Poderia ter sido sobre como eu acabei me mudando de um apartamento em cima de uma loja de *video game* próxima a um lugar que todos achavam ser um bordel, mas não era, para outro apartamento, menor e com uma janela de fundo quebrada e um lustre pendurado muito baixo sobre a mesa, e tudo porque eu era fraco, cansado e derrotado.

— Quero dizer, nós não daríamos certo juntos — ela disse, olhando para mim finalmente. — Olha como você segura a colher. Eu não conseguiria ficar com um homem, por muito tempo, que segura a colher desse jeito. Além disso, há os filmes pretensiosos, que eu sei que você não assiste, pois você ainda não tirou a caixa da coletânea do Jim Jarmusch do embrulho. E você nunca se livrou daquelas caixas de baixo da sua cama, o que também demonstra o nível de comprometimento que você está oferecendo.

Eu sorri. Nós éramos duas pessoas infelizes, morando juntas por um tempo, sabendo que havia alguém por aí feliz com isso. Agora podíamos parar de fingir. Agora eu poderia ficar no sofá à noite; ela podia parar de fingir que estava dormindo quando eu aparecesse.

Ela não era o Dev. Mas eu tinha uma amiga novamente.

— Vamos sair? — eu perguntei.

Zoe expirou e disse:

— "Homem com cara idiota!" — e alguém na mesa ao lado se virou para olhar para ela. — Isso é um insulto fantástico. Uma vez que você entenda que é um insulto, ele é fantástico.

— Estou feliz que você tenha aprovado.

— E qual foi a reação dela? Não, esqueça isso. Qual foi a reação do *Gary?*

Ela parecia encantada com a história.

— Ele me chamou de irmão várias vezes e tentou criar laços.

— A melhor vingança! — ela disse. — Ele é profissional. Provando totalmente para a Sarah o homem que ele é e a criança que você é. Gênio.

Como era bom! Poderia ter sido esquisito falar sobre as consequências de

um acontecimento no qual a Zoe não teve participação alguma. Mas era legal. Dizer as coisas em voz alta de alguma forma tira a enormidade e perfura minha pomposidade. Foi como se eu tivesse ganhado algo de volta na minha vida. Uma velha amiga, alguém que me conhecia, que costumava se divertir com minhas inadequações com relação ao grêmio estudantil Snakebite, com os cigarros respingados de chuva e que, aparentemente, não havia mudado.

A tensão tinha ido embora. Eu tinha sentido falta da Zoe.

— E então? — ela estava dizendo, inclinando-se para frente, ansiosa pela continuação.

— Então a deletei do meu Facebook — eu disse. — Não fui eu, foi a Abbey; mas o mais estranho é que isso a fez achar que eu fosse um adulto lidando com a situação com autoconfiança.

— Bem século 21. Muito maduro da sua parte. E então?

— Então eu acabei indo à festa de noivado, a Abbey distribuiu narcóticos para vários convidados e tudo foi por água abaixo, pois sua melhor amiga, Anna, tentou levar um poste de iluminação no ônibus e o Gary vomitou em alguns tapetes do carro.

Zoe bateu na mesa e gritou “Rá!”.

— Ah, deveríamos ter escrito um artigo sobre isso, Jason — ela disse. — “Como superar uma separação como um homem.”

Eu sorri e dei um gole na minha bebida.

— Eles estarão casados em breve e tenho certeza de que tudo isso será esquecido.

— Daqui a quanto tempo?

— Um mês. Eles querem ir morar juntos rápido, para que, quando o bebê nascer, Gary possa se apresentar formalmente como o marido da Sarah.

Ela riu.

— E essa Abbey… Essa cantora. Ela é a garota? Aquela para qual você deixou uma mensagem no jornal? Pois, secretamente, achei aquilo bonito. Eu não queria dizer nada porque… Bem, acredito que não tenha te levado a lugar nenhum. Ou para o lugar errado. Foi por isso que você aterrissou na Blackstock Road em vez de ir morar com ela…

— Abbey não é A Garota. Abbey é uma garota, mas não A Garota.

— Então, quem é “A Garota”?

Eu ri. Isso era bom. Era como eliminar todos os desentendimentos. Sem embaraço, sem remorso, apenas amizade.

— Eu não sei quem ela é — eu disse.

Ela apertou o nariz e, de modo teatral, estalou os dedos para avisar o barman que precisaria de outra bebida. Ele a ignorou e continuou a limpar um

copo.

— Você não sabe? Você não sabe quem é “A Garota”? Você está sendo metafórico? Como se você a conhecesse, mas nunca a conhecerá de verdade? Você está sendo dramático?

— Estou sendo literal. Eu literalmente não sei quem ela é. Mesmo que quisesse que fosse oposto.

— Você está sendo dramático!

Ela se virou para o barman, irritada, como se estivesse dizendo eu-pedi-*uma-vez*, mas ele continuou firmemente fiel à regra você-tem-que-
-realmente-*pedir*, com a qual os barmen parecem ser tão severos.

Eu me levantei para pegar a bebida para ela, e para pensar em como contaria a história. E, quando me sentei, depois que eu tinha terminado, ela olhou nos meus olhos e disse:

— Você sempre disse que um relacionamento precisava de um começo. Você tem isso. Então, o que você vai fazer com o final? Porque isso, eu e você sentados nesse pub abafado na Highbury antes de voltar para um repugnante apartamento na Highbury, isso *não pode* ser o fim da história.

— E ainda... — eu disse, com as mãos no ar e a cabeça feita. — Ainda é assim.

— *Abafado?* — disse o barman.

HAVIA O MOMENTO e o lugar para A Garota.

Eu tinha que aceitar as dicas que a vida estava jogando em cima de mim. Nada de Dev, nada de Abbey, nada de Sarah. Nada de *London Now*, nada de perspectivas, nada de esperança.

Eu estava começando a pensar que eu podia ser eu.

Às vezes, a vida não é mágica, você entende. Às vezes, a vida é comum. É uma passada em um chaveiro na hora corrida do almoço. É o estrondo luminoso e alto de um filamento rompido de uma lâmpada. É o seu vizinho vindo avisá-lo que você esqueceu as luzes do carro acesas.

Raramente é algo diferente. Talvez o olhar de uma garota na Charlotte Street, por exemplo. Quanto tempo para um olhar terminar? Por quanto tempo você pode se apoiar em um olhar?

Se eu fosse me organizar, teria de priorizar a prática. Há vagabundos demais lá fora que têm grandes sonhos.

E havia coisas a serem resolvidas. Minhas amizades. Meu próprio apartamento. Meu emprego.

O interesse da Zoe tinha sido legal, mas era o interesse de alguém que quer apenas ouvir o final de uma história. Ela não tinha de ir lá e fazer acontecer. Fazer acontecer era difícil. Exigia esforço, tempo, e… Bem… Eu tinha um

emprego agora. Lugares para ir e coisas para fazer. E planos, eu tinha planos.

Vou ser sincero, senti um vazio. Como se uma ambição tivesse sido frustrada ou um sonho deixado de lado. Como se eu estivesse perto, de alguma forma, mas perto do quê? Olhando para isso, eu não estive mais perto dela ontem do que eu estive quando tudo isso começou. Quero dizer, claro, eu tinha encontrado seu ex-namorado, mas o que isso tinha me custado, essa pequena descoberta? E como eu maravilhosamente tinha estragado tudo? Minha vida, que estava ficando constantemente pior, se isso fosse possível, tinha se tornado um pouco mais terrível com aquele pequeno passeio. Mas o vazio ainda estava lá. A dor de desistir de alguma coisa que você tinha a esperança de ser mágico.

O mágico poderia esperar.

Era a hora da rotina.

Terceiro dia na St. John's.

— Ah, você está de *volta* — Jane Woollacombe disse, chefe da área de matemática, daquela maneira que as pessoas fazem quando elas ouvem dizer que você estava de volta de algum lugar, mas na verdade não tinham nem percebido que você havia ido. Estávamos no corredor do bloco de matemática, todo em linóleo verde e paredes pêssego, como se tivéssemos apertado um botão marcado "década de 1970" para ver o que tinha acontecido.

— E como foi… Para onde você foi exatamente, no final? Viajar ou algo do tipo?

— Não, não fui viajar.

Ela mexia no seu broche de borboleta, nervosamente.

— Deu um tempo no trabalho, então?

— Não que fosse minha intenção.

Ela olhou para mim inexpressivamente.

— Tentei uma coisa — eu disse, da maneira mais informal que consegui. — Não deu certo. Eu estava vivendo com muito pouco dinheiro, progredindo muito lentamente, então decidi abandonar tudo.

— Ah! — ela disse, e seu rosto caiu. — Bem, você não fracassou, pois você tentou.

— Eu não disse que fracassei — eu disse.

— E como está… É…

— Sarah e eu nos separamos. Um tempo atrás.

— Bem, relacionamentos… Você sabe. Isso não é fracassar também.

— Eu não disse que nenhum deles fosse fracasso.

— Bem, que bom, pois você não fracassou. Algumas pessoas usam essa palavra, né, e nem deveriam, então você diga a eles que o que conta é tentar.

— Quem está falando a palavra "fracasso"?

— Não importa. Ninguém. As pessoas que falam são aquelas com as quais não vale a pena conversarmos de qualquer jeito.

Ela olhou para Sr. Willis, de maneira suspeita, por entre o vidro quadrado da porta próxima de nós, e levantou suas sobrancelhas desarrumadas.

— E não é como se ele nunca tivesse feito nada da vida dele, né? Colecionar barulhos de buzinas de carros ou qualquer que seja o *hobby* dele? Diga isso a ele.

Ela se levantou com a faca e o queijo na mão, virou e saiu depressa.

Eu olhei mais uma vez para o Sr. Willis. Ele sorriu para mim e acenou.

SALA 3GC era aquela na qual eu não estava ansioso para entrar novamente.

Sala 3Gc era uma herança que eu não queria para mim.

Entrei alguns minutos antes da aula e fiquei pensando.

Bem lá, na janela minúscula, imperceptível, provavelmente irreconhecível para todos, exceto para mim, estava a fenda e uma emenda malfeita.

A única prova de que aquilo tinha acontecido de fato.

Meus olhos ficaram procurando outras provas. Em qual janela tinha acontecido?

E, então, o sinal tocou e tremi.

E eu disse a mim mesmo que tinha que superar isso.

— OI, SENHOR! — disse uma criança.

Ocorreu uma briga aqui um ou dois dias atrás entre alguém da St. John's e um grupo de crianças da escola técnica perto de Stokey. O Sr. Willis e eu devemos agir como uma espécie de barreira para que esses acontecimentos não voltem a ocorrer, embora o mais perto que eu tenha chegado de uma briga tenha sido naquela noite em Whitby, onde tive que ser salvo por um antigo aluno, e o Sr. Willis, cada vez mais, parecia exatamente com o tipo de homem que colecionava barulhos de buzinas de carros, de fato.

Olhei para a criança. Talvez uns catorze. Segurando a metade de um Chomp todo esmagado. Ele tinha feito aquilo com a gravata para deixá-la incrivelmente curta. Não sei como eles fazem isso. Imagino que eles comprem tamanho infantil.

— Você é o Sr. Priestley, certo?

— Eu sou o Sr. Priestley, certo.

— Você conhece meu irmão — ele disse, enquanto meus olhos se moveram rapidamente para cima de seus ombros. Uma criança empurrou outra na parede, então ambos olharam para mim, culpados, e riram alto para mostrar que eram amigos. — Matt Fowler.

Irmão do Matt?

— Eu conheço — eu disse. — Mas não o vejo faz tempo. Como ele está?

— Ocupado — ele disse.

— Na oficina? — talvez aqueles caras estivessem tirando sarro aquele dia. Ele poderia estar em qualquer lugar. Trabalho voluntário. Doente. Fliperamas.

— Não — ele continuou. — Ele está ocupado com trabalho e essas coisas.

Um pensamento me invadiu. Tony é um nome muito esquisito para um garoto de catorze anos. Eu ignorei.

— É, mas trabalha onde? Eu estava perto da Chapel Market outro dia e não o vi lá.

— Ele num trabalha lá mais.

— Ele *não* trabalha *mais* lá. É, eu ouvi dizer. Onde ele está agora?

— Burger King, né?

— *Né*. E dizer "né" depois de Burger King não faz sentido. Por que ele está trabalhando no Burger King? O que aconteceu com a oficina?

O garoto encolheu o ombro e fungou.

— Não queria fazer mais aquilo. Não conseguia fazer aquilo e o curso. Então, ele fica no Burger King por quatro noites, então trabalha no Queen's Head o resto.

— Você precisa trabalhar mais a sua gramática, Tony — eu disse. — E o que você quer dizer com curso?

EU ENTENDI.

Agora entendi.

O que sempre me preocupava a respeito do Matt era sua raiva. Era uma raiva que eu tinha visto na escola, é claro, no dia em que ele quase cegou um garoto com um compasso… Embora dependesse muito de quem você decidisse acreditar, é claro. Os diretores da escola ficaram com o garoto. Ataque espontâneo, ele tinha dito. Assim que Matt conseguiu sair da escola, ele se foi. Eu tinha pensado que talvez tivesse ocorrido um engano, que o Matt tivesse sido tratado injustamente e perdido sua fé no sistema. Mas então, naquela noite em Whitby, quando ele salvou nossa pele com um show de força… Eu tinha ficado com medo, mas também grato. Pois eu tinha visto sua raiva bem de perto. O rugido, a fúria, tudo ornado habilmente com um pedaço de cano e uma cabine telefônica.

Mas agora eu entendia. Não era raiva. Era *frustração.*

Matt Fowler tinha deixado seu emprego na oficina perto da Chapel Market para melhorar de vida. É assim que eu tinha escolhido descrever a situação, até que percebi que ele não era um personagem de romances de Jane Austen. Ele tinha deixado para fazer alguma coisa. Ele havia tido a epifania que seus colegas acharam tão engraçado. E isso o levou a um curso de meio período que dava um diploma. Terças e quintas à noite, das 19 às 22 horas. Sábados das 10 às 17

horas. Custava 15.750 reais adiantados, mas com alguma coisa para compensar o esforço no final. Ele tinha vendido sua bicicleta, seu PlayStation, seu telefone, e tudo o que pôde, e tinha notificado a oficina. Ele estava trabalhando muito para compensar, mas era isso, isso era fazer alguma coisa. Mais especificamente, um curso básico de Engenharia de Som e Produção Musical, ao lado da Denmark Street.

Pensei em Whitby. “Eu quero *fazer* alguma coisa”, ele tinha dito. Eu pensei que ele falava de si mesmo. Acontece que ele falava de ambos.

Consultei tudo quando cheguei em casa e fiquei animado por ele. Havia apenas cinco pessoas por curso. Ele aprenderia sobre mixar, modificar, fluxo de sinal, *multitrack*, compressão, *noise gate*, *digital delay*, DAW, VCOs, VCFs, VCAs e um milhão de outras coisas que eu não saberia nem dizer.

No final do curso, tudo o que ele poderia esperar era fazer um chá para engenheiros chatos por mais ou menos seis meses, conseguir um estágio na área por ter sido um empregado humilde, mas, mais cedo ou mais tarde, ele agarraria aquela brecha que faria dele um engenheiro de som. Eu fiquei estranhamente com ciúmes e absolutamente satisfeito.

Ele tinha encontrado seu destino.

Zoe ainda estava adorando caçoar de mim por causa da Garota.

— Você tem que ir atrás disso — ela disse, mexendo a comida na panela. Nós estávamos fazendo cachorro-quente com legumes, a única coisa da geladeira que podíamos juntar com os legumes e a lata solitária no armário. Poderia ter sido 1997, em um apartamento na Leicester com o Dev. — Eu realmente acho que você deveria retornar para a Estonia Marsh e dizer que você aceita fazer o negócio do *Wake Up Call.*

— Não — eu disse. — De agora em diante, deixarei que o destino conduza a minha vida. O Dev sempre foi ligado ao destino.

— Você está falando como se ele tivesse morrido. Ele está na Caledonian Road.

— Brick Lane, agora, na verdade — eu disse. — Eu vi no Facebook. Ele fez a mudança. Vai tomar conta de um dos restaurantes do pai. Nada mais de Power Up!. Oficialmente, a loja fecha as portas semana que vem.

— Engraçado, coisas do tipo Facebook ou Twitter. Ver toda a vida de outra pessoa. É quase como se você não precisasse mais ver as pessoas. Você apenas alimenta a conta-gotas seus momentos. Você perde todas as coisas que estão no meio. É amizade *eficiente*.

Eu brincava com a colher. Talvez eu não quisesse uma amizade eficiente. Eu queria nossa amizade velha, ineficiente e de pouca emoção.

Eu deveria ver o Dev. Com a Abbey, a escolha foi dela; ela teria de se

interessar por mim novamente, e, pelo pouco tempo que nos conhecemos, eu não poderia contar com tal acontecimento. Sarah tinha deixado seus sentimentos bem claros, e o cara a cara com o Gary significava que eles não estavam perigando mudar.

Mas com o Dev… Bem, isso era comigo.

Eu ia arrumar a bagunça, decidi. Não faz sentido apressar as coisas. Talvez eu pudesse dar uma passada na Brick Lane, para um *kebab*. Na verdade, eu tinha tido uma ideia para o Dev. Uma coisa ótima. Uma coisa para animar as coisas entre nós. Eu tinha pedido à Zoe se ela poderia me ajudar, ela tinha feito algumas ligações e me prometido um sim.

Primeiramente, entretanto, havia outra pessoa que eu queria ver. E enquanto começava a pensar em como e quando, meu bolso começou a vibrar.

— Número desconhecido — eu disse, olhando para meu telefone. — É sem dúvida outra mulher glamourosa da televisão, solicitando que eu libere meus sonhos românticos sobre a nação.

Eu apertei ACEITAR.

— Alô!

— Jason?

— Sim, é ele.

Uma pausa.

— É o Damien Laskin.

CAPÍTULO 21
OU “VÁ SOZINHO”

— Oi — eu disse, com as duas mãos no telefone, no corredor de fora do apartamento, com seu piso azul manchado e a janela do fundo rachada. — Oi, Damien.

— Ouça, eu vou ser breve — ele disse. — Devemos nos encontrar.

Eu devo ter paralisado por um segundo, pois rapidamente ele continuou:

— Ouça, pulei no seu pescoço aquele dia porque eu não sabia o que você queria. Ainda não sei o que você quer, mas estou quase certo de que não tem a ver comigo. Você concordaria em me encontrar?

— Sim.

— Diga.

— Eu não quero prejudicar você.

— Nem minha família.

— Nem sua família, é *lógico*. Ouça, Damien, é uma situação estranha, e…

— Não, não, nós vamos nos encontrar e conversar, OK? Segunda-feira, lá pelas 17 horas. Sugira um lugar.

Eu sugeri já que ele pediu, mas então me senti inexplicavelmente nervoso. O que ele queria? E por que agora? E também…

— Como você conseguiu meu número?

— Eu poderia ter conseguido seu número de diversas maneiras, Jason. Na realidade, e para ser honesto, foi isso que me induziu a te ligar hoje, porque peguei seu número na janela da casa de *kebab* perto da minha casa.

Ele riu, e então desligou.

Eu contei para a Zoe e ela quase engasgou com o cachorro-quente. Ela bateu na mesa e todos os garfos caíram no chão.

Old Queen’s Head fica na Essex Road, um pub que era anteriormente para gays e que agora oferecia sofás de couro e futebol de mesa, com mesas importadas da França e destinadas à classe média, entre as lojas de antiguidade peculiares, com seus ursos de pelúcia e abajures de bronze, e as redes de restaurantes mais elegantes, onde estrangeiros amigáveis amarram balões nas cadeirinhas das crianças.

Eu estava parado lá fora por um tempo enquanto a multidão que acabava seu expediente diminuía, seguindo em direção aos ônibus ou para uma última lata no Tesco Express na esquina. Eu pude vê-lo lá dentro, vestido de preto, apoiando-se no bar, como um bêbado com seu cigarro enrolado preparado para cair duro.

Empurrei a porta, tentando parecer distraído, pronto para simular surpresa quando eu o localizasse, embora ele tenha me reconhecido imediatamente.

— Ei — ele disse.

— Matt! — eu disse, tentando fazer da minha reação retardada um ato descolado. — O que *você* está fazendo aqui?

Eu fiz a própria cara de confuso enquanto ele colocava outro copo dentro do engradado de plástico daquela noite.

Ele sorriu só por um segundo.

— Meu irmão mais novo te falou, né? — ele disse.

— Ele falou, sim — eu disse. — Seu irmão é o da gravata pequena, né?

Ele sorriu.

— É ele.

— Como você está? O que está acontecendo?

— Eu tô bem, é… — ele balançou a cabeça, e eu estava um pouco surpreso. Não porque ele estava bem. Mas ele disse que estava. Eu não acho que ele tinha dito que estava tudo bem antes. Acho que pela primeira vez percebi o quanto ele era triste. Mas, então, era isso o que eu queria.

— A que horas o seu turno termina? — perguntei.

Ele apontou para o pub, que estava vazio.

— FIQUEI SURPRESO quando ouvi dizer o que você tinha voltado a fazer, cara — Matt disse, mexendo nos punhos de sua manga. Nós nos sentamos em uma mesa no McDonald's perto da rotatória, eu com uma Fanta, ele com um McFish e um *milk-shake*.

— Por quê? — perguntei.

— Não achava que você fosse voltar para aquilo — ele disse, limpando o molho da boca. — Você estava buscando seguir em frente.

Eu pensei no passado. Eu estava?

— Quando?

— Bem, você deixou St. John's, não deixou? Você fez uma mudança. Quando você era professor, nos dizia que todos podíamos fazer mudanças. Você disse que na vida a gente pode fazer as coisas acontecerem.

Eu balancei a cabeça, mas eu tinha dito isso? Não me lembrava. Eu me lembrava do bafo de café, de esperar pelo intervalo e de blefar em algumas questões e das 9 horas Nurofen, mas não, de acordo com Matt, eu era como o sujeito do filme *Sociedade dos Poetas Mortos.*

— Mas você disse que para fazer acontecer, você tinha que *fazer acontecer.*

Ah, espera aí! Isso parecia familiar. Aquela apresentação da qual eu não tinha conseguido fugir, tão receoso que eu estava da completa falta de reação de uma entediada e indiferente massa de causas perdidas.

Sr. Ashcroft, o chefe mais antigo, tinha sido insistente, no entanto. Ele achava importante nós falarmos para as crianças.

“Inspire-os. Venha até eles com palavras de motivação e otimismo! Mostre a eles o mundo que eles *podem* ter!”

Eu tinha chamado a minha apresentação de “Fazendo Acontecer!”, e algumas coisas eu tinha realmente escrito sozinho. O resto eu tinha encontrado em uma página de citações do Anthony Robbins, que pesquisei no Google. Mas havia partes das quais eu me lembro de ter ficado muito orgulhoso.

Nunca, em nenhum momento, no entanto, eu achava que alguém realmente estivesse *ouvindo*.

— Você disse que até mesmo ficar parado era retroceder, pois se você fica parado, o mundo passa por você, e isso é a mesma coisa.

— E… Você levou isso ao pé da letra, né?

— As palavras grudaram em mim, sim. Mas eu ainda achava que você era um monte de merda. Sr. Ashcroft costumava fazer vocês se dividirem para fazer isso uma vez por mês, né, para nos “inspirar”. O Sr. Cole gastava o tempo para falar do Arsenal.

Ele começou a rir.

— A gente costumava imitar ele depois. “Fazendo acontecer! Ooh! Olhe para mim, eu estou fazendo acontecer!”

Ele riu de novo.

— Mas, então, te encontrei de novo. E você tinha feito. Você realmente tinha feito. A maioria daqueles professores ainda está lá. Eles estão ensinando meu irmão agora.

— O pequeno Tony.

— É! Rá! O pequeno Tony, exatamente. Eles provavelmente acabarão ensinando *meu* filho. Pois eles nunca sairão de lá.

— É um ótimo emprego. E o bebê Elgar seria sortudo em ter eles como professores.

— É, mas se seu coração não está lá, não pode continuar. Você precisa estar onde seu coração *está.*

— Bem colocado.

Ele levantou as sobrancelhas, abaixou seu McFish.

— Você que fez essa citação. Meu Deus, você se lembra de alguma coisa do que fala?

Eu dei de ombros, fui descoberto.

— Porque, na verdade, não importa se você não se importa. Você se levantou, você deixou a comodidade de seu empreguinho, você se arriscou, você fez acontecer. Você queria ser jornalista ou qualquer coisa, então foi o que você

fez, certo? E quando estávamos em Whitby naquela noite, você disse que eu deveria fazer um curso ou algo do tipo, e me lembrei do que você passou aquele dia na escola e olhei para você e pensei: “talvez fosse o que ele queria apesar de tudo”.

Uau.

— Mas talvez não fosse.

— Eu queria. Eu queria dizer isso, Matt. Definitivamente.

— Então por que você voltou para lá?

— Às vezes… Você sabe, às vezes a vida segue seu caminho. Por exemplo, você pode querer viajar por um ano, mas então sua caldeira explode ou seu carro precisa de um escapamento novo e tudo muda.

— Sempre há uma desculpa. Era o que você dizia, também, nos seus discursos, o que quer que seja.

— Meu Deus, ouça, tudo bem, eu estava inventando tudo aquilo, Matt. Eu nunca me arrisquei. Eu nunca fiz acontecer.

— Mas então um dia você fez. E foi isso que me inspirou. Não o que você disse, mas o que você fez.

Eu olhei para ele, percebi que ele tinha usado a palavra “inspirar”, percebi que eu nunca tinha tido aquilo antes, e me lembrei de um momento quando talvez isso fosse tudo o que eu precisava ouvir.

— Você é um bom professor — ele disse, sorrindo. — Mas talvez ensinar não seja para você.

EU CHEGUEI TARDE naquela noite. Tarde, mas feliz.

Minha conversa com Matt tinha feito me lembrar de muita coisa. Como minha carreira na St. John’s tinha começado. Como eu tinha sido. Como lentamente aquilo tinha enfraquecido. Como eu tinha perdido meu amuleto da sorte. Mas, para perdê-lo, você tem que tê-lo. Se eu, em algum momento, tivesse tido um, eu o queria de volta. Não necessariamente para o ensino. Uma semana depois e eu sabia que aquele barco tinha saído de viagem. Mas para a vida. Para *alguma coisa.*

Eu sabia que sempre seria, em primeiro lugar, o antigo professor do Matt, e em segundo, seu amigo. Mas isso estava certo para mim. Pois, como havia sido mostrado, eu não tinha sido um professor tão ruim. Mesmo quando eu era apenas seu amigo.

E agora, de propósito ou por acaso, ele tinha me ajudado também.

A Zoe já estava deitada quando entrei, mas a TV estava baixinha. Algum programa de perguntas com celebridades. Eu afofei meu travesseiro, fiz minha cama no sofá e liguei meu *laptop*.

Parecia o momento de eu me organizar, finalmente. Encontrar um lugar

para mim. Ter responsabilidade.

Próximo ao meu travesseiro havia um pequeno envelope dourado, escrito *Jase*.

Eu abri e sorri. Zoe tinha mandado bem.

Se alguma vez eu o encontrasse novamente, Dev iria definitivamente me adorar.

Ainda não, entretanto. Não enquanto eu tivesse desistido e voltado para a St. John's. Eu estaria pronto para ver o Dev em breve. Mas tinha algumas coisas para ajeitar primeiro.

No topo da lista, estava a minha vida.

Segunda-feira, 17h15. Então, aqui estava eu, de volta ao Postman's Park. Eu não conhecia outro lugar para sugerir e achei que um Damien paranoico fosse apreciar sua natureza ao mesmo tempo isolada e pública. O que nós éramos? Espiões?

Era um dia cinza, um daqueles dias em que tudo está fora de foco e eu estava quinze minutos adiantado. Tenho um medo imenso de atrasos. Eu preferiria chegar uma hora antes a fazer a outra pessoa esperar um minuto. O Dev sempre dizia "Nós não estamos atrasados até estarmos *atrasados*". Eu sabia o que ele queria dizer e isso era tecnicamente verdade, mas nunca funcionou para mim. Saber que eu me atrasarei é sempre ruim o bastante. O mínimo que posso fazer é ter uma preocupação adiantada.

Chutei uma lata e ela foi parar perto de um muro. E simplesmente chutei; ninguém havia me pedido. Acho que eu deveria ter pegado a lata e a colocado na lixeira, mas chutá-la parecia demonstrar bastante esforço. Soprei um pouco de ar, queria saber se eu conseguia ver minha própria respiração.

Percebi que eu estava nervoso em ver o Damien novamente.

Parei, olhei para o *Memorial to Heroic Self-Sacrifice*.

WILLIAM GOODRUM

Guarda de estrada de ferro, 60 anos

Perdeu sua vida na Kingsland Road Bridge ao impedir que um trabalhador morresse atropelado por um trem vindo de Kew.

28 de fevereiro de 1880

Eu devo ter lido esse umas cem vezes.

— Jason?

Eu me virei. Damien estava parado perto da grama e acenou quando nossos olhos se encontraram. Ele estava vestindo uma daquelas jaquetas três-quartos que você vê os homens usando em revistas, parados perto de um Jaguar clássico em dias ventosos, em uma pista de aeroporto enquanto mulheres loiras enigmáticas, vestindo óculos de sol e lenços na cabeça, fingem acender cigarros no banco do passageiro. Havia um sinal de uma camisa anelada azul-claro no

colarinho, que estava escondida por um cachecol, acho que era provavelmente uma caxemira.

— Como você está? — ele disse, embora friamente, e se eu não estiver errado, sem um ponto de interrogação.

— Estou bem, é… — eu disse, em baixo tom. — Obrigado por ter vindo.

Obrigado por ter vindo? Ele tinha me intimado.

— Dia frio — eu disse. — Você veio de carro ou…?

— Eu não dirijo — ele falou ríspida e rapidamente, tão rapidamente e tão cheio de cortes que fiquei chocado. — Olha, sugiro que você faça sua pergunta novamente, e vou responder o que você quer saber, mas isso é tudo que vou fazer. Eu não vou admitir um monte de perguntas, eu não vou entrar em alguma conversa maior. Eu só quero, para minha paz de espírito, que isso seja resolvido.

Balancei minha cabeça em sinal de compreensão.

— Então vai — ele disse. — Faça sua pergunta.

Eu troquei, desconfortavelmente, de um pé para o outro.

— Não importa mais — eu disse. — Estou seguindo adiante.

— Seguindo adiante de onde?

— De onde estava. Eu estava em lugar esquisito. Muita coisa estava acontecendo. Relacionado ao meu passado. Relacionado ao meu presente de não estar vivendo o que eu queria. E o futuro, que parecia ser a mesma promessa de bagunça.

— Faça sua pergunta.

— Não temos que fazer isso…

Eu olhei para ele. Ele olhou para seus sapatos. Parecia que ele precisava de mim para alguma coisa, o quer que essa "coisa" fosse.

Droga. Por que não?

— Então, quem é a garota? — eu perguntei.

— Eu a conheci em um casamento — ele disse, enquanto nós dois nos apoiávamos em um banco, fingindo não ser estranho o fato de não estarmos olhando um para o outro. — Ela era madrinha, e vestia o vestido mais feio que já vi na minha vida. Geralmente os vestidos das madrinhas são até que bonitos, mas ela parecia ter sido tirada de um filme da Anne Hathaway. Algumas coisas são verdes *demais*, sabe? Estávamos sentados na mesma mesa e eu me conduzi para me sentar perto dela.

Conduzi. Ele podia usar a palavra *conduzi.*

— De quem era o casamento? — perguntei, quase involuntariamente e só para demonstrar um interesse amistoso, mas agora Damien me lançou um olhar matador.

— O que eu acabei de falar? Não vou entrar em detalhes sobre isso. Eu vou

te contar o que você perguntou, eu quero fazer isso, mas não vou responder tudo que você perguntar. Que importa de quem era o casamento? Por que isso importaria?

— Continue — eu disse, evitando seus olhos, procurando uma lixeira para eu olhar. — Desculpa.

— Era o casamento de uma amiga, OK? Em Berkshire. Bem, essa amiga é também uma cliente. Ela me colocou naquela mesa e piscou para mim quando fez isso. Ela sabia que a gente se daria bem.

— Você e a garota?

— Eu e… A garota, sim. Eu tinha bebido um pouco, estava provavelmente muito amigável, eu não uso aliança e ela estava a fim de um romance.

Ele disse tudo aquilo como se tivesse treinado. Como se tivesse ensaiado os motivos em casa até que ele conseguisse dizer tudo sem paixão e, então, talvez as palavras perdessem o significado. Ou talvez essa fosse sua história, aquela que ele tinha escolhido, e ele estava sendo fiel a ela. Eu virei minha cabeça para olhar para ele, mas ele ainda olhava fixamente para frente.

— Havia aquelas câmeras na mesa, aquelas…

— Descartáveis?

— É, descartáveis. A ideia era tirar fotos uns dos outros e entregá-las no final. Boa maneira de deixar o fotógrafo ir para casa cedo e economizar dinheiro. De qualquer forma, eu a peguei e tirei uma foto nossa. E então ela queria dançar. Alguma música do AC/DC começou; ela disse que era a melhor música já escrita ou algo do tipo.

Eu sorri.

— Back in Black?

Ele olhou para mim, desconfiado.

— Eu realmente não sei. Contei a ela que eu odiava dançar, mas ela me fez levantar. E então, mais tarde, ela olhou para mim e, eu não sei, parecia certo.

Meu Deus. Eu tinha olhado para as fotos. Para os momentos. Eu havia ignorado os momentos *depois* de cada um, os momentos que eu não pude ver. Agora eu guardava rancor deles, levemente: em parte porque eles tinham me surpreendido e em parte porque aqueles momentos pertenciam ao Damien e não a mim.

— Então esse foi o começo. Foi como começou. Duas pessoas em um casamento.

— Sobre o que vocês conversaram? — perguntei, e Damien me encarou.

— Você me seguiu naquele dia? — ele disse. — Você me seguiu no restaurante?

— Segui.

— E você acha isso aceitável?

Fiquei um pouco envergonhado naquela hora. É muito difícil justificar seguir uma pessoa. Difícil admitir que tudo começou com uma mentira, ou que aquela confiança estava colocada no lugar errado e havia sido abusada.

Nós paramos de falar um momento. Damien recomeçou.

— Eu tenho um lugar em Bermondsey — ele disse. — Nós ficamos lá no nosso primeiro fim de semana juntos. É numa fábrica antiga e…

Ele pausou.

— Mas você sabe de tudo isso.

Eu sorri, envergonhado.

— Bem, nós ficamos conversando sobre o mundo. Eu tinha acabado de ir a Sarajevo para o festival de filmes; ela disse que sempre quis ir. Ela nunca tinha viajado. Cresceu em uma fazenda.

Uma fazenda!

— Eu contei a ela sobre a Bósnia… Croácia. Ela disse que tudo parecia incrível. Eu disse que talvez um dia eu a levasse para esses lugares. Sabe? Disse que mostraria o mundo para ela. Nós conversamos muito sobre isso.

— Parece… Normal as pessoas dizerem isso — eu disse e balancei a cabeça. Isso pareceu desagradar o Damien, e eu podia entender o porquê. Ele não estava acostumado a ter suas próprias fraquezas expostas.

Rapidamente, ele continuou:

— Então, nós conversamos por mais algumas horas, nos beijamos, e mandei mensagens para ela, depois nos encontramos, nos encontramos *muito*, e destruí o coração dela, eu sou um imbecil, e é isso.

Ele bateu as mãos nos joelhos e se levantou.

— Então, aí está — ele disse. — Sua pergunta foi respondida com alguns detalhes interessantes falados gratuitamente.

— Muito adulto da sua parte ter se encontrado comigo — eu disse, e ele acenou com a cabeça um "não precisa agradecer".

Enquanto ele enrolava seu cachecol de caxemira em torno do pescoço novamente, ele parou e olhou nos meus olhos.

— Agora você *me* conta uma coisa…

Instantaneamente, ficou claro que era por isso que ele tinha vindo. Ele estava curioso, assim como eu.

— Por que você queria saber isso? Quero dizer, achei que talvez você fosse irmão dela ou um ex ciumento, ou talvez seu novo pretendente, não sei, vingança, ou extorsão, ou chantagem, ou algo do tipo…

— Eu a encontrei em uma noite na Charlotte Street — eu disse. — Achei a câmera dela depois. E eu quero devolver para ela.

Damien olhou para o céu e riu.

— Então, você está a fim dela?

Ele riu novamente. Uma risada mais fria dessa vez.

— É… É difícil explicar… É…

— É bonito. É deliciosamente triste e patético e, se você não se importar que eu diga, esquisito, também, mas bonito. Por que você simplesmente não vai a um bar? Ou a um casamento? Ainda melhor, a um casamento em que ela esteja. Ela parece interessada em casamentos.

Eu não gostei disso. Ele estava tentando arruinar tudo. Destrui-la. Ele percebeu que entendi o que ele estava fazendo.

— Olha só, nós não terminamos amigavelmente. Por razões óbvias. E ela mudou seu número, caso contrário…

Ele deu de ombros.

— E-mail? — eu tentei.

Ele balançou a cabeça e pegou alguma coisa do bolso.

— Posso ficar com essa? — ele disse. Era a foto que ele pegou de mim naquele dia.

É claro, eu pensei. Ela era sua. E você bateu a foto.

Mas, em vez disso, eu disse:

— Ela não é minha para eu te dar.

Damien segurou a foto. Ele parecia estar pensando no que fazer: devolvê-la ou apenas guardá-la no bolso.

— Pub em Finchley — ele disse. — The Adelaide. Foi onde ela foi tirada. Era como se fosse o nosso lugar.

— Pubs?

Ele me devolveu, livrou-se do que quer que seja que estivesse prestes a falar e olhou para mim com desdém.

— Não, não os pubs.

Encolhi os ombros. Eu não tinha entendido.

— Há algo em você — ele disse — que faz disso algo aceitável. Mas você está em terreno perigoso, você sabe, né?

Eu não sabia o que dizer. Então, eu disse:

— Eu gosto de começos. Gosto da maneira como as coisas começam. Pois se elas começam bem o bastante, podem te levar até o final.

— Mas tudo termina — Damien disse.

Então ele juntou suas coisas, preparou-se para ir.

— Por que você não me daria a foto?

— Eu te falei, não é minha para eu te dar.

— Você não me deu porque isso não terminou para você — ele disse. —

Você não está seguindo adiante. Você não seguiu.

Eu pude observar ele ir embora, com a certeza de que a história tinha sido resolvida, de que tinha terminado, de que não voltaria a assustá-lo. Mas havia outra coisa, um detalhe, que estava me incomodando. E enquanto ele virou olhando para o chão, eu disparei.

— Você disse que não dirige — eu falei sem pensar, meio sem jeito —, mas em uma das fotos havia um carro, e imaginei…

— Facel Vegas — ele sorriu. — Não é meu. Não é meu *mesmo*. É um insulto você achar que fosse meu, na verdade.

— É um bom carro — eu tentei, mas, como você sabe, minha experiência é essencialmente limitada a um Nissan Cherry coberto de Calippos; além do mais, ninguém na *Top Gear* nunca se chama nada de "bom"; você tem que comparar carros com cavalos ou passarinhos.

— Não, eu estou fora das estradas faz um tempo. Eu estava um pouco "feliz" enquanto dirigia. Eu tentei apelar para as causas especiais, mas mesmo com quatro consultores de relações públicas eu não consegui.

Fingi entender o que ele quis dizer.

— Aquela coisa enorme é dela. Era do pai dela. Ela não podia se livrar dele. Ela disse que seria como deixar seu pai ir.

Damien foi embora, andando com passos largos em direção à extremidade do parque. Mas perto dos portões, ele parou e pensou por um segundo. Eu observava seus movimentos, inseguro do que eu devia fazer, repentinamente consciente de que eu não tinha ideia do que fazer com meus braços, e então ele virou, colocou as mãos em volta da boca.

— Jason! — ele gritou. — O nome dela é *Shona*!

E então, balançando a cabeça, ele voltou para seu mundo, e eu continuei no meu. E essa seria a última vez que eu veria Damien Anders Laskin.

"A fruta que está no chão pertence a todo mundo, mas aquela que está na árvore é para quem pode subir."

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Na última vez que eu o vi, tive essa ideia.

E ela não sai da minha cabeça. Resisti em contar para vocês, pois receio que isso me faça parecer patética e fraca. Eu assisti àquele filme que a Julia Roberts come, reza e ama (eu esqueci o nome) e estou um pouco apavorada de ficar como ela.

Primeiramente, pensei que tudo o que eu deveria fazer era me arriscar em uma carreira. Professora, talvez. *Isso* é uma profissão. Era a profissão do meu pai.
Então, pensei que talvez eu precise deixar minha marca de alguma forma e fazer algo ainda mais distante do comum. Já ouviram falar da Phyllis Pearsall? Ela foi brilhante. Nas décadas de 1920 e 1930, ela costumava levantar todo dia às 5 horas e caminhava 29 quilômetros pelas ruas de Londres, fazendo anotações precisas de onde tudo estava e então guardava 23.000 nomes de ruas em uma caixa de sapato embaixo da cama.
Talvez vocês achem que ela era doida.
Mas esse foi o primeiro Londres de A-Z, e embora todo mundo que ela abordou tenha se recusado a publicá-lo, ela costumava andar com um carrinho de mão distribuindo cópias para todas as redes WH Smiths. Ela só morreu em 1996, quando já tinha vendido milhões de exemplares e tinha se tornado minha cidadã londrina favorita. Você às vezes sente que não está realmente agarrando sua vida da maneira com que alguém como Phyllis Pearsall fez? Como se a rotina fosse rotina demais e fosse hora para algo mágico?
E tudo isso me fez pensar: eu quero fazer aquilo que quase aconteceu acontecer.
Por mim, dessa vez.
Eu não quero simplesmente depender de outra pessoa para fazer isso acontecer para mim, pois, na verdade, foi assim que entrei nessa bagunça.
E sinceramente acho que posso fazer dar certo.
Fiquei pensando nisso a semana passada inteira e acordei essa manhã pensando nisso. O dia todo pensei nisso e chega um momento quando realmente você deveria parar de pensar, pois, de verdade, você pode ser atropelado por um ônibus amanhã. Em vez disso, você deveria começar a fazer acontecer.
Talvez o primeiro passo seja decidir fazer.
Sx

CAPÍTULO 22
OU “EDUCAÇÃO ADULTA”

Entrei na sala dos professores e lá estava ele, Sr. Willis, no centro das atenções, com sua caneca vermelha favorita.

Eu tinha, de maneira infantil, decidido chamar todo mundo pelos seus nomes de professor. Era uma rebelião pela formalidade.

— É claro, foi um colapso, você vê — ele estava dizendo. — Não conseguiu lidar com isso, mas você sabe, essa é uma *escola em um centro decadente*. Havia a *Panorama*…

Flagrei o olhar da Sra. Woollacombe e instintivamente ela se voltou para seu broche de borboleta, correndo os dedos sobre as asas para seu conforto. Seus olhos se moveram nervosamente ao redor para ver quem mais tinha notado que eu estava parado constrangidamente na porta.

— Todo mundo acha que podemos fazer algo melhor, mas é claro, quando se fala nisso, ele…

— Jason! — Srta. Pitt (licenciada em Ciências) disse em voz alta, e vi os outros, o técnico do laboratório cujo nome nunca me lembro, e Sr. Peterson, recém-chegado de Loughborough e ansioso para revolucionar o mundo da Educação Física com pouco dinheiro, tentando descobrir como eles sairiam dessa.

— Não foi um colapso — eu disse, da maneira mais amigável que pude, embora tenha sido, é claro, tenha inegavelmente sido. — Foi apenas um choque para o sistema. O que eu precisava, acho.

— Jason, não — Sr. Willis disse, culpado e ansioso. — Eu só estava dizendo o quanto deve ser difícil…

— É, como deve ser difícil — Sra. Woollacombe disse. — Particularmente quando você se propõe a fazer algo e fracassa. Quero dizer, não fracassar, pois você não “fracassou”, mas…

— Está tudo bem, gente. Está tudo bem.

Sentei no sofá, rodeado por anos de manchas de café e sanduíches. Se a polícia fizesse um teste de DNA nesse sofá, seria 90% de frustração.

— Então, o que mais está acontecendo? — eu disse, alegremente.

— Gary está doente de novo.

— Sr. Dodd? Você tentou Ladbrokes?

Risadas contidas.

Viu? Eu podia fazer piadas. Não ia ter outro colapso, pessoal! Pois era para

lá que essa conversa estava indo, não era? Eu sou um membro inteiramente funcional do time!

— Bem, isso apenas significa que temos de tirar os palitinhos, você entende — disse a Sra. Woollacombe, girando os olhos.

— Palitinhos para quê? — eu disse.

— Sexta-feira.

— O que tem sexta-feira?

AQUI ESTÁ UM FATO interessante para dividir com seus amigos. Eu encontrei na internet, enquanto pesquisava no Google furiosamente um segundo depois que entrei em casa voltando do Postman's Park.

Shona é a forma escocesa de Joan.

OK, tudo bem, não é exatamente interessante. Mas é legal.

Então, talvez ela fosse escocesa. Talvez ela tivesse crescido em uma fazenda escocesa na Escócia, com pessoas escocesas e um nome escocês.

Shona é também o nome de um povo e de uma língua do Zimbábue, mas parecia menos provável que ela fosse do Zimbábue.

Há a ilha de Eilean Shona também, bem ao lado da costa oeste da Escócia, com uma população de dois habitantes, fazendo dela o lugar mais romântico ou depressivo possível.

E esses eram tópicos para uma conversa, no caso de eu me esbarrar com ela uma noite. Isso quase aconteceu, afinal de contas.

O FacelVegas. A noite em que eu vi o carro saindo da NCP na Poland Street e me esquivei do caminho. Se eu tivesse olhado mais de perto, se eu tivesse *sido corajoso…*

De qualquer forma, eu poderia dizer "Ei, Shona não é o nome de um povo e de uma língua no Zimbábue?", se a visse novamente, batendo no fumo do meu cachimbo e parecendo moderno e sofisticado, enquanto eu me sentava ao lado dela, tirando seu copo de Tango do meio do meu caminho, sem ser convidado, mas claramente bem-vindo.

"É", ela murmuraria, com seu leve sotaque escocês, talvez ficando vermelha (quase) imperceptivelmente, com a confiança de um homem um pouco mais velho com um cachimbo, evitando meus olhos a fim de não se mostrar demais. "Na verdade, é a língua e o nome do povo orgulhoso de Shona, com o qual estudei antes de começar a universidade e vim a conhecer esse povo sábio e gracioso que são, enquanto lutávamos lado a lado para aniquilar a intenção das construtoras do Oeste em suas destruições."

Eu pareceria indiferente.

"Também não significa "doce" na língua do Bengal?", eu acrescentaria, olhando fixamente à meia distância, desinteressado, inatingível, *fascinante*, e ela se

inclinaria para frente, mãos no queixo, e diria:

"Eu não sabia que…"

E então eu contaria a ela sobre meus muitos gatos, e ela gritaria, pois simplesmente *ama* gatos.

Era esquisito saber o nome dela. Quero dizer, eu sempre soube que ela provavelmente teria um. Não conheço ninguém que não tenha e, mesmo se conhecesse, eu não seria capaz de nomeá-los.

Mas agora que eu sabia qual era… Ela havia se tornado real para mim. Não apenas uma garota em um momento. Mas uma garota que bem nesse momento estaria em algum lugar, fazendo alguma coisa.

Damien tinha falado sobre ela com carinho e arrependimento. Duas coisas que você não faria caso ela tivesse sido uma pessoa horrível, ou egoísta, mal-humorada, arrogante, agressiva, teimosa ou fria. Ele tinha falado dela como aquela que tinha ido embora, ou aquela pela qual ele sempre se lamentaria; aquela que ele nunca teve a intenção de machucar.

E ela estava lá.

E embora eu tivesse dito a mim mesmo que eu tinha desistido, embora eu tivesse convencido a mim mesmo que esse começo meio estranho já tivesse terminado, parte de mim estava feliz com o fato de agora poder decidir o final.

Quer esse final seja tentar… Quer seja parar.

Pelo menos eu estava no controle.

"A POWER UP! ESTÁ FECHANDO", dizia o convite do Facebook. "VENHA DIZER ADEUS A UMA LENDA."

Chequei para ver quem mais tinha sido convidado. Alguns dos de sempre. Alguns que eu não conhecia, mas que já havia visto na loja. Pawel, que realmente não entendia de redes sociais e ainda estava tentando descobrir como responder a isso. E eu.

Ao que me parecia, o plano era fazer um tributo na loja antes de irmos ao Den à noite. Uma noite tipicamente ambiciosa do Dev.

Eu tinha certeza de que seria divertido.

Olhei para as opções de confirmação para o convite.

Você vai? Sim, Não ou Talvez.

E eu cliquei. *Não.*

Não era só porque eu estava envergonhado de mostrar ao Dev que dei um passo enorme para trás quando nós tínhamos conversado sobre irmos para frente. Era porque, de alguma forma, não ir significava ir para frente. Pois o que significa ir para frente se não deixar de olhar para trás?

E assim as coisas ficam tão confusas ao mesmo tempo em que você está tentando se convencer de que tudo está bem. Você adapta a lógica de acordo com

a sua vontade.

Mas tudo bem. Não é que eu não tenha me esforçado com o Dev. Eu tinha enviado a ele o envelope dourado que consegui da Zoe. Ele tinha amado. Ele tinha me enviado uma mensagem com um beijinho no final. Então chegaria a hora para eu e o Dev nos aproximarmos novamente.

Mas primeiro eu tinha que me ajeitar.

EU IA ME MUDAR da Blackstock Road em um mês.

Encontrei um apartamento na Canonbury Square, tão pequeno que eu constantemente tinha cheiro de cozinha, mas com uma mesa perto da janela que enchia o lugar de luz. O aluguel era alto, mas concluí que isso era bom para mim. Me forçaria a trabalhar. Eu não poderia apenas depender das aulas e teria que trabalhar como freelancer, encontrar ideias, escrever, talvez até progredir.

A Zoe está bem para baixo. O *London Now* estava finalmente caminhando para fechar.

— Pode ser qualquer dia — ela disse. — Eles podem até nos cortar a qualquer momento, se quiserem.

Ela já tinha começado a fazer umas ligações e achava que tinha feito certo progresso com alguns jornais, mas os orçamentos estavam apertados, ela disse. Nós ainda passaríamos nossas noites cozinhando juntos, e então iríamos para o Banco da Amizade, e foi lá, nessa noite, que ela deslizou um envelope por sobre a mesa.

— O que é isso? — eu perguntei.

Meu nome ainda estava em algumas listas desatualizadas de assessorias e ela, de vez em quando, trazia para casa um convite para entrevistar o astro de uma nova banda ruim, ou uma torta nova do Ginsters, e eu lia as informações e experimentava a torta, mas ambos inevitavelmente seriam colocados na lixeira. Esse, no entanto, era diferente.

— Chegou essa manhã — ela disse. — Parecia pessoal, então não abri. Embora tenha sido isso também que me fez querer abrir.

Tinha um carimbo, primeiro, além daquela mancha vermelha marcada por uma máquina apressada. E o endereço estava a caneta, com uma letra pequena e fina. Eu olhei para o selo.

Brighton.

Eu abri, e dentro não havia nenhuma mensagem, nenhuma explicação, apenas um folheto colorido, com uma guitarra e um arco-íris, e uma foto delicada de uma garota de franja com delineador azul vibrante sentada num bar.

Abbey Grant
“A leveza do toque se encontra com o emocionante esplendor do litoral” — London Now
Open House & Performer Bar
Quinta, 21 horas

Eu fiquei emocionado. E sorri. Ela estava agindo.

Então, inspirado, agarrando o momento, fui para casa, abri as duas únicas caixas que eu tinha empacotado, fucei e peguei uma pasta que tinha guardado da minha última vez na St. John's, na esperança de não ter jogado fora aquele documento anexado que realmente nunca pensei que precisaria de novo.

Open House & Performer Bar em Brighton é um lugar cheio de sofás Chesterfield e mesas rústicas de madeira, paredes vermelhas e arte pop de Jim Morrison; realmente precisa de um nome mais chamativo.

Há uma multidão de estudantes, mas pessoas da comunidade também, e na quinta-feira à noite, às 20h30, eu me peguei no fundo daquele lugar e quieto, fingindo ler um *Angus* que havia sido jogado fora.

Eu não tinha contado à Abbey que iria. Sei que ela tinha me enviado um folheto, mas não havia mensagem, nada que indicasse que ela gostaria que eu fosse. Achei que não foi muito educado. Poderia ter algo dizendo "Olha, eu estou fazendo alguma coisa, estou tentando, deseje-me boa sorte, tudo de bom".

Eu tinha olhado fixamente para o folheto no trem, colocado as músicas da Abbey no meu iPod enquanto o Sol da cidade se transformava em uma noite do campo. Elas eram lindas. Não perfeitas, mas eram *ela*. Eram frágeis, mas cheias de vida, tão delicadas e quebráveis, mas tão cheias de esperança. Eu não estava mentindo quando escrevi aquela crítica. Eu estava, na verdade, eu acho, sendo mais honesto do que nunca. Meu presente para a Abbey teria sido meu presente caso eu a conhecesse ou não, mas por qualquer razão aquilo havia sido desvalorizado e perdido.

A-há! Meu "presente". Como se cinco estrelas de um editor de críticas substituto, desonrado e quase demitido fosse um presente. Mas aquelas cinco estrelas não foram meu presente, não mesmo. Acho que meu presente foi simplesmente a convicção. A única coisa que eu tinha para dar.

Então, a multidão se acalmou quando as luzes diminuíram, e Abbey entrou, olhos para baixo e pouco à vontade, conectou seu violão e começou a tocar.

E eu fiquei tão feliz, tão emocionado, tão *repleto.*

— Não tinha certeza se você viria — Abbey disse depois.

— Não tinha certeza se você me queria aqui — eu disse.

— Eu também não.

— Você foi brilhante, Abbey. Foi…

— Jase, desculpa a maneira como reagi.

— A culpa é minha. Eu estraguei tudo. Se servir de consolo, foi uma de pelo menos nove coisas que me fez perder o emprego de editor de críticas substituto. Então, estamos quites. Embora você também tivesse drogado o noivo da minha ex-namorada e sua amiga, então, na verdade, acho que você ainda me

deve uma, pois agora ela não está falando comigo e meu convite de casamento foi cancelado.

Ela deu uma risadinha, se sentindo culpada.

— Meu Deus, não sei no que eu estava pensando. Escapismo, eu acho. Acho que nós *estamos* quites.

— Não foi o que eu disse. Eu disse que você ainda me devia uma. E depois, depois da sua apresentação, eu fiquei animado quando percebi que você tinha uma ambição. Você estava mentindo antes, ou…

— Eu não estava mentindo — ela disse, virando os olhos, e fui rápido para colocar tudo nos trilhos novamente.

— Não, não quero dizer mentindo exatamente, claro. Apenas errada. Pois você claramente correu atrás do que queria.

Eu fiquei curioso com relação à Abbey quando a encontrei pela primeira vez. Por que ela estava sempre com os The Kicks? Ou com as outras bandas que ela parecia conhecer e seguir? Eu me perguntava se talvez ela fosse algum tipo de groupie, assumindo a posição mais alta entre as garotas, pois ela estava "com" a banda, conhecia-os a ponto de conversar e beber com eles. Mas essa não era ela, de jeito nenhum. Agora percebi que ela saía com aquelas pessoas simplesmente porque eles estavam fazendo o que ela queria fazer. Ela amava a música, não a banda, e ela amava o universo musical. Ela queria assistir, quieta, ao lado do palco, pois talvez ela não fosse corajosa o suficiente para subir lá e contar ao mundo o que estava pensando.

Ainda.

— Você está tentando — eu disse. — Está indo atrás.

— Só algumas apresentações. É *difícil* conseguir apresentações. Mas a resposta tem sido boa. Bem, de quase todo mundo.

— Plateias difíceis?

— As plateias têm sido boas. Educadas, de qualquer forma. Não, eu quero dizer o Paul.

— O titereiro Paul? O que há com o titereiro Paul?

— O titereiro Paul não ficou muito interessado. Disse que tínhamos que decidir quem seria o criativo. Disse que nunca dá certo quando há duas pessoas tentando estourar no mesmo mundo.

— Ele é *titereiro*!

Ela sorriu e colocou a mão na bochecha.

— Na verdade, ele preferiria se você se referisse a ele como titereiro *político*.

— Onde ele está essa noite, então? Na ONU? Ou eles o mandaram saltar de paraquedas em Gaza com uma meia e duas bolas de pingue-pongue?

O sorriso dela desabou, mas só um pouco, e só por um segundo.

— Nós não estamos mais juntos, Paul e eu. Se for possível dizer que estivemos *alguma vez* juntos, eu não sei.

Ah, meu Deus! A culpa foi minha. Aquela crítica, meu presentinho, tinha dado o pontapé inicial para o fim. O catalisador que enfureceu um titereiro político. Eu deveria pedir desculpas. Eu sei. Eu deveria pedir sinceras desculpas por ter arruinado um relacionamento.

Mas então me lembrei daquela noite no Scala. Os comentários depreciativos. O cinismo mascarado de humor. A maneira como ele a tratava. Meu boletim mental infantil (*Sim, Sr. e Sra. Anderson, de acordo com minhas anotações esse semestre, parece que o Paul é um imbecil).*

— Por que você saiu com ele pela primeira vez, Ab? — perguntei, como se eu fosse um irmão mais velho desapontado, ou algo do tipo.

— Não sei. Estrutura? Eu sei que ele gostava de suas marionetes, mas ele era a pessoa mais organizada que eu conhecia, com marionetes ou não. Acho que eu pensava, bem, todo mundo precisa de limites, não precisa? Todo mundo precisa de regras. Eu sinto que só flutuo a maior parte do tempo, era bom sentir que ainda havia muito para eu flutuar. Embora o negócio fosse… Acho que eu realmente *gosto* de flutuar.

Uma pausa.

— As pessoas não usam muito a palavra “flutuar”, usam? — ela perguntou.

— Que se dane aquele titereiro político — eu disse. — Que se danem *todos* os titereiros políticos! Que suas marionetes se levantem contra eles em fúria!

A Abbey riu.

— Que ele se dane! — ela disse.

Eu levantei meu copo.

— Ao fazer acontecer! — eu disse.

— Você está usando muito essa frase hoje — ela sorriu.

Eu fiquei vermelho. Estava mesmo.

— Como está o Dev? — ela perguntou.

— Não o tenho visto muito — eu disse. — Acho que desenvolvi um hábito de não ver muito as pessoas.

Ela bateu na mesa e tomou um gole da sua bebida.

— Quando te encontrei pela primeira vez — ela disse —, você sabe o que eu pensei?

Eu balancei a cabeça.

— Eu pensei, ele é como eu.

— Uma garotinha que anda com bandas?

— Não. Um pouco machucado.

— *Ferido,* você disse.

— Mas que pode ser consertado, talvez. Eu estou tentando organizar as coisas, e sim, é graças às suas idiotices, então, obrigada, acho. E quando estávamos saindo, parecia que, mais e mais, você estava melhorando também.

Ela tilintou o meu copo.

— Não pare — ela disse.

Nós nos sentamos por um segundo, apenas dois amigos em um pub. Eu notei o violão novamente.

— Olha só, talvez eu faça uma apresentação por você, se você estiver interessado?

Na manhã seguinte. Sexta-feira. O dia que a Sra. Woollacombe estava temendo. Aquele em que o Sr. Willis tinha preparado uma pequena apresentação, provavelmente xingando Garu Dodd e Ladbrokes como ele fazia.

Peguei o documento que eu tinha encontrado nas minhas caixas naquela noite. Eu o li no trem de volta para casa na noite anterior para poder me recordar, para ver se ele ainda se sustentava, mas eu me peguei repentinamente reescrevendo-o, refazendo-o, *renomeando-o*.

Fazendo Acontecer!, era o que dizia. *Uma Palestra do Sr.Priestley.*

Os outros tinham praticamente pulado de satisfação quando eu disse que ficaria feliz em assumir a palestra dessa semana. Eles tentaram me desencorajar, disseram que não era esperado que professores substitutos fizessem isso, disseram que poderiam cancelar e apenas fazer um momento de estudo no lugar. Mas eu disse que não, que eu ficaria grato pela oportunidade.

— Vai ser bom eu me relacionar com as crianças!

Todo mundo tinha olhado para mim como se eu fosse louco.

Não era apenas porque eles queriam evitar um discurso de dez minutos. Não era apenas porque eles não gostavam da preparação, da angústia ou dos inúmeros sentimentos que enfrentariam ao perceber que suas palavras eram ditas para pessoas permanentemente desinteressadas.

— Há um inspetor vindo — Sra. Woollacombe tinha me dito, finalmente, enquanto caminhávamos em direção ao corredor. — Eles estarão *inspecionando!*

Ela fez uma cara de desculpe-eu-devia-ter-falado-antes, mas relevei. Eu tinha esperado ansiosamente por isso, nos últimos dias. A ideia me animava. Talvez eu precise disso, eu pensava. Tentar de novo. Fazer corretamente. Fazer direito. Com ou sem inspeção. E tudo graças ao Matt.

Eu dei uma olhada para minha pequena cadeira de plástico vermelha no palco. A Sra. Abercrombie, nova chefe, estava falando entusiasmada sobre a importância de encapar as apostilas com papel pardo, que se não tivesse, poderia ser com papel de parede ou papel de presente, mas o ideal seria papel pardo ou papel contact. Ela levantou essa questão por um bom tempo. As crianças

estavam com o olhar distante, entediados, a sala era só bocejo, o gel do cabelo ainda para ser ajeitado, um mar triste de gravatas minúsculas e golas sujas. Eu pude ver Michael Baxter na segunda fileira, sua gola virada para cima, mastigando e estourando seu chiclete, um maço de dez cigarros e um isqueiro ressaltavam em suas calças muito apertadas. Teresa May tinha entrado com seu telefone escondido, e o pequeno Tony não conseguia parar de se coçar.

— … O que na verdade nos remete ao tema da palestra de hoje — disse a Sra. Abercrombie, repentinamente, e me sacudi. Michael Baxter percebeu e deu um sorriso sádico.

— Então, Sr. Priestley…?

Eu me levantei.

— Obrigado, Sra. Abercrombie — eu disse, olhando para a minha plateia, minhas crianças, minhas mentes jovens para moldar.

Em algum lugar, alguém peidou.

— Fazendo Acontecer — eu comecei, e meus olhos procuravam por alguém pela sala, qualquer um que entre eles tivesse o olhar de Matthew Fowler. Pois se visse um, eu faria isso, e faria correta e especialmente, e faria por *ele*. — Como você "faz acontecer"? E o que "fazer acontecer" quer dizer?

Outro pum, esse seguido por uma risadinha.

Eu falei, e falei e falei mais. Fiz algumas piadas, e dois deles deram umas risadas, e enquanto eu olhava pela sala, entre os rostos entediados, os rostos melancólicos, rostos distantes, vi algo estranho, quase imperceptível. Pequenas faíscas de interesse; a cabeça inclinada estranhamente. Talvez apenas duas, três crianças. Mas duas, três crianças, no entanto.

Era bom. Era diferente.

E enquanto eu virava as páginas, e chegava mais perto da parte final sobre sonhos, e sobre como os sonhos são impraticáveis, mas sobre como alguns sonhos *podem* se realizar, eu sentia que era o professor inspirador das cenas finais de um filme de Hollywood. E nunca antes pensei que teria isso. E nunca tive isso antes. Esse não era meu trabalho ideal. Eu não era excessivamente brilhante nisso. Mas, então, eu não estaria aqui para sempre. Eu sabia disso, pois eu pretendia ser fiel à minha palavra e "Fazer Acontecer", para que bem lá, nesse auditório, eu não desapontasse nenhum dos Matthew Fowler que estão aparecendo quando eles me observassem não fazer exatamente nada por mais cinco anos. *Aquilo* era ensinar. *Mostrando*. E aquele era o meu plano, vago, pequeno e ingênuo.

E então algo estranho aconteceu.

A mulher que trabalha no escritório da diretoria (Sheila?) abriu a porta dupla do fundo do auditório e, então, levantou as mãos como se estivesse se

desculpando por aquilo. Eu olhei para a diretora, e a diretora levantou suas sobrancelhas para Sheila, e a Sheila faz uma mímica de uma ligação telefônica. Então a Sra. Abercrombie se levantou, mas não era isso que a Sheila quis dizer; ela aponta para mim.

Eu? Eu faço uma mímica.

Sim, ela faz uma mímica de volta. E então: *Rápido.*

— JASON? — disse a voz. Uma voz feminina com um sotaque forte.

Sheila estava rondando, cheia de preocupação, colocando sua mão no meu ombro e me dando alguns tapinhas, mas eu estava quase certo sobre quem era.

— Humm… Svetlana? — eu disse de volta. — Essa não é a melhor hora para conversar sobre tortas ou choro. Eu estava no palco, inspirando a juventude de hoje.

Eu girei meus olhos para a Sheila de uma maneira *o-que-eu-posso-fazer?*, e ela parou de me dar tapinhas.

Silêncio do outro lado da linha.

— Abbey? — eu disse.

— Não é a Abbey. É a *Pamela* — disse a voz.

Pamela?

Ela parecia tensa, chocada, assustada.

Instantaneamente, eu fiquei com medo. É impressionante como você fica com medo antes de saber do que ficar com medo.

— Por favor, Jason. Vem agora!

— O quê? Onde? O que está acontecendo?

— É o Dev.

Droga.

— O que há de errado? — eu disse, com certo pânico aparecendo na minha voz. — O que tem o Dev?

CAPÍTULO 23
OU “FAÇA O QUE VOCÊ QUISER, SEJA QUEM VOCÊ É”

DEVDATTA RANJIT Sandananda Patel era um herói.

Um herói entre os homens.

Um herói enfrentando robôs e nazistas e aliens.

Um homem que estava familiarizado com armas, com *nunchakus*, com soco tipo Hadouken.

Um homem que havia salvado donzelas, libertado animais, matado os vilões e mais vilões a cada final de fase, e sempre, *sempre*, viveu para contar a história.

Mas, na vida real, Devdatta Patel nunca havia feito nada heroico.

Era isso que o incomodava mais do que tudo.

“Nós nunca *fizemos* nada” ele me diria, em uma hora do almoço no Postman’s Park. “O que nós já fizemos?”

Eu me lembro de um dia em particular. Estávamos parados, olhando fixamente para um azulejo que dizia:

William Freer Lucas

MR CS LLD, no Hospital Middlesex

Arriscou-se com veneno para não diminuir qualquer chance de salvar a vida de uma criança e morreu.

8 de outubro de 1893

ESSE, MAIS do que qualquer outro, sempre foi o favorito do Dev.

“É um legado!”, ele diria. “Ele *fez* alguma coisa, e aqui estamos nós, cento e poucos anos mais tarde, e talvez sejam apenas você e eu, mas *nós conhecemos* o nome William Freer Lucas. Nós estamos nesse planeta por um tempo muito curto, mas alguns de nós vivem mais, mesmo quando morrem jovens.”

Era tudo o que eu conseguia pensar no táxi. Olhando pela janela para as lojas, e as ruas, e os shoppings cinzentos, observando cada sirene, cada ambulância que passava gritando.

Mas não. Dev nunca havia sido um herói.

Até hoje.

A CORRIDA DO TÁXI foi angustiante.

Eu não sabia de nada. Apenas que ele foi levado às pressas ao hospital, e que pelo jeito que a Pamela falou e pelo temor em sua voz, parecia estar mal. Talvez muito mal.

Ela estava muito nervosa ao final da ligação, exatamente quando eu tinha

dito que estaria lá o mais rápido possível, como se ela tivesse transmitido a notícia e depois havia se permitido ter um colapso emocional.

Meu Deus, Dev, o que você fez? Você está bem?

E me apoiei na janela do táxi, punhos apertados e, pela primeira vez na minha vida, rezei pelo meu amigo.

— Nós estávamos indo para o lugar — Pamela disse, tomando seu chá.

— Que lugar? — eu disse. — O que aconteceu?

— Hotel Hilton — ela disse. — Em Mayfair.

Ah, não! É claro. The Golden Joysticks. Era hoje.

Essa era minha grande surpresa. Meu sinal de paz. A Zoe tinha feito algumas ligações, e dois ingressos para a grande festança de *video game* do ano tinham sido assegurados.

Ele parecia animado nesta mensagem: *Obrigado, obrigado, obrigado! The Golden Joystick! Uma referência aos seus primeiros momentos como parte do mundo GamesMaster! Adivinha quem eu vou convidar… Você nunca vai saber!*

— Nós estávamos indo para a estação de metrô — Pamela disse, seus olhos nos meus — e Dev, ele viu uma garota, talvez catorze anos, ela andava na sua bicicleta, mas ela estava… É…

Ela fez gestos com as mãos.

— Balançando? — eu tentei.

— De um lado para o outro — ela disse, acenando com a cabeça. — Ela estava *balançando*, ela tinha sacolas na bicicleta, de lojas…

Eu fiz com que ela se sentasse na cadeira de plástico azul. Eu podia sentir suas mãos tremerem.

— E ela caiu, tombo feio, e ouvi seu sino quando ela caiu, e ela fez um barulho. E suas sacolas se espalharam por todo lugar, mas sua perna ficou embaixo da bicicleta e ela… Bem…

— Entrou em pânico?

Ela balançou a cabeça, e eu tinha começado a suar, sentindo a pressão do momento.

— E veio um carro, rapidamente, muito rápido, e agarrei o braço do Dev, mas ele começou a correr… Ele puxou a garota da bicicleta, mas o carro veio rápido, e o Dev estava lá e…

Ela juntou as mãos.

— Ele girou — ela disse. — Bateu! Sua perna está rasgada, Jason, muito sangue, eu vi seu osso e…

Ela não conseguia encontrar as palavras, mas suas mãos fizeram o trabalho. Eu acho que ela queria dizer “torcer” ou “torceu”; seu osso, o fêmur ou a tíbia ou a canela, torcido no meio de pedaços de pele e sangue, e carro e *jeans*, ligamentos

estendidos e dilacerados, e ficou deitado lá, meu amigo Dev, um amontoado sangrando, inútil e desesperado.

Ela olhou para mim, cheia de descrença de que isso pudesse acontecer, que um carro bateria em um homem que ela conhecia.

— Como ele está? — perguntei, minha mão agora estava tremendo.

HÁ MOMENTOS NA VIDA, dias, mesmo, que podem sufocar os outros num instante. Eles são como uma facada. Afiada, dolorida e dominante, transformando os momentos em um nevoeiro sem graça.

Eu nunca tinha pensado em como seria perder um amigo. Perder o Dev. Que isso poderia ser possível mesmo parecendo irreal, impossível. Ou parecia até aquele momento.

O Dev estava vivo, eu sabia disso. Mas quais fatores fizeram com que isso fosse mudado? Foram 1,6 km a mais, uma fração de segundos a mais para frear, três ou quatro centímetros para a direita ou para a esquerda? Mas o pensamento primordial e o sentimento que eu simplesmente não podia evitar era… De admiração.

— ELE PERDEU MUITO SANGUE — o médico disse, mais ou menos da minha idade, mas exausto e nem um pouco a fim de um papel no *Holby City* nesse momento. — Foi uma batida horrível.

Horrível quanto? Eu queria perguntar, mas ele não tinha terminado e, em situações como essa, você quer adiar as más notícias o máximo que puder. Deixar o médico contar sua parte: ele fez isso antes; ele sabe o que está fazendo.

— A perna dele está bastante deformada — ele disse. — Há lacerações, fraturas múltiplas, alguns músculos machucados…

Eu comecei a me sentir mal. A voz do médico era suave mesmo quando as palavras ficaram mais duras.

— O tendão da perna dele se rompeu, receio. Nós tivemos que…

Eu comecei a ficar abatido.

Chega.

— Ele está bem? — eu perguntei. — O Dev está bem?

Quatro horas mais tarde, a Pamela tinha saído rapidamente para ir ao KFC, mas eu não consegui tocar na comida. Muito osso. Muita gordura escorrendo, tão morna e oleosa.

Pamela chupou os ossos até ela me ver, tão cinza quanto o chá na minha mão.

Então a pancada da porta.

— *“Levante-se do seu túmulo!”* — foi a primeira coisa que ouvi enquanto Dev era trazido para o quarto de cadeira de rodas por um homem que ele orgulhosamente nos disse ser Charles, seu novo melhor amigo. Eu pude ver no crachá do Charles

que seu nome era Phil.

A perna do Dev estava com gesso, seu rosto inchado e ensanguentado, mas ele parecia estranhamente feliz.

— Eu quebrei a perna feio! — ele disse, mexendo no seu chaveiro. — E outras coisas.

— Dev — eu disse. — Você tem ideia do que você *fez?*

— Se você não puder salvar uma vida de vez em quando, o que você *deve* fazer?

— Mas você salvou! — eu disse. — Você salvou uma vida! Você é um herói!

— Eu não usaria essa palavra — ele disse, graciosamente —, mas você deve sempre se sentir à vontade para usá-la. Olá, Pamela.

— Dev — ela disse. — *Obrigada.*

Nós não sabíamos bem por que ela o estava agradecendo, mas nós concordamos, pois parecia bastante positivo.

— Carro maldito — ele disse. — Um Vectra! O sujeito estava no telefone. Não me viu até no último segundo. Ele conseguiu desviar, mas me pegou bem no… *É*. No…

— Na perna — Pamela disse, utilmente.

— É. Na perna. Nessa aqui.

Ele apontou para o gesso.

— *E* nós perdemos o maldito Golden Joystick — ele disse, balançando a cabeça. — Essa é a tragédia da qual estou falando. As enfermeiras não parecem se importar. Maldito Sistema Nacional de Saúde.

— Nós vamos no ano que vem — eu disse.

— Será que a gente ainda consegue pegar a festa depois da premiação?

— Você quebrou uma perna, cara — eu disse. — E tenho quase certeza de que você está sob efeito de morfina.

— Na verdade, eu *estou*! — ele disse, acenando com a cabeça. — Está me dando uma sensação extraordinária de bem-estar. A gente poderia levar um pouco para casa. A Abbey poderia fazer umas omeletes com isso. Eu me pergunto qual é a número um nas paradas.

Eu analisei a situação.

— É melhor eu deixar você descansar — eu disse, e Charles concordou, como se eu fosse um gênio da medicina e pudesse esperar meu PhD chegar por uma entrega em domicílio especial na manhã seguinte. — Você precisa de carona para algum lugar, Pamela?

— Eu fico — ela disse, e Dev tentou dar uma piscada sutil, que foi tão sutil que até as pessoas na Alemanha viram.

Na porta, exausto, feliz e aliviado, eu virei.

— Você sabe o que isso significa, Dev?

— Sim, senhor. Eu vou precisar de cuidado 24 horas!

— Significa que você *fez* alguma coisa, Dev.

Ele levantou a cabeça.

— Houve um momento, e eu o agarrei.

CHEGUEI EM CASA perturbado naquela noite. Eu poderia ter perdido o Dev, era só no que eu pensava.

As pessoas ao seu redor *são* você. Elas dividem a sua história. Elas podem até escrevê-la com você. E quando você perde uma, não há dúvida de que você perde uma parte sua.

Então, me sentei na frente do computador. Tentei elaborar um e-mail. Tentei colocar em palavras o que eu estava sentindo. Eu queria pedir desculpas, desculpas *sinceras*, desculpas por *tudo*, e fazer promessas, ficar numa boa novamente, e tê-la de volta na minha vida mesmo apenas como uma colega.

Mas havia muito para ser dito.

Então, pensei por um segundo, e fui ao Facebook, onde mandei um convite de amizade para a Sarah.

E aquelas três palavras, eu tinha esperança, diziam tudo.

“A cozinheira não tem que ser uma mulher bonita.”

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Os comentários de vocês têm sido muito engraçados.

Eu sei que não conto muito. Nomes de lugares, eventos, é verdade; não muitos nomes. E me desculpem, mas ainda não posso contar qual é o meu grande plano.

Mas talvez, se você estiver seguindo esse blogue desde o início, você pode ter adivinhado.

Eu estava sentada no ônibus essa manhã pensando em tudo isso. Deve ter acontecido algum acidente lá na frente, ambulância, polícia, alguém em uma motocicleta, eu acho, os curiosos esticando seus pescoços para conseguir um relance de qualquer coisa. Estou lentamente chegando à conclusão de que eu deveria parar de ansiar pelos momentos que já se foram e começar a agarrar o agora.

É assim que você diria? “Agarrar”? Parece estranho, mas não achei outra palavra.

Falando nisso, um homem com segundas intenções se sentou bem perto de mim no ônibus e esbarrou acidentalmente sua mão na minha para que, então, ele pudesse se desculpar e dizer “Uau, você sentiu isso? A eletricidade!”. Mas talvez

seja um testamento para o meu estado de espírito no momento que meu primeiro pensamento foi “Espero que eu não pegue nenhuma doença”.
Acho que a cara que fiz deve tê-lo feito desistir da sua próxima jogada, pois ele ficou quieto e até me senti um pouco mal por isso.
Então, eu tive outra conversa com HR sobre a ideia.
Aparentemente, há “maneiras e meios”. Minha mãe sempre elogia meu lado prático; era o meu pai que gostava dos riscos que eu assumia. Mas com o ano que tive… Com meu pai, com “ele”…
Eu não guardo nenhum ressentimento contra “ele”, falando nisso. Pois realmente, pensando nisso agora, talvez tenha me deixado mais forte. Eu não estaria me perguntando se eu deveria fazer alguma coisa, ou sair de lá, sem ter o ano que eu nunca tinha escolhido.
Você pode se curvar, na vida, acho, ou você pode se dobrar e desdobrar.
Pensei na minha câmera de novo essa manhã enquanto descia do ônibus perto da Charlotte Street. Será que eu teria revelado aquele filme ou aquelas memórias? Sim. Em um momento de fraqueza. Mas gosto de pensar que teria sido forte e *escolhido* não revelar.
É o ano de fazer minhas escolhas. Mas: será que vou conseguir?
Talvez eu esteja apenas na vibração do fim de semana, mas se estiver, prometo ser bem mais aberta com vocês. Certo? Vocês merecem isso. E vou dividir um segredo embaraçoso como penitência pelo meu sigilo em um ato abnegado de amizade com relação a vocês.
Eu posso até contar a vocês o meu nome.
Sx

CAPÍTULO 24
OU “AS CRIANÇAS VÃO PARA ONDE EU MANDÁ-LAS”

O FIM DE SEMANA tinha acabado e eu estava curvado sob o peso de livros enquanto descia pelo corredor em direção à sala 3Gc novamente. Havia um silêncio estranho enquanto eu caminhava.

— Oi, senhor, você está fazendo acontecer? — Trey Stoddard gritou.

— Dá o fora! — eu disse, porque sou professor substituto e ninguém me contou que eu não poderia falar isso.

Trey bateu sua mão na coxa e riu, e então correu para contar aos seus colegas.

— Jason — disse uma voz atrás de mim, se aproximando. Era a Sra. Woollacombe. — A Laura está procurando por você.

Laura? Sra. Abercrombie? Para quê? Para me oferecer mais trabalho? Ou para me dizer que meu trabalho aqui havia se encerrado? Eu tinha um contrato com a St. John’s, mas nunca houve nenhuma indireta de que ele estivesse ameaçado. Eu suspirei. Se o trabalho aqui acabasse, haveria outras escolas para mim, outros rostos, viagens mais longas, noites mais curtas.

— Dou uma passada para falar com ela no intervalo — eu disse.

As crianças estavam sendo legais hoje. Eu gostava de pensar que talvez eu os tivesse acalmado com minha sabedoria durante aquela palestra, mas era mais provável que eles estivessem cansados da aula de Educação Física. Eles estavam atentos, aliás, e quando pedi para que abrissem os livros, eles fizeram sem protestar ou se lamentar, e agora nós nos sentávamos em silêncio e eu os ouvia ler.

Então, sem avisar e do nada, um barulho lá fora. Estremeci e rapidamente me recompus.

Tinha sido alto e rápido. O escapamento de um carro, talvez, ou a batida de uma tampa de lixo, ou algum outro tipo de estouro ou estrondo. Umas duas crianças olharam para fora, levantaram o pescoço para olhar para cima e para baixo da rua, mas meus olhos se voltaram para a janela.

Nada.

Eu olhei de volta para a classe, já tinham voltado aos seus livros.

Voltei para o trabalho também.

— BASICAMENTE, você foi um estouro — a Sra. Abercrombie disse. — Um estouro forte e alto. Bom trabalho e obrigada.

— O que você quer dizer? — eu disse, genuinamente confuso.

Talvez as crianças tivessem feito uma votação e decidiram que eu fui excelente.

— A inspetora — ela disse — amou sua palestra. Disse que você transmite inspiração. Disse que você teve um domínio sagaz quanto à linguagem das crianças, e você usou disso para motivar. Ela disse que ficou impressionada com o seu esforço, já que a maioria das pessoas apenas imprimem algo da internet e leem.

— Bem, quero dizer, tinha começado assim, mas decidi acrescentar umas coisas, você sabe. Colocar um pouco de experiência pessoal. Fazer disso algo um pouco anedótico.

— O Sr. Cole fazia isso com o seu Arsenal.

— Eu ouvi dizer.

— Eu deveria agradecer o Sr. Willis também. Ele disse que foi ideia dele que você fizesse a apresentação.

— Ah!

— E Deepa Dristi, você a conhece?

Balancei a cabeça. Ela era aluna do último ano.

— Ela disse à inspetora que momentos como aquele davam esperança para ela.

Caramba. Eu imaginava como ela dever ter falado isso também. Com aquele drama inocente. Ela estava sempre prestes a fazer testes para *Hollyoaks* se a universidade não desse certo. Ela deve ter me feito parecer bom, ainda que de uma maneira *Hollyoaks.*

— Tanya Myers é o nome da inspetora. Ela gostaria de mencionar que, na verdade, há um ator que tem o seu nome.

— É? Eu não sabia.

— E ela queria falar com você depois, mas você tinha ido…

— Bem, meu melhor amigo foi atropelado.

— Ah… — disse a Sra. Abercrombie. Ela não estava esperando por isso. Para ser sincero, eu deveria provavelmente ter sido um pouco mais gentil, mas tudo isso tinha sido um pouco inesperado. Ela provavelmente estava se perguntando como lidar com aquilo.

— De qualquer forma — ela disse, o que foi uma boa alternativa —, dá uma ligada para ela.

Ela me entregou um cartão.

Algumas noites depois, do lado de fora do Den, os carros espirravam água em uma Cally molhada e sombria. Algumas crianças estavam debruçadas em uma das varandas dos apartamentos do outro lado, tentando pegar a chuva com as

mãos para espirrar em seus colegas.

Pamela tinha levado o Dev em sua cadeira de rodas até a Power Up!, para que pudéssemos dar nosso adeus. Parecia o certo a fazer. Dev se enrolou, se espremeu contra a parede do pub para se proteger e olhou para mim.

— Eu sei que não estamos aqui para pedir desculpas, cara — ele disse. — Mas me desculpa. Eu só queria que a loja continuasse, pois eu achava que esse fosse meu sonho, mas um dia olhei para ela e percebi que você pode se adaptar com o que tem, sabe? Eu não deveria ter te contado, mas eu só estava pensando em mim, e pensei "Bem, o que quer que aconteça, nós iremos para outro lugar". Mas aquilo foi imbecil e egoísta. Eu praticamente me esqueci de que era a sua casa também. Eu me senti como um pai ou algo do tipo, certificando-se de que seu filho não se preocupasse à noite.

— Tá tudo bem — eu disse. — Eu precisava de um empurrão. Caso contrário eu provavelmente nunca teria me mexido. Nós teríamos sido colegas de apartamento para sempre.

— Teria sido legal.

— Teria sido estranho.

— Não, mas… O outro negócio que eu falei também. O negócio da Garota…

— Shona?

Ele parecia estupefato.

— O que isso quer dizer? O que significa Shona?

— Shona é Joan em escocês — eu disse — e é também o nome de um povo e uma língua no Zimbábue. Mas continua. O que tem A Garota?

— Bem, só estou dizendo que eu estava um pouco inconsequente quando eu… Espera aí, o que você estava dizendo, sobre esse negócio de Shona?

— O nome dela é Shona.

Levantei minhas sobrancelhas, acenei e dei de ombros. Ele levou um segundo, mas então abriu um sorriso enorme do tipo do Dev, e tentou dar um tapa no meu ombro, embora tenha sido difícil de uma cadeira de rodas.

— Você descobriu o nome dela? Como você descobriu o nome *dela*?

— E adivinha o que ela dirige.

— Não! — ele disse, sem acreditar.

— Eu até a vi uma noite, na verdade, na Poland Street.

— Você a viu?! Cara, é o destino de novo!

Eu ri.

— Vamos beber alguma coisa — eu disse.

— Não! Jase! Vamos lá! Olha a evidência!

— Dev — eu disse. — Eu acho que o que devo fazer é trabalhar com o que

já tenho. Sem perseguir o que eu não tenho. É isso que quero fazer acontecer. Faz sentido?

Ele pensou. Eu sabia que ele queria falar mais e me convencer a agir. Mas eu também sabia que tínhamos superado isso.

— A gente deveria ir — eu disse. — Vamos nos atrasar.

A GENTE PODIA ver o quadro de avisos na parte de fora do Old Queen's Head quando viramos a esquina.

Música ao vivo hoje à noite.
Abbey Grant.
E embaixo: "Imperdível" — Brighton Argus.

Essa foi boa, Abbey.

O Matt tinha falado tudo com o seu chefe, Jerry, mas era uma quinta-feira e ele entrou em pânico.

— Ele só me deixou fazer isso porque é quinta-feira e as quintas-feiras são calmas… Todo mundo vai para o Brown's descendo a rua. Eu distribuí panfletos e informações e tudo, mas e se ninguém vier?

Mas eles vieram. Eu tinha me certificado de que viriam. Eu tinha ligado, mandado mensagem, perseguido Deus e o mundo no Facebook. Eu era o promotor do show apenas por uma noite.

Dev e eu, é claro, nos juntamos com a Pamela e dois amigos dela em uma mesa no canto.

E então Pawel, Thomas e Marcin do tornozelo.

A Zoe veio com um "Pelo menos eu vou ver se ela vale cinco estrelas!", seguida do Clem, da Jo e da Sam. Eles tinham acabado de ficar sabendo que o *London Now* fecharia no final do mês. Mas eles tinham recebido garantias, poderiam descansar por algumas semanas, foram prometidos empregos dentro da empresa.

— Um bom acordo, na verdade — Clem disse. — Umas férias curtas.

— Como está a comédia? — perguntei.

— Estou frustrado com isso — ele disse. — Houve um incidente com relação ao que eu considero uma conspiração abominável dentro do painel de jurados na competição *"Ha-hamageddon" da New Act of the Year.*

Eu não perguntei.

E então: a grande surpresa.

Atravessando a porta, de mãos dadas: Sarah e Gary.

— Não acredito que você veio! — eu disse.

— Eu não ia vir — Sarah disse, e percebi que o Gary apertava a mão dela. — *Nós* não íamos vir. Mas então percebi: todos os nossos encontros têm sido sob muita pressão. Sabe? Como se estivéssemos sempre tentando dizer o não dito.

Achei que seria legal fazer alguma coisa… Normal. Assistir a um show, ou alguma coisa. Como amigos. E você parece bastante entusiasmado com essa garota, pelo volume de lembretes que você enviou para todo mundo. Quem é ela?

Ela tinha me feito esperar, a Sarah. Deixou um ou dois dias. Eu sabia que ela estava on-line. Eu sabia que ela havia recebido a mensagem no momento em que havia sido enviada.

Jason Priestley enviou um pedido de amizade…

E então ela teria dito sim. O perdão em um clique.

— E aí, irmão — Gary disse, friamente, e tentei sair dali. — Belo truque.

— Gary, eu…

— Não, não, eu entendo. Você estava entediado. Você queria animar uma festa quadrada. Eu entendo. Você está nas drogas agora?

— Eu não estou nas drogas. Nunca estive nas drogas.

— É melhor que não seja música psicodélica hoje à noite.

— Não é, prometo. Olha só, deixa pegar um bebida para vocês.

— Suco de laranja para mim — Sarah disse, e olhei para a sua barriga e fiquei feliz por ela naquele momento, de uma maneira que meses atrás eu não conseguiria.

— Claro — eu disse e fui ao bar.

— Bem, isso é esquisito — Zoe disse, com os olhos fixos na sua bebida. — Eu deveria ir embora. — Não vá — eu disse. — O que aconteceu foi minha culpa. A Sarah sabe disso. E ela sabe que você me ajudou, me ajudou a superar. Ela acha que tudo acontece por algum motivo e…

E rapidamente, rápido até demais, a Sarah estava lá.

— Eu posso adivinhar sobre o que vocês dois provavelmente estão conversando — ela disse. — Eu sabia que você estaria aqui, Zoe.

— Oi, Sarah. Olha, posso ir embora e…

— Eu não culpo você pelo que aconteceu. Eu gostaria que a vida não fosse da maneira que ela é às vezes, mas somos adultos, e estou grávida e prestes a me casar, e estou exatamente onde eu quero estar. Então vamos agir como se o mundo fosse um lugar maravilhoso, mesmo que seja apenas por uma noite. Pois eu estou em um lugar legal agora. E é um lugar realmente bom.

E eu olhei para a Sarah, e me perguntei se um dia eu seria tão adulto ou tão prático como ela.

O APLAUSO PARA A ABBEY quando ela entrou foi extasiante.

De quase todo mundo.

— Você está brincando? — Sarah perguntou, com o rosto atordoado, curvando-se em minha direção enquanto o Gary parecia espantado. — Você está

brincando comigo!? *Ela!?*

Eu tinha me certificado de que a Abbey teria um ambiente cheio de amigos, quer ela os conhecesse ou não. Era como se nós tivéssemos decidido naquele momento que ela pertencia a nós. Eu tinha me esquecido no meio do meu entusiasmo que talvez a Sarah e o Gary pudessem se lembrar dela com qualquer outra coisa menos afeto.

— Olha, ei, a culpa não foi dela, foi minha — eu cochichei, rapidamente. — Vamos todos agir como se o mundo fosse um lugar maravilhoso, e…

Mas a Abbey fez o resto para mim.

— Eu teria dedicado essa primeira música a alguém que significa muito para mim, apesar da minha intromissão. Mas ele se intromete também. Não me leve a mal, eu não estaria aqui se ele não tivesse se intrometido, mas eu me intrometo mais. E, sendo assim, acho que, na verdade, seria melhor se eu dedicasse essa música a um casal muito amável e sortudo que se casará em breve e cuja festa de noivado eu consegui, sozinha e *majestosamente,* estragar. É sobre amor verdadeiro, e não sobre cobranças.

E ela começou a tocar. E, alguns minutos depois, eu olhei e o Gary estava acariciando a barriga da Sarah e ela estava apertando sua mão.

MAIS TARDE, eu estava na ponta de uma mesa longa no Talk of India.

Dev estava do outro lado, dando ordens rudemente, enquanto a Pamela olhava, orgulhosa. Acontece que, como gerente de loja, Dev é perdido. Mas como gerente de *pessoas*, ele é, vamos dizer de uma maneira cordial, surpreendentemente proativo.

Eu lancei meu olhar pelo lugar.

Pawel estava se empanturrando de comida, Abbey e Matt estavam brindando, e eu comendo com a Sarah e o Gary. Do jeito que eles queriam. Como amigos, em uma noite normal.

— Vocês devem estar animados — eu disse. — O casamento é na próxima semana.

— É, queríamos falar sobre isso — Sarah disse, e Gary passava a mão nas costas dela, gentilmente, de maneira adorável. — Você ainda está livre?

Ah…

— Eu estou… Sim. Eu estou…

— Porque se você estiver livre, queria que fosse. Tem sido difícil, esse ano, com você. Mas eu acho que você deveria ir, porque, se você não for será como um ponto final. Um fim para as coisas. E não vamos fazer disso um ponto final. Vamos fazer disso… Uma vírgula.

— Ou uma reticências — Gary disse, divertindo-se com a palavra.

— O que você acha disso, Gary?

— Não gosto muito — ele disse. — Eu tive que comprar tapetes novos para o carro, como você sabe. Mas eu estou com a Sarah. Não faz sentido fugir. As coisas mudam. As *pessoas* mudam.

Ele fez uma cara de sábio. Eu, na verdade, nunca tinha ouvido essa frase na vida real.

— E também — Sarah disse, percebendo o que eu estava pensando e me controlando para não rir. — Olha só, sei que tem sido difícil me ver seguindo com a vida. E eu disse umas coisas pesadas para você. Foi de propósito. Completamente de propósito. E mantenho minha palavra!

Eu sorri.

— Mas me arrependo. Você sabe, aquilo sobre as palavras-chave para a sua vida.

— Ah, é! — eu disse. — Digite fracasso, arrependimento, egoísmo e arrogância no Google e você vai me encontrar!

Ela sorriu, sem graça.

— Eu não…

— Estarei lá…

— Ótimo! — Sarah disse, agradecida por estar seguindo em frente. — No mínimo você assistirá a um desastre maior do que a festa de noivado.

Eu ri.

— Não estou brincando — ela disse. — Nossa banda cancelou.

— O nome é Abba-solutely — Gary disse. — Eles conseguiram um show em um cruzeiro.

— Além disso, a empresa encarregada pelo nosso buffet parece achar que vamos nos casar no ano que vem e não na semana que vem.

— Não tenho culpa! — Gary disse. — Eu fico com a primeira, mas não com a segunda. Esta é da Anna.

Eu bati na mesa com alegria.

— A Anna criou confusão?

Ah, isso era ótimo! Até o Gary me deu uma olhada com satisfação.

— De qualquer forma, eu tenho tudo sob controle — ele disse.

— Nós não vamos contratar o Greggs — Sarah disse. — Eu não vou fazer meu casamento com comidas e bebidas do Greggs.

— A comida é boa!

Por cima dos ombros deles, enquanto eles brigavam, percebi que o Dev sorria para mim. Ele levantou seu copo em minha direção, e eu acenei e olhei de volta para a Sarah.

— Olha só — eu disse. — Eu sei que vocês não têm por quê, mas acham que poderiam confiar em mim pela última vez?

— Então, você gravou suas coisas? — Matt perguntou, enquanto eu caminhava de volta para o restaurante. Eu estava lá fora, no telefone, fazendo umas consultas. Quase todo mundo tinha ido embora, apesar de o Pawel ainda estar calado mastigando todo o *naan*, um pão indiano que havia sobrado.

— É, você sabe, no meu quarto — Abbey disse, com uma mão segurando o copo e a outra tirando a franja dos olhos.

— Eu já vou, pessoal — eu disse, mas era como se eu não tivesse dito coisa alguma.

— Estou fazendo um curso. E, então, nós precisamos de pessoas para gravar nosso projeto final.

— Ah.

— Então, assim, se você precisar de um produtor, eu estou aqui — ele disse. — Quero dizer, eu comecei agora, mas…

Ele estava ficando vermelho.

— Vejo vocês depois, certo? — eu disse.

— Nós temos um estúdio e tudo mais — Matt disse. — Poderíamos conseguir outros músicos. Ou poderia ser só você e seu violão.

— Eu ia amar — Abbey disse. — Claro.

Fiz um barulho de tosse, como aquele que eles fazem nos programas de TV ou nos filmes, para sutilmente fazer com eles me notassem.

— Assim, som natural. Nada forçado. Então você pode ouvir o lugar, se entende o que quero dizer. Do jeito que foi hoje.

— É — ela disse, animada —, pois o lugar faz parte disso. O mundo inteiro faz!

E sorri e os deixei conversando, e eu estava satisfeito quando vi que eles mal me viram sair.

E *esse* deveria ter sido o final da história: eu, saindo do restaurante, tendo feito as pazes com a Sarah, tendo criado um plano para realmente ajudá-los, tendo assistido meu amigo Dev, um *herói*, assumir o controle de um negócio novo e talvez de uma vida nova, Matt e Abbey sem saber que estavam a algumas horas de se beijarem, rodeado de amigos que havia ajudado e que eu sabia que, com certeza, sempre me ajudariam. No controle das coisas. Concentrando-me naquilo que eu tinha, não buscando o que eu não tinha.

E teria sido um final legal, de amizade e *curry*, e talvez até de um vislumbre da esperança que eu sempre disse a mim mesmo para evitar. Acho que, na verdade, pensei que eu não a merecia.

Certo. Esse deveria ter sido o final.

Se não fosse por uma última coisa.

CAPÍTULO 25
OU “ÀS VEZES A CABEÇA MUDA”

Sarah Jennifer Bannett tornou-se Sarah Jennifer Temple num sábado, dia 26 de novembro, às 14 horas precisamente, e acredito que a saliência na sua barriga mudou de sobrenome praticamente na mesma hora.

Ela parecia radiante.

É, eu sei. Uma palavra óbvia para escolher e certamente usada demais, mas olha só, você não estava lá; é a mais precisa, e é uma palavra que fico contente em dizer que posso usar com a generosidade e o conforto de um ex agora completamente sem ciúmes.

Ela tinha permitido que eu levasse alguém, e obviamente convidei o Dev. Quem é melhor para convidar para um casamento do que um homem socialmente esquisito com uma perna quebrada de quem você pode passar o dia inteiro cuidando?

Mas outra pessoa tinha ajudado com a organização hoje também e ganhou passe livre.

— Eles estão prontos! — Abbey disse, e percebi que o Matt estava aqui também, parado bem atrás dela, timidamente. A mão dela foi de encontro com a dele e ele olhou para o chão. Uau. Ele era oficialmente um algo a mais.

— E aí, cara — eu disse, e pensei que ele fosse responder “Olá, senhor”.

Eles ficavam bem juntos.

Eu aceitei a sugestão da Abbey.

O DJ estava tocando Chumbawamba e os amigos do rugby do Gary estavam se divertindo um pouco demais, então acenei para ele parar.

— Senhoras e senhores! — gritei no microfone, e as pessoas viraram, algumas delas gritando embriagadamente “Olá” de volta. — Bem… Meu nome é Jason Priestley…

Uma mulher riu por causa disso.

— … E eu sou o ex-namorado da Sarah!

Algumas zombarias e suspiros profundos.

— Você chegou tarde demais! — gritou o padre, que estava ficando levemente bêbado no canto, e todo mundo riu.

— *Homem com cara idiota!* — alguém gritou com bastante animação, e a resposta foi mais silenciosa. Tentei descobrir quem tinha sido, caso eu respondesse com alguma coisa engraçada. Foi Michael Fish, o homem do tempo.

Eu continuei.

— Espero que estejam aproveitando o buffet um tanto quanto diferente essa noite… A experiência única de um jantar ítalo-indiano preparado de última hora pelos nossos amigos do Abrizzi's, por causa daquela fatia *mágica* de pizza do paraíso, e do Talk of India na Brick Lane.

Não tive a intenção, mas olhei diretamente para a Anna quando disse isso. Ela evitou os meus olhos, envergonhada.

— Está tudo *perfeito*! — Sarah gritou, começando a aplaudir. Dev levantou suas mãos para tentar tirar proveito disso, mas ele estava sentado em sua cadeira de rodas e ninguém conseguiu vê-lo, então ele parou. Um dos garçons apontou para ele e riu.

— E como um último presente especial… Bem, era para a gente estar se divertindo com as músicas da banda favorita do Gary, Abba-solutely…

Eu pude ver os amigos indecentes do rugby do Gary empurrando o braço dele e rindo dele, como se ele fosse um amante do Abba.

— … Mas, infelizmente, eles estão em um cruzeiro com a P&O de sete dias para Lisboa. Então, diretamente de Brighton…

Eu olhei para a Abbey. Ela sorriu. Mas, nessa noite, não seria ela que se apresentaria. Por trás dela, eles começaram a entrar no palco. Uma garota perto da parte da frente ofegou.

— … Prontos para lançarem o primeiro álbum.

Alguém se aproximou e tirou uma foto, então deu uma olhada na câmera para se certificar de que eram eles realmente.

— Você os deve ter visto no *Wake Up Call* hoje de manhã quando Estonia Marsh *se declarou* para eles.

Mikey me deu um abraço. Eu era *descolado*.

— Sarah e Gary, o casal mais feliz, apresenta para vocês… *The Kicks!*

E a multidão ficou enlouquecida.

Até mesmo as pessoas que literalmente não tinham nenhuma ideia de quem eram aqueles jovens ficaram, e, vou ser sincero, apesar da minha propaganda impressionante, aquilo tinha sido quase tudo, bem, eles ficaram enlouquecidos também.

E instantes mais tarde, na pista de dança, enquanto "Uh-oh" enchia o lugar, a Abbey estava lá, e ela arrastou o Matt… E me virei, e Pamela estava lá, rodando o Dev na sua cadeira e rindo.

E eu peguei a câmera uma última vez, e olhei para ela. Restava uma foto.

Seria esse? O momento para registrar?

O filme da Garota tinha começado em um casamento. Tudo estava levando a crer que o meu terminasse em um.

— Dança, Jase! — Abbey gritou. — A vida é *boa!*

Clique.

— Muito legal o que você fez, meu amigo — Dev disse, no terraço na parte de fora. Ele estava com dificuldade para acender um charuto, mas fingia que não estava. — Uma coisa muito legal de fato. Parece que você está indo em direção à Segunda Fase.

— Segunda Fase?

— A próxima fase. O futuro. Mudando para seu novo apartamento em duas semanas, essa é a Segunda Fase. E a Primeira Fase é o presente. Do jeito que o vejo, toda vez que você tiver que lidar com alguma coisa, negócios pendentes como a Sarah e o Gary, ou A Garota, você está preso na Primeira Fase. É raro ficar na Segunda Fase, pois sempre há coisas acontecendo, sempre superposições, sempre alguns chefões malvados no final da fase para parar você… Mas *você*, meu amigo… Você deve ter acabado de subir um nível!

Eu sorri.

— Bem colocado.

Ele olhou fixamente para a escuridão.

— Como em um *video game* — ele disse.

— Então você está comparando a vida com um *video game*, sim.

— Não, espera aí, talvez você tenha que jogar novamente uma fase para se certificar de que fez tudo o que precisava. Ou no *Call of Duty*, quando você passa para o nível Prestígio, sempre há…

— Eu não acho que deva esticar a metáfora com *video game*s mais do que você já fez. Acho que você deve salvar e sair. Mas entendi o que você disse. Subir de nível. Acho que essa é a beleza extraordinária de perder seu apartamento e seu emprego e sua namorada.

— É exatamente isso — Dev disse, pensativo. — Exatamente.

— Então, eles me pediram para falar na conferência local dos professores — eu disse, timidamente.

— Quem pediu?

— Os gurus do ensino. Essa inspetora assistiu à minha palestra e a chamou de “inspiradora”.

— Que ótima notícia, cara! Perfeito!

— E eu comecei a enviar algumas coisas para revistas. Ideias para artigos, e coisas, sabe? E uma coluna…

— Uma coluna? Uma coluna precisa de um bom nome.

— Eu tenho um bom nome: E Outra Coisa!

— É um bom nome, embora eu me preocupe que você coloque um ponto de exclamação no final.

— O fato é: eu não me sentia corajoso o suficiente antes. Demorei para

começar a me sentir seguro novamente. Mas eu pensei: enfrente a situação. É assim que as coisas acontecem, não é? Foi assim que conseguiu a Pamela, não foi?

Dev fez uma cara meio esquisita.

— O quê? Que cara é essa?

— É, Pamela e eu. Não tenho certeza se as coisas vão dar certo comigo e com a Pamela.

— O quê? Por quê?! Você colocou todo o seu esforço nisso!

Na verdade, olhando para ele, sentado lá, acho que ele tinha colocado esforço um pouco demais. O Dev abaixou sua voz a um quase sussurro.

— Ela é absolutamente amável, correta, mas quando você conversa adequadamente com ela, você vê que ela é, na verdade, uma mulher chata.

— Ah.

— O Pawel estava certo.

— Entendo.

— Além disso, ela tem namorado.

— Ah.

— Mas eles estão dando um tempo.

— Entendo.

— Mas sugeri que ela não desse um tempo muito longo. É uma história longa e complicada. Mas acho que nós nos damos melhor como amigos.

Uau. Amigos. Isso era maduro. Talvez o Dev tivesse encontrado um pouco da Segunda Fase também.

Bem, eu acho. É isso, então. Nós tivemos sucesso. O casamento tinha sido bom. E o Dev estava certo. Era hora de seguir em frente.

Mas então: “Uma outra coisa. Tem uma outra coisa, não tem?”.

— E o que é isso?

— Ah, sem essa — ele disse, e então veio à tona. — Não tem alguma coisa a mais que você precisa ajeitar na Primeira Fase antes de passar para a frente?

— Jason desistiu completamente de uma coisa que ele estava fazendo — Dev disse para Pamela, e ela se sentou, intrigada.

— Por que você desistiu? — ela disse.

— Tinha a ver com esperança — eu disse, tentando não parecer pretensioso, mas sim fracassado. — E percebi que, na verdade, a melhor maneira de viver a vida não é apenas tendo esperança. É como a Sarah diz: você olha para o que é prático e faz isso no lugar.

— Dar o seu melhor nas coisas? — Matt perguntou, batendo no seu cigarro Silk Cut.

— É! Exatamente. Dar o seu melhor.

— Nada de “fazer acontecer”, então?

Fui pego de surpresa.

— Bem, você pode fazer acontecer dando o seu melhor.

— Dev me contou sobre a garota da câmera — Pamela disse. — É a mesma coisa?

— É, Pamela — eu disse, esperando que as coisas seguissem em frente agora.

— E essa é a câmera? — ela disse, pegando a câmera descartável da mesa.

— Não — Dev disse. — Eu arrumei essa. Para gravar sua pequena viagem. O que tem nela, você sabe? Quando você vai revelar?

— Não sei se vou — eu disse. — Não sei se há motivo.

— O quê? — ele disse. — As lembranças! Você e eu e a pizza em um restaurante italiano, tirada por um homem que tinha um caso com ela! *Aquilo* foi fascinante! E tem você parado todo esquisito em Whitby.

— Havia aqueles sujeitos fugindo depois que eu quebrei aquela cabine telefônica — Matt disse, e a Abbey franziu a testa para ele, confusa.

— O cinema — Abbey disse. — Aquele foi um dia legal.

— O restaurante bacana — Dev disse — com aquelas vieiras. Eu acho que elas ainda estão no meu organismo, para ser sincero.

— Você não tirou uma no cemitério também? — Abbey perguntou, e todo mundo riu, mas eu não estava mais escutando, pois um pensamento estranho e incomum me ocorreu.

— A do cemitério é a mais esquisita — Dev disse. — Por outro lado, há pubs legais, restaurantes legais, um filme legal…

Um pensamento estranho.

Mas que me pegou como um tapa no rosto ou um pisão no pé e eu achava que agora isso não me deixaria em paz.

Eu o analisei novamente.

— Qual era o nome daquele cinema mesmo? — ele perguntou.

Meu Deus.

Meu Deus, espera aí…

— Você sempre disse que as fotos tinham um tema — eu disse para o Dev, tentando demonstrar a urgência na minha voz. — O que você queria dizer com isso?

— Não sei — ele disse. — É… É como se todas as fotos em uma câmera descartável pertencessem uma à outra, pois elas estão todas trancadas lá. Elas são um grupo. Elas precisam umas das outras.

— Você está bêbado — Pamela disse, brincando.

— Não, é verdade — ele disse. — Elas fazem sentido como um conjunto.

Elas são uma coleção. Por quê?

Eu dei de ombros. Não queria dizer. Ainda não.

Porque agora, repentinamente e sem aviso, havia imagens passando como os flashes da câmera.

Viagens que fizemos, coisas que vimos, coisas que dissemos.

Algumas faziam sentido, outras não, mas tudo estava vindo para mim de uma vez.

As vieiras no restaurante, elas vieram para mim.

Damien no parque, de caxemira e cachecol e "Eu disse que mostraria o mundo para ela. Nós conversamos muito sobre isso".

Shona. População: duas.

O carro na parte de fora do grande prédio branco, a fábrica de pele de foca perto do pub…

Dev e seu Nissan Cherry, XFM no rádio, eu olhando em volta: "O mundo inteiro está na Charlotte Street…".

Tudo me atingiu muito rápido.

Meu Deus.

Eu estava procurando por pistas nas fotos. Mas as pistas *eram* as fotos.

O Dev estava certo.

De repente, fiquei inevitavelmente animado. Pela primeira vez em muito tempo, havia aquele frio na barriga, a esperança que eu estava acostumado a combater, a sensação de que alguma coisa podia estar começando em vez de apenas ter coisas terminando.

Mas como começar? Como usar essas imagens, esses momentos, esses flashes?

E, então, eu queria rir. Porque eu sabia como. Nós tínhamos discutido isso, eu e a Sarah, algumas noites antes.

De fato, foi a Sarah que tinha me mostrado como.

Se você digitasse fracasso, arrependimento, egoísmo e arrogância no Google, você encontraria uma foto minha, minha ex-namorada tinha me dito, brava, não muito antes de ela se casar. "Aquelas são as palavras-chave da sua vida."

Acredito que todos temos palavras-chave. Acredito que todos temos um conjunto de características único: o DNA que vestimos do lado de fora e usamos para mostrar ao mundo.

Eu não poderia discordar da avaliação da Sarah sobre mim, baseada num "eu" que ela achava que conhecia. O ex meio rabugento, jogado à sorte, golpeado pela vida, agora nem mesmo morando em um lugar em cima de uma loja perto de um lugar que todos pensavam ser um bordel, mas não era.

Mas eu também sabia que, talvez, minhas palavras-chave tinham mudado.

Mudado graças ao Matt, graças à Abbey, graças ao Dev. Talvez eu precisasse que a Sarah encontrasse o Gary, também, e que tudo acontecesse da maneira como aconteceu. Fazer do passado uma coisa do passado. Algum lugar que você não possa visitar novamente, algum lugar de onde você possa apenas seguir em frente, como tirar uma foto ruim com uma câmera velha e enrolar o filme.

Sempre fui desconfiado com relação à esperança. Mas agora eu podia ver que a desesperança não era o caminho para seguir também. É bom ser surpreendido com coisas boas, é claro. Uma ligação inesperada. Uma conquista inesperada na vida. Mas como é bom também tentar e fazer as coisas boas acontecerem.

E isso era o que agora eu tinha esperança de fazer.

Então, sim, todos temos palavras-chave. Mas suas palavras-chave podem mudar.

As coisas mudam. As *pessoas* mudam. E eu prometo não falar isso nunca mais.

Mas só se tivermos sorte. E aparece normalmente graças a outras pessoas. Não há melhor autoajuda do que autoajuda que vem de outra pessoa. O pequeno grupo ao meu redor me provou isso. Foi provado que podemos sair da frustração e da raiva, da fúria reprimida, contida e aparentemente não manifestada que logo se torna o foco quando canalizada da maneira correta.

O assustado pode se tornar o corajoso. O sem esperança, esperançoso.

Eu já tinha digitado Shona no Google, claro que tinha, você é bobo por perguntar.

Eu tinha pesquisado *Shona London.*

Shona London girl.

Shona London girl eu perdi minha câmera eu provavelmente ando com uma bicicleta velha com uma cesta.

Mas nada, obviamente, além da aparição de cortar o coração de 2,4 milhões de resultados em 0,06 segundos.

Shona, como se vê, não é o nome mais raro em uma cidade de sete milhões.

Mas agora… Agora eu tinha um pouco do DNA dela. Eu tinha um pouco da história dela. As pistas eram focadas e úteis, agora não eram apenas fotos.

Agoras elas eram *palavras*.

Tudo isso estava estampado no meu rosto por muito tempo. A ligação que eu não tinha sido capaz de fazer até pensar nas razões para minhas próprias fotografias: minha *própria* história.

Então, em casa, naquela noite, o casamento celebrado e uma vida antiga definitivamente atrás de mim, fui para o Google e comecei a digitar.

As três primeiras palavras vieram com facilidade.

ALASCA.

Como no prédio.

RIO.

Como no cinema.

OSLO. Como no restaurante.

Eu pensei na passagem no Highgate Cemetery, a passagem egípcia, então…

EGITO.

Eu pensei no pub que Damien havia mencionado que a tinha levado, o momento capturado perfeitamente na minha foto favorita, o cabelo dela balançando com o vento, suas bochechas coradas, a foto na qual eu gostaria de estar…

ADELAIDE.

E então, enquanto minha cabeça começava a girar com as ligações, enquanto os diamantes começavam a brilhar no chão, enquanto eu encontrava meu peixe interior, e exatamente quando eu estava prestes a apertar "procurar", um pensamento me veio — e ri e balancei a cabeça, me lembrei da salsicha, do chá doce e do vestígio da luz de um táxi amarelo e preto de uma janela do fundo e a surpresa de saber que eu estava lá também.

ROMA.

Como no café.

E, finalmente, para preencher a caixa, para completar a jornada…

SHONA.

E *clique.*

"Uma coisa nova não vem para aquela que está sentada,
mas para aquela que viaja."

Provérbio tradicional da Tribo Shona, Zimbábue

Olá.

Meu nome é Shona McAllister.

Tenho 29 anos.

Cresci na vila de Kilspindie, em Perth e Kinross.

Minha cor favorita é amarelo.

Meu objeto favorito é minha bicicleta.

E a minha coisa mais embaraçosa é minha culpa prazerosa. O catálogo completo do Hall & Oates. Não posso evitar. Eu nasci assim, embora perceba que estou sozinha nessa. ("Londres, Sorte & Amor" foi onde tudo começou… Obrigada,

pai.)
E com essa terrível confissão, aqui vai outra, mas uma mais positiva: eu decidi.
Eu vou fazer.
Estou começando a voltar a ser quem eu era.
Shona
x

CAPÍTULO 26
OU “FAZER VOCÊ FICAR”

ELE TINHA PROMETIDO mostrar o mundo para ela.

Isso é o que eu me lembro de Damien ter falado.

E então a história da câmera, batendo foto por foto em uma 35 mm descartável, era a história do relacionamento curto que eles tiveram. Uma viagem do Alasca ao Rio. Uma história documentada em explosões curtas no mais novo blogue *MinhaVidaEmProvérbios*. Um redemoinho, um *tour pelo mundo* de Londres.

Damien era um homem de ideias, é claro. Eu me pergunto se ele lidou com toda a situação como uma estratégia de assessoria. Cada dia com um tema ao redor de um lugar diferente, cada foto acrescentando um ponto para a história. O perfeito conjunto de datas capturadas como uma coleção na mesma câmera descartável que eles tinham adquirido quando se encontraram pela primeira vez. A história de um encontro e uma separação em doze poses, ou menos.

Quanto mais eu lia o blogue dela, mais machucada ela parecia estar. Não havia menção do que ela fazia para viver (apenas “trabalho”, embora eu ainda gostasse da ideia de alguma coisa relacionada a livros, talvez, ou uma universidade), ela também não fez menção de ninguém novo na vida dela, além de um sujeito em um ônibus com o qual ela estava com medo de pegar uma doença.

Mas a história dela e do Damien estava lá, para todos verem, anônima, mas familiar.

Ela era otimista, mas tinha sido ferida. Vou parar de chamá-la de romântica. Ela era realista. Uma realista otimista.

Havia menção à noite em que ela perdeu a câmera, também, eu me arrepiei e o meu coração bateu mais forte. Ela se referiu a mim como “um cara” e “o cara” nessa ordem. Ela tinha voltado para a Snappy Snaps no dia seguinte, o dia que a tinha visto enquanto eu comia minha pizza mágica no Abrizzi’s, e ela se sentou no café mais uma vez naquela noite, afogando suas mágoas em um chá branco doce enquanto eu evitava o meu a uns cem metros de distância.

E ela parecia encantadora.

E eu sabia que isso nunca daria certo.

Porque A Garota, e eu só poderia chamá-la de Shona se eu a conhecesse, decidi, tinha tomado uma decisão. Se alguém não iria mostrar o mundo para ela, se ela não pudesse ver o mundo *com* alguém, então ela veria sozinha.

Ela tinha vendido o carro do pai dela, o FacelVega da sua infância, aquele que ele tinha dirigido para levá-la a Glasgow para ver Take That, aquele que ela herdou de seu pai quando ele morreu, com o qual ela levantou dinheiro. Ela abriu mão de seu apartamento, alertou HR.

Então, que chance eu tinha agora? Quais as chances que alguém tem quando a outra pessoa não sabe da sua existência?

A Garota sairia num sábado de manhã de King's Cross.

Sozinha, pois, assim como eu, ela prefere "olá" a "adeus".

Talvez se eu estivesse em um filme, eu teria descoberto a exata manhã em que ela iria. Eu poderia culpar o impulso, e a urgência e seguir meu coração, por deixar a porta do meu apartamento aberta, ou deixar uma reunião importante no meio, ou sair da festa de casamento da minha ex-namorada, ou um milhão de outros pequenos sacrifícios. Mas eu tinha a semana inteira para esperar, e toda a semana para pensar sobre isso, para mudar de opinião, para decidir aparecer, para fantasiar sobre o que poderia acontecer se eu fizesse isso.

E, então, uma noite, sexta-feira virou um sábado e a manhã estava bem sobre mim.

— Não.

— Você tem que ir em frente.

— Não tenho.

— Segunda Fase. Você tem.

— Não tenho, Dev.

— Tem, Jase.

— Não tenho, Abbey.

— Você deveria, então.

— Mas eu não consigo.

— Você deveria "Fazer Acontecer", Sr. Priestley.

Eu me sentei na cozinha, minhas caixas arrumadas ao redor, prontas para a mudança, prontas para a Segunda Fase, e observei a chaleira ferver novamente e novamente no tique-taque no relógio.

Eu tinha acordado cedo. Feito tudo o que podia para me distrair. Tinha aberto meu *laptop*, entrado no Facebook, e tinha rido enquanto lia aquelas mesmas sete palavras novamente.

…está no melhor momento de sua vida.

Mas agora elas não machucavam. Elas me alegravam.

Eu cliquei nas fotos.

Sarah. Feliz. Bronzeada. Sua mão por cima da barriga. O braço do Gary em volta dela, adoravelmente. Eu sorri.

Sentado sob o sol de inverno, eu vi o carteiro ir e vir, ouvi o cachorro do

vizinho latir para ele.

E enquanto eu saía devagar de casa e subia a Blackstock Road em direção à Upper Street e à Caledonian Road, passei pela Power Up! indo para a King's Cross, eu sabia que tinha me comprometido com algo.

Eu sempre soube que eu iria.

NA ESTAÇÃO, verifiquei as plataformas.

Nada por um instante. Faxineiros, administradores, homens com pastas e papéis.

Eu fiquei calmo. A pessoa que eu estava procurando não sabia como eu era. As pessoas ao meu redor entenderiam que eu estava esperando o trem. Pela primeira vez na minha vida, o constrangimento não tomou conta de mim. Eu fiquei… Calmo. Eu estava no controle.

E então, como se eu estivesse sido atraído pelas cores…

Eu parei por um segundo, me encostei no pilar, nervosamente, senti as fotos no meu bolso, como fiz por todo o caminho desde casa.

O casaco azul. Sapatos vermelhos. Mochila e sacolas.

Eu queria fugir. Mudar de ideia e voltar. O que exatamente eu ganharia aqui? O que eu estava arriscando perder? O que o Dev me diria para fazer? Bem, ele me diria para Agarrar o Momento, para saber que pelo menos alguma coisa havia terminado, mesmo que se nada tivesse começado, mas o negócio sobre…

— Eu conheço você — uma voz disse.

Ela tinha se virado e lançado um sorriso rápido para mim. *Aquele* sorriso.

— Oi — eu disse.

— Eu te conheço?

Eu já estava mais perto dela do que eu tinha pensado. Fingi olhar para a tela de embarques, mas estava quebrada, então eu olhei de volta novamente.

Era o momento.

Eu tinha tudo ensaiado. Eu sabia exatamente o que dizer e como lidar com aquilo porque, sem querer, eu tinha ensaiado, e não apenas uma vez. O melhor plano de ação era ser direto, eu tinha dito a mim mesmo. Seja prático e sensato; trate isso como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas tudo começava a despedaçar agora, aqui, na presença dela, com a voz dela.

— Bem — eu disse. — Aqui está…

Ela inclinou a cabeça para mim, sorriu… Ela estava se lembrando da Charlotte Street, do táxi, das sacolas, do motorista e seu cigarro? Ou talvez ela tivesse me notado no café naquela noite? Ou talvez era apenas porque eu estava aqui, olhando para ela, como alguém que ela conhecesse.

Um momento de silêncio, para ser preenchido. Mas eu não conseguia achar as palavras. Então, coloquei a mão no bolso e peguei o pacote, agora dobrado,

amassado e rasgado, e parecendo tão cansado e apologético quanto eu.

Ela levou um segundo para perceber o que estava acontecendo. Que eram dela. Que eu tinha revelado. Que eu tinha visto algumas coisas dela. Eu, um estranho.

Ela poderia ter feito qualquer coisa agora. Gritado ou corrido.

Mas não fez. Ela abriu o pacote, começou a olhar para elas, e deu um meio sorriso saudando algumas velhas e tristes lembranças.

— Obviamente… Para encontrar você, quero dizer, para devolver isso para você, porque elas são *suas*, eu tive que… Você sabe…

Eu apontei para o pacote. Ela mordeu o lábio, acenou. Não consegui entender o que ela estava pensando.

— Obrigada — ela disse, olhando. Sua próxima pergunta deveria ter sido "Como?".

Mas ela não disse nada. Como se ela estivesse esperando algo de mim.

Eu olhei em volta. Sacolas. Bolsa. Passagem da Eurostar na mão.

Não havia tempo para mais nada além disso.

Bem, para isso e talvez para uma coisa a mais.

— Olha só, bem… No caso de você querer dizer um "oi"… — eu disse, e entreguei mais alguma coisa.

Minha câmera descartável. Doze momentos meus.

Ela pegou e sorriu como se tivesse entendido, então olhou para mim mais uma vez. Era um olhar de reconhecimento, alguma coisa lentamente se manifestava nela, meu rosto significava mais para ela do que eu pensava.

— Eu *sabia* que conhecia você — ela disse.

— Eu acho que eu sabia que conhecia você também — eu disse.

E então me virei, e a deixei com suas sacolas e seu trem e seu futuro, e saí do King's Cross para encontrar o Dev, a Pamela, a Abbey, o Matt e contar a eles tudo, contar a eles que a encontrei, mas a deixei ir.

E então nós beberíamos e ficaríamos levemente embriagados, e eu começaria o resto da minha vida, deste dia em diante.

CAPÍTULO 27
OU “MEIO CAMINHO DE LÁ”

— E ENTÃO? — eu disse. — O que vocês acham?

— Incrível! — Dev disse, balançando a cabeça, perdido no momento. — Simplesmente *incrível!*

Uma hora se passou desde King’s Cross e estávamos no Postman’s Park mais uma vez.

Pamela, Abbey e Matt tinham levado o Dev em sua cadeira de rodas sob o pretexto de visitar um Nando’s diferente, mas eles haviam trazido tudo que precisávamos: Pamela tinha feito pão *Krokiety*, eu tinha separado seis *Lech*, e a grande inauguração, com uma cortina azul pequena que St. John’s guardava de quando a princesa Anne tinha aberto o bloco de ciências na década de 1980, deu certo.

Um novo azulejo na parede.

DEVDATTA PATEL, Trabalha com restaurantes e é apaixonado por video games.

Arriscou sua vida na Caledonian Road para salvar uma ciclista ferida; na verdade, ele não morreu, mas machucou um pouco a perna.

Dev olhou para aquilo, orgulhoso.

— Vou trazer as pessoas para verem isso, você sabe — ele disse. — Eu vou dizer assim “Meu Deus, isso ainda está aí?”.

— É, você terá que agir humildemente — Abbey disse, e Matt fez um barulho como se ela tivesse dito que baleias usam chapéus.

Dei uma pequena polida no azulejo. Estava um pouco longe dos outros, e eu tive de fazer tudo às escondidas bem tarde na noite passada com o adesivo contrabandeado, mas lá estava ele, deslumbrante sob o sol da hora do almoço.

Eu me senti como Banksy. Quanto tempo até que alguém notasse? Quanto tempo até que ele misteriosamente desaparecesse? Não importava. O importante era o hoje. Embora eu gostasse de pensar que pudesse ficar ali para sempre.

— Aqui, Pamela… Você se importaria? — eu perguntei.

Do meu bolso, eu tirei uma coisa.

Ela olhou. Era azul brilhante com flash e escrito em vermelho.

Câmera Descartável 35 mm.

— É nova? — ela perguntou, e balancei a cabeça.

— Novíssima.

Levei o Dev até a parede. Virei-o, coloquei meu braço no ombro dele, e a Abbey e o Matt se espremeram um de cada lado.

Clique.

É engraçado. O Dev sempre dizia que as descartáveis eram diferentes. Que o que elas continham era mais especial, pois você não podia ver instantaneamente. Você tinha que esperar. Você tinha que investir no momento e então esperar para ver o que conseguiu. E aqueles momentos tinham que ser os momentos certos. Você precisava ter certeza de que queria esse momento quando apertava o botão, pois o tempo estava sempre correndo, você estava sempre um clique mais perto do final. É assim que parecia aqui. Mas é isso que tornava tudo mais empolgante.

Eu olhei para o número minúsculo no topo da rodinha.

1.

Mais 11 cliques.

Como essas fotos seriam? Quem estaria nelas? Que história elas contariam?

Guardei a câmera no bolso e olhei para meus amigos.

Eu estava pronto para a Segunda Fase.

Nós tivemos de levar o Dev de costas quando saímos do parque. Ele queria continuar olhando para o azulejo. Eu poderia dizer no que ele estava pensando. Ele estava pensando, *finalmente.*

E eu também.

Um ano depois

Foi amor à primeira vista para o apaixonado Jason Priestley, quando uma garota, que ele viu na Charlotte Street uma noite, esqueceu sua câmera descartável!

O enamorado Jason, 32, revelou o filme e descobriu, para seu desespero, que a garota misteriosa tinha namorado!

Mas ele perseverou e foi ao encontro dela na estação de trem King's Cross em Londres, onde entregou as fotos enquanto ela deixava o país para viajar ao redor do mundo, por seis meses!

Shona McAllister, que tem 30 anos e trabalha para uma editora de livros, ficou intrigada e conseguiu o telefone de Jason, graças a um bilhete descarado que o melhor amigo dele havia secretamente escondido no pacote das fotos!

Jason, um professor de meio período que também escreve a E Outra Coisa…, uma coluna da revista Man Up*, diz: "Eu sempre acreditei em fazer acontecer!".*

E sobre encontrar o amor graças a uma câmera, ele diz "Acredito que você possa dizer que nós simplesmente clicamos!".

O casal recentemente anunciou o noivado.

NOTAS

[1] Subgênero de jogos de tiro (N. T.).

[2] Protagonista da série Futurama (N. T.).

[3] Programa de auditório britânico, de perguntas e respostas (N. T.).

[4] Programa de entrevistas britânico (N. T.).

[5] Programa de investigação (N. T.).

[6] Bolo de *Cannabis* (N. T.).

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial vai para a Greta, por seu apoio infinito.
Muito obrigado a Dave Cobbett, por me dizer como é a vida
de um professor em Londres.
Obrigado a Jake Lingwood, por me incentivar a escrever um romance
e pelos seus conselhos inestimáveis do começo ao fim.
Obrigado a Simon Trewin da United Agents, pelos mesmos motivos.
Obrigado a todos da Ebury, por todo trabalho e esforço inacreditáveis que têm
colocado nos meus livros todos esses anos.
E obrigado a você, por ler.